

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
DO ANTIGO AO MODERNO: PODERES, CULTURAS E DISCURSOS**

**RAFAELA RODRIGUES DOS SANTOS**

**O PROGRESSO DO CONHECIMENTO:  
FRANCIS BACON E O LUGAR DA RELIGIÃO EM SEU PROJETO DE REFORMA  
DO SABER (INGLATERRA, 1603-1610)**

RECIFE, PE  
2024

RAFAELA RODRIGUES DOS SANTOS

**O PROGRESSO DO CONHECIMENTO:  
FRANCIS BACON E O LUGAR DA RELIGIÃO EM SEU PROJETO DE REFORMA  
DO SABER (INGLATERRA, 1603-1610)**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de  
Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco  
– UFPE para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Do Antigo ao Moderno: Poderes,  
Culturas e Discursos.

**Orientador: Prof. Dr. Bruno Martins Boto Leite**

RECIFE, PE  
2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

SANTOS, Rafaela Rodrigues dos.

O progresso do conhecimento: Francis Bacon e o lugar da religião em seu projeto de reforma do saber (Inglaterra, 1603-1610) / Rafaela Rodrigues Dos Santos. - Recife, 2024.  
163f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2024.

Orientação: Bruno Martins Boto Leite. Inclui referências.

1. Francis Bacon; 2. História da ciência; 3. Reforma inglesa; 4. Período Stuart. I. Leite, Bruno Martins Boto. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

“I heard a thousand blended notes,  
While in a grove I sate reclined,  
In that sweet mood when pleasant thoughts  
Bring sad thoughts to the mind.

To her fair works did nature link  
The human soul that through me ran;  
And much it grieved my heart to think  
What man has made of man.”

– *Lines Written in Early Spring* por William Wordsworth, 1798.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Professor Bruno Boto, pelo apoio, pela paciência e pelos ensinamentos passados ao longo dessa pesquisa.

Agradeço também à minha amiga e professora, Marília Machel, que desde a graduação esteve por perto dando o apoio e o ombro amigo; que possibilitou minha chegada ao mundo da História Moderna e fez com que eu me apaixonasse pelos estudos do período. Agradeço por nossos cafés e encontros sempre construtivos, e por seu gatinho, Gaston, que sempre me recepcionou entusiasmado e me tirou bons sorrisos.

Em terceiro lugar, e finalizando os agradecimentos universitários, não posso deixar de agradecer aos membros que compõem o Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Federal de Pernambuco – secretaria, coordenação, professores e alguns amigos também, todos esses impactaram diretamente na minha formação ao longo do processo do mestrado, positivamente na maioria das vezes, e foram partícipes da minha evolução profissional e pessoal ao longo desses anos.

Não poderia deixar também de agradecer minha companheira, Bianca Guerra, que segurou minha mão nos momentos de insegurança e esteve sempre ao meu lado nessa caminhada; Bianca certamente foi, e segue sendo, um oásis, um refúgio, um porto seguro na minha vida. E por falar em apoio, agradeço também à minha mãe, Ruth Rodrigues, que sempre esteve do meu lado, nos dias bons, nos dias ruins, nas alegrias e nas frustrações, desde *miúda*. Mamãe é uma inspiração e a tenho pra mim quase como uma divindade: te venero, mainha!

Ao meu avô, Álvaro, minha figura paterna, meu velhinho e meu grande amor, a figura que possibilitou tudo na minha vida e que sempre me apoiou em todos os âmbitos dela. Se durante boa parte da minha vida não compreendi o que era impossível, foi porque vovô sempre fez parecer tudo possível. Aos demais membros da família, não poderia deixar de agradecer à minha irmã, Andressa, e aos meus tios, André e Virgínia, que também sempre estiveram ao meu lado durante o processo da pesquisa.

Parte de tudo que foi construído não poderia ter sido realizado se, em intervalos de pesquisa, em pausas para café, em saídas para relaxar, não houvesse a presença dos meus grandes amigos, os refúgios em dias cansativos de estudo. Aqui, agradeço a todos, mas gostaria de mencionar especificamente: Henrique Britto, Matthaeus Marinho, Pedro Victor Cruz, Fernanda Albuquerque, reitero Marília Machel, Caio Albuquerque e Breu. Um

agradecimento especial também aos amigos da música, que tão logo viraram irmãos nessa caminhada: Thiago Ramos, Felipe Wolfenson, Arthur Melo, Arthur Brandão e Júlio Rangel.

O processo da pesquisa é longo e por vezes desgastante, a sensação de finalização é sempre pequena e a vontade de continuidade sempre permanece, agradeço bastante a todas essas figuras que me acompanharam e estiveram ao meu lado, nas bonanças e nos desesperos da vida de uma pesquisadora.

Gostaria de finalizar, por fim, mencionando minha vovó Mira, que partiu esse ano de 2024, e que tem feito tanta falta. Não tenho palavras para escrever estes agradecimentos, mas certamente dedico o meu trabalho a ela.

## RESUMO

A figura de Francis Bacon foi frequentemente marcada por suas relações com a ciência e, no que concerne a religião, as interpretações foram variadas: apontou-se o frequente uso bíblico como recurso retórico a fim de estabelecer influência nas elites intelectuais e políticas; e mesmo um posicionamento associado ao ateísmo. Apesar disso, poucas conclusões foram dadas a respeito das relações entre ciência e religião no seu pensamento. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo compreender, através da obra *The Advancement of Learning*, publicada em 1605, a organização teológica e o subseqüente lugar da religião na classificação do conhecimento proposta pelo filósofo inglês. Nesse sentido, objetivamos identificar as discussões teológicas vigentes na Inglaterra no século XVII, visando analisar como as divergentes perspectivas concernentes a uma prática e vivência religiosa circulavam em um momento marcado pela transição de Dinastias e de agitação político-religiosa, bem como analisar quais concordâncias e discordâncias Bacon se associou, dentro de tais discussões, para a construção e concepção de suas propostas reformadoras. Compreende-se a tentativa do filósofo, e político, em apaziguar as divergências religiosas e as agitações sociais que ocorriam na Inglaterra, mas principalmente de estabelecer uma nova percepção para o conhecimento humano cujo papel da fé e da religião estava equilibrado com a ciência. A partir de um esquema teológico bem estabelecido, o estudo da natureza e o subseqüente progresso do conhecimento redimia a raça humana do seu pecado original.

**Palavras-chave:** Francis Bacon; História da Ciência; *The Advancement of Learning*; Reforma Inglesa; Período Stuart.

## ABSTRACT

Francis Bacon's image was often marked by his relationship with science and, regarding religion, interpretations vary: the frequent use of the Bible as a rhetorical resource to establish the influence of intellectual and political elites was pointed out; and even a positioning related to atheism. However, only a few conclusions were drawn on the relationship between science and religion in his thought. Therefore, this research project aims to understand, through the work *The Advancement of Learning*, published in 1605, the theological organisation and the place of religion in the classification of knowledge proposed by the English philosopher. In this sense, we aimed to identify the current theological discussions in England during the XVII century, aiming to analyse how the different perspectives on a religious practice and experience were occurring during a moment marked by the transition of dynasties and political-religious disturbances, and also to analyse which agreements and disagreements Bacon was associated with, within these discussions, for the building and inception of his transformative proposals. This work also discusses the philosopher's and political man's attempt to calm religious divergences and social turmoils that were occurring in England, and mainly his attempt to establish a new perception on human knowledge in which the role of faith and religion was balanced with science. From a well established theological framework, the study of nature and the following progress of knowledge redeemed the human race from its original sin.

**Keywords:** Francis Bacon; History of Science; The Advancement of Learning; English Reformation; Stuart Period.

### **Notas sobre referências**

Ao longo deste trabalho, ao tratarmos de referências às obras de Francis Bacon presente no compêndio editado por James Spedding, Robert Ellis e Douglas Heath (Londres: Longman. 1857-74.) utilizaremos a abreviação *Works*; a respeito das referências às suas cartas e aspectos biográficos eventuais, utilizaremos a abreviação Letters and Life referente às edições, também de James Spedding (Longman: 1890.)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I: Uma análise preliminar acerca da representação de Francis Bacon (1561-1626) na historiografia.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 2: Uma exposição biográfica de Francis Bacon e de seu ciclo letrado.....</b>	<b>39</b>
1.1. Um olhar sobre Francis Bacon.....	39
1.2. O círculo letrado de Francis Bacon.....	60
1.2.1. Da Amizade: Tobie Matthew (1577-1655).....	62
1.2.2. Da Fé: Lancelot Andrewes (1555-1626).....	66
<b>CAPÍTULO 3: Implicações da Reforma Inglesa nas discussões políticas e teológicas do século XVI e XVII.....</b>	<b>71</b>
2.1. Política e fé na Inglaterra dos séc. XVI e XVII.....	71
2.2. A Reforma Inglesa e as movimentações político-religiosas entre os séculos XVI e XVII.....	72
2.3. Os processos do conhecimento entre o século XVI e XVII inglês.....	91
<b>CAPÍTULO 4: The Advancement of Learning (1605) e o lugar da religião em Francis Bacon.....</b>	<b>103</b>
3.1. The Advancement of Learning (1605).....	110
3.2. O projeto de classificação do conhecimento e seu mapeamento.....	116
3.3. As divisões do conhecimento humano.....	123
3.4. O conhecimento divino.....	138
3.5. Ciência, religião e poder no pensamento baconiano.....	141
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>148</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>154</b>

## INTRODUÇÃO

O século XVII foi um momento de significativos acontecimentos no que concerne a história da Inglaterra: logo em seu início, mais especificamente em 1603, faleceu a última monarca Tudor, rainha Elizabeth I; no mesmo ano, tem-se a ascensão da Dinastia Stuart cujo primeiro monarca foi Rei James I; ao longo destes primeiros anos, pode-se mencionar também os avanços concernentes à ciência, mas também as conspirações que resultaram no *Gunpowder Plot*, de 1605; o *Oath of Allegiance*, de 1606; as movimentações religiosas a respeito da organização e publicação da Bíblia do Rei James, de 1611; dentre outros aspectos. Na verdade, tais temas, políticos e religiosos, estiveram entrelaçados ao longo do século XVI e XVII, dialogando com outros nem sempre associados a estes.

Talvez seja esta uma das características mais interessantes ao vislumbrar a figura de Francis Bacon (1561-1626), concebido como um dos precursores da filosofia moderna ocidental, cuja atuação ao longo do século XVI e XVII perpassou diversos âmbitos: o filosófico, o científico, o político, o religioso e o literário. Por ter se debruçado em diferentes temas e abordagens ao longo de sua atuação, as possibilidades de análise ofertadas a partir do estudo baconiano foram diversas – mas o consenso que se estabeleceu o relaciona com a oposição ao aristotelismo enraizado no pensamento e na cultura filosófica inglesa, e veiculado principalmente pelas vias da filosofia escolástica; e a determinação em promover novas diretrizes para o conhecimento filosófico-científico da Inglaterra do século XVII.

É importante considerar, no entanto, que as reflexões e investidas realizadas por Bacon no que concerne a filosofia escolástica, bem como o estabelecimento de novos ideais para o conhecimento humano, relacionam-se diretamente com as questões vivenciadas no âmbito inglês de seu período e que participavam de discussões não apenas no âmbito filosófico, mas também no político e religioso – elementos estes que estavam tão entrelaçados no período moderno. Logo, ao conceber a ideia de reforma do conhecimento, Bacon também concebia uma reforma política, como apontado por Julian Martin<sup>1</sup>, mas também religiosa; essas relações podem ser evidenciadas nas próprias considerações baconianas, em seu escrito *Meditationes Sacrae*, o qual associa o conhecimento com o poder.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> MARTIN, Julian. Francis Bacon, the state and the reform of natural philosophy. New York: Cambridge University Press. 1992.

<sup>2</sup> BACON, Francis. *Meditationes Sacrae* (Illustrated). WealthOfNations Editors. Livro Eletrônico.

É a partir desse ponto que nossa pesquisa se desenvolve, uma vez que se interessa em compreender o lugar da religião no projeto de reforma estipulado por Francis Bacon, vislumbrando-o não apenas como um projeto de conhecimento, mas um projeto político-filosófico com bases religiosas bem fundamentadas – de restauração e de reintegração do Homem com uma perdida condição humana, como exposto por Rossi:

Trata-se sobretudo de levar em conta duas coisas: em primeiro lugar, o fato de que a recusa baconiana da cultura grega e da filosofia escolástica nasceu no plano de uma condenação moral de uma acusação de impiedade religiosa e de uma contraposição da Bíblia à filosofia de Aristóteles; em segundo lugar, o fato de que a reforma do saber, pela qual Bacon trabalhou incansavelmente, foi por ele conscientemente inserida no grande esquema teológico do pecado, da expiação e da redenção.<sup>3</sup>

Uma das formas de conceber tais questões relaciona-se com a compreensão do contexto o qual Bacon esteve inserido, uma vez que suas elaborações relacionam-se às concordâncias ou discordâncias de concepções prévias e contemporâneas às suas. Dessa forma, julgamos importante o esforço de compreender as visões e manifestações intelectuais, políticas e religiosas as quais foram ocasionadas no período de sua atuação na Inglaterra, bem como o modo o qual o filósofo se debruçou sobre tais aspectos para melhor apreender as problemáticas, visões e interpretações que estavam em voga nesse período.

É importante salientar que embora Bacon proponha uma quebra com a tradição, o próprio fez parte dessa e teve sua formação realizada a partir dessa. As próprias dissidências teóricas realizadas por Bacon partem de um pressuposto tradicional, com novas alterações e modificações. Não apreciar a filosofia especulativa de Aristóteles, ou as considerações platônicas sobre o mundo das ideias não fez com que Bacon se afastasse completamente desses; na verdade, considera-se por vezes uma utilização de pressupostos clássicos para estabelecimento de um pressuposto “moderno”.

Em um primeiro momento, e dando abertura ao conteúdo dessa pesquisa, fez-se interessante centralizar a figura de Bacon e questionar o seu retrato no âmbito historiográfico. Dessa forma, retomamos as produções desenvolvidas a respeito de Francis Bacon – selecionando as principais biografias, bem como as principais produções históricas sobre esse – e investigando os modos como o filósofo foi retratado, evidenciando uma dicotomia entre aqueles que promoveram uma defesa explícita de Francis Bacon e aqueles que procuraram

---

<sup>3</sup> ROSSI, Paolo. A ciência e a filosofia dos Modernos. São Paulo: Editora UNESP. (1989) 1992. p.63

diminuir a participação do filósofo dentro das movimentações científicas (principalmente) e políticas, vislumbrada no período moderno.

Embora tenhamos a consciência de que eventualmente estaríamos muito mais associados ao primeiro grupo, a maneira como pretendemos desenvolver as análises relativas a Bacon está muito mais preocupada em compreender a sua produção em diálogo com a sociedade e com as políticas do Estado e da religião que estavam em vigor na Inglaterra do século XVII, do que escolher apenas um aspecto da atuação baconiana e desenvolvê-lo sem o diálogo com seu grupo social e as dinâmicas da sociedade inglesa – aspecto que esteve presente em parte das produções historiográficas sobre o filósofo, como será evidenciado mais a frente.

Um dos aspectos se que faz presente em nossa análise é a crítica a uma frequente análise teleológica estabelecida sobre Francis Bacon, e por vezes o próprio afastamento de particularidades fortemente associadas a ele em detrimento de uma outra – como analisá-lo apenas como um filósofo, quando sua formação e carreira esteve tão fortemente vinculada ao âmbito político. Consideramos que parte dessas percepções são resultados de uma ideia iluminista que prevaleceu por um determinado tempo, seguida posteriormente de concepções negativas a respeito de Francis Bacon e estabelecidas principalmente pelo Lorde Macaulay em suas produções. Apesar disso, as dicotomias continuaram e a dificuldade de conceber o filósofo inglês como um produto e indivíduo de seu próprio tempo permaneceram em algumas produções.

Nesse sentido, o fio condutor que estabelecemos ao longo do trabalho advém especialmente das considerações realizadas por Marina Leslie em sua obra intitulada *Renaissance Utopias*; nela, Leslie traz uma reflexão a respeito da leitura realizada sobre Francis Bacon como sendo frequentemente descrito no “futuro do indicativo”.<sup>4</sup> Ao colocar dessa forma, Leslie afirma que muitos acadêmicos visualizaram a figura de Bacon como sendo um visionário, separado de seu tempo, que procurou estabelecer benefícios sociais e políticos através apenas do âmbito científico e tecnológico – sendo um exemplo da secularização no século XVII e abrindo espaço para as gerações vindouras.<sup>5</sup> Essa percepção criada transformou as pesquisas que o relacionam à religião a partir de duas simples noções: a

---

<sup>4</sup> LESLIE, Marina. *Renaissance Utopias and the Problem of History*. Ithaca and London: Cornell University Press. 1998. p.89

<sup>5</sup> MCKNIGHT, Stephen A. *The Religious Foundations of Francis Bacon's Thought*. Missouri, USA: University of Missouri. 2006.

de que seu uso bíblico se relacionava apenas a um artifício retórico ou que o tal filósofo era ateu.<sup>6</sup>

Uma das resoluções que podemos encontrar para verificar tais percepções, portanto, é perscrutando nos contextos vivenciados por Francis Bacon em seu tempo de vida e atuação, bem como compreendendo como as movimentações políticas, religiosas e científicas se apresentavam na Inglaterra daquele período.

Dessa forma, o primeiro capítulo versa especificamente sobre Francis Bacon e sua inserção na política, religião e vivência. Procuramos retratar o ambiente que Francis Bacon foi criado – destacando principalmente os seus primeiros anos de formação e os anos de estadia na França, em meio às guerras religiosas, ao lado do diplomata sir Amias Paulet. A razão de destacar tal momento na vida de Francis Bacon decorre das relações e percepções ali estabelecidas e que puderam somar em suas considerações a respeito de seu projeto de reforma. Além disso, dedicamos uma análise a respeito do círculo letrado de Bacon, enfatizando principalmente duas figuras próximas – em amizade, em edição dos escritos baconianos e de trocas intelectuais: Tobie Matthew (1577-1655) e Lancelot Andrewes (1555-1626)

O segundo capítulo, por sua vez, visa apresentar e contextualizar as circunstâncias as quais a Inglaterra do século XVI e XVII esteve submetida, dividindo-se em três aspectos: o religioso, o político e o científico. No primeiro e segundo caso, tem-se sobretudo uma contextualização e análise sobre as movimentações da Reforma inglesa e suas repercussões na sociedade; faz-se interessante perceber os grupos religiosos estabelecidos, suas percepções e seus impactos nos contextos políticos ingleses – principalmente quando consideramos que as sucessões, desde Henrique VIII, trouxeram mudanças frequentes na formalização de uma conduta específica para a igreja inglesa. No âmbito científico, por sua vez, faz-se importante verificar como as mudanças e novas percepções sobre um saber tiveram impacto na Inglaterra e como pôde influenciar Francis Bacon em suas percepções e inquições sobre o progresso e desenvolvimento humano.

Tais aspectos presentes tanto no primeiro capítulo quanto no segundo compõem a redoma que Bacon esteve inserido durante sua vivência, sejam estes nos aspectos pessoais,

---

<sup>6</sup> WHITNEY, Charles. Francis Bacon and Modernity. New Haven and London: Yale University Press. 1986; LESSL, Thomas M. Naturalizing Science: Two episodes in the evolution of a rhetoric of scientism. Western Journal of Communication. 60: 4. pp. 379-396. 1996.

nos aspectos políticos e religiosos e, por fim, nos científicos. Todos estes compõem o que se tornou essa figura – um importante político e filósofo que produziu em prol das políticas inglesas, e em prol do crescimento científico da própria Inglaterra.

A preocupação com os aspectos políticos e intelectuais presentes na Inglaterra do século XVII e em sua influência na constituição do projeto de reforma de conhecimento em Bacon advém principalmente das percepções e metodologias estipuladas pela Escola de Cambridge – e, de maneira mais específica, às considerações de Quentin Skinner<sup>7</sup>, que aponta a necessidade de identificar o contexto intelectual e político preciso dos textos e indivíduos os quais analisamos, pois dessa forma se torna possível uma melhor compreensão do que estes intencionam comunicar. O autor frisa que as figuras analisadas – e, no nosso caso, Francis Bacon – discutem, interpelam e respondem a outras “falas” constantemente em suas produções, daí resultam a importância das contextualizações e um melhor tratamento das ideias que perpassam esses contextos.

Faz-se importante delinear, no entanto, que Skinner deixa de lado a dimensão religiosa em sua produção, sendo ele sensível às fontes clássicas das ideias políticas dos séculos XVI e XVII, porém deixando à margem as passagens bíblicas e os pressupostos religiosos nesses textos.<sup>8</sup> Uma adição a qual desejamos realizar ao método de Skinner, nessa pesquisa, é a de colocar o pensamento religioso na mesma categoria de importância que o contexto político e intelectual representa, uma vez que, nas produções de Francis Bacon, a presença de elementos religiosos se faz de maneira significativa e, por estarem ali, certamente contribuem na compreensão de uma fala, de uma ação, de um posicionamento o qual o filósofo desejou estabelecer e comunicar.

E é nesse sentido que se apresenta o terceiro capítulo, tomando como ponto central a obra *The Advancement of Learning*, de 1605, vislumbramos como a organização e classificação do conhecimento proposta por Bacon é estabelecida em diálogo frequente com aspectos teológicos. Para além da proposta de estabelecer uma separação do conhecimento humano e do divino, como normalmente se é mencionado, o filósofo não deixa de reiterar a forte conexão entre ambos os domínios do saber. E, concordando com as considerações realizadas por Coffey e Chapman, acreditamos que as fundamentações religiosas, ou

---

<sup>7</sup> SKINNER, Quentin. *Visões da Política: Sobre os Métodos Históricos*. Portugal: Difel Editorial, S.A. 2005.

<sup>8</sup> COFFEY, John; CHAPMAN, Alister. Introduction: Intellectual History and the Return of Religion. In: CHAPMAN, Alister; COFFEY, John; GREGORY, Brad S. (Eds.) *Seeing Things Their Way, Intellectual history and the return of religion*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press. 2009. p.3

teológicas, não são uma área distinta da história intelectual; na verdade, a religião desempenha um papel por vezes protagonista na construção de um tipo de pensamento e não se limita ao estudo de textos religiosos. O terceiro capítulo procura estabelecer como uma proposta de classificação de conhecimento para o progresso humano estava associada a uma conceitualização teológica – da mesma forma que, a partir dessa, estabelece-se pressupostos para uma legitimação política e uma pretensão de redenção dos pecados adâmicos.

Uma das primeiras linhas da *Instauratio Magna*, de 1620, produzida por Bacon consta que “(...) este é o método que ele [Francis Bacon] projetou para si mesmo: ele acreditava que as gerações presentes e futuras estariam melhor se ele os tornasse conhecidos”<sup>9</sup>, e de fato suas considerações e métodos foram bem experimentados ao longo dos séculos, seja positivamente ou não. O que se pode dizer é que tal filósofo foi abordado desde o século XVII e foi explorado de diversas formas ao longo da História, mas poucos consensos existem a respeito de seus posicionamentos e compreensões, proporcionando frequentemente uma diversidade de perspectivas.

As possibilidades de análise ofertadas a partir do estudo baconiano foram diversas, seja a respeito da ciência, da filosofia e da lógica, como também da retórica, da literatura, da política e da religião. A que intencionamos desenvolver em nosso projeto se relaciona principalmente com as relações entre os aspectos científicos – que foram significativamente trabalhados ao longo da historiografia baconiana – com os aspectos político-religiosos, os quais até hoje apresentam ressalvas concernentes à melhor forma de estabelecer tais conexões. Apesar de suas diferentes produções, faz-se importante compreender que o projeto final, de uma Reforma do Conhecimento, vislumbrado por Francis Bacon era uno e que, nele, a política, religião e ciência caminhavam juntas – estabelecia-se uma tentativa de construir o conhecimento a partir de novas possibilidades, assentado em uma nova perspectiva filosófica.

O trabalho aqui desenvolvido procura oferecer uma contribuição dentro das produções relacionadas a Francis Bacon e a religiosidade. Autores como Stephen McKnight e Steven Matthews se debruçaram nos estudos religiosos em Bacon.<sup>10</sup> O primeiro estabelecendo longas análises em suas principais obras – como *New Atlantis* (1626), *Instauratio Magna* (1620) e *Novum Organum* (1620) – e destacando quatro principais ideias sobre tal tema em Bacon: Sobre uma ideia de restauração, sobre o filósofo ter uma visão apocalíptica da história e de

---

<sup>9</sup> BACON, Francis. *Novo Órganon, Instauratio Magna*. São Paulo: Edipro. 2014. p. 17

<sup>10</sup> MCKNIGHT, Stephen A. *Op Cit.* 2006; MATTHEWS, Steven. *Theology and Science in the Thought of Francis Bacon*. England & USA: Ashgate Publishing Company. 2008.

que o momento o qual vive é de uma época providencial, a de sua percepção como um sacerdote da natureza e o último, sobre a ideia de caridade cristã.<sup>11</sup> O segundo, por sua vez, visa situar Bacon dentro do contexto religioso vivenciado por esse, na segunda metade do século XVI e início do século XVII, apreendendo as influências teológicas às quais o filósofo esteve submetido.

Embora faça parte do nosso interesse estabelecer uma pesquisa que pode ser concebida como similar aos dos dois autores supracitados, procuramos evidenciar – no nosso trabalho – um terceiro fator para se unir aos aspectos da religiosidade e da ciência em Bacon, que é a política e a ideia de que, para além do contexto religioso e intelectual, Bacon viveu como um político e cortesão – e que suas ideias e projetos, por consequência, dificilmente podem se separar do caráter político. Ainda que a Inglaterra estivesse vivenciando novas movimentações a respeito do conhecimento, do avanço tecnológico e científico, e que de forma crescente a sociedade inglesa estivesse acompanhando tais aspectos, consideramos que a ideia de reforma do conhecimento desejada por Bacon seria realizada de maneira vertical e que, portanto, envolveria entrelaçamentos não apenas com sua ideia de ciência, mas também com o âmbito político e religioso.

---

<sup>11</sup> MCKNIGHT, Stephen A. *Op Cit.* 2006.

## **CAPÍTULO I: Uma análise preliminar acerca da representação de Francis Bacon (1561-1626) na historiografia**

Francis Bacon (1561-1626) foi um proeminente filósofo, político, cientista e ensaísta inglês, conhecido majoritariamente por suas contribuições para o desenvolvimento do método científico moderno. Nasceu em Londres, em uma família influente, durante sua carreira, ocupou diversos cargos públicos, incluindo o de lorde Chanceler da Inglaterra. De um lado, o cortesão e funcionário da monarquia inglesa; do outro, o dito promotor da busca do conhecimento e da ciência. Por isso, e por defender que o conhecimento deveria ser adquirido através da observação e da experimentação, bem como por criticar a lógica aristotélica e apresentar o seu método indutivo como uma abordagem mais eficaz para a investigação científica, Bacon foi associado frequentemente como o pai do empirismo moderno.

Além de suas contribuições para a filosofia da ciência, Bacon também teve um impacto significativo no pensamento político; ele defendia uma abordagem pragmática e empiricamente fundamentada para a política, enfatizando a importância da razão e da experiência na formulação de políticas públicas – aspectos que circundam não apenas seus escritos políticos, mas também os científicos e filosóficos.

Tendo em vista os diferentes âmbitos que Francis Bacon atuou e transitou durante sua vida, é de se pressupor as diversas abordagens levantadas a respeito de Bacon desde que fundações do seu pensamento e de suas obras passaram a reverberar na sociedade inglesa; e constatar, conseqüentemente, os variados âmbitos possíveis de estudos sobre essa figura – que diferentes pesquisadores se debruçaram a explicitar. Notavelmente, tal filósofo tende a ser associado por historiadores e pesquisadores para o âmbito da Revolução Científica e da História da ciência e filosofia inglesa, apesar de sua popularidade em vida estar associada principalmente ao âmbito da corte e da política Tudor e Stuart, mas também de sua obra *Essays*, publicada em 1597.

No que concerne o aspecto historiográfico, perspectivas diversas também foram vislumbradas, principalmente ao considerarmos o quantitativo de produções escritas realizadas pelo filósofo e a subsequente abertura para diversas interpretações de sua visão, atuação e biografia. Ao passo em que Francis Bacon já foi muito estudado e o segue sendo, pouco consenso pode ser vislumbrado diante das construções historiográficas a respeito desse.

Na verdade, os consensos podem ser constatados nos dicionários biográficos e científicos, que costumam se referir a Francis Bacon como um político e estadista que, após ascender ao cargo de lorde Chanceler durante o reinado de James I, caiu em desgraça no âmbito político e que, além disso, foi um dos principais filósofos ingleses do século XVII, contribuindo na criação de um método científico e na propaganda da ciência durante o período moderno. Tais concepções não estão erradas e, na verdade, tendem a ser repetidas em diversos trabalhos a respeito do filósofo, incluindo este; no entanto, as contribuições e realizações de Bacon não se esgotam apenas em tais considerações comumente mencionadas.

Nesse sentido, julgamos importante realizar um levantamento biográfico e bibliográfico para perceber como autores conceberam Francis Bacon dentro dos seus espaços de atuação, relacionando-os principalmente com as questões que concernem nossa pesquisa – o aspecto científico e político-religioso. Nosso esforço, em sequência, é o de fomentar uma análise sobre Bacon que esteja bem relacionada com as problemáticas de sua época, concebendo dessa forma seus posicionamentos e suas potenciais intenções, bem como sua localização no seio do debate filosófico, político e religioso inglês.

Um dos primeiros passos para iniciar tal empreitada é estabelecer uma crítica aos modos que o filósofo e político aqui tratado, Francis Bacon, foi descrito por vezes nas produções a seu respeito. Certamente não pretendemos atuar aqui como advogados de Bacon, e tampouco fazer dessa pesquisa um tribunal, mas vale considerar uma perspectiva apontada por Marina Leslie e que pode ser percebida em diversas produções acerca de Bacon: as visões frequentemente postas sobre o mencionado filósofo são realizadas no “futuro do indicativo”, poucas vezes se preocupando com o ambiente político, religioso e intelectual o qual Bacon estava realmente situado; ao contrário, tais produções tendem a posicioná-lo como o precursor de acontecimentos que ainda estavam por vir.<sup>12</sup> Consideramos, aliás, que uma das problemáticas que correspondem a essa questão posta por Leslie certamente foi a imagem e a ideia estabelecida sobre Bacon a partir do Iluminismo.

Um momento de considerável importância para a consolidação da ciência como uma ferramenta ou modelo do que o intelecto humano poderia alcançar, o iluminismo percebeu as figuras de filósofos como Bacon, Descartes, Galileu e Newton como expressões significativas da produção de conhecimento da natureza – e que, conseqüentemente, corroboraram para o afastamento de ideias ditas supersticiosas e obsoletas, tais como aspectos da religiosidade e da

---

<sup>12</sup> LESLIE, Marina. *Op Cit.* 1998. p.89

filosofia antiga, e a aproximação do ideal de progresso tão vislumbrado e debatido naquele momento.<sup>13</sup>

No olhar ao passado que o iluminismo se propôs a fazer, tem-se também uma das primeiras construções a respeito da história da ciência e da Revolução Científica. Nela, os filósofos do início do século XVII são apresentados como as figuras que deram os primeiros passos para o que iria se consolidar futuramente na filosofia e ciência iluminista; tal ideia pode ser vista na obra de Jean le Rond D’Alembert, *Discours préliminaire à l'Encyclopédie* (1751), ao apontar que:

Enquanto adversários mal instruídos ou mal intencionados lhe faziam guerra aberta, a filosofia procurava refúgio, por assim dizer, nas obras de alguns grandes homens. Eles não tinham a ambição perigosa de remover as vendas dos olhos dos seus contemporâneos; contudo, silenciosamente, nas sombras, preparavam de longe a luz que gradualmente, em graus imperceptíveis, iluminaria o mundo. O imortal Chanceler da Inglaterra, Francis Bacon (1561-1626), deveria ser colocado à frente desses ilustres personagens.<sup>14</sup>

Ao posicionar Bacon como um desses ditos primeiros ilustres personagens, para além de conceber o fator da ordem cronológica, D’Alembert possibilitou o olhar que se estabeleceu a partir do Iluminismo sobre Bacon, a de seu posto como pai da ciência moderna ou arauto da ciência moderna, dentre outros títulos que aludem essa destacada proeminência – pelo autor – no que concerne o período da Revolução Científica e do progresso da ciência.

O filósofo inglês foi considerado como uma das primeiras figuras a organizar o conhecimento a nível enciclopédico, bem como foi uma referência para a própria e famosa *Encyclopédie* (1751) de Diderot e D’Alembert, como posto pelo segundo nos seus *Discours préliminaire à l'Encyclopédie*.<sup>15</sup>

Bacon, seguido por Descartes, Newton e Locke, figurou na lista dos enciclopedistas do Iluminismo como os “principais gênios que a mente humana deveria considerar como seus mestres”.<sup>16</sup> E desde então, as produções relativas a este filósofo passaram a tratar principalmente de seus esforços para a propagação e para o estabelecimento da ciência na

<sup>13</sup> CHRISTIE, John. R. R. The Development of the Historiography of Science. In: OBLY, R. C.; CANTOR, G. N.; CHRISTIE, John R. R.; HODGE, M. J. S. (Eds.) Companion to the History of Modern Science. London and New York: Routledge. 1990.

<sup>14</sup> Tradução Livre do parágrafo, originalmente em inglês. **In:** D’ALEMBERT, Jean Le Rond. Preliminary Discourse to the Encyclopedia of Diderot. Indianapolis, New York, US. The Bobbs-Merrill Company, Inc. 1963. pp. 75

<sup>15</sup> Tradução Livre do parágrafo, originalmente em inglês. **In:** D’ALEMBERT, Jean Le Rond. Preliminary Discourse to the Encyclopedia of Diderot. Indianapolis, New York, US. The Bobbs-Merrill Company, Inc. 1963. pp. 76

<sup>16</sup> *Ibidem*. p. 85.

Inglaterra, bem como em suas produções quase que proféticas para um tempo que ainda estava por vir – novamente, Francis Bacon abordado no futuro do indicativo.

O segundo passo diz respeito às biografias produzidas sobre Francis Bacon: algumas das que serão mencionadas aqui se posicionam em diferentes períodos, sendo a primeira uma *Vida*, não uma biografia. Faz-se interessante referi-las pois, assim, podemos vislumbrar como foi posto o olhar sobre Bacon em diferentes momentos da História e como as associações a este se tornaram frequentemente mais relacionadas à ciência – tendo em vista o crescente estabelecimento dessa no âmbito historiográfico.

Desde a primeira metade do século XVIII, Francis Bacon teve algumas biografias realizadas. A maneira como atuou em vida, dedicando-se a diversos âmbitos do saber, possibilitou a produção de algumas biografias aplicadas a diferentes aspectos de sua vida, analisadas em diferentes pontos de vistas – na verdade, tais produções se colocam em um âmbito de posicionamento de Francis Bacon na História: a princípio, exaltado como figura de importância histórica e de ligação com o Iluminismo; e em um segundo momento, como uma figura de descrédito histórico. As biografias mais recentes, por sua vez, estabelecem Bacon como uma figura polêmica, mas central nas movimentações intelectuais do século XVI e XVII.

Uma das primeiras produções sobre Francis Bacon foi escrita pouco mais de trinta anos após sua morte, mais especificamente em 1657 por William Rawley (1588-1667), seu secretário e amigo íntimo. A obra *Resuscitatio, or, Bringing into publik light severall pieces of the works, civil, historical, philosophical & theological, hitherto sleeping, of the Right Honourable Francis Bacon, Baron of Verulam, Viscount Saint Alban according to the best corrected coppies : together with His Lordships life* (1657), fornece as perspectivas e impressões de uma figura que esteve na companhia de Francis Bacon por anos antes de sua morte e que o auxiliou em algumas de suas produções.

Na primeira edição, a *Vida* cujo título se constitui por *The Life of the Honourable Author* formou a introdução da obra supracitada, recebendo adições ao longo da segunda e terceira edição, que foram publicadas respectivamente em 1661 e em 1671 – apesar de Rawley ter falecido alguns anos antes da última publicação.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> *Works*. Vol. I. p. xxxix.

A obra de William Rawley traça a trajetória de Francis Bacon desde seu nascimento e sua relação familiar, sua formação intelectual e profissional, bem como sua atuação, apontando suas produções e sua carreira dentro do âmbito real, e não deixando de mencionar principalmente seus últimos anos de vida – os quais o autor acompanhou Bacon com maior proximidade – e seu legado intelectual e filosófico. Nela, Rawley traz considerações sobre a trajetória política de Bacon, suas relações dentro do período Tudor e seu promissor e rápido crescimento durante o primeiro reinado Stuart, o do Rei James I; além disso, menciona os afastamentos que Bacon estabeleceu desde novo com a filosofia grega, seus interesses em uma filosofia que fosse “proveitosa à vida do homem”<sup>18</sup>, mas também uma ênfase em sua devoção e crença na religião determinada e expressa pela igreja inglesa.<sup>19</sup>

Sendo o registro das *Vidas* um tributo da Antiguidade ao século XVII, a *Vida* de Bacon tem como característica o ciclo vital que vai de seu nascimento à sua morte – delimitando, como apontado por Dosse, o *bios* do indivíduo. Além disso, e ainda de acordo com Dosse, não é o autor das *Vidas* que seleciona o retratado, a escolha se impõe de forma implícita e por fruto do reconhecimento coletivo.<sup>20</sup> E ao considerarmos que a produção de Rawley foi publicada pouco mais de trinta anos após a morte do filósofo, podemos ter em vista a movimentação intelectual que se verificava na segunda metade do século XVII e os interesses relacionados a Bacon.

Tendo em vista que os escritos de Francis Bacon datam desde fins dos anos de 1580 até 1627, a proeminência do filósofo inglês se deu principalmente a partir dos anos de 1640, quando parlamentares e intelectuais retomaram suas obras e vislumbraram que as considerações relacionadas à renovação do saber em Bacon estavam associadas, também, às discussões teológicas e políticas, discutidas ao longo do século XVI e XVII. Em um dos seus ensaios, Paolo Rossi menciona que a interpretação baconiana da profecia de Daniel se conjugava com percepções milenaristas e com as esperanças de uma redenção ao pecado de Adão na cultura inglesa da época.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> Tradução Livre do parágrafo, originalmente em inglês: “... Ele primeiro caiu na antipatia pela filosofia de Aristóteles; não pela inutilidade do autor, a quem ele jamais atribuiria todos os atributos elevados, mas pela infrutuosidade do caminho; sendo uma filosofia (como dizia Sua Senhoria) apenas forte para disputas e contendas, mas estéril na produção de obras em benefício da vida do homem.” In: RAWLEY, William. *The Life of the Honourable Author*. In: *Works*. 1857-1874. Vol. 1. p. 37.

<sup>19</sup> Tradução Livre do parágrafo, originalmente em inglês: “Ele se deslocava frequentemente, quando sua saúde o permitia, para o serviço da igreja, para ouvir sermões, para a administração do sacramento do bendito corpo e sangue de Cristo; e morreu na verdadeira fé, estabelecida na igreja da Inglaterra.” In: *Ibidem*. p. 52.

<sup>20</sup> DOSSE, François. *O desafio biográfico, escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2009. p.12

<sup>21</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit*. 1992. p. 61-2.

E, nesse sentido, se viram incentivados com suas perspectivas de renovação do conhecimento e seus argumentos para uma prática mais aprofundada do saber e da investigação da natureza. Tais considerações foram bem explicitadas também por Christopher Hill<sup>22</sup> ao trazer uma discussão a respeito da importância e influência de Francis Bacon, como pensador principalmente, dentro do âmbito político inglês – enriquecendo e fomentando as bases intelectuais que resultaram, somado a outros aspectos, na Revolução Inglesa de 1640.

Mas não apenas essa, a própria criação da *Royal Society* de Londres, em 1660, carregou consigo a influência e as ideias de renovação do conhecimento de Bacon – ideias, aliás, que constituíram o desafio e o desejo primordial desse grupo, em progredir na ciência e no método científico. Thomas Sprat (1635-1713) foi autor da obra *History of the Royal Society of London*, publicada em 1667, e nela apontou que a figura de Francis Bacon foi central na concepção e origem dos objetivos e competências para a *Royal Society of London*. Como se pode constatar na primeira parte de sua obra:

O terceiro tipo de novos filósofos são aqueles que não apenas discordaram dos antigos, mas também se propuseram ao caminho certo de experimentação lenta e segura, e o seguiram até onde a brevidade de suas próprias vidas, ou a multiplicidade de seus outros afazeres, ou a estreiteza de suas fortunas, lhes permitiram. [...] E destes, mencionarei apenas um grande homem, que teve a verdadeira imaginação de toda a extensão dessa empreitada, como agora está em andamento; e esse é o lorde Bacon. Em cujos livros estão espalhados por toda parte os melhores argumentos que podem ser produzidos para a defesa da filosofia experimental; e as melhores orientações, que são necessárias para promovê-la. Tudo isso ele já adornou com tanta arte; que se meus desejos pudessem prevalecer com alguns excelentes amigos meus, que me envolveram neste trabalho: não haveria outro prefácio para a História da Royal Society.<sup>23</sup>

A razão de mencionarmos tais pontos diz respeito à intenção de explicitar como a figura de Bacon estava sendo vista algumas décadas após sua morte e no momento em que a sua *Vida*, escrita por Rawley, foi publicada (1657) e republicada (1661, 1671). E considerando que essa estava reunida com escritos de Bacon até então não circulados ao público, pode-se ter em vista a repercussão de suas ideias e como essas fomentaram aquele momento político-religioso, e também científico. Além disso, o posicionamento posto por Thomas Sprat na figura de Bacon como central nessa ruptura com a filosofia Antiga – aspecto, aliás, que

<sup>22</sup> HILL, Christopher. *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

<sup>23</sup> Tradução livre do parágrafo, originalmente em inglês. **In:** SPRAT, Thomas. *The History of the Royal Society of London, For the Improving of Natural Knowledge*. London: Printed by T. R. for I. Martyn at the Bell without Temple-bar, and I. Allestry at the Rose and Crown in Duck-lane, Printers to the Royal Society. 1667. p.35

vemos presente nas discussões iluministas – e que abriu espaço para novas produções a respeito do filósofo inglês.

No século XVIII, tem-se uma nova publicação sobre Francis Bacon, essa feita pelo escocês David Mallet (1705-1765), traz como título *The Life of Francis Bacon, Lord Chancellor of England* e teve sua primeira edição publicada em 1740, ganhando uma tradução para o francês em 1755, *La vie du Chancelier François Bacon*. Ainda que estabelecendo um caráter biográfico, a obra de Mallet foi apontada também como uma contribuição histórica no que diz respeito ao período no qual Bacon viveu e atuou.

Embora Mallet não estabeleça considerações muito divergentes do que apresentado por Rawley, a estrutura e a visão estabelecida por esse em relação a Francis Bacon é diferente de seu primeiro biógrafo: o ideal do Iluminismo esteve presente ao longo do século XVIII, contribuindo nas perspectivas e escritas realizadas por intelectuais, filósofos e cientistas do período.

Mallet, nesse sentido, estabeleceu Francis Bacon não como o “o fundador de uma nova seita, mas como o grande assegurador da liberdade humana; como alguém que resgatou a razão e a verdade da escravidão em que todas as seitas as mantinham, até então.”<sup>24</sup> A figura de Bacon, assim, era exaltada como um assegurador de uma liberdade intelectual e científica para a sociedade inglesa de seu tempo, mas também como uma das personagens históricas que contribuiu no desmantelamento de uma religiosidade supersticiosa e de uma metafísica vista, então, como obsoleta.

Em contraposição à biografia de William Rawley, que enfatizava as relações de Bacon com a religiosidade, reiterando também a firme presença desta em sua escrita, Mallet posiciona Bacon de modo distante da religião, mas principalmente como um combatente dos aspectos supersticiosos dessa, atrelada à filosofia escolástica, em prol de um saber científico e de uma liberdade intelectual. Aspectos estes já mencionados previamente sobre a questão do Iluminismo e o modo como as produções respectivas desse momento lidaram com a representação de Francis Bacon.

Em continuidade, o século XIX abriu espaço para um momento de consideráveis publicações biográficas – as quais o filósofo inglês aqui tratado não passou despercebido, e também em razão desse período ser marcado por um notável crescimento na produção

---

<sup>24</sup> Tradução livre para português, originalmente em inglês. **In:** MALLET, David. *The life of Francis Bacon, Lord Chancellor of England*. London, Printed for A. Millar, against St. Clement's Church, in the Strand. 1740. p. 152

biográfica de figuras atreladas à Revolução Científica, dentre outros indivíduos atuantes e importantes no período moderno.<sup>25</sup>

Em 1833, tem-se a publicação de uma obra intitulada *The Life of Francis Bacon, Lord Chancellor of England*, dessa vez escrita por Basil Montagu<sup>26</sup> (1770-1851) que traz uma produção mais robusta a respeito da vida de Francis Bacon, perpassando não apenas pelos aspectos tradicionais já mencionados – como nascimento e relação familiar, formação e vida ativa dentro do âmbito político, dentre outros aspectos – mas também ampliando as abordagens a respeito da vida de Bacon até a morte da rainha Elizabeth I, a sua ascensão ao longo do Reinado de James I e, principalmente, a atenção às circunstâncias de produção de Bacon.

A construção biográfica estabelecida por Montagu se apoia principalmente nas produções e documentações de Francis Bacon, traçando suas relações no período elizabetano e jacobino através das cartas e obras escritas. Tal construção pode ser associada ao modo como a história da ciência estava sendo elaborada ao longo do século XIX, como bem apontado por Christie:

A biografia tornou-se convencional para historiadores da ciência desde meados do século XIX, continuando a fornecer um foco útil de pesquisa e escrita. Sua tendência era a de enfatizar o elemento individualista na historiografia da ciência, ou seja, ver o agente único do desenvolvimento científico como a mente individual enquanto lida com problemas científicos. No entanto, a biografia também adiciona um elemento humanizador muitas vezes ausente em histórias de teorias ou ciências específicas.<sup>27</sup>

Para além do cunho biográfico, Basil Montagu procurou organizar parte dos trabalhos publicados por Francis Bacon – assim como outras figuras o fizeram, a exemplo: John Blackburn (1683-1741), Thomas Birch (1705-1766) e Marie-Nicolas Bouillet (1798-1864).<sup>28</sup> Essas figuras do século XIX se posicionaram dentro de uma percepção favorável a Francis Bacon, preocupando-se em uma melhor organização dos escritos do filósofo, bem como na constituição de obras biográficas sobre esse – como já mencionado. Além destes, pode-se considerar também William Whewell, historiador inglês e autor da obra *Philosophy of inductive sciences*, de 1847, o qual visualizava Bacon como uma figura central e determinante

<sup>25</sup> CHRISTIE, John. R. R. *Op Cit.* p. 15.

<sup>26</sup> MONTAGU, Basil. *The Life of Francis Bacon*. London: William Pickering. 1833.

<sup>27</sup> Tradução livre para português, originalmente em inglês. **In:** CHRISTIE, John. R. R. *Op Cit.* p. 15

<sup>28</sup> Cada um com suas respectivas obras: *Francisci Baconi Baronis de Verulamio, Vicecomitis Sancti Albani, Magni Angliae Cancellarii, OPERA OMNIA* (1730); *The Works of Francis Bacon* (1765); *Oeuvres philosophiques de Bacon, publiées d'après les textes originaux, avec notice, sommaires et éclaircissements* (1834).

na história da ciência.<sup>29</sup> A edição de Montagu, no entanto, provocou duas movimentações a respeito de produções sobre Francis Bacon e de sua posição no âmbito intelectual:

A primeira delas, ainda no século XIX, diz respeito à coletânea vitoriana clássica de Francis Bacon – e ainda hoje utilizada para fins de pesquisa – editada por Robert Leslie Ellis (1817-1859), James Spedding (1808-1881) e Douglas Heath (1811-1897), intitulada *The Works of Francis Bacon* (1857-1859) e que compreendia sete volumes. Alguns anos depois, em 1861 até 1874, foram publicados também *The Letters and the Life of Francis Bacon*, editado unicamente por James Spedding e também dividido em sete volumes – os quais compreendiam trabalhos ocasionais de Francis Bacon, bem como alguns de seus discursos, tratados e memoriais.<sup>30</sup>

Uma das diferenças provocadas por essas publicações, em comparação com as prévias, diz respeito à organização: Spedding procurou estabelecer um novo arranjo, pautado a partir dos diferentes públicos-alvos que Bacon tinha em vista – daí resultam três diferentes editores para o *The Works*: Robert Leslie Ellis, responsável pela parte dirigida à filosofia; James Spedding, responsável pela parte literária; Douglas Heath, responsável pelos trabalhos profissionais.<sup>31</sup>

Além disso, até então o modo como Francis Bacon foi retratado ao longo dos trabalhos biográficos e históricos do século XVII ao XIX se relacionou principalmente ao âmbito científico, analisando suas contribuições em relação à ideia de progresso e avanço do conhecimento.<sup>32</sup> Um dos pontos interessantes a destacar a respeito da edição de Ellis, Spedding e Heath pode se associar à exposição de diferentes âmbitos e facetas abordadas por Bacon, não apenas seus frutos filosóficos ou científicos.

Estimulado pela popularidade a qual recebeu seus escritos na segunda metade do século XVII, posteriormente pela visão iluminista, mas também em virtude do crescimento e ênfase na histórica científica, Bacon angariou fama ao longo desse período e foi exaltado em

<sup>29</sup> O prefácio escrito pelo autor menciona repetidas vezes a intenção de aplicar a filosofia indutiva e o método baconiano no compilado proposto por Whewell sobre as ciências indutivas. WHEWELL, William. *The Philosophy of the Inductive Sciences, founded upon their history*. In two volumes. London: John W. Parkes, West Strand. 1847.

<sup>30</sup> VERBURGT, Lukas M. 'Is there a reader who can handle it with any comfort?': A brief publication history of *The Works of Francis Bacon*. *Notes and Records*. 77. Utrecht University, Freudenthal Institute. Published online: 2021. pp.213-220.

<sup>31</sup> *Ibidem*. p.214.

<sup>32</sup> Esses aspectos, aliás, também foram bem tratados em outra obra de Paolo Rossi, posicionando Francis Bacon como um dos filósofos precursores da ideia de progresso em contraposição às concepções pós-modernas de considerá-las apenas a partir do século XIX. ROSSI, Paolo. *Naufrágios sem espectador, a ideia de progresso*. São Paulo: Editora UNESP. 2000.

termos históricos. Tais percepções, no entanto, tomaram novas formas ainda no século XIX e principalmente a partir do XX – quando a reputação de Francis Bacon decresceu nos meios intelectuais e acadêmicos.<sup>33</sup> A segunda movimentação, dessa forma, diz respeito às mudanças a respeito da percepção de Bacon – ou pelo menos, aos novos olhares sobre a sua contribuição.

A publicação feita por Thomas Macaulay (1800-1859) intitulada *Lord Bacon*, de 1837, e que se propõe a uma resposta e a uma crítica ao modo que Basil Montagu construiu a biografia de Bacon, foi um pontapé para novos olhares sobre o filósofo. Seu comentário a respeito da evidente admiração de Montagu por Bacon denota até mesmo uma possível imparcialidade sobre o conteúdo.<sup>34</sup> Macaulay estabelece em seu trabalho uma nova narrativa a respeito da vida e obra de Francis Bacon, destacando uma crítica às condutas deste no âmbito político; como o autor estabeleceu, existia uma diferença entre “Bacon em busca da verdade, e Bacon em busca dos selos.”<sup>35</sup>

Nieves Mathews, escritora britânica e biógrafa de Francis Bacon, foi objetiva ao apontar que Bacon foi celebrado por filósofos, cientistas, poetas e historiadores durante os dois séculos desde a sua morte, mas que a partir de julho de 1837 – com a publicação de Thomas Macaulay – a recepção do filósofo inglês foi modificada em boa parte dos meios intelectuais.<sup>36</sup>

Faz-se importante considerar que Thomas Macaulay foi um historiador do século XIX, tendo sido o autor da obra *The History of England*, de 1848, e uma referência dentro da chamada História *Whig*. Ainda assim, e no que concerne a obra *Lord Bacon*, essa logo recebeu uma resposta do historiador James Spedding, em uma publicação intitulada *Evenings with a Reviewer; Macaulay and Bacon*, de 1881.<sup>37</sup>

---

<sup>33</sup> Além das questões biográficas as quais nos detemos neste momento, no século XIX houve também alguns descréditos concedidos por Wilhelm Busch a Bacon no que concerne à sua produção histórica. Na obra *England Under the Tudors* (1895), Busch aponta inconsistências e uma não originalidade na construção desenvolvida por Francis Bacon na obra *Historie of the Raigne of King Henry the Seuenth* (1621). Tal perspectiva, no entanto, nos parece muito mais uma preocupação contemporânea do que necessariamente um problema no tempo em que a obra histórica de Francis Bacon foi escrita.

<sup>34</sup> “Nossos sinceros agradecimentos ao Sr. Montagu por este trabalho verdadeiramente valioso. Muitas vezes discordamos das opiniões que ele expressa como biógrafo. (...) O escritor está evidentemente apaixonado pelo assunto. Isso enche seu coração. Constantemente transborda de seus lábios e de sua caneta.” In: MACAULAY, Thomas. *Lord Bacon*. London: Longman’s, Green and Co. [1837] 1873. p.2

<sup>35</sup> MACAULAY, Thomas. *Lord Bacon*. London: Longman’s, Green and Co. [1837] 1873. p.54

<sup>36</sup> MATHEWS, Nieves. *Francis Bacon, The History of a Character Assassination*. New Haven and London: Yale University Press. 1996. p.323.

<sup>37</sup> SPEDDING, James. *Evenings with a reviewee, or Macaulay and Bacon*. London: Kegan Paul, Trench & Co, 1, Paternoster Square. 1881.

Tais desconfianças sobre Bacon também foram explicitadas por Joseph de Maistre (1753-1821), crítico do pensamento iluminista e da Revolução Francesa, em obra publicada postumamente *Examen de la Philosophie de Bacon, ou: l'on Traite Différentes Questions de Philosophie Rationnelle*, de 1836, a qual destaca uma forte crítica ao método experimental baconiano e reitera um desprezo por tudo o que o filósofo inglês afirma. De acordo com Maistre:

Desprovido de princípios fixos em todos os pontos, e tendo apenas negações na mente, oscilando entre a antiga crença e a nova reforma, entre a autoridade e a rebelião, entre Platão e Epicuro, ele acaba por nem mesmo saber o que é. Ele é alternadamente materialista, cético, cristão, deísta, protestante, até jesuíta, se a ocasião exigir, de acordo com a ideia do momento. A impressão geral que permanece em mim, depois de considerar tudo cuidadosamente, é que, não podendo confiar nele em nada, eu o desprezo tanto pelo que ele afirma quanto pelo que ele nega.<sup>38</sup>

Um dos argumentos centrais estabelecido por Maistre é que Francis Bacon, ao enfatizar excessivamente a experimentação, acabou negligenciando aspectos importantes da natureza humana e do conhecimento, como a metafísica e a moralidade, bem como destacava uma certa inconstância nas considerações do filósofo inglês – como se pôde perceber em seu comentário citado acima.

Alguns anos depois, e na Alemanha, tem-se as considerações do químico alemão Justus von Liebig (1803-1873) em sua obra intitulada *F. Bacon von Verulam und die Methode der Natusforschung*, de 1863, que apontou uma ausência de novidade nas considerações baconianas – em seus ataques à escolástica, em suas negações às descobertas astronômicas de seu período e mesmo ao seu método científico, que o autor apontou ser falso e não aplicável às ciências.<sup>39</sup> Tais percepções tiveram continuidade e marcaram o afastamento das ideias e concepções iluministas no que concerne Francis Bacon, dando abertura para novas avaliações sobre o filósofo inglês e suas contribuições para a história. Apesar disso, essas percepções não deixaram de apresentar juízos de valores e de estabelecerem lugares comuns sobre Bacon, aspectos ainda presentes na historiografia atual.

Assim, a partir do século XIX e principalmente no decorrer da primeira metade do século XX, as percepções sobre Bacon foram se alterando – e o posto outrora de arauto da ciência moderna foi caindo em desuso e o filósofo, em descrédito. Tais perspectivas

---

<sup>38</sup> MAISTRE, Joseph de. *Examen de la Philosophie de Bacon, ou: l'on Traite Differentes Questions de Philosophie de Bacon*. Tomo II. Lyon; Paris: J. B. Pélagaud, imprimeur-libraire de N. S. P. Le Pape. 1860. 6a ed. p.334.

<sup>39</sup> ROSSI, Paolo. *Francis Bacon, Da magia à ciência*. Londrina: Eduel, Editora da UFPR. 2006. p.32.

teleológicas marcadamente vistas no período do Iluminismo de Bacon como um profeta de tempos vindouros foram, de maneira crescente, substituídas pela crença de que este ou pouco produziu ciência, ou que fomentou ideias errôneas para a sociedade moderna. Ainda assim, a questão de Francis Bacon analisada no futuro do indicativo permaneceu presente, sendo este abordado a partir de argumentos pautados em percepções contemporâneas, e portanto, anacrônicas e, novamente, teleológicas.

É importante ter em mente que a partir do século XX, houve um crescimento na historiografia da ciência, foi um momento que âmbitos universitários tiveram uma crescente nas produções a respeito da história da ciência, bem como na criação de disciplinas voltadas à área. Apesar do crescimento deste ter ganho uma maior ênfase após a Segunda Guerra Mundial, já no início do século XX houve indivíduos se movimentando para a criação de revistas e jornais voltados para o campo da História da ciência, como foi o caso de George Sarton (1884-1956) com a revista *Isis*.<sup>40</sup>

Dentro desse contexto, e sabendo as perspectivas a respeito de Francis Bacon como figura presente no período da Revolução Científica, muitas das produções ocasionadas ao longo do século XX, e principalmente a partir de sua segunda metade, estiveram relacionadas ao âmbito científico de sua produção. As biografias foram postas de lado, abrindo espaço para essas novas contribuições a respeito de uma faceta baconiana associada à filosofia da natureza, tecnologia e ciência. Além disso, pode-se conceber uma clara divisão entre apoiadores e detratores de Bacon, associando-o ou a uma faceta positiva, ou a uma faceta negativa, respectivamente.

Até a primeira metade do século XX, podemos mencionar algumas publicações a respeito de Francis Bacon, valendo o destaque para Fulton Anderson e Benjamin Farrington, pesquisadores que ainda hoje recebem menções em trabalhos sobre o filósofo inglês.

O primeiro, com a obra *The Philosophy of Francis Bacon*, de 1948, destaca a influência duradoura de Bacon no desenvolvimento da ciência moderna e na filosofia da ciência, colocando-o como um dos pioneiros do pensamento científico contemporâneo; embora situando-o dessa forma, Fulton se afasta das proposições similares aos do Iluminismo e dos críticos do século XIX, e evidencia a importância do filósofo inglês a partir do exame de sua filosofia e método – estabelecendo desde o início o intuito de “preencher parcialmente o

---

<sup>40</sup> CHRISTIE, John. R. R. *Op Cit.* p.16

que é obviamente uma lacuna na exegese baconiana” e que, ao contrário de outras exposições sobre o filósofo, “não pretende dizer o que ele deveria ter escrito ou feito”.<sup>41</sup>

O segundo, na obra *Francis Bacon, Philosopher of Industrial Science*, de 1952, também faz um destaque a Francis Bacon como uma figura de importância na transição do pensamento científico na Europa do século XVII, sobretudo na Inglaterra, e que culminou no desenvolvimento da ciência moderna. O autor reitera o papel de Bacon na questão da utilidade prática da ciência, sendo essa uma ferramenta para melhora da condição humana e do domínio da natureza. A tese de Farrington associa o impacto das ideias de Bacon no desenvolvimento da ciência e da tecnologia às bases filosóficas da Revolução Industrial e, portanto, coloca-o como uma figura fundamental para o pensamento científico e para a história e filosofia da ciência.<sup>42</sup>

Ambas as produções procuram destacar Francis Bacon a partir da análise de algumas de suas obras e o conseqüente impacto dessas para a ciência e história da ciência. Por outro lado, o que sobressaiu na primeira metade do século XX foram as críticas e os comentários “detratários”, de acordo com Rossi, sobre Francis Bacon.<sup>43</sup> Estes foram feitos principalmente por quatro figuras: Alexandre Koyré, Max Horkheimer, Theodor Adorno e Karl Popper.

Koyré, na obra *Études galiléennes*, de 1939, foi enfático ao dizer que a ideia de associar Bacon como arauto da ciência moderna era uma piada repetida em diversos manuais de história e que, na verdade, o filósofo pouco compreendeu de ciência, pois:

[...] É crédulo e totalmente destituído de espírito crítico. A sua mentalidade está mais próxima da alquimia, da magia, em resumo, da de um homem primitivo ou de um homem da Renascença do que da de um Galileu, ou até de um escolástico.<sup>44</sup>

Aos seguidores da escola de Frankfurt, por sua vez, as considerações de Horkheimer e Adorno colocaram Bacon como um exemplo negativo para a ciência: na obra de 1947, *Dialektik der Aufklärung*, Bacon é associado a um entusiasmo científico e tecnológico desprovido de limites e que colaborou para a transformação da cultura em mercadoria, desencadeando na sociedade industrial moderna.<sup>45</sup> E com os popperianos, a fama angariada

<sup>41</sup>ANDERSON, Fulton H. *The Philosophy of Francis Bacon*. Chicago, Illinois: The University of Chicago Press. 1948. p.5

<sup>42</sup>FARRINGTON, Benjamin. *Francis Bacon, Philosopher of Industrial Science*. New York: Collier Books. [1952] 1961.

<sup>43</sup>ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 2006. p.30.

<sup>44</sup>KOYRÉ, Alexandre. *Estudios Galileanos*. México, España, Colombia: Siglo Veintiuno Editores, sa. [1939] 1980. p.2

<sup>45</sup>HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, [1947] 2014 p. 45

por Bacon foi associada como a de um propagandista de um método que apenas realizava um acúmulo avulso de dados, um acúmulo de observações sem grandes critérios.<sup>46</sup>

Essas três percepções mencionadas apresentam problemas nas interpretações e leituras sobre Francis Bacon, pois desconsideram os contextos e as intenções as quais formaram e incentivaram as produções e percepções do filósofo. Bacon permaneceu lido no futuro do indicativo: em Koyré, a história da ciência válida é somente a que desemboca nos acertos matemáticos da atualidade e, portanto, Bacon é descartado – ainda que figuras consideradas importantes pelo historiador, como Newton<sup>47</sup>, fossem seguidores de uma doutrina baconiana. Em crítica a tal perspectiva de Koyré, Alfred Rupert Hall afirmou que a posição de Koyré sobre a história da ciência é a de considerar apenas a teoria como uma verdadeira história da ciência e que, por consequência, todo o resto é menos interessante e menos científico.<sup>48</sup>

Em Frankfurt, por Horkheimer e Adorno, as influências posteriores de Bacon e sua potencial colaboração na formação do caos espiritual da sociedade moderna divergem dos intuítos e contextos vivenciados por Bacon quando este produziu suas obras e seu método. Às questões de Popper, por fim, Bacon expressou em diferentes obras, mas principalmente no *Novo Organum*, no aforisma 95, uma crítica ao acúmulo de dados não pautados por uma teoria – aspecto o qual Popper o acusa de fazê-lo. Bacon apontou:

Aqueles que cuidaram das ciências eram ou empíricos ou dogmáticos. Os empíricos, como formigas, apenas acumulam e utilizam; os racionalistas, como aranhas, fazem suas próprias teias; as abelhas fica a meio caminho: elas tomam o material da flores do jardim e do campo, mas têm a capacidade de os converter e digerir. Isso não é diferente do verdadeiro trabalho da filosofia; a qual não se baseia exclusiva ou principalmente no poder mental nem acumula o material fornecido pela história natural e pelos experimentos mecânicos em uma memória intocada, mas em uma que é alterada e adaptada pelo intelecto. Portanto, muito se espera da aliança mais estreita e unida (que nunca foi feita) entre essas faculdades (ou seja, a experimental e a racional).<sup>49</sup>

Tal aspecto, como bem apontado por Rossi, sugere a pouca aproximação de Popper com os escritos baconianos e a ideia de um “Bacon inventado”.<sup>50</sup> Apesar disso, essa foi a

<sup>46</sup> POPPER, Karl. *Conjectures and Refutations*. London: Routledge and Keagan Paul. 1963.

<sup>47</sup> JALOBANU, Dana. *Constructing Natural Historical Facts: Baconian Natural History in Newton's first paper on light and colors*. In: BIENER, Zvi; SCHLISSER, Eric. (Eds.) *Newton and Empiricism*. New York: Oxford Academic. 2014. pp.39-65.

<sup>48</sup> HALL, A. Rupert. *Alexandre Koyré and the scientific revolution*. *History and Technology: an international journal*, 4(1-4), 485–496. 1987. p. 487.

<sup>49</sup> BACON, Francis. *Novo Organon, Instauratio Magna*. São Paulo: Edipro. 2014. p.89

<sup>50</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit*. 2006. p. 33-34.

imagem carregada pelo filósofo inglês durante a primeira metade do século XX, e mesmo em partes de sua segunda metade.

Francis Bacon se manteve não lido, mas bastante mencionado como exemplos negativos de uma filosofia que desemboca no âmbito capitalista, burguês e mesmo antifeminista, como apontado por Carolyn Merchant em sua obra *The Death of Nature: women, ecology and the scientific revolution*, de 1980, influenciada pelas perspectivas da escola de Frankfurt.<sup>51</sup>

Faz-se importante considerar que tais formulações também fazem parte de um debate amplo a respeito da Revolução Científica, essa associada a uma narrativa ou de progresso, ou de declínio – aspectos, aliás, que podem ser percebidos nas próprias considerações de Adorno e de Horkheimer já supracitadas; e também mencionadas por Dijksterhuis:

A adoção da visão mecanicista teve profundas e abrangentes consequências para toda a sociedade, é um fato histórico que dá origem às mais divergentes opiniões. Alguns a elogiam como um sintoma da gradual clarificação do pensamento humano, da crescente aplicação do único método capaz de produzir resultados confiáveis em todas as esferas do conhecimento e cujo valor permaneceu intacto quando a ciência física, na forma em que se desenvolveu recentemente, foi obrigada a abandonar alguns dos princípios fundamentais do mecanicismo clássico. Outros, embora reconhecendo a importância excepcional que teve para o progresso de nosso entendimento teórico e nosso controle prático da natureza, consideram-na nada menos que desastrosa em sua influência geral sobre o pensamento filosófico e científico, bem como sobre a sociedade; eles consideram que para outras áreas da ciência copiar o método de trabalho da ciência física está longe de ser um ideal metodológico. Eles estão inclinados a considerar a dominação da mente pela concepção mecanicista como uma das principais causas do caos espiritual em que o mundo do século XX caiu, apesar de todo o seu progresso tecnológico.<sup>52</sup>

Logo, o modo como os pesquisadores do século XX compreenderam a Revolução Científica significava, por consequência, o modo como percebiam também as contribuições de Bacon. Aos que exaltaram o conhecimento científico, Bacon não tinha relação alguma com a ciência; aos que criticavam o conhecimento científico e o seu desenvolvimento para a sociedade, Bacon era a personificação da ideia de ciência. De toda forma, o filósofo inglês foi criticado por razões opostas ao longo do século XX.<sup>53</sup>

<sup>51</sup> Nessa obra, Merchant critica Bacon por promover uma visão utilitarista e instrumental da natureza, que acabou levando à exploração excessiva e destruição do meio ambiente; a autora associa Bacon, mas também Descartes, como desenvolvedores de uma mentalidade dominante em relação à natureza, sendo responsáveis por sua depredação e, conseqüentemente, pelos prejuízos atuais ao planeta. In: MERCHANT, Carolyn. *The Death of Nature: Women, ecology, and the scientific revolution*. New York: Harper and Row, Publishers. 1980.

<sup>52</sup>DJKSTERHUIS, E. J. *The Mechanization of the World Picture*. Oxford: Oxford University Press. 1961. p.3-4.

<sup>53</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 2006. p. 36

As discussões a respeito da perspectiva e proposta científica fomentada por Bacon durante o século XX se mantiveram majoritariamente dentro do escopo prático e internalista, aprofundado também por figuras como Thomas Kuhn<sup>54</sup> – que, tratando das ciências baconianas, a posicionou sem grandes impactos no desenvolvimento das ciências clássicas, mas que foi importante na origem de outros setores científicos, estes associados às artes mecânicas e ao seu lugar na cultura.

A faceta baconiana, a princípio negatizada em diferentes percepções científicas e historiográficas, recebeu novas contribuições à medida que as análises referentes à sua filosofia da ciência passaram a dialogar com os trâmites culturais e sociais vivenciados em seu período de vida, a Inglaterra do século XVI e XVII.

O interesse, nesse sentido, não sendo mais o de estabelecer quais vertentes científicas estavam melhores condizentes com os avanços do saber e tecnológicos recentes, mas sim relacionado principalmente a uma História Social e História das Ideias, possibilitou novos olhares a respeito de Francis Bacon e suas produções. Aproximando-se de aspectos não somente relacionados à ciência, pode-se esclarecer novas questões sobre Bacon e, de maneira crescente, afastar-se de pressupostos teleológicos e/ou anacrônicos a respeito de sua vivência e contribuição.

A obra já mencionada de Farrington também fez parte dessas aproximações com abordagens relacionadas à política e cultura da época, para além do aspecto estritamente científico. Farrington reposiciona Bacon dentro das discussões e problemáticas relacionadas ao saber do século XVI e XVII, examinando as dinâmicas políticas e religiosas ali vivenciadas e como as principais produções do Chanceler inglês visavam dialogar com tais questões.<sup>55</sup>

Apesar de tais contribuições, pode-se considerar Paolo Rossi como um dos principais estudiosos de Francis Bacon no século XX. Tendo produzido uma das obras mais conhecidas e utilizadas a respeito do filósofo inglês, *Francesco Bacone: Dalla Magia alla scienza*, de 1956. Uma das principais questões nessa obra era a de compreender como a filosofia de Bacon se desenvolveu a partir da tradição cultural de sua época, e essa perspectiva foi a que promoveu novas possibilidades de análise sobre o filósofo inglês, para além do aspecto científico como tinha sido até então.

---

<sup>54</sup> KUHN, Thomas. *The Essential Tension, Selected Studies in Scientific Tradition and Change*. Chicago and London: The University of Chicago Press. 1977.

<sup>55</sup> FARRINGTON, Benjamin. *Op Cit.* [1952] 1961.

Rossi viabilizou uma reavaliação mais sofisticada do legado intelectual de Francis Bacon e fomentou uma compreensão mais próspera sobre seu papel na história do pensamento ocidental. Bacon, afinal de contas, estava finalmente inserido em seu momento histórico – não mais como um arauto da ciência moderna, ou um dos pais da ciência moderna, mas sim como uma figura cuja contribuição esteve associada a um contexto histórico e filosófico mais amplo.

Afastando-se das teses detratórias e abrindo espaço para novos estudos sobre Francis Bacon, as contribuições de Rossi colaboraram em dois novos caminhos de investigação sobre o filósofo inglês: o primeiro relacionado a uma certa continuidade, principalmente no que concerne a ciência e o hermetismo; a segunda, relacionada a uma ruptura, com questões sobre a ciência e o progresso – essa última, no entanto, não relacionada às formulações iluministas.

No que concerne à continuidade e transição, Rossi teve o êxito em explicitar como temas a respeito do progresso do conhecimento e da condição humana, bem como do domínio da natureza, aspectos esses presentes no discurso baconiano, poderiam ser traçados e visualizados em discursos de cunho hermético – como no caso em Agrippa. Como apontado por Yates<sup>56</sup>, Bacon critica o ideal do *Magus* e as filosofias da Renascença ao mesmo tempo em que emerge delas.

Ao tratar da transição e ruptura, por sua vez, Bacon cresce a partir de uma tradição a qual procura modificar e romper e, dela, traz a possibilidade de novas ciências experimentais, ou simplesmente a ênfase e a atenção para essas – um aspecto importante e que foi deixado de lado na história e filosofia da ciência, e que Rossi também se ocupou em outra obra, publicada em 1962, intitulada *I filosofi I le macchine, 1400-1700* cujo enfoque está relacionado às relações entre as produções universitárias e as práticas artesãs no que diz respeito à ciência e arte mecânica.

Essa pequena obra realizada por Rossi, em nossa perspectiva, possibilitou um olhar a respeito das trocas e relações presentes entre um meio intelectual e uma produção artífice. Tal aspecto se faz interessante principalmente se levarmos em conta as considerações feitas por Christopher Hill em *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, a qual nos explicita a

---

<sup>56</sup> YATES, Francis A. Bacon's magic. Review of 'Francis Bacon : from magic to science' by Paolo Rossi, translated from Italian by Sacha Rabinovitch, London, Boston and Henley, 1968. Published In: New York review of books. 29 Feb. 1968.

percepção de Bacon a respeito das novas movimentações sociais, econômicas e políticas que estavam acontecendo na Inglaterra de seu período.<sup>57</sup>

A crescente abertura de possibilidades para a análise de Francis Bacon, principalmente a partir da publicação da obra de 1956 de Rossi, trouxe à tona novos olhares a respeito das produções do filósofo inglês. Análises e percepções que, a princípio, mantinham-se restritas às considerações sobre a filosofia científica de Francis Bacon ser eficaz, ou não, abriu espaço para novas contribuições – pautadas a princípio dentro de um espectro externalista da História da Ciência, mas posteriormente associado a outras preocupações as quais Bacon poderia ser relacionado, como o âmbito político, cultural e religioso da Inglaterra do século XVI e XVII. Convém, nesse sentido, compreender também como os novos estudos sobre Francis Bacon se debruçaram em tais questões, principalmente nas relações entre ciência e as relações político-religiosas vigentes no século XVII.

O pontapé dado por Rossi nos estudos baconianos provocou uma nova fase de pesquisas sobre o filósofo e sua atuação no século XVI e XVII na Inglaterra, uma vez que antes as preocupações e enfoques associavam-se principalmente às suas produções científicas, à constituição da lógica baconiana e mesmo suas relações com os antigos, agora, a atenção se voltava para outras de suas produções, ensaísticas e políticas – que deram margem para conceber Bacon não apenas como o filósofo-cientista do século XVII, mas como uma figura política atuante na sociedade inglesa de seu período.

Um dos primeiros trabalhos de renome a tratar principalmente da visão e atuação política e moral de Francis Bacon foi publicado em fins da década de 1960, por Howard B. White, um historiador de filosofia política, que aproximou as concepções científicas do filósofo para, também, uma concepção política: o estabelecimento de um ideal de esperança, frequentemente associado à ilustração do navio cruzando as colunas de Hércules no frontispício de sua *Instauratio Magna*, de 1620, e a crescente crítica aos métodos e costumes associados à doutrina escolástica e aristotélica, e sua conseqüente supersticiosidade,

---

<sup>57</sup> Ainda que Hill enfoque principalmente nas relações de Bacon – e sua filosofia científica – com o âmbito político e religioso do século XVII, vale considerar também as contribuições de Deborah Harkness que elabora as relações entre o crescimento científico na Inglaterra e com figuras que contribuíram no debate filosófico e científico do período, como, a exemplo, Francis Bacon – localizando os âmbitos de discussões populares e as produções que chegavam a estes. HILL, Christopher. *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*. São Paulo: Martins Fontes. 1992; HARKNESS, Deborah E. *The Jewel House, Elizabethan London and the Scientific Revolution*. New Haven & London: Yale University Press. 2007.

associava-se às posições de Bacon a respeito de um governo monárquico, com paz cívica<sup>58</sup> e de tolerância religiosa. A obra de Howard B. White<sup>59</sup> abriu possibilidades para tratar Francis Bacon de forma menos fragmentada, levando em consideração e fomentando associações entre os âmbitos os quais este atuou – era um advogado e um político associado à Coroa – e as suas produções. White preocupa-se, a princípio, com as relações morais e políticas de Bacon em sua obra *New Atlantis*, de 1626, mas abriu espaço para que outros pesquisadores tomassem a mesma atitude, utilizando-se de outras produções.

Os argumentos que compõem a tese de White – de que Bacon foi um pensador político influente, mas que tal aspecto é diminuído em razão da ênfase em suas produções científicas – ressalta o pragmatismo em sua visão política, e sugere que Bacon defendia um governo benevolente e racional, baseado na razão e na experiência, e buscava promover a estabilidade política por meio do uso pragmático do conhecimento e de uma administração eficaz.

White também sugeria o equilíbrio da autoridade do Estado com uma liberdade individual – e disto resulta uma das problemáticas da obra, pois traz à tona as permanentes percepções realizadas sobre Bacon como uma figura cujas proposições só fariam maior sentido *a posteriori*. Além da própria associação do autor com considerações de Leo Strauss, discutindo obras com poucas referências ao contexto dessas e colocando-as em diálogo com outros pensadores ao longo do século.<sup>60</sup>

Apesar disso, os ideais baconianos apontados por White a respeito da manutenção de um governo monarquista, de ordem e paz cívica e confessional, pôde ser aprofundado a partir das contribuições fornecidas por Julian Martin<sup>61</sup> cuja obra produziu a premissa de que Bacon, ao apontar a reforma do conhecimento para a Inglaterra do século XVII, apontou por consequência a necessidade de uma reforma política. Desse modo, todo o projeto baconiano une-se em aspectos científicos e políticos, estabelecendo a ideia de que suas concepções, para além de serem propostas científicas, constituíam também um projeto político para a Inglaterra.

---

<sup>58</sup> Uma noção frequentemente presente nas produções de Bacon: a ideia de grandeza cívica e paz cívica se repetiram em produções como *Essays* (1597), *History of the Reign of Henry the Seventh* (1621), dentre outros escritos não publicados durante sua vida.

<sup>59</sup> WHITE, Howard B. *Peace among the Willows, the political philosophy of Francis Bacon*. Netherlands: Martinus Nijhoff, the Hague. 1968

<sup>60</sup> COFFEY, John; CHAPMAN, Alister. *Op Cit.* 2009. p.2

<sup>61</sup> MARTIN, Julian. *Francis Bacon, the statem and the reform of natural philosophy*. New York: Cambridge University Press. 1992.

Martin procurou analisar a trajetória profissional e política baconiana, bem como o seu contexto familiar, profissional e intelectual para conceber suas relações com o parlamento e a monarquia – e explicitar o modo pelo qual Francis Bacon desejou estabelecer sua reforma do conhecimento científico e natural. Uma das problemáticas da obra, no entanto, é a ausência do aspecto religioso como um importante paradigma naquele momento histórico e que, certamente, não poderia ser deixado de lado nas concepções políticas e científicas da época; no mais, indicava algumas aproximações que Bacon teve, em âmbito político, com figuras puritanas e, posteriormente, com os conformistas associados à rainha Elizabeth e ao Rei James I.

Faz-se interessante mencionar a crítica realizada por Antonio Pérez-Ramos e mencionada também por Paolo Rossi sobre a produção de Martin, ambos apontaram que o livro produz reducionismo político que não se sustenta e que tal abordagem não é nova e nem frutífera, sendo na verdade muito semelhante ao que Justus von Liebig produziu ainda no século XIX e que se manteve como lugar-comum até a publicação de Rossi, em 1957.<sup>62</sup>

No desenvolvimento de produções que relacionam ciência e política na filosofia de Bacon, conclusões semelhantes às de Martin podem ser encontradas na obra de Faulkner<sup>63</sup>, que se preocupou em mostrar que Bacon percebia o Estado como um agente importante na promoção da ciência e da inovação tecnológica. Uma de suas diferenças em relação ao prévio autor é a de que Faulkner não reduziu a filosofia científica de Bacon a uma filosofia estritamente política, mas que essas inevitavelmente estavam em diálogo – principalmente no que concerne sua aplicação na sociedade.

Adiciona-se também à lista de produções a biografia intelectual proposta por Zagorin<sup>64</sup>, que evitou repetir o que já foi dito em outras obras a respeito da vida de Francis Bacon, mas procurou destacar os aspectos que constituíram a vida intelectual e a atuação do filósofo inglês, isto é, a política, a filosofia, a ciência, a literatura, a religião e a história, âmbitos que corroboraram na constituição de suas ideias.

Um dos sucessos obtidos por Zagorin em sua obra foi considerar a religião como um ponto importante e culminante nas relações filosóficas de Bacon – afinal de contas, tal aspecto não poderia ser dissociado das discussões filosóficas e políticas entre os séculos XVI e XVII,

---

<sup>62</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 1996. p.44

<sup>63</sup> FAULKNER, Robert K. *Francis Bacon and the Project of Progress.* US: Rowman & Littlefield Publishers. 1993.

<sup>64</sup> ZAGORIN, Perez. *Francis Bacon.* Princeton, New Jersey: Princeton University Press. 1998.

período de vida do filósofo inglês.<sup>65</sup> Tal aspecto, aliás, obteve poucas observações e análises por parte dos estudiosos deste, tendo majoritariamente apontado o uso religioso nas produções baconianas apenas como artifícios retóricos; e por vezes estabelecido uma imagem “anti-religiosa” em suas produções.<sup>66</sup> Na verdade, as considerações realizadas por Zagorin, e também John Briggs<sup>67</sup>, apontam que os usos religiosos de Bacon em suas produções denotam, de fato, uma genuína crença do filósofo em vez do uso cínico e anti-religioso como apontado por outros pesquisadores.

Religiosidade e ciência caminhavam de maneira muito próxima no período moderno, principalmente no que concerne a filosofia natural<sup>68</sup>, uma vez que essa acaba por sistematizar a organização e formação do mundo, podendo ser – e sendo – associada aos aspectos religiosos descritos na Bíblia. Nesse caso, em específico, podemos nos referir principalmente à filosofia natural aristotélica-ptolomaica, que forneceu o sistema para a concepção de mundo vislumbrado nas considerações religiosas e bíblicas, principalmente católicas.

As novidades científicas desenvolvidas ao longo do século XVI e XVII batiam diretamente nesse sistema filosófico natural e religioso; gerando conflitos e dissensões entre filósofos, cientistas e a igreja.<sup>69</sup> Considerando que muitas das concepções baconianas dialogavam com os conflitos religiosos vivenciados na Inglaterra, os estudos que se detiveram às análises sobre a filosofia de Bacon, seu programa científico e político, associaram os usos religiosos do filósofo a sistemas específicos de crenças – no intuito de encaixá-lo em alguma categoria de crença, a exemplo o puritanismo e o milenarismo, sem maiores possibilidades de diálogos.

Uma tentativa de assentar tais questões supracitadas pode ser vislumbrada na obra de Stephen A. McKnight, que produziu uma análise a respeito das fundações religiosas no

---

<sup>65</sup> “Vivendo em uma era de conflito religioso em que a Reforma Protestante permanecia uma força ativa, ele também estava inevitavelmente preocupado com religião, igreja e, mesmo que apenas negativamente, ao tentar definir seus limites, com teologia.” *Ibidem*. p.26.

<sup>66</sup> A exemplo: ANDERSON, F. H. *The Philosophy of Francis Bacon*. Chicago: University of Chicago Press. 1948; PRIOR, Moody E. *Bacon’s Man of Science*. *Journal of the History of Ideas*. Vol. 15, No. 3. Jun. 1954. pp. 348-370.

<sup>67</sup> BRIGGS, John C. *Bacon’s Science and Religion*. In: PELTONEN, Markku. (Ed.) *Cambridge Companion to Bacon*. Cambridge: Cambridge University Press. 1996. pp. 172-99

<sup>68</sup> SCHUSTER, John A. *The Scientific Revolution*. In: OLBY, R.C.; CANTOR, G.N.; CHRISTIE, J.R.R.; HODGE, M.J. S. (Eds.) *Companion to the History of Modern Science*. London and New York: Routledge. 1990. pp. 217-243.

<sup>69</sup> Um bom exemplo a ser mencionado a respeito dos conflitos entre os aspectos científicos e religiosos podem ser vislumbrados na obra de Pietro Redondi, de 1983, a respeito de Galileu e a sua condenação na igreja católica Romana. REDONDI, Pietro. *Galileu Herético*. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

pensamento de Bacon.<sup>70</sup> O autor visou investigar as relações entre as perspectivas religiosas de Bacon e suas relações com o programa científico o qual este propôs à Inglaterra, reiterando em sua tese que Bacon não apenas incorporou elementos religiosos em sua filosofia, mas que sua visão de mundo e sua abordagem científica foram construídas a partir de convicções religiosas.

McKnight reitera duas questões principais, a crença na importância da revelação divina e na relação entre a fé e o conhecimento humano. Suas análises partem principalmente de obras como *New Atlantis* e *Novum Organum*, as quais considera as publicações centrais de Bacon, e de uma investigação de elementos relativos ao *Novo Testamento* (principalmente no livro da Gênese, com a ideia do Éden e da Queda de Adão) presentes nessas publicações.

No mesmo caminho de McKnight, tem-se as considerações realizadas por Steven Matthews em *Theology and Science in the Thought of Francis Bacon*, publicado em 2008, e que, em concordância com McKnight, aponta que a visão de mundo de Francis Bacon foi marcadamente influenciada por sua teologia. Um dos aspectos interessantes de sua obra, e tese, é a de reiterar que Bacon não apenas via a ciência como um meio de investigar e compreender a obra de Deus na natureza, mas também acreditava que a ciência e a teologia estavam intrinsecamente ligadas, e que ambas deveriam trabalhar em conjunto para promover o progresso da humanidade.<sup>71</sup>

Torna-se interessante, nesse sentido, perceber como as abordagens voltadas para o aspecto religioso em Bacon sofreram algumas discordâncias, ao passo em que McKnight e Matthews consideram-o um fervoroso cristão, associando-o aos estudos patrísticos e da igreja primitiva; Brian Vickers e Christopher Hill apontam as influências e os usos de ideias calvinistas em suas produções, associadas não apenas a uma crença pessoal mas em usos conciliatórios na política.<sup>72</sup> Em certa medida, nenhum desses está errado, mas faz-se necessário conceber como tais usos religiosos foram realizados e em que medida Bacon se associou, de fato, a um credo.

---

<sup>70</sup>MCKNIGHT, Stephen A. *The Religious Foundations of Francis Bacon's Thought*. Missouri, USA: University of Missouri. 2006.

<sup>71</sup>MATTHEWS, Steven. *Theology and Science in the Thought of Francis Bacon*. England and USA: Ashgate Publishing. 2008.

<sup>72</sup>VICKERS, Brian. (Ed.) *Francis Bacon*. Oxford & New York: Oxford University Press. 1996; HILL, Christopher. *Op Cit*. 1992.

## CAPÍTULO 2: Uma exposição biográfica de Francis Bacon e de seu ciclo letrado

### 1.1. Um olhar sobre Francis Bacon

Uma vez que este trabalho se propõe também em uma compreensão de Francis Bacon em seu próprio tempo, à parte de visões teleológicas e de transição para os debates da segunda metade do século XVII, faz-se interessante verificar as circunstâncias de sua formação durante a segunda metade do século XVI e sua atuação nos primeiros anos do século XVII – tomando como base, principalmente, os documentos escritos de sua época: suas produções, suas cartas e sua própria *Vida*, escrita por William Rawley e já mencionada anteriormente. Conceber o percurso de formação, de atuação e as relações fomentadas por Francis Bacon desde sua juventude até os primeiros anos da ascensão do rei James I da Inglaterra pode nos responder as fundamentações políticas, religiosas e intelectuais que corroboram para a construção de seu pensamento filosófico e científico.

Francis Bacon nasceu em janeiro de 1561, em meio a acontecimentos interessantes para a história inglesa: enquanto a rainha da Escócia, Elizabeth Stuart, tornava-se viúva e rejeitava os termos de reconciliação com a Inglaterra, oferecidos pela rainha Elizabeth I; enquanto Elizabeth I rejeitava os termos de reconciliação com a igreja católica promovidos por Roma; e, como o próprio Francis Bacon diria anos depois, quando questionado pela rainha sobre sua idade, este era “apenas dois anos mais novo que o feliz reinado de Vossa Majestade.”<sup>73</sup>

Bacon era filho do então lord keeper of the Great Seal, sir Nicholas Bacon (1510-1579), e de lady Anne Bacon (c. 1528-1610) – segunda filha de sir Anthony Cooke (1501-1576), previamente conselheiro e tutor do efêmero rei Tudor, Eduardo VI (1537-1553), e sobrinha de William Cecil (1520-1598), estadista e principal conselheiro da rainha Elizabeth I. A proeminência de seus progenitores também não deve ser ignorada, constituindo, cada um de sua respectiva forma, em uma influência e erudição no crescimento e na formação de Bacon.

Ambos os progenitores de Francis Bacon fizeram parte de grupos intelectuais ingleses; no caso de Nicholas Bacon, esteve em um grupo intelectual socialmente distinto – o qual entre os membros participavam o rei Henrique VIII, Catherine Parr, William Cecil, dentre

---

<sup>73</sup> No original: “Being asked by the queen how old he was, he answered with much discretion, being then but a boy, that *he was two years younger than Her Majesty's happy reign*; with which answer the queen was much taken.” SPEDDING, James. *Letters and Life*. Vol. 1.; *Works*. Vol. 1. 1857. p.36.

outras figuras, incluindo Anthony Cooke, que posteriormente seria o avô de dois de seus filhos. A visão desenvolvida a respeito de Nicholas Bacon era significativa, tendo sido considerado uma das figuras mais eloquentes da Inglaterra – isto é, de acordo com George Puttenham, autor da obra *The Arte of English Poesie*, de 1589.<sup>74</sup> Outrossim, era um dos membros do conselho privado da então rainha Elizabeth I, além de ocupar um alto cargo já supracitado no reino inglês do século XVI.

No que concerne ao seu status, foi o primeiro de sua família a obter uma educação universitária, a ter uma propriedade fundiária e a emergir para a *gentry* inglesa; a respeito dos interesses intelectuais, dedicou-se ao estudo da literatura clássica, à escrita de poesia, ao estudo da arquitetura e ao suporte financeiro de novas tendências desta, ao estudo da retórica, dentre outros aspectos.<sup>75</sup>

Lady Anne Bacon, filha de sir Anthony Cooke, tutor do rei Edward VI, foi educada na tradição humanista juntamente às suas irmãs – de tal forma que lady Bacon era proficiente no grego, no latim, no grego bíblico e no italiano, posteriormente sendo conhecida por seus trabalhos de tradução e de escrita religiosa. A exemplo, a tradução dos sermões de Bernardino Ochino (1487-1564) para o inglês, mas também a obra de John Jewel, *Apologia ecclesiae Anglicanae*, de 1562 – uma importante tradução, pois tratou-se da primeira declaração da igreja da Inglaterra contra a igreja católica romana.

Faz-se interessante mencionar que Thomas Wilcox (c. 1549-1608), clérigo puritano que mais tarde teve lady Bacon como sua patrona, a descreveu como uma figura versada no “(...) hebraico, grego, caldeu, sírio, latim, e em várias artes como gramática, retórica, lógica, música, aritmética, geometria, etc., mas também nas sagradas escrituras e na religião cristã” a qual ela utiliza “(...) para derrubar a superstição, a idolatria e a vida ímpia, e para o avanço de Sua glória e a promoção da salvação dos homens.”<sup>76</sup>

Na *Vida* de Francis Bacon escrita por William Rawley são realizados comentários a respeito de seus progenitores, destacando a distinção desses em termos de formação

<sup>74</sup> JARDINE, Lisa; STEWART, Alan. *Hostage of Fortune: The troubled life of Francis Bacon*. New York: Hill and Wang. 1998. p. 24.

<sup>75</sup> TITTLER, Robert. *Education and the Gentleman in Tudor England: The case of Sir Nicholas Bacon*. History of Education. Vol. 5. No. 1. 1976. p. 3

<sup>76</sup> T. W., *A short, yet sound Commentarie; written on that woorthie worle called: The Proverbes of Solomon* (London, 1589) *Apud* FERRON, Alice. ‘Silence Is a Fine Jewel for a Woman’: Anne Cooke Bacon, Jewel’s Apology, and Reformed Women’s Publications. In: RANSON, Angela; GAZAL, André A.; BASTOW, Sarah. *Defending the Faith, John Jewel and the Elizabethan Church*. University Park, Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press. 2018. p. 65

intelectual, mas também a subsequente influência e formação a qual concederam aos seus filhos e, em especial, Francis Bacon que “tendo esses como pais, pode-se facilmente imaginar como seria o resultado; tendo recebido tudo o que a natureza ou a educação poderiam lhe proporcionar.”<sup>77</sup> Rawley ressalta principalmente a posição intelectual a qual sir Nicholas Bacon e lady Anne Bacon apresentavam para a Inglaterra do século XVI, bem como o impacto cuja educação e formação recebida por esses contribuiu para a percepção de outros ingleses em relação a Francis Bacon e sua respectiva família.

Os primeiros anos da formação de Francis Bacon foram supervisionados por lady Bacon, a qual, de acordo com Rawley, selecionava e contratava os tutores para seus filhos, no intuito também de garantir uma formação protestante sólida – o autor complementa que “a educação piedosa, supervisionada de perto por uma mãe devota e erudita do calibre intelectual de Anne Bacon”<sup>78</sup> Foi de considerável importância para ambos irmãos, Anthony e Francis Bacon.

A distinta formação dos filhos do lorde Nicholas Bacon e sua esposa não parou no âmbito familiar, de tal forma que Francis Bacon e seu irmão mais velho, Anthony, foram para o colégio de Cambridge, o Trinity College, entre 1573 e 1575 – quando as atividades foram encerradas em razão de uma nova epidemia da peste negra. Durante esses anos, foi pupilo de John Whitgift (1530-1604), mestre do Trinity College durante os anos de 1567 até 1577, recebendo uma educação e formação clássica. Cabe verificar:

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Idioma</b>	<b>Quantidade</b>
<b>Aristóteles</b>	<i>Works</i>	N.I.	2 cópias
	<i>Bible</i>	Latim	1 cópia
<b>Julius Caesar</b>	<i>Commentarii</i>	N.I.	1 cópia
<b>Cícero</b>	<i>Works: Rhetorica</i>	N.I.	1 cópia
<b>Demóstenes</b>	<i>Orations</i>	N.I.	1 cópia
	<i>Greek Grammar</i>	N.I.	1 cópia

<sup>77</sup>No original: “These being the parents, you may easily imagine what the issue was like to be; having had whatsoever nature or breeding could put into him.” RAWLEY, William. *The Life of the Author*. In: SPEDDING, James. *Works*. Vol. 1. 1857. p. 36

<sup>78</sup>No original: “The importance for both sons in later life of a godly education, closely supervised by a devout, scholarly mother of the intellectual calibre of Anne Bacon, was considerable.” In: STEWART, Allan; JARDINE, Lisa. *Op Cit*. 1998. p.31

<b>Hermógenes</b>	<i>Ars rhetorica</i>	Grego e Latim	1 cópia
<b>Homero</b>	<i>Iliad</i>	Grego	2 cópias
<b>Tito Lívio</b>	<i>Works</i>	N.I.	1 cópia
<b>Platão</b>	<i>Works</i>	N.I.	2 cópias
<b>Ramus</b>	<i>Praelectiones in Ceceronis orationes</i>	N.I.	1 cópia
<b>Salústio</b>	<i>Works</i>	N.I.	1 cópia
<b>Xenofonte</b>	<i>Works</i>	Grego e Latim	1 cópia

**Tabela 1:** Títulos comprados por Anthony e Francis Bacon durante estadia com John Whitgift no Trinity College (1573-1575).<sup>79</sup>

No que concerne a essa formação, Philip Gaskell e Lisa Jardine relacionam-a com um currículo humanístico, oferecendo principalmente uma eloquência na oralidade e na escrita esperada para alguém cuja criação foi moldada para uma vivência no ambiente da política inglesa.<sup>80</sup> Faz-se interessante mencionar que a tutoria fornecida por Whitgift, baseada no *trivium* (o estudo da gramática, retórica e dialética) e *quadrivium* (geometria, aritmética, astronomia e música), mas também de ética, filosofia natural e metafísica, possibilitou os contatos de Bacon com os estudos escolásticos – os quais, em biografia feita por Rawley<sup>81</sup> destacou o desafeto do jovem inglês à época. Além disso, Lisa Jardine considerou também a influência de Petrus Ramus na educação e na formação de Francis Bacon. Ramus foi uma figura popular entre os estudiosos puritanos de Cambridge, e julga-se que Bacon entrou em contato com os trabalhos de lógica produzidos por este, bem como seus ataques a Aristóteles.<sup>82</sup>

A razão de desenvolver a respeito dos anos iniciais de formação de Francis Bacon se associa ao intuito de evidenciar, em primeiro lugar: a posição a qual os progenitores de Bacon ocupavam na sociedade inglesa, não apenas como partícipes de grupos letrados, mas também em suas relações com figuras poderosas e o cargo ocupado por Nicholas Bacon; mas também,

<sup>79</sup> GASKELL, Philip. Books bought by Whitgift's pupils in the 1570s. Transactions of the Cambridge bibliographical Society. Vol. 7. No. 3. 1979.

<sup>80</sup> *Idem*; JARDINE, Lisa. Op Cit. 1998. p. 36-7.

<sup>81</sup> Na biografia produzida por William Rawley, o autor remonta que foram nos anos de formação no *Trinity College* que Francis Bacon não se afeiçoou à filosofia de Aristóteles, considerando-a estéril na produção de obras promissoras ao homem, servindo apenas para disputas e contendas. In: RAWLEY, William. *Op Cit.* p. 37.

<sup>82</sup> JARDINE, Lisa. Francis Bacon: Discovery and the Art of Discourse. 1974. *Apud* MARTIN, Julian. Francis Bacon, the state and the reform of natural philosophy. New York: Cambridge University Press. 1992. p. 188

e em segundo lugar, o interesse de sir N. Bacon e lady Bacon em fornecer uma base educacional que possibilitasse aos seus filhos as competências ideais para uma futura ocupação de ofícios no governo inglês. Esse interesse, aliás, pode ser considerado como uma forte característica da chamada *gentry* inglesa, uma vez que entre os anos de 1540 e 1640 houve uma movimentação por parte deste grupo em proporcionar a seus herdeiros uma boa educação na universidade ou nas Inns of Court.<sup>83</sup>

Faz-se interessante acrescentar que ambos os ambientes participaram da formação de Francis Bacon, uma vez que após receber uma formação e educação liberal guiada por Whitgift, Bacon foi aceito em 1576 em Gray's Inn juntamente ao seu irmão. É importante considerar que até o falecimento de seu progenitor, em 1579, as ocupações de Bacon relacionavam-se principalmente com seus estudos; apesar disso, não esteve isolado das ocorrências e movimentações políticas ocasionadas ao seu redor. Na verdade, estando no centro da capital, os advogados e estudantes da Gray's Inn estavam em meio às intrigas e aos negócios políticos ocasionados em Londres.

Além disso, as casas dos grandes nobres e funcionários da Coroa eram movimentadas e frequentemente recebiam os estudantes como visitantes.<sup>84</sup> A casa de Leicester estimulava tais visitas, e era marcada pelas figuras de Robert Dudley, o conde de Leicester, e seu sobrinho, sir Philip Sidney, duas figuras partícipes do círculo político e intelectual inglês e do âmbito protestante – o primeiro, para além da aproximação com a rainha Elizabeth e sua presença no conselho privado desta, era também um incentivador da continuidade de uma reforma religiosa na igreja inglesa e um protetor da causa puritana;<sup>85</sup> O segundo, era um cortesão, poeta e correspondente de estudiosos, favorecido pela rainha Elizabeth e outros príncipes, e famoso por sua defesa pela causa protestante dentro e fora da Inglaterra.<sup>86</sup>

Essas aproximações e contatos do primeiro ano de formação em Gray's Inn resultaram na tutela de sir Amias Paulet, embaixador inglês, e a subsequente viagem de Bacon para França em 1576. Não se pode deixar de considerar que as possibilidades de formação e de tutorias por parte de Francis Bacon eram resultados principalmente das condições e posições a

---

<sup>83</sup> FUSSNER, F. Smith. *The Historical Revolution, English historical Writing and Thought 1580-1640*. London: Routledge and Kegan Paul. [1962] 2010. p. 35-36.

<sup>84</sup> MARTIN, Julian. *Op Cit.* 1992. p. 25-26.

<sup>85</sup> Alguns estudos a respeito da influência de Robert Dudley como Patrono das Letras da Inglaterra no período Tudor foram desenvolvidos, sendo este um dos mais conhecidos: ROSENBERG, Eleanor. *Leicester: Patron of Letters*. New York: Columbia University Press. 1955. O impacto de Leicester no âmbito intelectual inglês foi tão significativo que, para além de levar o título supracitado, é marcado pela quantidade significativa de dedicatórias em livros publicados – não ultrapassando apenas a rainha Elizabeth.

<sup>86</sup> *Idem.*

qual sua família estava organizada, uma observação, aliás, que seu próprio biógrafo explicitou – ao apontar as qualificações, de berço e de formação, que facilitaram os acessos comuns à corte e a aproximação dos olhos da rainha Elizabeth I, a qual por vezes o recebeu.<sup>87</sup>

O período de dois anos o qual Bacon esteve na França sob tutela de sir Amias Paulet pode ser concebido como um dos momentos de virada de atitude e de percepção por parte do jovem filósofo, uma vez que pôde testemunhar não apenas os conflitos religiosos vigentes na França, mas vivê-los como um agente político – e isso se deu por algumas razões: a primeira diz respeito à natureza da viagem a qual sir Amias Paulet tinha de realizar, pautadas a partir de dois objetivos: o primeiro deles era o de apaziguar os franceses sobre a contínua detenção de Mary Stuart – que havia sido rainha consorte na França entre os anos de 1559 e 1560; o segundo, por sua vez, dizia respeito à manutenção da comunicabilidade entre a rainha Elizabeth I e as lideranças da causa huguenote.

As circunstâncias político-religiosas em França explodiram após a morte do rei Francisco II – com quem Mary Stuart se casou – em 1559, quando as intrigas e intolerâncias religiosas acentuaram significativamente ao ponto de ocasionar, em 1572, o que ficou conhecido como o massacre da noite de São Bartolomeu. As políticas intolerantes à causa protestante tiveram continuidade por parte de Catarina de Médici e Henrique III, apresentando uma atmosfera insegura e conturbada durante os anos em que sir Amias Paulet e Francis Bacon chegaram à França.

Como apontado por Stewart e Jardine, não havia claras distinções a respeito do exercício diplomático e da atividade de espionagem, parte considerável do trabalho do embaixador acabava por ser feita fora do âmbito oficial. Vale dizer que, para além das atividades desempenhadas por Amias Paulet, Bacon também esteve encarregado de algumas missões – essas majoritariamente associadas à entrega de mensagens à rainha, atuando como um intermediário e facilitador na circulação de informação diplomática para a monarca inglesa e o seu conselho privado.<sup>88</sup> De toda forma, a estadia de Bacon na casa do embaixador inglês na França possibilitou ao jovem uma grande oportunidade para compreensão e acompanhamento dos diferentes movimentos das potências europeias e seus impactos nas relações com outros países.

---

<sup>87</sup> RAWLEY, William. *Op Cit.* p. 40

<sup>88</sup> JARDINE, Lisa; STEWART, Alan. *Hostage of Fortune: The troubled life of Francis Bacon.* New York: Hill and Wang. 1998. p. 44.

Durante esse tempo, pode-se mencionar alguns acontecimentos ocasionados na França: o Édito de 1577 de D. João da Áustria e sua vitória no ano seguinte, em 1578, na batalha de Gembloux; o tratado de assistência mútua entre a Inglaterra e os estados da Holanda; o esforço inglês para compor os problemas dos Países Baixos; as guerras religiosas francesas; as negociações para um casamento entre a rainha Elizabeth I e o duque de Anjou, em 1579; a preparação e desvio accidental de um plano para invadir a Irlanda, sob Sebastião, rei de Portugal, e Thomas Stukley, o fugitivo inglês, apoiado pelo Papa e pelo rei da Espanha. E, estando Bacon entre esses alarmes e grandes perturbações, os negócios da missão à qual estava ligado levaram-no na esteira da Corte por diversas províncias francesas: de Paris a Blois, de Blois à Tours, de Tours à Poitiers – esse último onde ele residiu por três meses. Assim, teve excelentes oportunidades de estudar política externa.<sup>89</sup>

A segunda razão se relaciona com as atividades desempenhadas por Bacon durante sua estadia na França: para além do aspecto formativo e educacional que recebia ao acompanhar sir Amias Paulet em suas atividades oficiais, vivenciando o ambiente da corte francesa, e mantendo-se dentro da formação desejada por seu progenitor; Bacon também ofereceu seus serviços a Thomas Bodley (1545-1613), como um coletor de informações. É importante salientar que não há grandes evidências de que Bacon desenvolveu as atividades de espionagem a princípio oferecidas. Apesar disso, ao vislumbrarmos alguns trechos da correspondência enviada por Bodley para Bacon, pode-se considerar não apenas os modos como as políticas de espionagem tomaram forma na França, mas também como as observações e sugestões oferecidas por Bodley acompanharam Bacon ao longo de sua vida produtiva e intelectual:

Agora, quanto ao mundo, eu o conheço muito bem para persuadi-lo a se envolver nas práticas dele; em vez disso, esteja atento à sua própria guarda, contra tudo que tente levá-lo a isso, ou que possa agir sobre você em sua consciência, reputação ou seu bolso. Resolva que ninguém é sábio ou falso, exceto aquele que é honesto: e deixe esta convicção orientar seus estudos e observações longe das imposturas da época degradada, para fundamentos mais reais de sabedoria, extraídos da história dos tempos passados e do governo do estado presente. Seu guia para isso é o conhecimento do país e das pessoas entre as quais você vive: pois o país, embora você não possa ver todos os lugares, ainda assim, se, enquanto passa, investigar cuidadosamente, e também se ajudar com livros que são escritos sobre a cosmografia dessas regiões, você reunirá suficientemente a força, riquezas, tráfego, portos, navegação, mercadorias, mercado, e as necessidades e desvantagens dos lugares. Nisso também, para o seu bem futuro, e para seus amigos, será adequado observar suas construções, mobiliários,

---

<sup>89</sup> *Letters and Life*. Vol. 1. p. 7.

entretenimentos; toda a sua agricultura, e invenções engenhosas, em tudo o que diz respeito ao prazer ou lucro. Para o seu povo, seu comércio entre eles, enquanto você aprende o idioma deles, irá instruí-lo suficientemente em suas habilidades, disposições e humores, se você expandir um pouco a privacidade de sua própria natureza, para buscar conhecimento com o melhor tipo de estrangeiros, e restringir seus afetos e participação, para seus compatriotas de qualquer condição. Na história da França, você tem um amplo e agradável campo em três linhas de seus reis, para observar suas alianças e sucessões, suas conquistas, suas guerras, especialmente conosco; seus conselhos, seus tratados; e todas as regras e exemplos de experiências e sabedorias, que podem ser luzes e lembranças para você no futuro, para julgar todos os acontecimentos tanto em casa quanto no exterior.<sup>90</sup>

Os conselhos e sugestões oferecidas por Bodley, somado aos acessos possibilitados em virtude da tutela de sir Amias Paulet, serviram a Bacon em suas observações a respeito do ambiente da corte francesa e das ocorrências políticas ali ocasionadas: desde aspectos concernentes às reuniões do rei Henrique III com seus cortesãos, para discutir filosofia moral, poesia e música, até a contemplação das desordens intra-cristãs ocasionadas em seus dois anos e meio na França. Outro trecho de correspondência escrita por Bodley pode apontar as percepções as quais se esperava de um observador inglês no território francês:

[...] para conhecer as consanguinidades, alianças e propriedades de seus príncipes; a proporção entre a nobreza e a magistratura; as constituições de seus tribunais de justiça; o estado de suas leis, tanto para a criação quanto para a execução delas: como a soberania do rei se infunde em todos os atos e ordenanças; quantas maneiras eles impõem taxas e tributações e arrecadam receitas para a Coroa. Quais são as liberdades e servidões de todos os graus; quais disciplinas e preparações para as guerras; que invenções para aumentar o comércio interno, para multiplicar suas mercadorias, incentivar as artes e manufaturas, ou de valor em qualquer tipo. Também qual é o bom estabelecimento, para prevenir as

---

<sup>90</sup> No original: “Now for the world, I know it too well, to persuade you to dive into the practices thereof; rather stand upon your own guard, against all that attempt you thereunto, or may practice upon you in your conscience, reputation, or your purse. Resolve, no man is wise or false, but he that is honest: and let this persuasion turn your studies and observations from the impostures of the debased age, to more real grounds of wisdom, gathered out of the story of times past, and out of the government of the present state. Your guide to this, is the knowledge of the country and the people among whom you live: for the country, though you cannot see all places, yet if, as you pass along, you enquire carefully, and further help yourself with books that are written of the cosmography of those parts, you shall sufficiently gather the strenght, riches, traffic, havens shipping, commodities, vent, and the wants and disadvantages of places. Wherein also, for your good hereafters, and for your friends, it will be fit to note their buildings, furnitures, their entertainments; all their husbandry, and ingenious inventions, in whatsoever concerneth either pleasure or profit. For your people, your traffic among them, while you learn their language, will sufficiently instruct you in their habilities, dispositions, and humours, if you a little enlarge the privacy of your own nature, to seek acquaintance with the best sort of strangers, and restrain your affections and participation, for your own countrymen of whatsoever condition. In the story of France, you have a large and pleasant field in three lines of their kings, to observe their aliances and successions, their conquests, their wars, especially with us; their councils, their treaties; and all rules and examples of experiences and wisdoms, which may be lights and remembrances to you hereafter, to judge of all occurent events both at home and abroad.” BODLEY, Thomas. Thomas Bodley to FB, s.d. *Apud* JARDINE, Lisa; STEWART, Alan. *Op Cit.* 1998. p.49

necessidades e o descontentamento do povo, para cortar processos judiciais e duelos; para suprimir ladrões e todas as desordens.<sup>91</sup>

Ao trazermos tais questões, temos como intuito estabelecer que o período de formação de Francis Bacon na França pode ter possibilitado um novo olhar a respeito dos modos de interpretação e discernimento político e religioso para a Inglaterra – aspectos que poderão ser visualizados em suas futuras publicações, incentivando não apenas uma prática diplomática nas questões do Estado, como também a tolerância religiosa. Tal ideia pode ser apoiada também nas considerações feitas por Robert P. Ellis, que afirmou o impacto dos conflitos franceses na atitude de Bacon em se apoiar nas habilidades diplomáticas para lidar com as questões religiosas e políticas inglesas.<sup>92</sup>

E mesmo na conclusão feita por Lisa Jardine e Alan Stewart a respeito do período de Bacon em França, o qual Bacon recebeu o tipo de formação universitária e jurídica que o capacitaria a se tornar um intermediário útil em negociações internacionais. Ele foi enviado ao exterior para aprender francês e para ver os procedimentos das leis civis na prática, não para se familiarizar com as principais figuras do renascimento europeu. Esse período no exterior pôde proporcionar ao jovem inglês vislumbres do mundo altamente carregado de assuntos religiosos, políticos e cortesãos que não demoraria a ser, também, a sua vivência na Inglaterra, sobretudo nas primeiras décadas do século XVII.<sup>93</sup>

Apesar disso, esse período de experiência e aprendizado foi interrompido bruscamente em 1579, com a morte de sir Nicholas Bacon. Tal acontecimento delimitou um fim não apenas na estadia em França com sir Amias Paulet, mas também a necessidade de retornar à Inglaterra, buscar apoios financeiros com um patrono e dar continuidade à formação na Gray's Inn. William Rawley descreveu que, nesse período, Bacon se dedicou ao estudo da *common law*, ou direito comum, e a assumiu como sua profissão – alcançando grande excelência.<sup>94</sup> Parte dessas movimentações abruptas decorreram dos problemas ocasionados pela herança de seu pai, que faleceu antes de favorecer o seu filho mais novo – de modo que Bacon, sendo o

---

<sup>91</sup> No original: “to know consanguinities, alliances, and estates of their princes; proportion between the nobility and magistracy; the constitution of their courts of justice; the state of their laws, as well for the making, as the execution thereof: how the sovereignty of the king infuseth itself into all acts and ordinances; how many ways they lay impositions and taxations, and gather revenues to the Crown. What be the liberties and servitudes of all degrees; what disciplines and preparations for wars; what invention for increase of traffic at home, for multiplying their commodities, encouraging arts and manufactures, or of worth in any kind. Also what good establishment, to prevent the necessities and discontentment of people, to cut off suits at law, and duels; to suppress thieves, and all disorders.” *Idem*.

<sup>92</sup> ELLIS, Robert P. Francis Bacon, the double-edge life of the philosopher and statesman. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, Inc., Publishers. 2015. p.24-25

<sup>93</sup> STEWART, Alan; JARDINE, Lisa. 1998. p.64

<sup>94</sup> RAWLEY, William. *Op Cit*. p. 38

mais novo de todos os irmãos, recebeu uma pequena quantia que o impossibilitava de dar continuidade a sua vida de estudos.

A presente exposição acerca dos primeiros anos de formação – familiar e educacional em Cambridge – e a viagem diplomática à França partem do interesse em expor as influências e as instruções às quais Bacon esteve submetido desde novo, bem como o lugar de onde a família do filósofo pertencia e com quem dialogava. Tais considerações podem fornecer uma maior compreensão a respeito das influências que Bacon esteve sujeito nos seus primeiros anos como estudante e os impactos dessas nas concepções que posteriormente foram elaboradas. Durante esse período, e até meados da década de 1580, não se encontraram muitos escritos produzidos por Bacon, esses foram ocasionados na década seguinte – e uma parte pode ser marcada pelo interesse na filosofia natural e as preocupações relacionadas à reforma do saber, que pouco se afastaram das questões políticas e religiosas.

Além disso, parte também da razão de explicitar como a inserção de Bacon na sociedade inglesa – e francesa, por dois anos e meio – da segunda metade do século XVI contribuiu aos modos como Bacon se relacionaria com a religiosidade e política ao longo de sua vida. Suas atenções intelectuais, bem como o ciclo o qual manteve ao longo de sua vida, inferem como o filósofo se adequou dentro do âmbito religioso inglês.

O início dos anos de 1580 também marcou um período cuja formação e atuação de Bacon próxima aos trâmites políticos e religiosos ingleses foram iniciados, e seu acesso aos âmbitos de discussões locais. A exemplo, as primeiras movimentações políticas durante a carreira de Bacon estiveram relacionadas com a casa do conde de Leicester, bem como a aproximação do grupo de Philip Sidney – denominado *Areopagus* – e as discussões realizadas entre estes acerca de filosofia moral, de Leis e de Deus.<sup>95</sup>

Para além dos interesses filosóficos e políticos, tal aproximação decorria da necessidade de um patrocínio. Tendo em vista seus anos de formação na França, e os contatos estabelecidos com amigos de Philip Sidney, bem como sua estadia na corte na francesa e as informações sobre a *académie* do rei, Bacon tinha boas razões para esperar que Sidney e o *Areopagus* aceitassem suas notícias, e garantissem também sua aproximação com a casa de

---

<sup>95</sup> MARTIN, Julian. *Op Cit.* 1992. p. 29

Leicester – constituída principalmente de lordes puritanos, figuras as quais lady Anne Bacon encorajou seu filho a buscar seu avanço político.<sup>96</sup>

Em janeiro de 1581, Bacon se apresenta como um membro do parlamento, aliado aos interesses da casa de Leicester e, àquele momento, representava Bossiney, um pequeno município controlado pelo conde de Bedford. Apesar dos poucos ou quase nenhum registro sobre suas atividades nesse momento, podemos presumir que Bacon cumpriu as expectativas de seu patrono, apoiando os clientes do conde e seus amigos da casa de Leicester, e apoiando o programa legislativo anti-católico do grupo puritano. Faz-se interessante reiterar tais questões, pois, ao passo em que tal posicionamento de Bacon pudesse agradar os interesses de sua mãe, lady Anne Bacon, sabe-se que seu falecido pai havia confiado seus dois filhos mais novos aos cuidados de lorde Burghley, ou William Cecil (1520-1598), cujas convicções estavam mais aliadas à Coroa do que necessariamente a um projeto puritano para a Inglaterra. Apesar disso, foi a primeira associação de Bacon com a casa de Leicester que provavelmente resultou em seus primeiros ganhos como advogado nos primeiros anos de 1580.<sup>97</sup>

Em 1584, a rainha solicitou um novo parlamento. Dessa vez, lorde Burghley ofereceu um assento para representar o município de Gatton, em Surrey, porém foi recusado por Bacon que se manteve como representante do município controlado por Bedford e leal à casa de Leicester. Nesse período que vai de 1579 a 1585, Bacon esteve aliado às causas puritanas, produzindo pequenos tratados que o posicionavam fiel às abordagens reformistas e anti-católicas enfatizadas pela causa – dentre estes, podemos mencionar o *A Letter of Advice to the Queen Elizabeth*, de 1584-5.

Ao longo dos anos de 1580, as atitudes religiosas tomadas por Elizabeth em relação ao âmbito puritano foram mais duras, principalmente ao levar em consideração as movimentações ocasionadas por esses com a controvérsia de *Martin Marprelate tracts*, mas também as convicções do novo arcebispo da Cantuária, e ex tutor de Francis Bacon, John Whitgift, em afirmar a disciplina episcopal dentro da igreja inglesa e, sobretudo, suprimir as possibilidades de treinamento do clero puritano e suas atividades de pregação.

Reações sobre tais medidas foram surgindo, sobretudo entre membros do parlamento de convicções puritanas, e foi nesse ínterim que surgiu a então *A Letter of Advice to the*

---

<sup>96</sup> Julian Martin aponta que, após a morte de seu marido, lady Bacon se tornou mais radical em sua religiosidade com o passar dos anos, aumentando o número de clérigos protegidos e patrocinados por ela. MARTIN, Julian. *Op Cit.* 1992. p. 29

<sup>97</sup> *Idem.*

*Queen*, em 1584. A dita carta mantinha dois principais temas: a reiteração de que católicos ingleses eram perigosos e que esse quantitativo e força deveria ser minimizado a todo custo e que a Inglaterra deveria formar uma liga internacional contra a Espanha. No que concerne aos interesses puritanos, pode-se dizer que Bacon se colocou em disputa com seu ex-tutor, Whitgift, criticando o desejo do segundo em minimizar a possibilidade de atuação da pregação puritana.

Para Whitgift, bispo da Cantuária, a continuidade de circulação e pregação de puritanos levaria a igreja inglesa à desordem; para Bacon, a manutenção de uma catequização e pregação diligente por parte dos puritanos atingiria um objetivo maior e mais importante para o reino inglês: a diminuição de figuras católicas e o subsequente afastamento de diferentes congregações católicas no território inglês. Tais argumentos podem ser vistos no trecho a seguir:

Eles [católicos] podem ser enfraquecidos por dois meios, o primeiro dos quais é reduzindo o seu número, o segundo retirando-lhes a força. Seu número será facilmente reduzido pelos meios de pregadores cuidadosos e diligentes em cada paróquia designados para esse fim, e especialmente por bons mestres de escola e educadores da juventude; os primeiros convertendo-os após sua queda, os últimos prevenindo o mesmo. Quanto aos pregadores, porque disso surge uma grande questão, sinto-me instigado a apresentar a Vossa Alteza minha opinião sobre o tipo mais preciso; primeiro protestando a Deus Todo-Poderoso e à Vossa Majestade sagrada que não sou entregue, nem mesmo inclinado, à precisão deles [católicos]; portanto, até que eu pense que vossa excelência pense de outra forma, ousarei pensar que os bispos [John Whitgift principalmente], neste tempo perigoso, estão tomando um curso muito mau e imprudente ao afastá-los de suas curas; e isso por duas causas. Primeiro, porque isso desacredita a reputação e a estima do seu poder, quando outros príncipes perceberem e souberem que mesmo em seus súditos protestantes, em quem todo o seu poder e força consistem, há uma divisão tão grande e aflitiva; e o quanto a reputação pesa nessas e em todas as outras ações mundanas, ninguém é tão simples a ponto de ser ignorante; e os papistas eles mesmos, embora haja discórdias e dissensões mais manifestas e aparentes entre os franciscanos e os dominicanos, os jesuítas e todas as outras ordens de pessoas religiosas, especialmente os beneditinos, ainda assim não se separarão, porque nos pontos principais do catolicismo eles concordam e se mantêm unidos, e assim podem livremente se vangloriar de sua unidade. A outra razão é porque, na verdade, em suas opiniões, embora sejam um pouco excessivamente meticulosos e delicados, e mais escrupulosos do que precisam, ainda assim, com sua catequização cuidadosa e pregação diligente, eles [puritanos] produzem o fruto que Vossa Majestade excelentíssima deseja; ou seja, a redução e diminuição do número papista. Portanto, neste momento, Vossa Majestade graciosa tem uma causa especial para usar e empregar eles, mesmo que seja como Frederico II, aquele excelente imperador, [que] usou e empregou soldados sarracenos contra o Papa, porque ele estava bem seguro e certamente sabia que apenas eles não poupariam Sua

Santidade. E quanto a essas objeções, o que eles fariam quando obtivessem uma autoridade plena e completa na igreja, parece-me que são *inter remota et incerta mala* [males remotos e incertos], e portanto *vicina et certa* [próximos e certos] a serem considerados primeiramente.<sup>98</sup>

A partir desse trecho, pode-se conceber algumas questões a respeito do que se passava na Inglaterra na segunda metade do século XVII, mas também o posicionamento e perspectiva que Bacon, nos primeiros anos de sua vida pública, desenvolveu em relação às questões políticas e religiosas inglesas – perspectiva, aliás, que pode ter sido melhorada a partir da estadia na França anos antes e a consequente observação dos conflitos de Estado e fé vigentes ali.

Tendo em vista que tal carta foi escrita entre 1584 e 1585, os problemas mencionados por Bacon se referem a algumas questões: o evidente problema da União das Coroas entre Espanha e Portugal, com o subsequente crescimento de poderio naval espanhol; a chegada de missionários jesuítas em partes da Inglaterra, sobretudo ao norte, para apoio e evangelização de ingleses católicos; e a tentativa de Francis Throckmorton e William Parry de assassinar a rainha Elizabeth I e possibilitar a ascensão da rainha escocesa Mary Stuart – e a restauração católica na Inglaterra.

O que se pode perceber, e o que evidencia Bacon, é que os problemas principais para a Inglaterra naquele momento estavam relacionados especialmente aos católicos ingleses remanescentes e à potência católica espanhola. Nesse sentido, as soluções para diminuição de

---

<sup>98</sup> No original: “Weakened they may be by two means, the first whereof is by lessening their number, the second by taking away from them their force. Their number will easily be lessened by the means of careful and diligent preachers in each parish to that end appointed, and especially by good schoolmasters and bringers up of their youth ; the former by converting them after their fall, the later by preventing the same. For preachers, because thereon grows a great question, I am provoked to lay at your Highness' feet my opinion touching the preciser sort ; first protesting to God Almighty and your sacred Majesty that I am not given over, no nor so much as addicted, to their preciseness ; therefore till I think that you think otherwise, I am bold to think that the bishops in this dangerous time take a very evil and unadvised course in driving them from their cures ; and that for two causes. First because it doth discredit the reputation and estimation of your power, when other princes shall perceive and know, that even in your Protestant subjects, in whom all your force and strength and power consisteth, there is so great and hear burning a division; and how much reputation swayeth in these and all other worldly actions there is nobody so simple as to be ignorant; and the Papists themselves, though there be most manifest and apparent discords and dissensions between the Franciscans and the Dominicans, the Jesuits and all other orders of religious persons, especially the Benedictines, yet will they shake off neither, because in the main points of Popery they agree and hold together, and so may they freely brag and vaunt them of their unity. The other reason is, because in truth, in their opinions though they are somewhat over-squeamish and nice, and more scrupulous than they need, yet with their careful catechizing and diligent preaching they bring forth that fruit which your most excellent Majesty is to wish and desire ; namely, the lessening and diminishing of the Papistical number. And therefore in this time your gracious Majesty hath especial cause to use and employ them, if it were but as Frederick II., that excellent Emperor, did use and employ Saracen soldiers against the Pope, because he was well assured and certainly knew that they only would not spare his Sanctity. And for those objections, what they would do when they gat once a full and entire authority in the Church, me thinks [they] are *inter remota et incerta mala* and therefore *vicina et certa* to be first considered.” *Letters and Life*. Vol 1. p.49-50

números e força de católicos na Inglaterra se daria a partir de duas vias: no que concerne a externa, com a formação de uma liga internacional de países protestantes contra a Espanha – como já mencionado; e sobre o âmbito interno, mencionado sobretudo no trecho acima, a partir de uma manutenção da educação e da evangelização protestante, por meio das paróquias, mas não apenas dessas.

Bacon ressalta, nesse sentido, a importância dos pregadores puritanos nesse momento, e aponta a imprudência em persegui-los, pois estes colaboram para a crescente conversão de protestantes no território inglês. Além disso, tal perseguição acaba por enfraquecer a imagem da Inglaterra para outras potências – tendo em vista que essa estaria perseguindo súditos que compõem a força e o poder inglês. A ideia de uma convivência pacífica e cautelosa acaba por ser evidenciada no argumento a respeito da tolerância entre diferentes congregações católicas que, apesar de divergentes em seus respectivos pontos de vista, estão unidas sob os pontos centrais do catolicismo – Bacon incitaria o mesmo em relação a igreja inglesa e aos puritanos.

Tal carta escrita por Bacon acabou por fazer parte da campanha do parlamento de 1584-1585, principalmente entre os líderes políticos puritanos, que faziam do enfraquecimento dos católicos na Inglaterra como uma de suas principais agendas. Apesar disso, a rainha Elizabeth I rejeitou as petições parlamentares sobre religião e manteve-se apoiadora das políticas religiosas determinadas pelo arcebispo John Whitgift – que deu continuidade às demandas por uma estrita conformidade à igreja inglesa, bem como na estrutura episcopal dessa.

As possibilidades de consenso entre os reformistas se tornaram mais esparsas e radicalizadas, e o posicionamento de Bacon ao lado dos puritanos o distanciava consequentemente de benefícios profissionais na Coroa; e, tendo em vista o interesse por parte de Bacon em ascender na carreira política, o afastamento se tornou evidente – associando-se no ano seguinte, a exemplo, ao assento no parlamento oferecido pelo bispo de Winchester, Thomas Cooper, a quem tinha um posicionamento mais conservador e conformista, além de ser um amigo próximo de Francis Walsingham, a quem Bacon posteriormente estabeleceu contato.

Nesse sentido, Francis Bacon iniciou sua carreira pública ao lado de grupos puritanos, ainda que posteriormente tenha estabelecido um posicionamento moderado, priorizando as políticas da Coroa – e aproximando-se de Francis Walsingham (1532-1590) e de sua rede de informações. Martin ressalta que foi durante os anos que esteve sob a proteção de Francis

Walsingham que Bacon obteve o seu primeiro emprego oficial, a investigação de católicos ingleses. Foram anos de serviço reunindo informações domésticas sobre jesuítas, padres seminaristas, seus cúmplices e seus complôs. O autor ressaltou que o treinamento jurídico de Bacon, e considerando também as habilidades adquiridas durante sua formação mais jovem na França, o tornou um assistente valioso para Walsingham.

Tal momento em que Bacon inicia sua vida pública é digna de uma atenção especial, pois nos pareceu o período fortuito para estimular os interesses pelas questões da igreja e do Estado que estiveram tão latentes desde sua infância, mas também fortalecido e encorajado durante sua estadia na França com sir Amias Paulet. O envolvimento com Walsingham contribuiu nas relações de Bacon com os demais membros em serviço da rainha, mas também na sua aproximação com as questões latentes no governo – seus esforços durante esses anos renderam seu reconhecimento e sua reversão, ou direito de nomear ou de ser nomeado, ao *the Clerkship of the Council of State*, ou o *Clerkship of the Privy Council Star Chamber*.

Na *Vida* escrita por William Rawley, o autor aponta que esse foi o momento que Bacon mais se aproximou de uma promoção em sua carreira no período da rainha Elizabeth I – mas que na verdade nunca veio à tona, pelo menos não até a ascensão do rei Stuart, James I. Tal aspecto pode ser evidenciado na seguinte passagem:

Não obstante, embora ela o animasse muito com a generosidade de seu semblante, nunca o animou com a generosidade de sua mão; nunca lhe conferindo qualquer cargo ou meio ordinário de honra ou lucro, exceto uma reversão ao Register's Office in the Star Chamber, que valia cerca de 1600 libras por ano, pela qual ele esperou em expectativa por quase vinte anos; e sobre a qual sua senhoria diria que «no tempo da rainha Elizabeth, era como ver o terreno de outro homem encostado em sua casa, o que poderia melhorar sua vista, mas não encheria seu celeiro.»<sup>99</sup>

No que concerne ao âmbito do conhecimento, o final da década de 1580 marca o momento cujas preocupações a respeito do saber e da política passaram a surgir dentro do pensamento de Francis Bacon: para ele, as questões do conhecimento constituem as preocupações de um estadista, e uma filosofia natural adequadamente reformada e organizada poderia transformar a sociedade inglesa.<sup>100</sup>

---

<sup>99</sup> No original: “Nevertheless, though she cheered him much with the bounty of her countenance, yet she never cheered him with the bounty of her hand; having never conferred upon him any ordinary place or means of honour or profit, save only one dry reversion of the Register's Office in the Star Chamber, worth about 1600*l.* per annum for which he waited in expectation either fully or near twenty years; of which his lordship would say in Queen Elizabeth's time, ‘that it was like another man's ground buttalling upon his house which might mend his prospect but it did not fill his barn...’”RAWLEY, William. *Op Cit.* p. 40-1

<sup>100</sup> MARTIN, Julian. *Op Cit.* 1992. p.45

Tal percepção corresponderia à crescente dedicação de Bacon ao longo de sua vida para a construção do que seria a sua *Instauratio Magna* e a formulação de sua ideia de reforma filosófica que, aliás, teve início – ainda que através de esboços – nesse período. Em carta destinada a William Cecil, lorde Burghley, Bacon reassegura seus interesses intelectuais já em 1592:

Por fim, confesso que tenho objetivos contemplativos tão vastos quanto tenho objetivos civis moderados: pois tomei todo o conhecimento como minha província; e **se eu pudesse purgá-la de dois tipos de desordeiros, dos quais um com disputas frívolas, confutação e verbosidades, o outro com experimentos cegos e tradições auriculares e imposturas**, que cometeram tantos estragos, espero trazer observações industriosas, conclusões fundamentadas e invenções e descobertas proveitosas; o melhor estado desta província. Isso, seja curiosidade, vaidade ou natureza, ou (se alguém interpretar favoravelmente) filantropia, está tão fixo em minha mente que não pode ser removido.<sup>101</sup>

É interessante perceber como tais inquietações a respeito do atual estado do conhecimento, para Bacon, foram descritos como latentes desde sua juventude – tal ideia pôde ser vista na passagem de William Rawley, já mencionada, sobre a formação de Bacon no Trinity College e suas reticências a respeito da filosofia de Aristóteles. A ausência de comentários e produções a respeito desse tema, no entanto, estiveram ausentes durante os anos de 1579 até 1590. Consideramos a causa disso os problemas financeiros adquiridos por Bacon após o falecimento de seu pai, Nicholas Bacon, e a necessidade deste em finalizar sua formação e se estabelecer em uma carreira. Tais aspectos foram parcialmente resolvidos com a aproximação com Walsingham e outros membros da Coroa e conselho privado, inclusive seu tio William Cecil, ou lorde Burghley.

Markku Peltonen marca as duas últimas décadas do século XVI como os anos formativos e de gestação do pensamento filosófico de Francis Bacon, e nesse mesmo período marca o afastamento deste com as concepções religiosas puritanas.<sup>102</sup> Principalmente ao levarmos em consideração que os ideais puritanos estavam cada vez mais se distanciando dos

---

<sup>101</sup> No original: “Lastly, I confess that I have as vast contemplative ends, as I have moderate civil ends: for I have taken all knowledge to be my province; and if I could purge it of two sorts of rovers, whereof the one with frivolous disputations, confutations, and verbosities, the other with blind experiments and auricular traditions and impostures, hath committed so many spoils, I hope I should bring in industrious observations, grounded conclusions, and profitable inventions and discoveries; the best state of that province. This, whether it be curiosity, or vain glory, or nature, or (if one take it favourably) philanthropia, is so fixed in my mind as it cannot be removed.” Grifo Nosso: Bacon traz comentários aos filósofos gregos – e nesse sentido, principalmente Aristóteles – por proporcionar uma filosofia que não promove maiores resultados ao homem; e também, uma crítica às ditas imposturas dos alquimistas. Tais figuras foram alvos das críticas baconianas ao longo de suas produções. **In:** WFB. Vol. VIII. p.108-109.

<sup>102</sup> PELTONEN, Markku. Introduction. **In:** The Cambridge Companion to Francis Bacon. Cambridge: Cambridge University Press. 1996. p.4.

posicionamentos levantados pelo arcebispo da Cantuária e, conseqüentemente, pela Coroa inglesa – que manteve seu apoio às movimentações de Whitgift.

A experiência vivenciada na França, mas também as ocorrências inglesas no que concerne os embates religiosos e diplomáticos certamente contribuiu no pensamento e produção de Francis Bacon – a quem estimulou por vezes uma ideia de tolerância religiosa entre os protestantes, evidente não apenas em um dos seus primeiros escritos, *Advertisement Touching the Controversies of the Church of England* (1589), mas também em uma de suas últimas produções escritas, *New Atlantis* (1627) – e nesse caso, publicada postumamente.

Na *Vida* escrita por William Rawley sobre Francis Bacon, pode-se perceber que dados temas são deixados de lado – a exemplo, a relação desenvolvida entre o filósofo com o conde de Essex, Robert Devereux (1565-1601). Do mesmo modo o faremos, não por sua ausência de importância no que concerne Francis Bacon, mas por se tratar de um momento que, por si só, renderia uma longa e própria abordagem. Ainda assim, vale apontar que a tentativa de rebelião provocada pelo conde de Essex colocou Bacon em prova com a rainha Elizabeth I, e a confirmação de sua lealdade fora a de participação do julgamento contra Robert Devereux – bem como a posterior publicação, em 1601, *A declaration of the practices and treasons attempted and committed by Robert, late Earl of Essex, and his complices against her Majesty and her Kingdoms, etc.*<sup>103</sup>, solicitada pela própria rainha.

Apesar disso, e como já apontado por William Rawley, nenhuma possibilidade de ascensão na carreira foi vislumbrada por Bacon. A última década do século XVI foi marcada pelo patrocínio do conde de Essex com Francis Bacon, o seu retorno aos estudos da natureza e a sua publicação dos *Essays*, em 1597; e posteriormente, seus afastamentos com o dito conde que resultam, em 1601, no julgamento e condenação desse. A fortuna de Bacon mudaria a partir da ascensão de uma nova dinastia na Inglaterra, com James Stuart se tornando o rei James I; Rawley menciona na seguinte passagem:

Mas embora ele tenha permanecido por um longo tempo na mesma posição nos dias de sua senhora, a rainha Elizabeth, após a mudança e a chegada de seu novo mestre, o rei James, ele fez grande progresso; por quem foi muito confortado em lugares de confiança, honra e renda. Eu vi uma carta de sua senhoria para o rei James, na

---

<sup>103</sup> Título completo: *A declaration of the practices and treasons attempted and committed by Robert late Earl of Essex and his complices, againts her Majesty and her Kingdoms, and of the proceedings as well at the arraigments and convictions of the said late earl, and his adherents, as after: together with the very confessions and other parts of the evidences themselves, word for word takem out the originals.* Imprinted at London by Robert Barker, printer to the Queen's most excellent majesty. Anno. 1601.

qual ele reconhece que ele foi o mestre que o elevou e o promoveu nove vezes; três vezes em dignidade e seis vezes em cargo. Seus cargos (como concebo) foram Conselheiro Jurídico Extraordinário de Sua Majestade, como ele havia sido para a rainha Elizabeth; Procurador-Geral do Rei; Conselheiro de Estado, ainda sendo apenas Procurador; Lorde Guardião do Grande Selo da Inglaterra; e, por fim, Lorde Chanceler; esses dois últimos cargos, embora sejam os mesmos em autoridade e poder, diferem em patente, altura e favor do príncipe; desde cujo tempo, nenhum de seus sucessores, até o presente honorável lorde, jamais teve o título de Lorde Chanceler. Suas dignidades foram primeiro Cavaleiro, depois Barão de Verulam; e, por fim, Visconde de St. Alban; além de outros bons presentes e generosidades da mão que Sua Majestade lhe deu...<sup>104</sup>

O reinado de James I viveu as turbulências político-religiosas vigentes desde o século anterior. As questões referentes à união dos reinos da Inglaterra e da Escócia, bem como as questões entre católicos, puritanos e a igreja oficial inglesa, estiveram presentes na vivência política de Francis Bacon – que esteve associado aos posicionamentos e às decisões tomadas pelo rei e pela igreja oficial, como seu progenitor o fez anteriormente. As dificuldades de conciliação entre a união dos reinos da Inglaterra e da Escócia, somado às polêmicas religiosas tanto externas à Inglaterra quanto internas, resultaram nas duas produções de 1603: *A brief discourse touching the happy union of the kingdoms of England and Scotland* e *Certain consideration touching the better pacification and edification of the Church of England*, ambas dedicadas ao rei.

Além disso, a questão do Parlamento e da Coroa foi outro ponto de tensão durante o primeiro reinado Stuart e que envolveu a ação de Francis Bacon. Na biografia feita por lorde Thomas Macaulay, em 1873, o autor estimulou uma visão de Francis Bacon como um lacai de James I cuja atitude absolutista ia em desencontro com a manutenção do constitucionalismo inglês e, conseqüentemente, de um Parlamento atuante.<sup>105</sup> Tal perspectiva se manteve até recentemente, quando autores como Epstein e Christopher Hill destacaram a influência positiva de Bacon em suas relações com o Parlamento inglês.<sup>106</sup> Na verdade,

<sup>104</sup> No original: “But though he stood long at a stay in the days of his mistress Queen Elizabeth, yet after the change, and coming in of his new master King James, he made a great progress; by whom he was much comforted in places of trust, honour, and revenue. I have seen a letter of his lordship's to King James, wherein he makes acknowledgment, ‘That he was that master to him, that had raised and advanced him nine times; thrice in dignity and six times in office.’ His offices (as I conceive) were Counsel Learned Extraordinary to His Majesty, as he had been to Queen Elizabeth; King's Solicitor General; His Majesty's Attorney General; Counsellor of Estate, being yet but Attorney; Lord-Keeper of the Great Seal of England; lastly, Lord Chancellor; which two last places, though they be the same in authority and power, yet they differ in patent, height, and favour of the prince; since whose time none of his successors, until this present honourable lord, did ever bear the title of Lord Chancellor. His dignities were first Knight, then Baron of Verulam; lastly, Viscount St. Alban; besides other good gifts and bounties of the hand which His Majesty gave him...” RAWLEY, William. *Op Cit.* p. 41-42.

<sup>105</sup> EPSTEIN, Joel J. Francis Bacon: Mediator in the Parliament of 1604. 1968. pp. 219-220.

<sup>106</sup> EPSTEIN, Joel J. *Op Cit.* 1968; HILL, Christopher. *Op Cit.* 1992.

durante a sua atuação no período Stuart, sobretudo no reinado de James I, Bacon se manteve como conciliador entre os interesses do monarca e a liberdade do Parlamento – embora priorizando a prerrogativa da Coroa.

Alguns estudiosos de Bacon, como Perez Zagorin e Robert Ellis, costumam referir-se à vida dupla de Francis Bacon, cujo tempo se dividia entre o exercício político e o exercício filosófico, como se tais facetas da figura estudada estivessem separadas uma da outra.<sup>107</sup> No entanto, consideramos que essas são complementares e visavam uma aplicação prática. Tal perspectiva pode ser percebida principalmente durante o período de vivência e atuação política e filosófica de Francis Bacon no reinado de James I, momento cujo crescimento político possibilitou, também, uma maior dedicação às escritas científicas, políticas, ensaísticas e históricas. Na verdade, foi durante o período Stuart que a maioria das produções de cunho científico foram realizadas por Bacon, embora a grande maioria dessas não tenha sido publicada durante a vida do autor.

No *De interpretatione naturae proemium* (c. 1603)<sup>108</sup>, que delineou o projeto de renovação do saber baconiano, podemos destacar como a carreira política do filósofo estava associada, também, à investigação e avanço do conhecimento:

Acreditando que nasci para o serviço da humanidade, e considerando o cuidado com a comunidade como uma espécie de propriedade comum, que, como o ar e a água, pertence a todos, decidi refletir sobre como a humanidade poderia ser melhor servida e qual serviço eu estava mais apto, por natureza, a realizar. [...] No entanto, por causa do meu nascimento e educação que me haviam temperado nos negócios de estado; e porque as opiniões (tão jovem como eu era) às vezes me faziam vacilar; e porque eu pensava que o próprio país de um homem tem algumas reivindicações especiais sobre ele mais do que o resto do mundo; e porque eu esperava que, se eu ascendesse a qualquer posição de honra no estado, teria um maior domínio de indústria e habilidade para me ajudar no meu trabalho; – por essas razões, apliquei-me a adquirir as artes da vida civil e recomendei meu serviço, tanto quanto a modéstia e a honestidade permitiam, ao favor de amigos que tivessem alguma influência. Também tive outro motivo: senti que as coisas de que falei – sejam elas grandes ou pequenas – não vão além da condição e cultura desta vida mortal; e eu não estava sem esperança (a condição da religião na época não sendo muito próspera) de que, se eu chegasse a ocupar um cargo no estado, poderia também realizar algo para o bem das almas dos homens.<sup>109</sup>

<sup>107</sup> ZAGORIN, Perez. Francis Bacon. Princeton, New Jersey: Princeton University Press. 1998; ELLIS, Robert. The double-edged Life of the Philosopher and Statesman. North Carolina: McFarland & Company, Inc. 2015.

<sup>108</sup> Não há um consenso a respeito do ano exato cuja produção foi realizada, consideramos o ano apontado por James Spedding em *Letters and Life*. Vol. 3. 1868.

<sup>109</sup> No original: “Believing that I was bom for the service of mankind and regarding the care of the commonwealth as a kind of common property which like the air and the water belongs to everybody, I set myself

Nessa passagem quase que auto biográfica, tem-se o argumento do crescimento político como forma de melhor favorecer o avanço do conhecimento, possibilitando maiores ações e um contato com o monarca para o fomento de tais projetos – disso resulta o empenho em cativar o interesse de James I, considerado um rei culto, e que poderia ser um grande incentivador das ideias de renovação fomentadas por Bacon.<sup>110</sup> Faz-se interessante considerar como desde a escrita de *De Interpretatione naturae proemium*, Bacon deu continuidade a tais investigações filosóficas e se dedicou na produção de obras que apresentassem e convencessem o rei a respeito de seu projeto de reforma da filosofia natural – disso culminaria, portanto, as publicações de obras como *The Advancement of Learning* (1605), *Novum Organum* (1620), *Sylva Sylvarum* (1626) dentre as quais foram dedicadas aos monarcas Stuarts, as duas primeiras para James I e a última, para Charles I.<sup>111</sup>

A prerrogativa estabelecida por Bacon acerca do conhecimento e da política contribuiu para tais escritos e tais publicações. A primeira delas, *The Advancement of Learning*, compõe uma importante base para sua futura proposta de renovação do conhecimento, a *Instauratio Magna*, de 1620. Publicada em 1605, procurou definir a divisão e a classificação do conhecimento e possibilitou uma trégua entre as questões da investigação científica e a religiosidade – ao colocar que a busca pelo saber não entrava em conflito com a teologia e que, na verdade, era uma atitude virtuosa. Tais questões foram positivamente recebidas entre os puritanos e pôde, por consequência, estimular o andamento da investigação científica na Inglaterra.<sup>112</sup>

Parte das construções filosóficas realizadas por Bacon foram feitas durante a sua vivência política ao longo do reinado de James I, dentre as quais já mencionamos o *The Advancement of Learning* e o *Novum Organum* – essas duas obras, aliás, apresentando os

---

to consider in what way mankind might be best served and what service I was myself best fitted by nature to perform. [...] Nevertheless, because my birth and education had seasoned in business of state; and because opinions (so young as I was) would sometimes stagger me; and because I thought that a man's own country has some special claims upon him more than he rest of the world; and because I hoped that, if I rose to any lace of honour in the state, I should have a larger command of industry and ability to help me in my work; for these reasons both applied myself to acquire the arts of civil life, and commended my service, so far as in modesty and honesty I might, the favour of such friends as had any influence. In which also I had another motive: for I felt that those things I have spoken of — be they great or small — reach no further than the condition and culture of this mortal life; and I was not without hope (the condition of Religion being at that time not very properous) that if I came to hold office in the state, I might get something done too for the good of men's souls.” *Letters and Life*. Vol. 3. p. 84-85.

<sup>110</sup> FARRINGTON, Benjamin. *Op Cit.* 1950. p. 66

<sup>111</sup> Vale considerar que nos referimos estritamente às obras filosóficas publicadas até o ano de sua morte, pois há uma vasta produção de textos filosóficos e científicos não-publicados em vida. Do mesmo modo, há produções ensaísticas, políticas e históricas realizadas pelo filósofo inglês, algumas destas também sendo dedicadas ao monarca vigente.

<sup>112</sup> HILL, Christopher. *Op Cit.* 1992. p. 120.

primeiros passos para a sua dita reforma do conhecimento humano e sendo uma das mais conhecidas do autor. Outras obras como *Scala Intellectus sive Filum Labyrinthi* (c. 1602), *Prodromi sive Anticipationes Philosophiae Secundae* (c. 1613), *New Atlantis* (c. 1624, publicado postumamente em 1627) são obras consideradas para as outras etapas da Grande Instauração baconiana – apresentando considerações acerca da Escada do Intelecto, no intuito de oferecer exemplos de aplicação de seu método; as antecipações da nova filosofia, apresentando suas próprias descobertas ao seu modo de raciocinar; e por fim, a ciência ativa, a qual registrava os resultados cuja humanidade adquiriria com a instituição de seu método, respectivamente.<sup>113</sup>

Os últimos anos da vida de Bacon foram marcados por sua saída do cargo de Lorde Chanceler e, conseqüentemente, da direta atuação política inglesa – bem como do âmbito da corte – uma vez que foi acusado de aceitar presentes e subornos de processos que ainda estavam em andamento. Estando afastado das demandas de seu antigo cargo, Bacon pôde se dedicar à escrita, tendo sido este o seu período de maior produção. Parte desses escritos foram dedicados ao rei na tentativa de reaver seu antigo cargo, ou garantir um retorno como conselheiro – o que não ocorreu mais. Uma outra parte, manteve-se guardada e não publicada imediatamente, sendo algumas revistas por seu biógrafo e assistente, William Rawley, e posteriormente publicadas.

Bacon faleceu em 1626 com complicações respiratórias, pois dias antes esteve detido em um experimento – considerava que o frio poderia conservar a carne tanto quanto o sal. Assim, realizou o experimento ao comprar uma galinha, matá-la e enchê-la de gelo, enterrando-a sob a neve por fim. O intuito inicial era de retornar dias depois, no entanto, em razão da exposição ao frio, adoeceu e logo faleceu em virtude do progresso forte e rápido da doença. Considera-se que este experimento fez parte de um dos seus estudos sobre longevidade.<sup>114</sup> Bacon foi enterrado na igreja de *St. Michel* em *St. Alban*, como desejado por esse em seu testamento, por ser o mesmo local o qual sua mãe, lady Anne Bacon, estava enterrada.<sup>115</sup>

Embora existam relatos e produções frequentes sobre as relações que Francis Bacon estabeleceu entre os grandes membros atuantes da política inglesa do século XVI e XVII, é importante ressaltar também as relações estabelecidas entre Bacon e figuras as quais, embora

---

<sup>113</sup> MENNA, Hugo Sergio. *Op Cit.* 2011. p.47.

<sup>114</sup> *Ibidem.* p.41

<sup>115</sup> RAWLEY, William. *Op Cit.* pp. 56-57.

não necessariamente atuantes como membros do conselho privado ou de movimentações políticas no reinado inglês, estiveram atuantes no âmbito intelectual inglês daquele momento. Suas considerações e influências corroboram, também, em uma melhor compreensão de atitudes e percepções tomadas por Francis Bacon tanto no âmbito político e profissional, como também em suas construções intelectuais e filosóficas.

As afinidades de Bacon em suas investigações sobre filosofia natural, o aproximou também de estudos teológicos relacionados à patrística e de figuras associadas ao âmbito letrado inglês que, de suas respectivas formas, atentaram-se igualmente a tais investigações teológicas. Uma das figuras as quais consideramos mais relevantes em tais discussões associadas a Francis Bacon, e também na contribuição da filosofia natural deste, é a de Lancelot Andrewes (1555-1626) – figura a qual, para além da ocupação de bispo na igreja inglesa Tudor e Stuart, esteve a par e supervisionou a tradução da Bíblia de James I, publicada em 1611.

Parte do grupo de letrados a qual Bacon esteve associado contribuiu na construção do que posteriormente foi o seu projeto da Grande Instauração; nesse sentido, faz-se interessante conceber quais eram essas figuras letradas, suas ocupações e influências nas relações intelectuais com Francis Bacon dentro do contexto da Inglaterra do século XVII.

## **1.2. O círculo letrado de Francis Bacon**

A lista de correspondentes de Francis Bacon se mostrou considerável, tendo em vista as relações que este estabelece à medida que buscava ascender em títulos e cargos – o que, aliás, aconteceu principalmente a partir da ascensão da dinastia Stuart na Inglaterra.<sup>116</sup> Apesar disso, foram poucas as figuras as quais tiveram contato com as produções que Bacon passou a desenvolver desde a última década do século XVI e nos primeiros anos do século XVII, parte disso se deu pela cautela nas discussões sobre ciência e religiosidade, mas também pelo teor político cujas ideias de reforma da natureza se revelavam nas escritas de Bacon.

O bom posicionamento político também era um facilitador para a manutenção de relações as quais poderiam possibilitar a execução de seus futuros planos de reforma. Autores como Neustadt, Martin e Peltonen apontaram que muitas das produções realizadas por Bacon ao longo sua vida estiveram mais associadas a um âmbito e contexto político do que

---

<sup>116</sup> Quando James I ascendeu ao trono inglês, Bacon progressivamente garantiu melhores cargos: King's Solicitor General, em 1607; King's Attorney-General, em 1613, e Counsellor of State; Lord Keeper of the Great Seal, em 1617; Lord Chancellor, em 1618. **In:** RAWLEY, William. *Op Cit.* p. 41-2.

necessariamente científico ou filosófico, e isso se deu pela necessidade de angariar patrocínios que seriam potencialmente encontrados no ambiente da corte.<sup>117</sup> Além disso, e a exemplo, James I foi a figura do monarca a qual Bacon visualizou o apoio aos seus projetos políticos a respeito do conhecimento, em razão de seus interesses eruditos e filosóficos, como apontado por Hill:

Bacon esforçou-se desesperadamente para obter o apoio real para seus projetos científicos, os quais, disse ele ao rei James sem (nesse caso) qualquer espírito de adulação, ‘podem representar para esta obra [Novum Organum] um avanço de quase um século no tempo, pois estou convencido de que a obra será aceita pelos homens em algumas gerações; ao agraciá-la com seu favor, porém, este tempo pode ser sensivelmente reduzido.’<sup>118</sup>

E na verdade, em suas primeiras listagens sobre possíveis defensores de seu projeto, por volta de 1608, poucos destes estavam associados a cargos políticos superiores.<sup>119</sup> Ainda assim, durante o início das suas produções filosóficas e nos primeiros anos do século XVII, Bacon manteve-se em cautela com sua escrita – expondo essa a poucas figuras do seu círculo de confiança.

Uma consideração interessante a respeito desse círculo de confiança – e intelectual – de Bacon é a ausência de figuras puritanas. Na verdade, Thomas Bodley esteve associado ao grupo de Bacon, no entanto, após a recepção de alguns de seus escritos, estes romperam o contato – aspecto que será desenvolvido mais a frente, mas que já adianta as percepções sobre como os primeiros escritos de Bacon foi recebido por figuras puritanas do início do século XVII; um prisma interessante, ao levarmos em consideração que, ao longo desse mesmo século, e principalmente a partir de sua segunda metade, as produções de Bacon foram bem recepcionadas pelo mesmo âmbito religioso.<sup>120</sup>

Dentre as figuras que acompanharam as produções de Bacon de maneira próxima, pode-se mencionar Lancelot Andrewes (1555-1626), Tobie Matthew (1577-1655), William Rawley (1588-1667) que posteriormente se tornou o seu assistente, Henry Wotton (1568-1639), John Selden (1584-1654), George Herbert (1593-1633) e Thomas Hobbes (1588-1679). Em contrapartida, os dois correspondentes mais próximos do filósofo eram Lancelot Andrewes (1555-1626) e Tobie Matthew (1577-1655): o primeiro sendo um clérigo

<sup>117</sup> NEUSTADT, Mark S. *The Making of the Instauration: Science, Politics, and Law in the Career of Francis Bacon*. Baltimore, USA: John Hopkins University. 1987; MARTIN, Julian. *Op Cit.* 1992; PELTONEN, Markku. *Op Cit.* 1996.

<sup>118</sup> HILL, Christopher. *Op Cit.* 1992. p.136

<sup>119</sup> *Idem.*

<sup>120</sup> HILL, Christopher. *Op Cit.* 1992.

conformista e associado, posteriormente, como um dos precursores do laudianismo – um movimento de reforma ocasionado no século XVII entre membros da igreja oficial inglesa, sobretudo entre clérigos desta; o segundo, por sua vez, um membro do parlamento e cortesão que se converteu para o catolicismo.<sup>121</sup>

Tanto Andrewes quanto Matthew estabeleceram relações com Bacon em fins do século XVI, sendo os principais correspondentes no que concerne ao estudo teológico. Nas próximas páginas, dedicamo-nos à exposição dessas figuras e suas respectivas relações com Francis Bacon, evidenciando os debates os quais o filósofo inglês estava se envolvendo à medida que produzia sua filosofia natural e as influências as quais este acabou se aproveitando para o que posteriormente formará a sua classificação do conhecimento humano e divino.

### 1.2.1. Da Amizade:<sup>122</sup> Tobie Matthew (1577-1655)

Tobbie Matthew foi, juntamente a Lancelot Andrewes, uma das figuras mais próximas de Bacon e um dos seus correspondentes mais antigos também – estima-se que se conheceram por volta de 1601, quando Matthew chegou em Londres como membro do Parlamento por Newport, na Cornualha.<sup>123</sup> Um dos aspectos mais interessantes no que concerne a relação entre Tobie Matthew e Francis Bacon diz respeito às divergentes posições a respeito da fé pessoal: embora o primeiro tenha nascido em família protestante, filho de um clérigo inglês, converteu-se ao catolicismo durante os primeiros anos do século XVII.

De acordo com Spedding, Matthew havia deixado a Inglaterra em 1605 para uma viagem à Itália, e em seu retorno, em 1607, já era um convertido à fé romana.<sup>124</sup> Tendo se tornando um recusante, ao não fazer o juramento de fidelidade ao rei James I, chegou a ser preso e posteriormente, no ano seguinte, exilou-se no continente. Em carta feita por Bacon, evidencia-se a preocupação a respeito da conversão de Tobie Matthew e também, as suas percepções a respeito da religiosidade católica romana:

Sr. Matthew,  
 Não pense que me esqueci de você ou que mudei em relação a você. Mas, se eu dissesse que poderia lhe fazer algum bem, estaria exagerando sobre o meu poder. Ouço algo que me deixa muito triste; que você está se tornando mais impaciente e ocupado do que no início, o que me faz temer imensamente o desfecho disso que

<sup>121</sup> MATTHEWS, Steven. *Op Cit.* 2008.

<sup>122</sup> BACON, Francis. *Ensaíos.* São Paulo: Edipro. 2015. pp.89-95

<sup>123</sup> *Ibidem.* p. 119

<sup>124</sup> *Letters and Life.* Vol. IV. p.8

parece não estar em um ponto estável. Eu mesmo não tenho dúvida de que você foi miseravelmente enganado quando foi inicialmente seduzido; mas aquilo que eu vejo com compaixão, outros podem ver com severidade. Rezo a Deus, que nos entende melhor do que entendemos uns aos outros, que ele o contenha (assim como espero que ele fará) pelo menos dentro dos limites da lealdade a Sua Majestade, e da piedade natural para com seu país. E peço muito a você que, às vezes, medite sobre os efeitos extremos da superstição nesta última Conspiração da Pólvora; digna de ser registrada e retratada nos quartos de meditação, como outro inferno acima do solo: e justificando bem a censura dos pagãos, de que a superstição é muito pior do que o ateísmo; pois é menos mal não ter nenhuma opinião sobre Deus do que ter uma que seja ímpia em relação à sua divina majestade e bondade. Meu bom Sr. Matthew, recue desses caminhos de perdição.<sup>125</sup>

Nessa correspondência, evidencia-se não apenas a preocupação de Bacon em relação a seu amigo – a quem certamente intercedeu a favor de sua soltura, como indicado por Spedding<sup>126</sup> –, mas também a sua percepção no que concerne à fé católica a qual define como superstição; superstição essa, aliás, que levada ao extremo ocasionou a conspiração da pólvora, em 1605, de acordo com Bacon. Embora sua posição e tratamento a Matthew tenha sido o de compaixão, como salientado em carta, a percepção de Bacon no que concerne à fé romana é severa, percebendo-a como um posicionamento pior do que o do próprio ateísmo.

Tal percepção de Bacon não é novidade, tendo sido abordada nos seus *Essays*, especificamente o intitulado “Da superstição”. Para Bacon:

É preferível não ter qualquer noção acerca de Deus do que uma que seja indigna Dele, pois se a primeira não passa de incredulidade, a segunda é uma ofensa ímpia, podendo-se dizer que a superstição constitui uma injúria à Divindade. [...] Do mesmo modo que a superstição é mais ofensiva a Deus do que a irreligião, acaba também por ser mais perigosa para o ser humano, pois o ateísmo, a despeito de tudo, lhe reserva suportes como o senso, a filosofia, os sentimentos de ternura inspirados pela própria natureza, as leis e a reputação, todos estes podendo se revelar caminhos para construir no homem uma virtude moral exterior, ainda que desprovidos de qualquer religião; a superstição, contudo, derruba todos esses suportes e instaura na alma humana uma autêntica tirania.<sup>127</sup>

---

<sup>125</sup> No original: “Mr. Matthew, Do not think me forgetful or altered towards you. But if I should say I could do you any good, I should make my power more than it is. I do hear that which I am right sorry for; that you grow more impatient and busy than at first; which maketh me exceedingly fear the issue of that which seemeth not to stand at a stay. I myself am out of doubt, that you have been miserably abused, when you were first seduced; but that which I take in compassion, others may take in severity. I pray God, that understandeth us all better than we understand one another, contain you (even as I hope he will) at the least within the bounds of loyalty to his Majesty, and natural piety towards your country. And I intreat you much, sometimes to meditate upon the extreme effects of superstition in this last Powder Treason; fit to be tabled and pictured in the chambers of meditation, as another hell above the ground: and well justifying the censure of the heathen, that superstition is far worse than atheism; by how much it is less evil to have no opinion of God at all, than such as is impious towards his divine majesty and goodness. Good Mr. Matthew, receive yourself back from these courses of perdition.” *Ibidem*. p. 10

<sup>126</sup> *Idem*.

<sup>127</sup> BACON, Francis. *Op Cit*. 2015. p.66

Faz-se interessante mencionar que tal ensaio corroborou também em uma percepção de Bacon como cético e como ateuista em produções posteriores – a exemplo, Charles Whitney menciona o uso de tipologias religiosas para manipulação; Thomas M. Lessl menciona o uso de temas religiosos apenas como artifícios retóricos.<sup>128</sup> Tais considerações recaem sobre os aspectos já mencionados a respeito de uma leitura teleológica sobre Bacon, colocando-o em prateleiras que não correspondem ao indivíduo e, assim, esvaziando sua participação e crença nas movimentações contemporâneas a ele.

Quando produzido tal ensaio, em fins do século XVI, Bacon já havia se colocado como um conformista e adepto à religião estabelecida pela igreja inglesa, bem como também havia lidado com manifestações e organizações de católicos – elaborando sobretudo relatórios informativos sobre estes para a rede de espionagem de Francis Walsingham. Para além disso, a própria criação obtida por Bacon, através de sua mãe, certamente o colocou em desavenças com a fé católica, percebendo-a como de fato corrompida e supersticiosa – para o filósofo, “[...] a superstição [catolicismo] ocasionou a queda de muitos governos ao introduzir um novo *primum mobile* que arrebatou todas as esferas do governo”.<sup>129</sup> Para além de tudo, ainda era danoso para as matérias de Estado.

Embora sua posição e tratamento a Matthew tenha sido o de compaixão, como salientado em carta, a percepção de Bacon no que concerne à fé romana é severa, percebendo-a como um posicionamento pior do que o do próprio ateísmo. Apesar disso, e após a soltura e exílio de Tobie Matthew, a relação de amizade e as correspondências entre ambas as figuras se manteve – com Bacon enviando parte de suas produções para Matthew, que as revisava e traduzia.<sup>130</sup> Pode-se destacar principalmente duas cartas: uma referindo-se à produção e envio de parte da sua *Instauratio Magna*, em 1609:

Sr. Matthew,  
Agradeço de coração pela sua carta de 10 de fevereiro e fico feliz em receber de você tanto encorajamento quanto orientação em relação aos meus escritos. Da minha parte, desejo que, já que quase não há lumen siccum [luz seca] no mundo, mas toda ela está madidum et maceratum [molhada e macerada], impregnada em afeições e humores, essas coisas minhas tivessem aquelas separações que poderiam torná-las mais aceitáveis; de modo que não reiviniquem tanta familiaridade com os tempos atuais, para que sejam assim menos propensas a durar. E para lhe mostrar que

<sup>128</sup> WHITNEY, Charles. Francis Bacon and Modernity. New Haven and London: Yale University Press. 1986; LESSL, Thomas M. Naturalizing Science: Two episodes in the evolution of a rhetoric of scientism. Western Journal of Communication. 60: 4. pp. 379-396. 1996.

<sup>129</sup> BACON, Francis. Ensaio. *Op Cit.* p.66

<sup>130</sup> MATTHEWS, Steven. *Op Cit.* 2008. p.119

tenho algum propósito de remodelá-las, envio-lhe uma ou duas folhas do prefácio, trazendo alguma ideia de toda a obra: onde pretendo tomar aquilo que considero real e efetivo de ambos os escritos [...] Pois de boa fé concebo a esperança de que você se conduzirá de tal forma que possamos considerá-lo com segurança um bom súdito e patriota, assim como você se considera um bom cristão; e assim possamos novamente desfrutar de sua companhia, e você de sua consciência, se não houver outra maneira. Da minha parte, asseguro-lhe que (como dizemos na lei) *mutatis mutandis* [mudado e mudando], meu amor e bons desejos por você não diminuiram.<sup>131</sup>

E a segunda, sobre a obra *De Sapientia Veterum*, em 1610:

Sr. Matthew,  
Agradeço de coração pela sua carta de 24 de agosto de Salamanca; e como retribuição, envio-lhe um pequeno trabalho meu que começou a circular pelo mundo. Disseram-me que meu latim foi transformado em prata e se tornou corrente. Se você estivesse aqui, teria sido meu inquisidor antes de ser publicado; mas acho que o maior inquisidor da Espanha o aprovaria. Porém, uma coisa você deve me perdoar se eu não me apressar em acreditar: que o mundo tenha chegado a tal êxtase a ponto de rejeitar a verdade na filosofia porque o autor discorda na religião; não mais do que fazem com Aristóteles e Averróis. Meu grande trabalho avança; e à minha maneira, altero sempre que acrescento algo. De modo que nada está acabado até que tudo esteja terminado. Escrevi isso em meio a um período judicial e parlamentar; achando que nenhum tempo é tão precioso que eu não deva falar desses assuntos com um amigo tão bom e querido. E assim, com meus habituais desejos, deixo-o à bondade de Deus.<sup>132</sup>

Tais cartas servem ao propósito de expor a continuidade das trocas entre Francis Bacon e Tobbie Matthew, ainda que o primeiro reitere seu juízo a respeito da fé do segundo em ambas as correspondências, bem como a continuidade nas trocas filosóficas. Apesar das

---

<sup>131</sup> No original: “Mr. Matthew, I heartily thank you for your letter of the 10th of February, and am glad to receive from you matter both of encouragement and advertisement touching my writings. For my part I do wish that since there is almost no lumen siccum in the world, but all madidum and maceratum, infused in affections and bloods or humours, that these things of mine had those separations that might make them more acceptable; so that they claim not so much acquaintance of the present times, as they be thereby the less like to last. And to shew you that I have some purpose to new-mould them, I send you a leaf or two of the Preface, carrying some figure of the whole work: wherein I purpose to take that which I count real and effectual of both writings; and chiefly to add pledge if not payment to my promise.[...] For in good faith I do conceive hope that you will so govern yourself, as we may take you as assuredly, for a good subject and patriot, as you take yourself for a good Christian; and so we may again enjoy your company, and you your conscience, if it may no otherwise be. For my part, assure yourself that (as we say in the law) *mutatis mutandis*, my love and good wishes to you are not diminished.” *Letters and Life*. Vol. IV. p.132-133.

<sup>132</sup> No original: “Mr. Matthew, I do heartily thank you for your letter of the 24th of August from Salamanca; and in recompence thereof, I send you a little, work of mine that hath begun to pass the world. They tell me my latin is turned into silver, and become current. Had you been here, you should have been my inquisitor before it came forth: but I think the greatest inquisitor in Spain will allow it. But one thing you must pardon me if I make no haste to believe, that the world should be grown to such an ecstasy as to reject truth in philosophy, because the author dissenteth in religion; no more than they do by Aristotle or Averroes. My great work goeth forward; and after my manner, I alter ever when I add. So that nothing is finished till all be finished. This I have written in the midst of a term and parliament; thinking no time so precious, but that I should talk of these matters with so good and dear a friend. And so with my wonted wishes I leave you to God's goodness.” *Ibidem*. p.144-145

discordâncias ocasionadas pela posição religiosa de cada, tanto Bacon quanto Matthew compartilhavam interesses a respeito do entendimento das Escrituras religiosas e o estudo da Patrística.<sup>133</sup>

Na verdade, Tobie Matthew produziu escritos teológicos que também discutiam filosofia natural: a obra *Of the Love of our Only Lord and Savior, Jesus Christ*, publicado em 1622, oferece uma percepção, bem similar às ideias de Francis Bacon, sobre como Deus expressou seu poder nas Leis da Natureza e que o estudo dessa, por consequência, é também um exercício devocional. Vale considerar também que a produção dessa obra se deu no mesmo período o qual Matthew trabalhava na correção em latim de algumas partes da obra *De Augmentis Scientiarum* de Bacon.<sup>134</sup>

A relação mantida entre Bacon e Matthew esboça algumas questões a respeito do primeiro: ainda que mantivesse comentários acerca da conversão de Matthew, as considerações sobre tolerância religiosa presente em alguns textos de Bacon foram revelados também em prática, e mesmo em compaixão como reiterado por esse, em relação ao seu amigo. Lancelot Andrewes e Tobie Matthew foram as principais figuras as quais Bacon se apoiou para conselhos e edições de seus projetos e escritos filosóficos, o interesse não apenas em filosofia natural, mas em estudos teológicos voltados às Escrituras e à Patrística manteve tais relações duradouras.

Vale ressaltar, aliás, que o ensaio “Of Friendship” de Bacon foi escrito e adicionado aos *Essays* para Matthew, e define bem a relação a qual estes estabeleceram: o valor de bons conselhos e ter alguém com quem compartilhar os bons momentos e as adversidades.<sup>135</sup> De certa forma, esse ensaio também poderia valer para a amizade estabelecida entre Lancelot Andrewes e Bacon, a qual trataremos a seguir.

### **1.2.2. Da Fé: Lancelot Andrewes (1555-1626)**

Dentre os correspondentes mais próximos de Bacon, Lancelot Andrewes certamente foi uma das figuras mais influentes na composição da filosofia e da teologia baconiana. As relações estabelecidas ao longo da carreira de Andrewes foram próximas às de Bacon – um dos seus primeiros patronos foi Francis Walsingham; foi também assistente do arcebispo

---

<sup>133</sup> MATTHEWS, Steven. *Op Cit.* 2008. p.120.

<sup>134</sup> *Ibidem.* p. 121.

<sup>135</sup> *Ibidem.* p. 119; BACON, Francis. *Ensaio.* São Paulo: Edipro. 2015. p.90.

Whitgift durante os anos de 1590 e, além disso, tornou-se um membro honorário da Gray's Inn nesse mesmo período.

Além disso, foi uma figura marcada por sua erudição, e que se debruçou não apenas no campo da teologia, mas também da filosofia, da ciência e da História – “Para sua própria geração, ele exemplificou o santo bispo erudito, ainda um poderoso ideal cultural na Inglaterra inicial dos Stuarts”, como apontado por Debora Sugar, sendo um dos poucos ingleses modernos a alcançar uma reputação no continente europeu em razão de seu conhecimento; suas especialidades estavam sobretudo relacionadas ao orientalismo e à patrística, mas também se estenderam aos campos da história e da ciência.<sup>136</sup> Lancelot Andrewes esteve principalmente associado como uma das figuras precursoras do alto eclesiasticismo inglês, posteriormente concebido como laudianismo e que teve uma maior repercussão a partir do segundo reinado Stuart, o do rei Charles I.

A relação estabelecida com Francis Bacon foi ocasionada após este enviar uma carta convidando Andrewes para sair da cidade de Londres, a fim de evitar uma outra onda de peste negra a qual era anunciada. E embora Andrewes tenha a princípio recusado, a relação e contínua correspondência entre estes os aproximou do que constituiu uma forte relação pautada no conhecimento.<sup>137</sup> Uma vez estabelecida tal relação, Andrewes tornou-se editor de algumas das produções de Bacon concernentes à filosofia natural, como pode ser evidenciada na seguinte carta:

Meu muito bom senhor,  
**Agora que Vossa Senhoria tem estado tanto tempo na igreja e no palácio, disputando entre reis e papas,** acho que deveria ter prazer em olhar para o campo e refrescar sua mente com algum assunto de filosofia; **embora essa ciência, pela idade, tenha se tornado uma criança novamente e seja deixada para meninos e jovens;** e porque Vossa Senhoria costumava me fazer acreditar que gostava dos meus escritos, envio-lhe alguns dos frutos dessas férias; e mais um pouco da minha mente e propósito. Não tenho pressa em publicar; pecendo eu gostaria de evitar. E sou forçado a respeitar tanto o meu tempo quanto o assunto. Pois para mim é assim, e acho que para todos os homens na minha situação: se me obrigo a uma tarefa, ela carrega minha mente; mas se alivio minha mente da cogitação presente, é mais uma recreação. Isso me levou a essas miscelâneas; que pretendo suprimir, se Deus me permitir escrever um volume justo e perfeito de filosofia, com o qual continuo, embora lentamente. Não envio muito a Vossa Senhoria, para não lhe sobrecarregar. Agora deixe-me dizer qual é o meu desejo. Se Vossa Senhoria for tão bom agora, quanto era quando era o bom Reitor de Westminster, meu pedido é que, não com espinhos, mas com notas,

<sup>136</sup> SHUGER, Debora. (Ed.) Religion in Early Stuart England, 1603-1638 an anthology of primary sources. Waco, Texas: Baylor University Press. 2012. p.27.

<sup>137</sup> MATTHEWS, Steven. *Op Cit.* 2008.

Vossa Senhoria marque para mim tudo o que parecer não estar correto no estilo, ou difícil para o crédito e opinião, ou inconveniente para a pessoa do escritor; pois ninguém pode ser juiz e parte: e quando nossas mentes julgam pela reflexão de nós mesmos, são mais sujeitas ao erro. E embora, para o próprio assunto, meu julgamento seja fixo em algumas coisas, e não acessível ao julgamento de qualquer homem que não siga meu caminho: ainda assim, mesmo nessas coisas, a advertência de um amigo pode me fazer expressar-me de maneira diversa. Eu teria vindo até Vossa Senhoria, mas estou apressando-me para minha casa no campo. E assim, recomendo Vossa Senhoria à bondade de Deus.<sup>138</sup>

As primeiras linhas da carta, referenciando uma briga entre reis e papas, diz respeito à produção a qual Lancelot Andrewes foi comissionado para executar, a *Responsio ad Apologiam Cardinallis Bellarmini*, de 1610. A princípio, James I havia produzido uma defesa a respeito do *Oath of Allegiance*, ou *juramentum fidelitatis*, exigindo que os católicos ingleses jurassem fidelidade a ele; tal ação logo obteve uma resposta por parte do Cardeal Bellarmino. De acordo com Spedding, Lancelot Andrewes foi convocado para redigir mais uma réplica às posições de Bellarmino, pois o rei considerou inadequado responder a um católico de menor hierarquia.

Em tais discussões, Bacon não teve nenhuma participação, ainda que essas movimentações dessem margem às suas considerações sobre como as disputas religiosas impediam o avanço das ciências e como ansiava pela paz entre teólogos – aspecto evidente e influente na carta apresentada.<sup>139</sup> O material o qual Bacon enviou a Andrewes, ou pelo menos os trechos desse, refere-se à obra *Cogitata et Visa de Interpretatione Naturae*, de 1607.<sup>140</sup> No

---

<sup>138</sup> No original: “My very good Lord, Now your Lordship hath been so long in the church and the palace, disputing between kings and popes, methinks you should take pleasure to look into the field, and refresh your mind with some matter of philosophy; though that science be now through age waxed a child again, and left to boys and young men; and because you were wont to make me believe you took liking to my writings, I send you some of this vacation's fruits; and thus much more of my mind and purpose. I hasten not to publish; perishing I would prevent. And I am forced to respect as well my times as the matter. For with me it is thus, and I think with all men in my case: if I bind myself to an ailment, it loadeth my mind; but if I rid my mind of the present cogitation, it is rather a recreation. This hath put me into these miscellanies; which I purpose to suppress, if God give me leave to write a just and perfect volume of philosophy, which I go on with though slowly. I send not your Lordship too much, lest it may glut you. Now let me tell you what my desire is. If your Lordship be so good now, as when you were the good Dean of Westminster, my request to you is, that not by pricks, but by notes, you would mark unto me whatsoever shall seem unto you either not current in the style, or harsh to credit and opinion, or inconvenient for the person of the writer; for no man can be judge and party: and when our minds judge by reflection of ourselves, they are more subject to error. And though for the matter itself my judgment be in some things fixed, and not accessible by any man's judgment that goeth not my way: yet even in those things, the admonition of a friend may make me express myself diversly. I would have come to your Lordship, but that I am hastening to my house in the country. And so I commend your Lordship to God's goodness.” *Letters and Life*. Vol. IV. p. 140-141

<sup>139</sup> Andrewes teria também produzido outro tratado a respeito da obediência aos príncipes, esse intitulado *Tortura Tortis*, de 1609. In: SHUGER, Debora. *Op Cit.* 2012. p. 26

<sup>140</sup> Embora a coloquem como produzida em 1607, tendo em vista que o material enviado para Andrewes foi ocasionado dois anos depois, em 1609, considera-se novas inclusões por parte de Bacon.

entanto, tal solicitação realizada por Bacon, para que Andrewes tomasse notas e considerações sobre a produção não era novidade entre eles, tendo o segundo sido consultado no desenvolvimento da obra *Advancement of Learning*, publicada em 1605 e dedicada ao rei James I.<sup>141</sup>

Um dos aspectos importantes a ser ressaltado a respeito de Lancelot Andrewes diz respeito às perspectivas teológicas que esse tomava partido e como essas reverberam no pensamento de Francis Bacon. O primeiro passo para melhor desenvolver essa explicitação, contudo, é expor a participação de Andrewes no âmbito religioso da Inglaterra do século XVII.

A posição teológica tomada por Andrewes parte da atenção dada à questão da tradição: dando ênfase aos aspectos da liturgia e diminuindo a importância da pregação nos cultos dominicais. Além disso, Andrewes dava grande ênfase ao estudo da patrística e recusava a ideia de predestinação – que era tão forte dentro dos âmbitos calvinistas –, tal posição o colocava próximo do âmbito arminiano<sup>142</sup>, embora o próprio bispo recusasse essa posição e tenha se dissociado desse grupo quando seu apoio foi reivindicado.<sup>143</sup>

Nicholas Tyacke e Steven Matthews apontaram que, embora dadas perspectivas estabelecidas por Andrewes estivessem associadas ao arminianismo, ainda assim existiam divergências teológicas; o segundo ainda afirma que as fontes teológicas presentes no pensamento do Bispo não eram corriqueiras nos debates contemporâneos.

Ambos os autores apontam que a reverência de Andrewes pelos padres da igreja e pela antiguidade cristã o levou a desenvolver seu próprio esquema teológico que, embora não fosse único, era fundamentalmente patrístico e orientalista. A imagem que se sobressai, quando se trata de Andrewes, deve ser a de sua forte associação com os estudos patrísticos e menos com as associações protestantes contemporâneas a ele.<sup>144</sup>

A perspectiva teológica de Andrewes se utilizou de dois conceitos principais, o de *Theosis*, ou deificação, e o de *Recapitulação*. No primeiro, Andrewes concebe que a doutrina

---

<sup>141</sup> SHUGER, Debora. *Op Cit.* 2012. p.26.

<sup>142</sup> O arminianismo é uma teologia cristã que se baseia nas doutrinas teológicas formuladas por Jacobus Arminius (1560-1609), teólogo e pastor holandês. Essa teologia é uma reação ao calvinismo, particularmente à doutrina da predestinação incondicional, que afirma que Deus escolheu quem será salvo e quem será condenado independentemente de qualquer mérito humano.

<sup>143</sup> TYACKE, Nicholas. *Anti-Calvinists: The Rise of English Arminianism, 1590-1640*. Oxford: Oxford University Press. 1987. p.91

<sup>144</sup> MATTHEWS, Steven. *Op Cit.* 2008. p.30.

da salvação não está limitada apenas à ação de Jesus Cristo ao fazer a expiação dos pecados na crucificação e a sua subsequente ressurreição, o teólogo se concentra na própria ideia de encarnação de Deus em um ser humano. Pautando-se nas concepções teológicas cristãs orientais, Andrewes concebeu que “Deus se tornou homem para que o homem pudesse se tornar Deus.”<sup>145</sup> Essa aproximação vale não apenas pela boa conduta, mas também pela execução dos sacramentos – tornando o homem mais próximo de Deus e, por assim dizer, divino.

No que concerne a recapitulação, para além do aspecto da salvação da humanidade e da deificação, o conceito utilizado por Andrewes, e que advém de Santo Irineu de Lyon, refere-se a uma visão a respeito da ideia de restauração completa do paraíso e da relação adâmica com Deus. Essa relação, por sua vez, seria restaurada de maneira ideal, perfeita, uma vez que o próprio Deus se uniu à criação através da encarnação.<sup>146</sup> Embora tenhamos apenas delineado parte dessas utilizações feitas por Lancelot Andrewes, é importante ressaltar as considerações realizadas por Nicolas Lossky de que o teólogo evita as reflexões escolásticas sobre a visão de Deus, repousando principalmente suas visões nos primeiros padres – a exemplo, Irineu de Lyon e Cirilo de Alexandria.<sup>147</sup>

Tais doutrinas utilizadas por Lancelot Andrewes não eram novidades na Europa Moderna, na verdade algumas considerações similares – a respeito da ideia de *Theosis* principalmente – podem ser encontradas em Giovanni Pico della Mirandola em seu *Oratio de hominis dignitate*, de 1496. Embora as considerações de Andrewes não estivessem muito associadas aos debates protestantes majoritariamente vigentes em sua contemporaneidade, a sua teologia foi fundamentada em autoridades que não tendiam a ser rejeitadas, isto é, a dos Padres da Igreja.<sup>148</sup>

A razão de termos exposto as afinidades e posições teológicas de Lancelot Andrewes associam-se à nossa consideração de que, para além da relação de amizade entre este e Bacon, as trocas intelectuais desses resultam, também, em uma influência de Andrewes nas concepções teológicas desenvolvidas por Francis Bacon – este também interessado e próximo à patrística.

---

<sup>145</sup> *Idem.*

<sup>146</sup> *Ibidem.* p.32

<sup>147</sup> LOSSKY, Nicholas. Lancelot Andrewes The Preacher (1555-1626), The Origins of the Mystical Theology of the Church of England. Oxford: Clarendon Press. 1991. p. 193

<sup>148</sup> MATTHEWS, Steven. Op Cit. 2008. p.30-32.

### **CAPÍTULO 3: Implicações da Reforma Inglesa nas discussões políticas e teológicas do século XVI e XVII**

#### **2.1. Política e fé na Inglaterra dos séc. XVI e XVII**

O século XVI na Inglaterra foi marcado pelas movimentações religiosas causadas pelo termo que a historiografia concebeu como reforma inglesa, e que Christopher Haigh concebe como um processo longo e complexo – e que abarca o cisma do rei Henrique VIII com Roma, a afirmação do controle secular sobre a igreja, a supressão de mosteiros e capelas católicas e uma crescente adesão ao âmbito protestante por parte de clérigos e leigos.<sup>149</sup>

Os desenvolvimentos de pesquisas e considerações feitas a respeito do tema supracitado se associaram a diferentes perspectivas ao longo do século XX e XXI, e como Peter Marshall ressaltou, a respeito das produções realizadas desde a década de 1960 até os anos mais recentes, algumas atenções sobre a Reforma e a teologia estão surgindo em âmbitos de estudos que, antes, não o faziam com muita frequência – como no caso da história da arte, da musicologia, de estudos literários, dentre outros.<sup>150</sup>

Não é novidade, no entanto, os estudos relativos à religião e à ciência – principalmente no âmbito moderno, período o qual tais pilares andaram tão próximos. No que concerne Francis Bacon, porém, não houve significativas produções a respeito das relações entre o filósofo e o lugar da religião em seu pensamento e projeto de reforma científica. Na verdade, as conclusões produzidas tendem a associar Bacon para as categorias de puritano, ateu e até mesmo a de cínico, que se utilizava da Bíblia como um recurso puramente retórico e, por consequência, sendo uma figura desprovida de crença pessoal. Tais perspectivas se tornam inverdades quando analisamos as circunstâncias as quais Bacon vivenciou e as circunstâncias as quais a Inglaterra estava submetida, mesmo antes do nascimento desse.

Uma das problemáticas presentes no estudo sobre a figura de Francis Bacon foi bem apontada por Marina Leslie, quando essa afirmou que a leitura e as produções frequentemente postas sobre esse filósofo são realizadas de maneira teleológicas, poucas vezes se preocupando com o ambiente político, religioso e intelectual a qual Bacon estava realmente situado;<sup>151</sup> Ao contrário, tais produções tendem a posicionar Bacon como o precursor de

---

<sup>149</sup> HAIGH, Christopher. The Recent Historiography of the English Reformation. *The Historical Journal*, Vol. 25, No. 4. Dec., 1982. pp.995-1007.

<sup>150</sup> MARSHALL, Peter. (Re)defining the English Reformation. *Journal of British Studies*. No. 48. July, 2009. P. 564.

<sup>151</sup> LESLIE, Marina. *Op Cit.* 1998.

acontecimentos que ainda estavam por vir – tais aspectos já foram mencionados e reiterados ao longo do capítulo anterior.

O presente capítulo, nesse sentido, visa estabelecer um olhar para as movimentações políticas e religiosas ocasionadas no século XVI e XVII, no período o qual Bacon viveu e as circunstâncias às quais este esteve inserido. Na tentativa de tomar uma direção divergente às produções teleológicas a respeito do filósofo inglês, preocupamo-nos muito mais em prover um panorama a respeito da Inglaterra Tudor e Stuart – e principalmente os primeiros anos de ascensão do monarca Stuart, James I – do que expor as influências as quais Francis Bacon estabelecerá nos anos e séculos ainda porvir.

## 2.2. A Reforma Inglesa e as movimentações político-religiosas entre os séculos XVI e XVII

Os séculos XVI e XVII na Inglaterra foram um período de considerável movimentação intelectual, não apenas em razão do florescer científico que pôde ser evidenciado naquela sociedade (e no continente), mas por razões teológicas também. As considerações feitas por Haigh a respeito da complexidade e o longo processo na reforma inglesa são ampliadas a partir da noção que o autor estabeleceu de “reformas”, sendo essas por vezes descontínuas e paralelas, e evidenciando que a profusão de ideias e movimentações na sociedade inglesa eram maiores do que a ideia dicotômica a respeito de protestantes *versus* católicos, puritanos *versus* episcopais, conformistas *versus* não-conformistas, e assim em diante.<sup>152</sup>

Quais foram e quantas foram essas reformas, no entanto, podem variar de autor para autor – e conseqüentemente, de perspectivas; principalmente no que concerne à constituição de um “anglicanismo” na Inglaterra do século XVI e XVII.<sup>153</sup> Na verdade, é relevante reiterar como aspectos políticos e religiosos estiveram entrelaçados ao longo do século XVI e XVII: a Inglaterra, assim como em outros Estados do continente europeu, vivenciava um processo religioso e, no caso inglês, seu pontapé inicial se deu a partir do cisma entre o rei Henrique VIII e o papado, em 1534.

<sup>152</sup> HAIGH, Christopher. *English Reformations, Religion, Politics, and Society under the Tudors*. Oxford: Clarendon Press. (1993) 2012. p.14-15

<sup>153</sup> Utilizou-se aqui o termo “anglicanismo”, embora no contexto o qual desenvolvemos ao longo do capítulo, e do trabalho, esse termo possa soar anacrônico e/ou inadequado. Ao tentar discutir ideias e movimentações religiosas vigentes entre os séculos XVI e a primeira metade do século XVII, ou entre o cisma de Henrique VIII com a igreja de Roma e a Restauração Inglesa, evitaremos o uso de tal termo – pois, ao fazê-lo, poderíamos implicar que a igreja da Inglaterra detinha uma identidade já estabelecida e específica, e neste período mencionado ainda não era o caso.

Desde então as divergências entre grupos da sociedade ficaram mais evidentes, principalmente ao considerar o âmbito religioso, com dissensões a respeito de uma dita correta prática religiosa e de fé – intensificadas por divergentes interesses em tornar a igreja oficial, de um lado, completamente reformada e sem semelhanças com o catolicismo romano; e do outro, restaurada e reconciliada com Roma. Tais divergências podem resultar a crítica de Haigh à dicotomia que se apresenta um tanto equivocada quando percebemos que puritanos, episcopais, luteranos, anabatistas, arminianos, dentre outros grupos se consideravam protestantes, mas mantinham ressalvas e discordâncias entre si. Tais divergências constituem parte dos contínuos conflitos entre protestantes na Inglaterra, Tudor e Stuart, e que foi bem trabalhado e discutido pelos autores Nicholas Tyacke e Patrick Collinson.<sup>154</sup>

Na verdade, e como bem apontado por Ethan Shagan, declarar a separação da Inglaterra com a igreja romana era se afastar de quase novecentos anos de catolicismo no território inglês, este, no caso, predominante na governança eclesiástica, na teologia, na liturgia e nas leis. O movimento de Henrique VIII, ousado e arriscado, acabou provocando nos anos subsequentes o desenvolvimento de uma nova política eclesiástica e de novos caminhos para a salvação.<sup>155</sup> E foram esses novos caminhos que provocaram tantas discussões ao longo do século XVI e XVII, entrando também no âmbito político – àquela época indissociável do âmbito religioso – e provocando diferentes manifestações de diferentes grupos religiosos que tentavam impor suas respectivas crenças no que se tornaria, posteriormente, a igreja da Inglaterra. Bacon, a figura a qual estudamos no presente trabalho, se insere em um momento de processos políticos e religiosos da história inglesa.

Retornando alguns anos antes do período de Bacon, faz-se interessante compreender alguns desses processos político-religiosos vivenciados na Inglaterra desde o cisma de Henrique VIII, pois assim se torna possível compreender os contextos e termos que grupos protestantes, católicos, conformistas, não-conformistas, dentre outros se posicionaram ao longo das continuidades e descontinuidades presentes nos reinados Tudor – a partir de Henrique VIII – e no primeiro reinado Stuart, com James I.

---

<sup>154</sup> A respeito das contendas entre arminianos e puritanos no reinado de Carlos I, e como tais tensões contribuíram no desembocar da Guerra Civil. TYACKE, Nicholas. *Anti-Calvinists: The Rise of English Arminianism, 1590-1640*. Oxford: Oxford University Press. 1987; COLLINSON, Patrick. *The Religion of Protestants: The Church in English Society, 1559-1625*. Oxford: Clarendon Press. 1982.

<sup>155</sup> SHAGAN, Ethan H. *The Emergence of the Church of England, c. 1520-1553*. In: MILTON, Anthony. (Ed.) *The Oxford History of Anglicanism*. Oxford: Oxford University Press. 2017. pp.28-44

A historiografia tradicional sobre a reforma inglesa propôs algumas considerações a respeito das motivações as quais levaram o rei Henrique VIII a romper com a igreja romana, dentre elas a simplista ideia de seu descontentamento no matrimônio com Catarina de Aragão e a tentativa de divórcio – negada pelo papa Clemente VII, em 1527 –, somada às subsequentes e diferentes perspectivas, que variaram em razão das posições religiosas de diferentes autores – que mencionaram ora uma fraca organização católica nas instituições inglesas da época e uma considerável presença do protestantismo no território inglês, ora que a religião católica não estava enfraquecida no momento em que houve o cisma entre Henrique VIII e Roma.<sup>156</sup>

Respectivamente, para mencionar a historiografia tradicional, tem-se no lado protestante a obra de A. G. Dickens; e de outro lado, tem-se o autor católico Eamon Duffy. O primeiro procurou estabelecer como principal argumento que ideias de caráter protestante, bem como a prática protestante, já estavam presentes na Inglaterra antes mesmo do cisma entre Henrique VIII e Roma ser realizado, em 1534; Dickens reitera tal argumento ao mencionar que figuras presentes na corte e no conselho privado do rei Henrique VIII tinham simpatias luteranas. Um outro aspecto importante dentro das considerações de Dickens é a de considerar o clero inglês ausente de suas funções espirituais, mas fortemente associado às funções da coroa. Na verdade, Dickens apontou que tais figuras eram lordes poderosos, e que por tal razão foram apoiadores do cisma com Roma e no estabelecimento de uma nova igreja para a Inglaterra, a qual também foi imposta de cima para baixo.<sup>157</sup>

No que concerne ao segundo autor, Duffy se destaca por divergir nas considerações referentes ao catolicismo na Inglaterra e à visão de que a reforma foi estritamente protestante. Ao contrário do que foi estipulado por Dickens, Duffy aponta que a religião católica não estava enfraquecida durante os anos que antecedem a reforma de Henrique VIII, ao contrário, manteve-se fortemente presente mesmo após o cisma com Roma. Um dos aspectos presentes nas considerações de Duffy é o argumento de que a reforma foi bem aceita pelo povo inglês, pois essa não alterou significativamente a vida diária, práticas e cultos – pois o povo pôde se unir em torno da igreja inglesa, tendo em vista que essa se manteve muito tradicional, a princípio.<sup>158</sup>

---

<sup>156</sup> DICKENS, A. G. *The English Reformation*. London: BT Batsford. 2nd Ed. 1964. pp. 461; DUFFY, Eamon. *The Stripping of the Altars*. Yale University Press. 1992. pp.656.

<sup>157</sup> DICKENS, A. G. *The English Reformation*. London: BT Batsford. 2nd Ed. 1964. p.42-43.

<sup>158</sup> DUFFY, Eamon. *The Stripping of the Altars*. Yale University Press. 1992. pp.656.

Tais perspectivas mostram posicionamentos que partem, também, de um posicionamento pessoal a respeito dos contextos da reforma inglesa, embora tenham provocado um impacto importante na historiografia da reforma. Apesar disso, e embora ciente de que os debates não se encerram apenas nessas duas figuras mencionadas, algumas perspectivas a respeito de como se organizou a igreja inglesa desde 1534 se mostram insuficientes para a compreensão pretendida neste trabalho.

Nesse sentido, o que se pretende explicitar nas próximas páginas é uma perspectiva diferente dessas propostas tradicionalmente. Isto é, uma perspectiva a qual visa corroborar com a ideia de que a igreja inglesa foi diversa em seus primeiros anos de formação, passando por processos e projetos que em alguns casos foram bem-sucedidos, e em outros tiveram falhas.<sup>159</sup>

Conceber a maneira como a igreja inglesa foi se estabelecendo ao longo do século XVI e XVII pode nos auxiliar em duas questões: na compreensão das questões políticas e religiosas vivenciadas no período o qual Bacon estava publicando a sua obra de 1605, *The Advancement of Learning*, a qual trata do âmbito do conhecimento científico e do conhecimento divino; e também nas disposições teológicas que a igreja inglesa esteve submetida até os primeiros anos do século XVII e suas possíveis influências no pensamento de Francis Bacon.

Uma das primeiras considerações que podem ser comentadas a respeito da reforma inglesa é a de seu caráter sobretudo político; a autoridade de Roma sobre a lei e a prática política da Inglaterra no século XVI foram crescentes empecilhos que, ao final, o pretexto do divórcio entre Henrique VIII e Catarina de Aragão serviu como bode expiatório de interesses maiores. Ao fazer com que o Parlamento inglês o declarasse chefe da igreja dentro do seu reino, e o próprio reino um território sujeito a nenhuma jurisdição externa, Henrique VIII poderia suprimir séculos de compromissos entre a igreja e o Estado – e então finalizar aquele pretexto que, a princípio, pareceu o protagonista das problemáticas entre o rei e Roma.

Para tanto, as seguintes medidas foram tomadas: em 1529, o Parlamento aprovou a vinculação do clero somente à igreja inglesa; em 1533, restringiu apelações de modo que nenhum caso legal na Inglaterra poderia ser apelado fora do reino – e isso, por consequência, concede autoridade para o bispo da Cantuária anular o casamento do rei sem provocar

---

<sup>159</sup> SHAGAN, Ethan H. *The Emergence of the Church of England, c. 1520-1553*. In: MILTON, Anthony. (Ed.) *The Oxford History of Anglicanism*. Oxford: Oxford University Press. 2017.

interferência externa; em 1534, o Ato de Supremacia a qual declara Henrique VIII como o líder supremo da igreja da Inglaterra, formalmente eliminando a autoridade papal. Dessa forma, em seu primeiro momento a reforma inglesa foi uma reação política de ruptura com Roma, seguida posteriormente – e progressivamente – de um crescimento de posturas teológicas com cujos adeptos se poderia contar para apoiar tal ruptura.<sup>160</sup>

Christopher Haigh forneceu uma importante consideração a respeito da reforma inglesa, pois apontou que as reformas ocasionadas nos reinados de Henrique VIII, Eduardo VI e Elizabeth I foram de cunho político, e que portanto não foram passíveis de tornar a Inglaterra protestante, ainda que, estatuto por estatuto, esses tenham ofertado leis protestantes à Inglaterra. Paralelamente a tais realizações políticas, tem-se a reforma evangélica que se propagou pelo território inglês; a reforma protestante de conversões individuais por pregadores, que não era novidade e esteve presente em Londres, Cambridge e Oxford desde 1520.<sup>161</sup>

Durante o reinado de Henrique VIII, eles se autodenominavam mais frequentemente “seguidores do evangelho” ou “evangelizadores” – cristãos que esperavam libertar a Bíblia de sua supressão por Roma – e sua teologia era conhecida por outros como “o novo aprendizado”.<sup>162</sup> Todos esses homens compartilharam trajetórias semelhantes, eles eram jovens universitários em 1520, uma geração de intelectuais justamente no momento em que o humanismo cristão — a moda anterior das figuras catedráticas — cedeu às ideias de Lutero e Zwinglio; um grupo intelectual de escala pequena e por vezes consanguínea formou a primeira geração da liderança da igreja da Inglaterra, de modo que a reforma nos primeiros anos pôde ser considerada como uma política acadêmica.<sup>163</sup> Apesar disso, nos primeiros anos do cisma de Henrique VIII com Roma, alguns não estavam isentos de perseguição. Existia uma diferença entre apoiar o rompimento com Roma e apoiar o rompimento com Roma somado à conversão para outro credo. Para alguns, o segundo caso era passível de heresia, de transgressão.

Até um primeiro momento, perseguições contra os ditos evangelizadores foram ocasionadas e as discussões religiosas pairavam sobretudo no âmbito acadêmico. Os anos subsequentes ao Ato de Supremacia, de 1534, no entanto, mostraram mudanças nas recepções

---

<sup>160</sup> *Ibidem.* p. 29

<sup>161</sup> HAIGH, Christopher. *Op Cit.* 2012. p. 15

<sup>162</sup> MARSHALL, Peter. *Religious Identities in Early Modern England.* England, USA: Ashgate Publishing. 2006. p.5

<sup>163</sup> SHAGAN, Ethan H. *Op Cit.* 2017. p. 33.

entre a Coroa e tais figuras evangelizadoras – sobretudo a partir da ascensão de Thomas Cranmer (1489-1556) como novo bispo da Cantuária. A sua entrada nas dinâmicas inglesas ressalta uma questão muito mais política do que religiosa: Cranmer apoiava o cisma com Roma e, conseqüentemente, fez esforços pela manutenção desse – oferecendo apoio às ações do rei Henrique VIII. No que concerne o âmbito religioso, Cranmer trouxe consigo, e para sua atuação como Bispo da Cantuária, a primazia das ideias luteranas que havia adquirido como embaixador na Alemanha.

A reforma inglesa teve início como uma crise de obediência e se manteve de tal forma nos primeiros anos, a exigência do monarca era a de súditos leais. Parte dessa questão se relaciona aos modos os quais o Estado estabeleceu a Reforma em 1534: a ação de transferir os poderes outrora relacionados à igreja católica para a sua própria autoridade indicava uma maior preocupação com aspectos de unidade do que necessariamente de consciência – e àquele momento, manter-se adepto ao catolicismo romano era transgredir tal lealdade. O esforço necessário, portanto, era o de banir não apenas a autoridade do Papa naquele território, mas também o de sua teologia.<sup>164</sup> Dessa intenção resultou a primeira declaração doutrinária da nova igreja da Inglaterra, *The Ten Articles* (1536).

*The Ten Articles* ofereceu um compromisso teológico misto – pois nele se percebia a manutenção de crenças tradicionais e de ideais reformados, sendo os primeiros artigos de fé promulgados durante a reforma de Henrique VIII. Nele, a maioria das doutrinas e práticas católicas contestadas foram mantidas; nota-se particularmente a inclusão da penitência como sacramento, juntamente com a eucaristia e o batismo; a atenção dada à confissão auricular, contrição e boas obras; a retenção de imagens e a intercessão dos santos; e a noção da presença eucarística como corpórea. Todos esses princípios foram reexaminados à luz da teologia da reforma e reformulados para indicar a justificação pela fé e a negação da doutrina da transubstanciação.<sup>165</sup> Nesse sentido, percebe-se uma compreensão basicamente luterana da justificação e a redução de sacramentos para três (eram sete); além disso, pode-se considerar que a partir dessa declaração doutrinária oficial, as ideias protestantes tiveram uma aparição e participação mais profunda no aparelho oficial da igreja inglesa.

---

<sup>164</sup> REX, Richard. The Crisis of Obedience: God's word and Henry's reformation. *The Historical Journal*. Vol. 39; Issue 04. Dec. 1996. pp 863-894

<sup>165</sup> HARWICK, Charles. A History of the Articles of Religion, to which is Added a Series of Documents from AD 1536 to AD 1615. 1888. *Apud* CRESSY, David; FERREL, Lori Anne. (Eds.) *Religion & Society in early Modern England, a sourcebook*. London and New York: Routledge. 1996. p.17-18

Somado a isso, as políticas de apreensão de propriedades da igreja católica e a concessão, e a venda, destas riquezas para os leigos ingleses fomentou o desejo de sucesso da igreja inglesa por parte dessa classe nobre – assim como a sua crescente influência sobre as instituições do governo secular.<sup>166</sup> As políticas continuaram quando, em 1539, o parlamento promulgou *The Six Articles* a pedido do rei, que tinham como ideia central o reforço dos estatutos de heresia medieval, a fim de garantir que ortodoxias importantes estabelecidas na igreja inglesa não fossem desafiadas – sobretudo a ideia de transubstanciação. Tal ação marcou uma virada conservadora nas políticas religiosas de Henrique VIII, embora esse mantivesse seu afastamento de Roma.<sup>167</sup>

Como bem apontado por Shagan, a reforma de 1534 estabeleceu uma série de padrões e precedentes que mais tarde se tornaram distintamente “anglicanos”. Entre as mais importantes estavam: a integração da igreja na constituição do reino; a autoridade da igreja para impor a uniformidade no culto; a dupla autoridade dos bispos como prelados e oficiais da coroa ordenados simultaneamente; um cerimonialismo devoto que manteve grande parte da ordem simbólica tradicional da liturgia medieval; e uma auto-identificação permanente como descendente da igreja primitiva dos apóstolos, e não da igreja de Roma.<sup>168</sup>

Essa afirmação realizada por Shagan é importante, pois podemos verificar a importância dos estudos apostólicos da igreja primitiva entre membros da igreja inglesa, mas também com o próprio Francis Bacon. Além disso, reitera a ideia de que a igreja não funcionava apenas a nível religioso, mas certamente como aparato político para manutenção e reiteração do poder monárquico. Considerar tais aspectos podem destacar a importância dada por Francis Bacon nas questões religiosas vigentes na Inglaterra, do mesmo modo a sua intenção de separar o conhecimento divino do conhecimento científico ou natural, em suas considerações filosóficas presentes no *The Advancement of Learning*.

Com o falecimento do rei Henrique VIII, em 1547, tem-se a ascensão de um novo rei, Eduardo VI – que, em virtude da pouca idade, manteve o seu tio, Edward Seymour (c. 1500-1552), duque de Somerset, como o lorde protetor do reino inglês. A nova soberania possibilitou uma maior participação de figuras protestantes na igreja inglesa, embora não houvesse uma agenda unitária oficialmente estabelecida – apesar disso, os esforços do

---

<sup>166</sup> BRADDICK, Michael J. *State formation in early modern England, c. 1550-1700*. Cambridge: Cambridge University Press. (2000) 2004. p.289.

<sup>167</sup> CRESSY, David; FERREL, Lori Anne. (Eds.) *Op Cit.* 1996. p. 25

<sup>168</sup> SHAGAN, Ethan H. *Op Cit.* 2017. p. 37

governo estavam fortemente associados à manutenção de uma reforma: um dos primeiros passos para essa foi marcada por uma atitude fortemente iconoclasta.

Estabelecer a escritura como único padrão de salvação era negar a autoridade do costume tradicional, e logo promover o afastamento de dadas tradições da igreja romana – cuja autoridade se dava para além da escritura. Por sua vez, tal afastamento permitiu aos protestantes descartar o compromisso com a história como havia sido apresentada pela igreja católica por séculos. Tal perspectiva se tornou um aspecto importante para a forte movimentação iconoclasta vivenciada no reinado de Edward VI, pois destruir as imagens e os objetos associados à igreja católica era uma afirmação positiva, para os protestantes, de que aspectos constituintes de um passado católico estavam cada vez mais perdendo o seu poder coercitivo, ou de autoridade, sobre o povo inglês.<sup>169</sup>

Os próximos passos – e os que tiveram mais sucesso em influência e durabilidade no governo de Edward VI – foram o Ato de Uniformidade, de 1549, que levou adiante as movimentações de reforma na igreja inglesa e estabeleceu um livro de oração oficial para ser utilizado em todo o reino, na tentativa de substituir as práticas católicas. O livro em questão, compilado por Thomas Cranmer sob uma direção ainda luterana, e publicado no mesmo ano do Ato de Uniformidade, era o *The Book of Common Prayer*. Sob a guarda do Parlamento e do subsequente Ato de Uniformidade, Cranmer e outros letrados procuraram transformar o missal romano em uma liturgia inglesa – sendo esta o *Book of Common Prayer* de 1549.<sup>170</sup>

Essa nova liturgia foi concebida por seus organizadores e redatores como um passo importante para os caminhos da reforma, mesmo que ainda mantivesse em seu escopo alguns elementos tradicionais da liturgia católica – que idealmente seriam eliminados com o passar do tempo, sendo uma medida de transição. Apesar disso, uma inovação verificada no *the Book of Common Prayer* é menos sobre o seu conteúdo, e muito sobre a sua forma de apresentação: foi uma liturgia escrita na língua vernacular, em inglês, em vez de latim, reiterando os serviços da igreja inglesa e buscando promover uma unidade religiosa para o reino. Vale

---

<sup>169</sup> MACCULLOCH, Diarmaid. *Tudor Church Militant: Edward VI and the Protestant Reformation*. England: Allen Lane, Penguin Editors. 2000.

<sup>170</sup> De acordo com William Clay, “Um livro de orações mais radicalmente protestante seguiu em 1552, mas foi logo revogado pela rainha Maria ao assumir o trono. O livro de orações elizabetano de 1559 era essencialmente a versão de 1552, com algumas exceções notáveis que o tornaram mais conservador. O Livro de Oração Comum familiarizou gerações de fieis ingleses com uma forma idiossincrática de protestantismo que era reformada na doutrina, mas tradicional na liturgia.” CLAY, William Keatinge. *Liturgical Services: Liturgies and Occasional Forms of Prayer Set Forth in The Reign of Queen Elizabeth*. *Apud* CRESSY, David; FERRELL, Lori Anne. *Religion and Society in early modern England, a sourcebook*. London and New York: Routledge. (1996) 2002. p.40

acrescentar, também, que com o Ato de Uniformidade estabelecido pelo Parlamento inglês, o *Book of Common Prayer* foi transformado em lei – cada palavra e gesto adquiriu autoridade estatutária vinculativa, e isto transformou a relação entre a igreja e o Estado na Inglaterra.<sup>171</sup>

Essas novas medidas e atitudes tomadas a partir de 1547 foram interrompidas em 1553 com o falecimento precoce do rei Edward VI. A partir de então, e até a chegada de uma nova dinastia na Inglaterra, em 1603, pode-se dizer que a Inglaterra enfrentou um período marcado pelo forte conflito político-religioso – tendo em vista dois principais motivos: a identidade que constituiria, de fato, a igreja inglesa; e como essa auxiliaria, e fomentaria, a uniformidade e a manutenção do poder político. Isso não significa que antes desse período não houvessem problemas e conflitos a serem resolvidos no âmbito religioso e político, mas que tais aspectos foram deveras acentuados nos anos por vir.

Ainda em 1553, ascende ao trono a rainha Mary I (1516-1558), filha de Henrique VIII com Catarina de Aragão, cuja devoção religiosa se manteve no catolicismo romano e que por políticas a favor de uma restauração deste, a nível institucional na Inglaterra, também pode ser lembrada. As movimentações iconoclastas do reinado anterior foram silenciadas enquanto que as políticas de restauração foram iniciadas.

Mary I procurou reconciliar-se com Roma através de um requerimento ao parlamento inglês, nele solicitando o perdão e a incorporação de um legado papal. A partir de 1555 os esforços para restabelecimento do catolicismo na Inglaterra teve seu andamento, algumas igrejas foram restauradas, houve um crescimento no recrutamento de clérigos, e também a circulação de publicações de obras de instrução católica.<sup>172</sup>

Neste sentido, pode-se destacar a figura de Reginald Pole (1500-1558), o novo bispo da Cantuária após a saída de Thomas Cranmer. Pole, assistido por um corpo renovado de bispos, supervisionou um novo programa religioso para a Inglaterra – a exemplo, a residência episcopal, planos para seminários diocesanos e um catecismo em vernáculo, aspectos que também seriam discutidos posteriormente no Concílio de Trento. Ao mencionarmos tal aspecto, vale reiterar o comentário realizado por Peter Marshall de que a igreja inglesa de Mary I não foi um fantasma do passado medieval inglês, mas uma visão do futuro da contra-reforma.<sup>173</sup>

---

<sup>171</sup> SHAGAN, Ethan H. *Op Cit.* 2017. pp. 40-42.

<sup>172</sup> LOADES, David. *Tudor Queens of England*. New York, USA: Continuum, 2009. p.206

<sup>173</sup> MARSHALL, Peter. *Settlement Patterns: The Church of England, 1553-1603*. In: MILTON, Anthony. (Ed.) *The Oxford History of Anglicanism*. Oxford: Oxford University Press. 2017. p. 46-47

Um aspecto importante a respeito do reinado de Mary I se relaciona com a questão da intelectualidade e de onde essa residia – nas universidades. Durante os cinco anos de reinado de Mary I as universidades inglesas tiveram as figuras protestantes perseguidas, essas podendo escolher entre a opção de abraçar o catolicismo ou de fugir para um exílio. Essa tentativa de re-catequizar as universidades inglesas, como Oxford e Cambridge, provou-se arriscada para Mary I, por duas razões: os efeitos imediatos lhe serviram, pois o exílio de figuras protestantes das universidades inglesas, bem como a dificuldade em mensurar um possível retorno, favoreceu as atitudes da rainha de uma restauração católica, incluindo nas universidades, e permitindo que o retorno de figuras mais conservadores fosse possível; por outro lado, no que diz respeito a um longo prazo, exilou protestantes ingleses no continente – fazendo-os entrar em contato direto com as movimentações protestantes no âmbito internacional.<sup>174</sup>

Apesar disso, não tardou para que ações mais incisivas ocorressem. Fogueiras foram acesas e as perseguições e execuções foram iniciadas, seja entre importantes líderes protestantes como Thomas Cranmer, o bispo de Cantuária de Edward VI, mas também entre pessoas simplórias da população, normalmente associados ao calvinismo e aos anabatistas. Tais perseguições se estenderam para além do âmbito universitário, provocando inclusive os mártires da igreja inglesa – além de Thomas Cranmer, pode-se mencionar Hugh Latimer, Nicholas Ridley, bispos do governo anterior.

Tais ações galvanizou o movimento protestante, os exilados marianos, mesmo não estando em solo inglês, não pouparam esforços nas construções de obras que se tornaram importantes no movimento protestante inglês nos próximos anos – em Basel, na Suíça, John Foxe deu início ao Livro dos Mártires, ou *Actes and Monuments* (1563); em Genebra, também na Suíça, tem-se uma nova tradução das escrituras com notas e introduções de cunho explicitamente calvinista, que ficou conhecida como *the Geneva Bible* (1557) – e a qual Hill apontou como a “Bíblia do povo”, em virtude da ação de publicar edições baratas desta e pela omissão de edições igualmente baratas da Bíblia dos Bispos, de 1568.<sup>175</sup> O impacto da *Geneva*

---

<sup>174</sup> De acordo com Claire Cross, um mínimo de 50, possivelmente até 60, dos exilados marianos se formaram em Oxford, mas foi a universidade de Cambridge que contribuiu com um número ainda maior para essa fuga da Inglaterra; para o autor, levando em consideração cerca de dez – ou mais – acadêmicos cuja filiação à faculdade foi perdida, constitui-se cerca de 76 exilados de Cambridge, dos quais pelo menos 23 eram bolsistas residentes. CROSS, Claire. *The English Universities, 1553-58*. In: DUFFY, Eamon; LOADES, David. (Eds.) *The Church of Mary Tudor*. England, USA: Ashgate Publishing. 2006. p.63-64

<sup>175</sup> HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003. p.26; 38-39

*Bible* será vislumbrado principalmente nas figuras que ficaram conhecidas como “puritanas” no âmbito inglês, ou *Godly*.

A incapacidade de Mary I em prover um herdeiro com seu marido, Felipe II da Espanha, somada a sua morte repentina, em 1558, possibilitou a ascensão de uma nova figura para o trono inglês – a de sua meia-irmã, Elizabeth I. O reinado de Elizabeth I se iniciou em novembro de 1558, com a Inglaterra temerosa da possibilidade de uma invasão espanhola, visto que a relação com Felipe II da Espanha, rei-consorte da Inglaterra até o falecimento de Maria, estava incerta. Tal conflito não foi ocasionado, embora as relações entre Inglaterra e Espanha tenham continuado latentes ao longo desse reinado.

Embora não partilhemos da percepção de que as movimentações prévias ao reinado de Elizabeth Tudor e James Stuart sejam colocadas como preparativos para uma Reforma que estava por vir<sup>176</sup>, consideramos que o estabelecimento dos atos parlamentares de Supremacia e o Ato de Uniformidade, de Elizabeth I, redefiniu o que hoje nos referimos como igreja da Inglaterra. Com o primeiro, a autoridade do papa foi revogada e a igreja fora posta como subordinada ao Estado, isto é, a rainha retomou a religião nacional e tornou-se a líder da igreja da Inglaterra; o segundo Ato, por sua vez, estabeleceu o segundo *Book of Common Prayer* – empregado durante o reinado de seu irmão, Eduardo VI – como material de culto oficial da instituição religiosa inglesa, impondo pequenas alterações nesse.

E que a Reforma também faz parte de um ato de Estado, um ato político, embora não seja esse o melhor critério para determinar seu ponto de partida<sup>177</sup> – apenas reiterar que o decreto de um soberano favorecia a salvaguarda e existência de um credo religioso; a ideia do *Cujus regio, eius religio*.<sup>178</sup>

Entretanto, mesmo após a ascensão da rainha Elizabeth I ao poder e o estabelecimento da igreja da Inglaterra, que centralizou a monarca como chefe da instituição religiosa nacional, as movimentações na sociedade apontavam uma heterogeneidade de crenças e

---

<sup>176</sup> Alguns pesquisadores consideraram que quaisquer que sejam as reformas ocasionadas na Inglaterra, essas aconteceram apenas no reinado de Elizabeth I e James I e que, o que veio antes era apenas um preparativo, em circunstâncias embriônicas. COLLINSON, Patrick. *The Birthpangs of Protestant England: Religious and Cultural Change in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*. New York: St. Martin Press. 1988.

<sup>177</sup> J. F. Davis, em seu trabalho a respeito dos lolardos, trata que havia uma tradição na historiografia inglesa de considerar a reforma como um ato de Estado, pois é a partir desses que se proporciona unidade aos elementos da reforma religiosa. O autor discorda dessas proposições, trazendo perspectivas a respeito dos lolardos, anabatistas, entre outros que dificultam essa percepção historiográfica supracitada. DAVIS, J. F. *Lollardy and the Reformation in England*. In: MARSHALL, Peter. (Ed.) *The Impact of the English Reformation, 1500-1640*. London, NY: Arnold, a member of the Hodder Headline Group. 1997.

<sup>178</sup> MATTHEWS, Steven. *Op Cit.* 2008. p.4

perspectivas a respeito da “ideal” e “correta” religiosidade inglesa. A questão de uma unidade confessional na Inglaterra não estava resolvida, e tal questão resultou na publicação dos *Thirty-Nine Articles*, de 1563.

Os *Thirty-Nine Articles* representam o ponto de culminação de uma série de tentativas, iniciadas em 1536 com os *Ten Articles* de Henrique VIII, de definir a fé reformada da igreja inglesa. Ao longo dos trinta e nove pontos, divide-se em quatro categorias: acerca das doutrinas necessárias para a fé cristã (entre os números 1 e 8); sobre as doutrinas protestantes da salvação (9 até 18); doutrinas da igreja (19 até 31); assuntos específicos da igreja da Inglaterra (32 até 37). Apesar de estabelecer uma declaração doutrinária autoritária, os artigos se apresentam na verdade de uma maneira bastante ambígua.<sup>179</sup>

A ambiguidade presente nos *Thirty-Nine Articles* permitiria a leitura e interpretação por diferentes perspectivas protestantes, e nos faz considerar que o estabelecimento religioso elizabetano se preocupou mais com a unidade do reino do que com a uniformidade na doutrina religiosa – era, portanto, mais um ato de ordem e obediência; tais preocupações se mantiveram durante o reinado de James I, modificando-se principalmente com a ascensão de Charles I e as subsequentes controvérsias com o laudianismo.<sup>180</sup>

De acordo com Steven Matthews, a diversidade religiosa na Inglaterra já estava além do ponto em que poderia ser controlada com uma exigência de assinatura confessional, mas que, apesar disso, os *Thirty-Nine Articles* serviram bem à agenda de unidade nacional; ao mesmo tempo, Michael Braddick atesta que a política religiosa determinada dentro o período Tudor e Stuart reflete uma fraqueza do Estado em implementar ações relativas à fé vistas como impopulares.<sup>181</sup>

Faz-se importante ressaltar que as percepções da sociedade na época não eram alheias, e que a ideia de “Reforma” não é um conceito artificial proposto *a posteriori* por historiadores, mas percebido pelos contemporâneos desse período. Peter Marshall<sup>182</sup> apontou como produções da época indicavam a percepção dessas figuras inglesas, mas também como estes percebiam a ideia de reforma não como um evento passado, mas que permanecia em

<sup>179</sup> Articles Whereupon it was Agreed by the Archbishops and Bishops... 1571 *Apud* CRESSY, David; FERREL, Lori Anne. (Eds.) Religion & Society in early Modern England, a sourcebook. London and New York: Routledge. 1996. p.59-60

<sup>180</sup> CROSS, Claire. Church and People, 1450-1660 The Triumph of the Laity in the English Church. UK: Blackwell Publishers. (1976) 1999. pp. 107-133.

<sup>181</sup> MATTHEWS, Steven. *Op Cit.* 2008. p.5; BRADDICK, Michael. State formation in early modern England, c. 1550-1700. Cambridge: Cambridge University Press. (2000) 2004. p.293-294.

<sup>182</sup> MARSHALL, Peter. *Op Cit.* 2009. p.569-570.

andamento; dentre essas figuras, Marshall destacou John Donne em sua prosa *Pseudo-martyr*, de 1610; do clérigo Andrew Willet com sua publicação *Synopsis Papismi*, de 1592; dentre outras figuras como John Foxe, Lancelot Andrewes, Matthew Sutcliffe. Aspecto, aliás, que corrobora com a ideia de Reforma inglesa como um processo, não necessariamente atrelado a um evento ou a uma data específica, mas também de ideologia – visto as percepções divergentes relativas à ideia de reforma na época, certamente em virtude das também diferentes perspectivas religiosas e suas respectivas visões de mundo.

Apesar disso, e da ideia de diversidade religiosa a qual temos abordado ao longo do texto, muito se relaciona às disputas de fé ao triângulo *católico-puritano-conformista* – esse último colocado como o caminho intermediário, entre os outros dois extremos, ou a *via media*.<sup>183</sup> De acordo com Matthews, para além do uso historiográfico recorrente, esse triângulo religioso foi usado também durante o período Tudor como forma de simplificar as disputas religiosas da época – para tal afirmação, o autor se pautou no poema intitulado *The Interpreter, wherein three principal Terms of State, much mistaken by the vulgar, are clearly unfolded*, de 1622. Vale ressaltar também que Nicholas Tyacke apontou a razão do poema como uma percepção de que, para além do posicionamento religioso, tais termos denotam também um posicionamento político.<sup>184</sup>

Nesse sentido, o pouco tempo de ascensão à coroa inglesa e a quase imediata ação de definir e assentar a igreja oficial pode inferir a urgência cuja questão religiosa demandava naquele momento, mas também a vontade da rainha Elizabeth I de se impor tanto a nível interno quanto externo – principalmente ao considerar o período de instabilidade, dentre as sucessões de Eduardo VI e Maria I, e os conflitos internos e externos a despeito da religiosidade. Além disso, ao contrário do que ocorreu nos reinados anteriores ao de Elizabeth I, a Rainha definiu como seu principal lema a ideia em latim de *Semper Eaden*, ou *Sempre a Mesma*, com o intuito de compor a idealização de que esse reinado seria marcado pela estabilidade.

---

<sup>183</sup> É importante levar em consideração, aliás, como a ideia de *via media* foi utilizada na historiografia inglesa para definir aspectos do anglicanismo e, conseqüentemente, como se estabeleceu os moldes e *ethos* da igreja inglesa na segunda metade do século XVII. Tal *ethos* estava em formação mesmo antes das guerras civis, e encontrava-se em circulação no meio de figuras concebidas como conformistas. As formulações laudianas ou arminianas já estavam em constituição dentro da estrutura da Igreja inglesa, ao contrário do que se postula acerca desse surgimento com a ascensão do Rei Charles I e a subsequente erupção de uma guerra civil. Marshall estabelece uma crítica a algumas teses que colocam o laudianismo como uma espécie de *Deus Ex Machina*, que aparece repentinamente com o intuito de devastar o ecossistema protestante inglês. MARSHALL, Peter. (Re)defining the English Reformation. *Journal of British Studies*. No. 48. July, 2009. p.580

<sup>184</sup> MATTHEWS, Steven. Op Cit. 2008. p. 7; TYACKE, Nicholas. The Puritan Paradigm of English Politics, 1558-1642. *The Historical Journal*. Vol. 53, No. 3. September, 2010. p.542

Ao nosso ver, e como já mencionado, parece-nos que a preocupação central estava muito mais associada a uma unidade política do que uma preocupação em reiterar uma doutrina – embora, a nível externo, o desejo fosse a de manutenção de uma unidade protestante na Inglaterra; e que, apesar da preocupação com a unidade política, foi sobretudo a partir do reinado de Elizabeth I que houve o estabelecimento da igreja oficial inglesa e sua doutrina protestante.

Essa ideia de constância e preservação, somada aos quarenta e cinco anos de reinado, marcaram o período elizabetano como de significativa importância e crescimento inglês – a Inglaterra se tornou uma nação protestante, sendo também um momento de forte crescimento cultural; foi também o momento cujo pontapé inicial para as colonizações, explorações e estruturação do comércio foi dado.<sup>185</sup> Faz-se importante ressaltar, no entanto, que apesar da frequente alusão ao reinado elizabetano como um momento de crescimento inglês, tal período não deixou de ser marcado também pelos conflitos políticos e religiosos, e pela censura.

Mesmo após a ascensão da rainha Elizabeth I ao poder, e o estabelecimento da igreja da Inglaterra, que centralizou a monarca como chefe da instituição religiosa nacional, as movimentações na sociedade apontavam uma heterogeneidade de crenças e perspectivas a respeito da “ideal” e “correta” religiosidade inglesa. Apesar do Ato de Supremacia e do Ato de Uniformidade que, instituídos em 1559, redefiniram a estrutura da Igreja Inglesa ao assentá-la como subordinada ao Estado e revogar a autoridade do Pontífice, e decretar uma edição revisada do Eduardiano *The Book of Common Prayer* como livro oficial para o culto da instituição, respectivamente, as dissensões religiosas permaneceram ao longo de todo o reinado elizabetano.

As mudanças religiosas foram ocasionadas como um ato de ordem e de obediência, aqueles que a aceitaram, foram associados aos protestantes episcopais; no entanto, os clérigos suspensos em razão da não aceitação do modelo religioso imposto ficaram mais conhecidos pejorativamente como puritanos, interessados em manter um culto distante das heranças e tradições católicas – e, em um gradativo processo de divórcio com a igreja inglesa, criaram modelos alternativos de organização e se afastaram das catedrais e das hierarquias existentes nessas. Tal grupo, aliás, torna-se crescentemente importante não apenas no âmbito religioso, mas no político também visto que o interesse em romper com as estruturas católicas e romanas iam além da prática religiosa.

---

<sup>185</sup> LEVIN, Carole. *The Reign of Elizabeth I*. London: Palgrave Macmillan, 2002.

Uma das razões para contenda entre protestantes presbiterianos e a igreja oficial se dava pela recusa, por parte destes que posteriormente foram concebidos pejorativamente como puritanos, de práticas e hierarquias mantidas por parte da igreja oficial inglesa, e que eram semelhantes ao culto católico. Isto é, as liturgias realizadas pela instituição estavam mais afiliadas às liturgias tradicionais católicas do que aos cultos protestantes; os acessórios e os ornamentos cerimoniais foram mantidos, bem como as estruturas hierárquicas comumente associadas ao catolicismo. Tais práticas e vestimentas também provocavam desconfortos nos ingleses protestantes não-conformistas em virtude das perseguições ocasionadas no reinado de Maria Tudor; a insistência nessa prática era vista como um apoio aos antigos clérigos católicos e uma negação ao protestantismo cujos adeptos deram e perderam suas vidas em 1555.<sup>186</sup>

Um exemplo para tais movimentações é a conhecida *Marprelate Controversy* (1558-59); controvérsia que, entre os anos de 1588 e 1589, promoveu a circulação de tratados ilegais cuja autorias anônimas assinavam como “Martin Marprelate”. O principal objetivo dos envolvidos nessas produções está associado ao âmbito religioso, esses autores demandam uma reforma completa na estrutura da igreja oficial, de modo que os bispos dessa fossem retirados e que a igreja inglesa se organizasse aos moldes da igreja da Escócia ou da igreja de Genebra. Esse também pode ser considerado um exemplo de ataque e de revolta contra o modo cuja igreja oficial se apresentava e se mantinha. Tal controvérsia também ocasionou a censura elizabetana no que concerne à atividade da imprensa.<sup>187</sup>

Apesar disso, vale também comentar um dos acontecimentos político-religiosos marcantes dentro do reinado de Elizabeth I: a derrota da Invencível Armada espanhola. Ainda no ano de 1587, Felipe II da Espanha dedicou-se às preparações de uma grande esquadra que visava a conquista do reino elizabetano, mas apenas no ano seguinte foi que a Armada chegaria nas águas inglesas. A batalha durou cerca de quinze dias e as tropas espanholas logo foram afugentadas para o Mar do Norte, muito do sucesso inglês se deve às novas técnicas navais postas em prática na sua marinha.

---

<sup>186</sup> COLLINSON, Patrick; CRAIG, John; USHER, Brett. *Conferences and Combination Lectures in the Elizabethan Church; Dedham and Bury St Edmunds, 1582-1590*. Woodbridge, Suffolk: The Boydell Press, 2003; ROSMAN, Doreen. *From Catholic to Protestant, Religion and the People in Tudor England*. London: University College London, 1996.

<sup>187</sup> BLACK, Joseph. *The Rethoric of Reaction: The Martin Marprelate Tracts (1588-89), Anti-Martinism, and the Uses of Print in Early Modern England*. *The Sixteenth Century Journal*, vol. 28, No. 3 (Autumn, 1997). p. 708.

Autores como Morton apontam que a guerra com a Espanha pode ser compreendida como uma primeira fase da Revolução Inglesa. A princípio, por ter provocado uma derrota no conglomerado católico europeu, também por ter consolidado a vitória da Reforma em áreas às quais essa já tinha triunfado; além disso, porque os grupos ingleses que favoreceram a derrota de Felipe II na Inglaterra foram os mesmos grupos que se opuseram a Carlos I.<sup>188</sup> Embora Elizabeth I tenha sustentado a ideia de *Semper Eadem*, ou sempre a mesma, a fim de indicar a estabilidade, o seu reinado foi marcado pela intensa movimentação política e religiosa, tanto em âmbito interno quanto externo. O triunfo inglês contra a Invencível Armada espanhola, no entanto, foi um importante símbolo consolidador da religiosidade protestante e da igreja inglesa, afastando a forte ideia de uma ameaça católica. Em 1603, a rainha Elizabeth I deixa o trono em razão de seu falecimento, e dá-se início à sucessão da dinastia.

O falecimento da rainha Elizabeth I, em 1603, marcou o fim da dinastia Tudor, pela ausência de herdeiros deixados pela então rainha, e possibilitou uma transferência pacífica do reino da Inglaterra para a dinastia Stuart, liderada por James VI da Escócia – que logo ficou conhecido como James I da Inglaterra. Esse foi um momento marcante no que concerne às Ilhas Britânicas, pois com a dominação final da Irlanda, em 1603, James se tornou o primeiro monarca a ter o controle total dos três reinos britânicos – Inglaterra, Escócia, Irlanda e o principado de Gales.<sup>189</sup> E com a fundação de Jamestown, em 1607, tornou-se também o primeiro rei das colônias britânicas permanentes na América do Norte.<sup>190</sup>

A chegada de um monarca de uma igreja reformada escocesa trouxe expectativas significativas para parte de uma população desejosa de maiores reformulações na estrutura da igreja oficial inglesa, embora essas tenham sido frustradas em decorrência de uma manutenção – estabelecida pelo próprio rei – de continuidade na estrutura episcopal e dos ritos religiosos definidos durante o chamado *elizabethan settlement*, ou acordo elizabetano. Faz-se importante considerar também que, para além dos embates relativos à fé, a manutenção de uma religiosidade oficial e da estrutura dessa também era um exercício de autoridade e uma tentativa de conservação do poder por parte de um grupo social.<sup>191</sup>

---

<sup>188</sup> MORTON, Arthur Leslie. *A People's History of England*. London: Lawrence and Wishart. 1989.

<sup>189</sup> CROFT, Pauline. *King James*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2003. p. 3

<sup>190</sup> EDWARDS, Philip. *The Making of the Modern English State, 1460-1660*. Hampshire: Palgrave Macmillan. 2001. P. 255

<sup>191</sup> ROSMAN, Doreen. *From Catholic to Protestant, Religion and the People in Tudor England*. London: University College London, 1996. p. 58.

A ideia do rei da Inglaterra ser, também, o chefe supremo da igreja oficial inglesa fomentava a percepção de autoridade tanto no âmbito político quanto no divino, sendo uma característica do absolutismo Stuart, vislumbrado nos dois imediatos reinados de James I e Charles I,<sup>192</sup> e que foi fomentada por dados pensadores, incluindo o próprio Francis Bacon ainda durante o período elizabetano.

O que se pode dizer, no que concerne os séculos XVI e XVII na Inglaterra, é que as políticas desenvolvidas nesse período inevitavelmente colidiram, em maior ou em menor grau, com o tema religioso – e a dificuldade em conter traduções e textos que fugissem da ideia de culto oficial e de uniformidade intensificava a presença desse tema nas movimentações e atuações políticas da época. Tem-se o exemplo supracitado da *Martin Marprelate Controversy*, mas também, do lado católico e no início do reinado Stuart na Inglaterra, a Conspiração da Pólvora, ou *Gunpowder Plot*, que se apresentou como uma reação dos católicos romanos às políticas da monarquia inglesa – sobretudo após a vitória contra a Grande Armada espanhola. Embora a Conspiração da Pólvora, cujo intento era a de explodir o Parlamento, tenha sido frustrada, destaca-se a situação dividida da sociedade inglesa entre os séculos XVI e XVII.<sup>193</sup>

Ao contrário de Elizabeth I, que propôs o lema de *semper eaden*, ou sempre a mesma, James I adotou a ideia de *rex pacificus*, ou rei pacífico, principalmente no que diz respeito às suas relações externas – a exemplo, uma das suas primeiras iniciativas quanto monarca da Inglaterra foi a de emitir uma proclamação tornando proibida a captura de navios espanhóis por parte dos ingleses. Essa ideia de *rex pacificus* perpassa também pela ideia que se criava, no âmbito da corte, de um rei sábio – aspecto que será, também, cultivado por Bacon em suas considerações sobre o monarca.

---

<sup>192</sup> ANDERSON, Perry. Linhagens do Estado Absolutista. São Paulo: Brasiliense. 1995. p. 140.

<sup>193</sup> Vale considerar, também, como no início do século XVII, a população católica da Inglaterra já não tinha um quantitativo significativo, uma vez que havia se limitado a áreas cuja atuação de bispos e clérigos ingleses não alcançava, principalmente ao Norte. No entanto, na segunda metade do mesmo século, o contingente católico teve um aumento, sendo considerada a proteção por parte dos senhores de terra a principal causa desse. O catolicismo da contra-Reforma inglesa era uma religião senhorial e que se manteve viva entre grandes senhores de terra; as populações católicas, assim, mantinham-se protegidas e o poderio destes senhores intimidava a possibilidade de denúncia por parte dos magistrados locais. O catolicismo embora presente na Inglaterra em fins do século XVI e ao longo do século XVII, teve a Conspiração da Pólvora como uma de suas últimas ações politicamente engajadas, mantendo-se posteriormente no que Peter Marshall chamou de “confiança e expansão, em vez de ossificação ou declínio” no intuito de definir como foi a vivência católica ao longo do século XVII e antes da Guerra Civil. COWARD, Barry; GAUNT, Peter. *The Stuart Age, England 1603-1714*. New York: Routledge. 2017. p. 84; MARSHALL, Peter. *Reformation England 1480-1642*. New York: Bloomsbury Academic. 2012. p. 208.

Uma das atitudes marcantes tomadas nos primeiros anos de reinado de James I foi sua presença na conferência ocasionada no palácio de Hampton Court, em 1604, dividida entre quatro sessões, a respeito de tais reivindicações por parte dos protestantes presbiterianos. A razão dessa presença diz respeito à *Millenary Petition*, de 1603, que foi uma petição assinada por mil clérigos ingleses, expondo as queixas dos protestantes presbiterianos a respeito das práticas da igreja oficial inglesa; nesta, os clérigos solicitaram uma reforma nas cerimônias vistas como católicas presentes no *Book of Common Prayer* instituído no reinado anterior (como o sinal da cruz no batismo, a reverência ao entrar na igreja, dentre outras práticas) e pediam que James I *curasse tais males*.

A posição tomada por James I, ao possibilitar o diálogo entre aqueles que visavam modificações nas estruturas episcopais, mostrou uma maior flexibilidade a respeito de argumentos sobre a reforma na Igreja inglesa em comparação à postura elizabetana, vista como mais inflexível. Apesar disso, durante seu discurso na Hampton Court, o rei pôde enfatizar seu comprometimento com a estrutura episcopal da igreja oficial inglesa, em sua máxima *No bishop, no king*<sup>194</sup>, e demandou que todo o clero inglês reconhecesse a sua supremacia sobre a igreja e o Estado. Como já supracitado, a ideia de Governador Supremo da Inglaterra era garantida através da estrutura cuja igreja inglesa estava montada, alterá-la para o modo reivindicado pelos protestantes presbiterianos era enfraquecer essa hierarquia.

Um dos aspectos interessantes a respeito da atitude tomada pelo rei James I durante as movimentações da *Millenary Petition* e sua aparição no Hampton Court foi sobretudo a respeito da representação e da percepção pública. Independente das conclusões a serem tomadas após tais discussões, o que importava era a percepção de que o rei estava disposto a ouvir e a tomar alguma atitude, exceto sobre circunstâncias vistas como insensatas. Tal ação proporcionou também a distinção entre figuras vistas como *moderadas* e as *radicais*, essa última sendo a de uma figura subversiva e perigosa, excluída de quaisquer possibilidades para debate a respeito das políticas religiosas inglesas – e, por consequência, possibilitando um enfraquecimento de tais figuras no âmbito público.<sup>195</sup>

Pode-se conceber, nesse sentido, que o interesse do rei estava muito mais associado a um desejo de lealdade e obediência do que necessariamente a uma conformidade de práticas e cerimônias; as ações que provocaram a censura a protestantes no reinado elizabetano,

<sup>194</sup> CROFT, Pauline. *Op Cit.* 2003. p. 156-157.

<sup>195</sup> WEBSTER, Tom. *Early Stuart Puritanism*. In: COFFEY, John; LIM, Paul C. H. (Eds.) *The Cambridge Companion to Puritanism*. UK: Cambridge University Press. 2008. p.49-50.

principalmente entre os anos de 1580 e 1590, gradualmente desapareceram no período do rei James I – de modo que apenas as figuras ditas mais *radicais*, inflexíveis diante de uma causa “puritana”, e que acabavam por questionar a autoridade episcopal e real eram punidos. As tolerâncias e as ações de James I indicavam um crescente apoio às práticas presbiterianas, ainda que não declaradamente, de modo que a ideia de conformidade e não conformidade ficasse submersa.<sup>196</sup> Tais políticas desenvolvidas por James I possibilitaram uma maior harmonia nas possíveis divergências religiosas e, até meados de 1620, a atmosfera religiosa inglesa permaneceu cordial.<sup>197</sup>

O que se pode conceber é que o interesse do rei estava muito mais associado a um desejo de lealdade e obediência do que necessariamente a uma conformidade de práticas e cerimônias, aspecto já mencionado a respeito também dos posicionamentos e preocupações primárias de sua antecessora, Elizabeth I; as ações que provocaram a censura a protestantes no reinado elizabetano, principalmente entre os anos de 1580 e 1590, gradualmente desapareceram no período de James I – de modo que apenas os que desafiavam a autoridade episcopal e real eram punidos.<sup>198</sup>

Embora não fosse a única, os entendimentos calvinistas foram predominantes nas posições religiosas inglesas na segunda metade do século XVI e durante o século XVII, como bem apontado por Nicholas Tyacke a respeito das principais – ou majoritárias – características da teologia protestante inglesa; e por Christopher Hill, no que concerne a predominância da Bíblia de Gênova como a Bíblia do povo inglês, como já supracitado.<sup>199</sup> Tal preponderância na consciência inglesa, no entanto, não impediu que outras percepções – a favor ou contra – fossem pensadas e desenvolvidas no âmbito intelectual e teológico – como no caso de Lancelot Andrewes, já mencionado.

---

<sup>196</sup> COLLINSON, Patrick. The Jacobean Religious Settlement: The Hampton Court Conference. *In*: TOMLINSON, Howard. (Ed.) Before The English Civil War, Essays on Early Stuarts Politics and Government. US: Macmillan Education. 1983. p. 50

<sup>197</sup> As políticas religiosas de James I, no que concerne à igreja inglesa, tolerava a adoção silenciosa de práticas de culto desviantes da liturgia oficial – desde que essa fosse realizada de modo discreto, não possibilitando a margem para percepções sobre um comportamento não-conformista. Tais dinâmicas estão em um contexto de negociação, com a tolerância sendo concedida desde que a exposição de políticas reformistas estivessem no limite do 'aceitável'; e do outro lado, a manutenção de uma retórica de obediência e de ordem era concedida. WEBSTER, Tom. Early Stuart Puritanism. *In*: COFFEY, John; LIM, Paul C. H. (Eds.) *Op Cit.* 2008. p. 53

<sup>198</sup> COLLINSON, Patrick. The Jacobean Religious Settlement: The Hampton Court Conference. *In*: TOMLINSON, Howard. (Ed.) Before The English Civil War, Essays on Early Stuarts Politics and Government. US: Macmillan Education. 1983. p. 50

<sup>199</sup> TYACKE, Nicholas. *Op Cit.* 1987. p. 1-2; HILL, Christopher. *Op Cit.* 2003. p.38-39.

### 2.3. Os processos do conhecimento entre o século XVI e XVII inglês

A Inglaterra a qual podemos conceber no século XVII é uma Inglaterra de diversos acontecimentos, pela diferente configuração cujo Estado e sua religião oficial passou a desempenhar desde o século anterior, possibilitando a ascensão de determinados grupos, diferentes mentalidades e diversas coexistências. Era um ambiente cujas potencialidades políticas e religiosas reverberam ao longo do século. Parte dessas potencialidades, no entanto, organizam-se dentro de um campo social e cultural, principalmente ao levarmos em conta que foi nesse momento que Francis Bacon deu início às suas produções e publicações.

Embora tenhamos feito esse panorama a respeito das movimentações político-religiosas entre os séculos XVI e XVII, convém reiterar que Francis Bacon esteve presente nessas conjunturas políticas elizabetanas a partir dos anos de 1580, mas também – e com maior proeminência – a partir do século XVII, sobretudo no reinado de James I. Essas movimentações supracitadas não estiveram ausentes da percepção do filósofo e político inglês, como acabaram se incluindo em suas percepções a respeito de uma reforma do conhecimento. O que queremos tratar, afinal de contas, é dessas repercussões “externas” no âmbito “interno” da filosofia de Bacon.

Tais questões culturais apresentam-se como um significativo âmbito de análise, uma vez que nos direcionam aos modos como os sistemas de crenças e as práticas vigentes estavam estruturadas naquela sociedade, principalmente ao constatararmos que a cultura não estava separada dos campos políticos e religiosos. Na verdade, tais aspectos muitas vezes condicionam o âmbito sociocultural, vice-versa. A partir de tais dinâmicas, e da compreensão dessa, resultam as respostas sobre como a sociedade inglesa recepcionou as ideias presentes nas obras de Francis Bacon – e como essas dialogavam com a sociedade de sua época.

Tratamos até então sobre as implicações da Reforma no âmbito confessional inglês e as principais discussões religiosas ali ocasionadas, considerando o estabelecimento da igreja inglesa. Apesar disso, faz-se importante considerar que, para além das reformas que estavam sendo ocasionadas pela Europa ao longo do século XVI e XVII, outras ocorrências estavam também em vigor. Era um momento cuja historiografia posteriormente se referiu como *Revolução Científica*, ocasionada a partir das crescentes considerações científicas que divergiam diretamente das noções da filosofia natural estabelecida na sociedade e que influenciava na concepção de mundo dessa.

O que poderemos verificar mais à frente é como a organização realizada por Bacon de suas obras, principalmente a *The Advancement of Learning*, e como o discurso proposto pelo inglês resulta de dois aspectos – o primeiro, que diz respeito à política e religião inglesa, é resultado das movimentações ocasionadas ao longo do século XVI; o segundo, mais amplo, reflete os resultados dessas movimentações dentro do âmbito filosófico e científico. O *The Advancement of Learning* pode surgir como uma primeira reflexão a respeito do estado do conhecimento e como esse pode melhorar as circunstâncias daquele período – de crise religiosa, de novidades científicas que se opõem a uma filosofia natural estabelecida, etc.

Gostaríamos de começar tratando da questão científica, sobretudo em como essa se propõe e chega a Bacon durante sua vivência. Ao longo dos séculos XV e XVI, pode-se verificar a constituição de uma ideia de progresso e o estabelecimento de um vigor para o desenvolvimento do saber científico em virtude do quantitativo de descobertas e movimentações que modificaram de forma significativa a visão de mundo da sociedade europeia.

Tais aspectos podem ser verificados não apenas no crescimento de produções e tratados científicos que estabeleciam novas percepções sobre a astronomia, a medicina, a filosofia, dentre outras áreas, mas também na própria ação do homem nas chamadas Grandes Navegações. Tais inovações e contribuições para o conhecimento e avanço tecnológico, foram vistas como um novo impulso do homem na construção da História – como quando Campanella afirmou que havia mais história em cem anos do que o mundo teve em quatro milênios.<sup>200</sup>

Questionamentos acerca do método dedutivo da filosofia aristotélica, ocasionados entre os séculos XVI e XVII, foram realizados e possibilitaram novas concepções e novos princípios que formaram um caminho o qual desaguaria em postulações científicas modernas. A obra publicada em 1543 de Nicolau Copérnico, *De revolutionibus orbium coelestium*, a qual implicitamente rompia com considerações relativas à metodologia aristotélica pôde favorecer um novo olhar para o desenvolvimento científico que ficaria evidente nas seguintes publicações realizadas ao longo dos séculos por vir.

Essas crescentes evoluções no âmbito do conhecimento científico e tecnológico, que alargaram os limites do mundo e descobriram novas terras, corroborou para que a visão de que as doutrinas antigas fossem vistas como limitadas – concordando com colocações

---

<sup>200</sup> ROSSI, Paolo. *Filósofo e as Máquinas, 1400-1700*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989. p.64

humanistas a respeito de que “a filosofia e a ciência de tais doutrinas [antigas] não são compêndios de verdades eternas, mas, pelo contrário, produtos históricos ligados a uma época e a um lugar determinado”<sup>201</sup>, um comentário que estará frequentemente presente nas defesas de Bacon em relação ao conhecimento.

Desses séculos de descobertas, cresceu também a ideia de que a compreensão humana não deveria ser vista por um quadro unitário e determinado. E pode-se dizer que, de fato, o seu desenvolvimento não esteve associado a uma unidade; a concepção da ciência moderna, a qual concebemos entre os períodos do século XVI e XVII sobretudo, não nasceu em um *campus* universitário, mas em diferentes lugares e por diferentes indivíduos por toda a Europa.<sup>202</sup>

No que concerne à ciência da Inglaterra, o avanço científico pôde florescer principalmente nas áreas da matemática e da medicina, através dos trabalhos e postulações ocasionadas por Robert Recorde, John Dee, Thomas Harriot, William Oughtred, Thomas Digges – sendo todos esses matemáticos e o último, em específico, sendo o primeiro a descrever o sistema copernicano na língua inglesa e, a fazer acréscimos acerca desse.<sup>203</sup> Apesar disso, figuras proeminentes do campo matemático e científico não se afastaram de ideias herméticas, essas que mantiveram sua continuidade. As relações entre magia e ciência permaneciam, vide a manutenção de práticas experimentais que visavam não apenas a obtenção de resultados no âmbito mecânico, mas também no místico.<sup>204</sup>

O que se pode conceber é que mesmo dentro das novidades acerca do saber e da ciência, tem-se uma dissonância significativa de percepções; de um lado, dentro do campo universitário, por exemplo, tem-se uma conservadorismo e uma manutenção do ensino tradicional; e mesmo nos campos “livres”, ocasionados nos laboratórios pessoais, nos ateliers de engenheiros e artistas, as percepções e visões de mundo podem ser variadas.

---

<sup>201</sup> *Ibidem*. p.64-65

<sup>202</sup> ROSSI, Paolo. O nascimento da ciência moderna na Europa. Bauru, SP: EDUSC. 2001. p.9

<sup>203</sup> KOYRÉ, Alexandre. Do mundo fechado ao universo infinito. Tradução de Donaldson M. Garsehagen; apresentação e revisão técnica de Manoel Barros da Motta. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006. p.34

<sup>204</sup> Algumas figuras como John Dee, já mencionado, foi um matemático e alquimista fortemente associado ao âmbito da corte elizabetana, sendo o astrólogo da corte e também um dos conselheiros da rainha; outra figura associada à corte da rainha Elizabeth I foi o médico William Gilbert, que concebia o universo como uma entidade viva e que tanto a Terra como os demais astros tinham uma alma e se auto conservavam; tem-se também o escocês John Napier, que descobriu os logaritmos e se utilizou do conhecimento matemático para decifrar alguns enigmas proféticos presentes no *Book of Revelation*, ou o Apocalipse da Bíblia. COWARD, Barry; GAUNT, Peter. *Op Cit*. 2017. p.78; MCLEAN, Antonia. Humanism and the rise of Science in Tudor England. New York: Neale Watson Academic Publications, Inc. 1972. p.158

Talvez tenha sido essa a percepção de Francis Bacon quando se deparou com a possibilidade de escrever a respeito de uma classificação do saber: não apenas em crítica à tradição e ao que pode ser melhorado, mas também pela percepção de que naquele momento as comunicações a respeito do conhecimento e da ciência eram como a Torre de Babel cuja diversidade de perspectivas prejudicasse a compreensão e a chegada ao conhecimento concreto.

De tais aspectos resulta a percepção da quebra com a tradição, proposta por Francis Bacon. A sua recusa parte desses movimentos de evolução humana no que concerne o saber, que surgem em um crescente afastamento de postulações medievais. Como exposto por Menna, a relação complexa com o conhecimento ocasionada sobretudo no medievo era expressa por um conjunto de proibições que abarcavam as seguintes sentenças: *Não comerás do fruto da árvore proibida* (Gênesis 2.17); *Não procurarás saber o que excede a tua capacidade e não especularás o que ultrapassa tuas forças* (Eclesiastes, 11.20); *Não busques conhecer as coisas elevadas* (São Paulo, Epístola aos Romanos, 11.20).<sup>205</sup>

Vale ressaltar que essas ditas proibições tinham muito mais uma finalidade e significado moral do que necessariamente intelectual e de perscrutação filosófica. Na Epístola aos Romanos, por exemplo, a ideia expressa por São Paulo em seu *Noli altum sapere* refere-se sobretudo a uma censura da soberba moral, do que um ataque à curiosidade intelectual; e tais interpretações foram realizadas pelos comentadores medievais e renascentistas, ainda que o termo *sapere* tenha sido associado ao significado intelectual posteriormente e ganhado essa compreensão epistemológica, já não mais ética.<sup>206</sup>

Ao mencionarmos, nesse sentido, a quebra com a tradição, pode-se compreender principalmente a partir de um crescente afastamento dessas ditas proibições medievais. Paolo Rossi traz cinco pontos que apontam as discontinuidades com certos aspectos da cultura e do conhecimento medieval: 1) na natureza dos modernos não há uma diferenciação da *essência* entre corpos naturais e corpos artificiais; 2) a experiência dos aristotélicos apela para o mundo da cotidianidade a fim de exemplificar e ilustrar todas as coisas, ao passo em que as experiências dos modernos são experimentos elaborados de maneira artificial no intuito de

---

<sup>205</sup> MENNA, Hugo Sergio. Máquinas, gênios e homens na construção do conhecimento: uma interpretação heurística do método indutivo de Francis Bacon. Campinas, SP: [s.n]. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2011. p.52

<sup>206</sup> *Ibidem*, p. 52-53; GINZBURG, Carlo. O alto e o baixo: o tema do conhecimento proibido nos séculos XVI e XVII. GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Schwarcz. 1989. pp.95-117

confirmar ou desmentir teorias; 3) o saber científico dos modernos é como uma exploração de um novo continente, o dos medievais são voltados ao tratamento longo e paciente dos problemas com base em regras codificadas; 4) o saber medieval só abre espaço para o mestre e o discípulo, e exclui a possibilidade da figura do inventor; 5) a intenção medieval de buscar uma precisão absoluta foi um obstáculo, e não uma ajuda, para a criação de uma ciência matemática da natureza, ao contrário do que pôde ser vislumbrado nas práticas dos cientistas modernos.<sup>207</sup> Tais aspectos também foram expressos no pensamento e na crítica tecida por Bacon ao estado do conhecimento na Inglaterra – aspecto que é trabalhado em especial no *The Advancement of Learning*, mas que pretendemos contextualizar previamente.

Tendo em vista as movimentações que eram ocasionadas na Europa e as novidades vigentes, somada à antipatia e discordância sentida sobre a filosofia dos gregos em sua formação universitária, pode-se considerar que as propostas baconianas a respeito do conhecimento e de uma nova cultura se relacionam com uma tentativa de afastamento do saber contemplativo e mágico. Para Bacon, a finalidade da pesquisa científica não é assegurar fama e glória ao pesquisador, mas sim de gerar caminhos para que novos pesquisadores surjam e novas ideias sejam elaboradas (e produzidas) – daí o caráter cooperativo no saber baconiano. Pode-se dizer que seus interesses visavam sobretudo uma substituição da filosofia das palavras para a filosofia das obras. Essa nova atribuição de função para o saber comporta, em seus escritos, a intenção de ruptura com uma tradição milenar vislumbrada na filosofia escolástica e aristotélica.<sup>208</sup>

O pressuposto de ruptura, nesse sentido, se dá pela crença de que a raça humana estava adentrando em uma nova época – como será visualizado, a exemplo, na iconografia da *Instauratio Magna*, do navio cruzando os pilares de Hércules. Tendo em vista esse novo momento para a humanidade, resulta também a necessidade de uma nova filosofia e uma percepção de mundo que proporcione resultados e progresso. Para Bacon, “não é admissível procurar chamar de volta à vida a ciência das trevas da antiguidade, em lugar de procurá-la na luz da natureza.”<sup>209</sup>

---

<sup>207</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 2001. P. 17

<sup>208</sup> Rossi aponta que tais intenções podem ser visualizadas em escritos como *Temporis Partus Masculus* e *Valerius Terminus*, ambos realizados por volta de 1603; após o *The Advancement of Learning*, de 1605, tem-se também os escritos *Filum labyrinth* e *Cogitata et visa*, de 1607; e *Redargutio philosophiarum*, de 1608. ROSSI, Paolo. Da magia à ciência. Londrina: Eduel, Editora da UFPR. 2006. p.145-146

<sup>209</sup> BACON, Francis. Valerius Terminus. *Apud* ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 2006. p.147-148

Faz-se interessante conceber como as passagens mencionadas anteriormente a respeito da proibição antigo-medieval a respeito da perscrutação do conhecimento, que passaram a ser utilizadas em caráter de afastamento do indivíduo ao conhecimento, foram reutilizadas por Bacon para concordar com a busca pelo saber (desde que esse seja realizado para a humanidade, e não para ganho pessoal); e as figuras da filosofia grega (Platão, Aristóteles, Galeno, Cícero, Sêneca, Plutarco, dentre outros) e da filosofia escolástica (São Tomás de Aquino, Ramus, Paracelso, Telesio, entre outros) foram postas como figuras moralmente condenáveis, por terem afastado significativamente a humanidade do verdadeiro conhecimento e ter transformado a filosofia em um instrumento de disputas retóricas.

O que se pode dizer é que o afastamento de Bacon aos filósofos gregos e aos mágicos se relaciona por sua recusa a compreender as tarefas e as funções dessas filosofias, mas principalmente por rejeitar as premissas históricas que essas filosofias acabam por abarcar. Em *Temporis Partus Masculus*, escrito em 1603, Bacon fala da obscuridade das palavras, de uma religião adulterada e de inverdades teóricas fundadas em certos experimentos – ao fazê-lo, critica e menciona respectivamente os exercícios lógicos escolásticos, as teologias racionais presentes na corrente platônica e as metafísicas da natureza abordada por alquimistas e magos da renascença.<sup>210</sup>

Para além das refutações realizadas por Bacon, convém entender as razões pelas quais essas existiram. Um dos primeiros pontos a esclarecer diz respeito às circunstâncias das universidades inglesas, que mantiveram-se fieis ao currículo tradicional e se fecharam estritamente a este domínio, rejeitando e negando quaisquer possibilidades daquilo que conceberam como “novidades”.

Como bem apontado por Rossi, o peso que o nominalismo, as correntes céticas, empiristas naturalistas exerceram sobre a cultura inglesa dos Quinhentos e dos Seiscentos fez com que muitas figuras se voltassem para as universidades e as enxergassem como privadas de quaisquer empenho cultural e reduzida apenas ao exercício acadêmico. Essa ociosidade e estagnação nas universidades, aliás, corroborou para uma percepção anti-tradicionalista que acusava de papismo essa cultura que se mantinha nas estruturas universitárias.<sup>211</sup> Essa reação se apresenta também como resultante dos contextos ligados à reforma e as subsequentes

---

<sup>210</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 2006. p. 150

<sup>211</sup> *Idem.*

disputas ocasionadas por ela. Como foi mencionado, durante o período de Mary I, figuras conservadoras foram reintegradas nas universidades.<sup>212</sup>

O crescente afastamento das universidades, fez com que se estabelecesse um centro de circulação de informações em Londres. Ali, tem-se o apoio de figuras aristocráticas que, pouco a pouco, foram construindo grupos de livres filósofos, de colecionadores privados de bibliotecas e manuscritos, etc. Figuras já mencionadas como Robert Recorde, John Dee, Thomas Digges pertenceram a esses grupos e corroboraram no crescimento desses pontos londrinos.<sup>213</sup>

A cidade de Londres foi um dos principais pilares de propagação de conhecimento local e do cooperativismo científico entre artesãos e artífices; os arredores da catedral de São Paulo foi um dos epicentros de interação no reino inglês, abarcando não apenas os debates religiosos, mas também as propagações de notícias, as distribuições de folhetos e a venda de livros impressos de diferentes temas. Londres desenvolveu uma cultura empírica significativa, enquanto no século XVI as universidades tradicionais se mantinham nas discussões sobre a autoridade dos textos antigos.

Deborah Harkness aponta que não haveria revolução científica inglesa sem a contribuição dessas figuras e também da circulação existente nesse centro Londrino, que ficava aos arredores da Catedral de São Paulo, pois foram estes que ofereceram as bases para o avanço do conhecimento científico inglês – uma vez que forneceram ferramentas, técnicas e percepções a respeito do estudo da natureza, afastando-se das bibliotecas e se aproximando dos laboratórios.<sup>214</sup>

---

<sup>212</sup> Embora tenhamos mencionado o reinado de Mary I e o estabelecimento de figuras conservadoras nas universidades, vale ressaltar como nada mudou durante o reinado elizabetano. Como bem afirma Rossi: Faz-se interessante conceber como durante o século XVI, e de acordo com os estatutos de 1565, os estatutos de Oxford organizavam o bacharelado da seguinte forma: dois trimestres de gramática, quatro de retórica, cinco de lógica, três de aritmética e dois de música. Para além disso, os textos utilizados eram sobretudo os de Ptolomeu para astronomia, Estrabão e Plínio para geografia e não existiam menções para Copérnico, nem para Colombo e nem para Vasco da Gama. Ainda no século XVI, especificamente nos estatutos de 1586, estava disposto que todos os bacharéis deixassem de lado outros autores que pudessem causar dissenso entre as escolas. ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 2006. p.152

<sup>213</sup> Dentre outras figuras, pode-se mencionar também Alexander Nowell, George Downham, Richard Greeham, Walter Tavers, John Cleave, William Perkins e Samuel Ward – fomentadores da prática científica e puritanos; para além dos cientistas mencionados acima, tem-se também Thomas Hill, Norman Bourne, Thomas Hood, William Gilbert, Edward Wright, William Bewell e John Gerard, como apontado por Hill. HILL, Christopher. *Op Cit.* 1992. p. 38; ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 2006. p. 150-151

<sup>214</sup> HARKNESS, Deborah E. *The Jewel House, Elizabethan London and the Scientific Revolution.* New Haven & London: Yale University Press. 2007. pp.2-3

Mesmo a parte não alfabetizada da população não deixava de estar presente dentro das circulações de ideias e novidades, sejam estas no âmbito político, religioso ou científico; sendo de Londres, bastaria visitar o Royal Exchange com suas aulas abertas, nos arredores da Catedral de São Paulo ou os teatros, Londres era evidentemente o centro metropolitano cultural da Inglaterra nesse período, onde debates, novidades, peças de teatro (incluindo as de Shakespeare) eram comuns de ocorrer.<sup>215</sup>

Faz-se interessante, no entanto, considerar as razões pelas quais a cultura inglesa se interessou e evoluiu tão rapidamente no âmbito científico, entre o período da segunda metade do século XVI e ao longo do século XVII. A historiografia tende a apontar duas principais razões, as quais evidentemente uma não exclui a outra; a primeira delas se refere aos novos interesses econômicos ocasionados pelas grandes navegações e o subsequente crescimento do comércio – caberia, então, desenvolver melhores e maiores tecnologias a respeito das ciências que colaboraram com uma navegação eficiente e segura, tal aspecto acaba sendo bastante elaborado nas considerações de Christopher Hill a respeito da ciência e medicina na Inglaterra do século XVI e XVII.<sup>216</sup> O segundo ponto se relaciona com a própria questão religiosa, mas principalmente o fator protestante ocasionado a partir da Reforma.

Ainda no que concerne a questão protestante, pode-se considerar que, visando se afastar cada vez mais do credo católico associado à igreja Romana, a forte aproximação de protestantes ingleses com as Escrituras também resultou em novas percepções para além dos campos teológicos. Assim, a bíblia passou a ser um instrumento não apenas relacionado a fé, mas também à investigação sobre o verdadeiro significado de seu conteúdo<sup>217</sup> e, por consequência, de refutar certas interpretações e práticas – inclusive algumas que extrapolaram a teologia, como no caso das ciências astronômicas e até mesmo como recurso para o estudo da História. Como já mencionamos anteriormente, aspectos da filosofia natural foram colocados em dúvida em razão de novas proposições científicas, novas percepções a respeito da realidade, novos instrumentos para observação dessa realidade – além disso, novas interpretações bíblicas. A teologia de Calvino progressivamente associada às recentes ideias científicas fomentou essa união entre religião e ciência na Inglaterra do século XVII.

---

<sup>215</sup> *Idem.*

<sup>216</sup> HILL, Christopher. *Op Cit.* 1992.

<sup>217</sup> HILL, Christopher. *A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII.* Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 2003. p. 36

A Inglaterra teve algumas peculiaridades que favoreceram esse crescimento cultural. Para além dos aspectos relacionados à alfabetização e seu crescimento, a vida cotidiana e intelectual inglesa não sofreu significativos problemas em sua prática, pois as guerras ocasionadas e travadas pelos ingleses foram realizadas em outros territórios; houve uma manutenção de paz durante quarenta anos antes da Guerra Civil ter início; e a Inquisição não tinha significativo impacto na produção de autores ingleses e tampouco de suas publicações no âmbito inglês.<sup>218</sup>

Retornando a Bacon, e tendo em vista como a Inglaterra se movimentava em termos culturais, religiosos e científicos, compreende-se como seus esforços na promoção de uma nova visão científica abarca também uma tentativa de sistematizar as novas contribuições e movimentações ocasionadas entre finais do século XVI e início do século XVII. Embora o filósofo não tenha atuado diretamente com os grupos londrinos e tampouco tenha desenvolvido uma ideia científica a qual modificaria as percepções a respeito do mundo físico, Bacon foi importante na construção de um plano filosófico que abarcou esses movimentos científicos e intelectuais que estavam acontecendo na Inglaterra de seu tempo. O que Bacon assentou intelectual e filosoficamente foi a ideia de progresso.

A figura de Francis Bacon, aliás, é comumente conhecida por historiadores ou pesquisadores que se debruçam no tema da Revolução Científica e da história da ciência e filosofia inglesa, ainda que esse tenha se dedicado fortemente à política inglesa desde sua juventude até os últimos anos de sua vida, de forma direta e indireta – no primeiro caso, atuando dentro da corte inglesa como cortesão, mas também como advogado, político, conselheiro; no segundo caso, propondo projetos políticos e de reforma para um dito “progresso” humano e do conhecimento.

O pouco vislumbre de outras facetas de Francis Bacon obscurece influências e concepções que estão presentes no seu pensamento e produção, contribuindo para uma visão nem sempre completa a respeito desse político e filósofo inglês – aspecto que desenvolvemos anteriormente, mas que se faz importante ao trazermos à tona a questão da teologia no pensamento de Francis Bacon: uma faceta pouco analisada, mas que constitui influências significativas ao projeto de conhecimento do filósofo e suas relações com a filosofia natural, ou ciência, bem como a sua própria concepção e posicionamento a respeito da fé.

---

<sup>218</sup> STIMSON, Dorothy. Puritanism and The New Philosophy in 17th century England. John Hopkins University Press: Bulletin of the Institute of the History of Medicine, Vol. 3, No. 5. May, 1935. p. 323

Como já mencionado, as percepções sobre a religiosidade em Bacon foram diversas, bem como a presença constante dos elementos religiosos em suas produções – desde os usos de imagens bíblicas, metáforas e parábolas, até os seus *Essays* (1597;1625) cujas interpretações, por vezes, geraram confusões a respeito de seus posicionamentos; ora expondo sobre preferir acreditar “[...] em todas as fábulas da Legenda, no Talmude ou no Alcorão do que pensar que esta imensa estrutura universal não dispõe de uma inteligência”<sup>219</sup>, ora estabelecendo que o ateísmo “[...] reserva suportes como o senso, a filosofia, [...] caminhos para construir no homem uma virtude moral exterior, ainda que desprovidos de qualquer religião.”<sup>220</sup>

O que se pode conceber, e que aqui desenvolvemos, é que para além das diferentes disposições religiosas presentes na Inglaterra, existia também diferentes disposições de estudos teológicos e filosóficos, e que parte desses estão presentes na formação intelectual e teológica de Francis Bacon – bem como atuam em partes das discussões teológicas da Inglaterra do século XVI e XVII.

Uma das principais linhas intelectuais as quais Steven Matthews acentuou – e relacionou – às discussões da Reforma inglesa, bem como ao pensamento de Francis Bacon, diz respeito ao estudo dos Padres da Igreja, ou Patrística. De acordo com o autor, tal perspectiva corrobora para as discussões sobre a Reforma em todos os âmbitos religiosos e contribuiu muito para a diversidade da opinião teológica no início do período moderno inglês.<sup>221</sup>

O retorno dos estudos patrísticos, iniciados a partir principalmente do século XIV, possibilitou que os escritos de teólogos cristãos dos primeiros séculos – da Era Comum – fossem recuperados. Charles Stinger, em sua produção a respeito dos Padres da Igreja e o humanismo, apontou que as contribuições dessas figuras foram para além do âmbito teológico, contribuindo até mesmo nos desenvolvimentos da retórica e da educação cívica.<sup>222</sup>

A presença de tais textos, posteriormente, no âmbito da Reforma inglesa possibilitou uma constante produção e menção aos Padres da Igreja, estes servindo como recurso de justificativa e manutenção de dadas doutrinas teológicas – tanto para o lado católico, como ao

---

<sup>219</sup> BACON, Francis. *Ensaio*. São Paulo: Edipro. 2015. p.63

<sup>220</sup> *Ibidem*. p.66

<sup>221</sup> MATTHEWS, Steven. *Op Cit*. 2008. p.14

<sup>222</sup> STINGER, Charles L. *Humanism and the Church Fathers, Ambrogio Traversari (1386-1439) and Christian Antiquity in the Italian Renaissance*. Albany, Us: State University of New York Press. 1977. pp. 83-167

lado protestante.<sup>223</sup> Ainda que para os grupos protestantes principalmente, uma vez que católicos escolásticos encontravam problemáticas entre suas perspectivas e as estabelecidas pelos Padres da Igreja – aspecto até mesmo desenvolvido por Erasmo de Roterdã, que apontou a escolástica como uma corrupção da prática cristã e que, para retornar à prática original, ou a *vetus theologia*, fazer-se-ia necessário abandonar a perspectiva escolástica<sup>224</sup> –, seus oponentes acabavam por garantir argumentos favoráveis para a manutenção da ideia de ruptura com Roma e continuidade da Reforma.<sup>225</sup>

Nesse sentido, o estudo da patrística fomentou, para o âmbito protestante, não apenas uma possibilidade de defesa e de manutenção da Reforma contra os católicos, como também forneceu a chance de investigar as causas da corrupção católica, e de como retornar aos princípios da igreja original, ou primitiva. Apesar disso, e no que concerne às discussões continentais, algumas contendas foram ocasionadas a respeito da manutenção da ideia de autoridade da *sola scriptura* e a subsequente preocupação de que a frequente consulta patrística retirasse a autoridade absoluta da Bíblia, bem como a acusação de que os padres gregos não estiveram isentos do que foi dito como erros romanistas. Tais colocações partiriam principalmente do âmbito continental e em âmbitos cuja agenda reformista já estava estabelecida.<sup>226</sup>

A Inglaterra, ao contrário, não tinha uma agenda reformadora definida e a influência dos estudos patrísticos se fazia bastante presente nos estudos teológicos ingleses, destacados pelo significativo enfoque ao longo do século XVI e principalmente no século XVII. Matthews aponta como o filólogo francês Isaac Casaubon (1559-1614) definiu a Inglaterra

<sup>223</sup> MATTHEWS, Steven. *Op Cit.* 2008. p.15

<sup>224</sup> “Com base na cultura literária latina, ele passou a defender a restauração da religião cristã, cujas fontes — o Novo Testamento e os escritos patrísticos — haviam, em sua avaliação, sido corrompidas e deixadas de lado, enquanto as futilidades dos escolásticos reinavam supremas, com todas as suas conseqüências para a sociedade em geral.” No original: “Apart from Latin literary culture, he came to champion the restoration of Christian religion, the sources of which — the New Testament and the patristic writings—had, in his estimation, been corrupted and cast aside while the trifles of the scholastics reigned supreme, with all its consequences for society at large.” In: BEJCZY, István. *Erasmus and the Middle Ages: The Historical Consciousness of a Christian Humanist.* Leiden, Boston, Köln: Brill. 2001. p. 108.

<sup>225</sup> “A reforma trouxe em seu rastro a divisão da cristandade ocidental. Convicções religiosas fervorosamente mantidas, apoiadas pelas estruturas de autoridades políticas dispersas e rivais, que forneceram ímpeto adicional para os estudos patrísticos, como defensores de diversas posições teológicas.” No original: The Reformation brought in its wake the division of Western Christendom. Fervently-held religious convictions, supported by the structures of dispersed and rival political authorities, provided additional impetus for patristic studies, as defenders of the several Theologic. HAAUGAARD, William P. *Renaissance Patristics Scholarship and Theology in Sixteenth-Century England.* The Sixteenth Century Journal, Vol. 10, No. 3. 1979. p.38

<sup>226</sup> MATTHEWS, Steven. *Op Cit.* 2008. p.16

como um refúgio do catolicismo e do protestantismo continental, uma vez que permitia o indivíduo a seguir a teologia da igreja primitiva.<sup>227</sup>

Um exemplo próximo a Francis Bacon é o de sua própria mãe, Anne Cooke, concebida também como uma estudiosa inglesa cuja proeminência se deu na literatura religiosa, principalmente nas traduções e estudos do Novo Testamento e dos Padres da Igreja.<sup>228</sup> As contribuições realizadas por Anne Cooke estiveram associadas ao âmbito puritano, sendo ela considerada pelos biógrafos de Bacon como uma figura religiosa fervorosa.<sup>229</sup> Do mesmo modo, Lancelot Andrewes, amigo e mentor de Francis Bacon, igualmente se debruçou nos estudos patrísticos, utilizando-os dentro de outra perspectiva religiosa – Andrewes era um conformista da igreja Inglesa, e afastado das ideias puritanas e calvinistas; e ficou marcadamente conhecido pela autoridade concedida aos Padres da Igreja.

---

<sup>227</sup> *Idem*.

<sup>228</sup> “Assim como sir Thomas More, sir Anthony tinha grande orgulho da educação que proporcionou às suas filhas, considerando o sucesso delas um reflexo de sua própria posição intelectual. A educação das meninas foi projetada, no verdadeiro estilo humanista, para aprimorar sua imagem virtuosa com realizações intelectuais decorativas, em vez de fornecer habilidades úteis para assuntos públicos ou negócios. Por isso, concentrou-se no grego em vez do latim, e acima de tudo no grego do Novo Testamento e nos padres da igreja grega” No original: “Like sir Thomas More, sir Anthony took great pride in the education he secured for his daughters, considering their success a reflection on his own intellectual standing. The girls' education was designed, in true humanist fashion, to enhance their virtuous image with decorative intellectual accomplishments, rather than to supply them with skills useful for public affairs or business. It therefore centred on Greek rather than Latin, and above all on New Testament Greek, and the Greek church fathers.” **In:** STEWART, Alan; JARDINE, Lisa. *Hostage to Fortune: the troubled life of Francis Bacon*. New York: Hill and Wang. 1998. p.25

<sup>229</sup> A exemplo: RAWLEY, William. *Works*. Vol. I. 1858; STEWART, Alan; JARDINE, Lisa. *Op Cit*. 1998; BOWEN, Catherine Drinker. *Francis Bacon, The Temper of a Man*. New York: Fordham University Press. 1993; etc.

#### **CAPÍTULO 4: *The Advancement of Learning* (1605) e o lugar da religião em Francis Bacon**

Em 1605, dois anos após a ascensão dos Stuarts na Inglaterra, tem-se a publicação da obra *The Advancement of Learning* de Francis Bacon – sendo a sua segunda obra impressa publicada desde *Essays*, em 1597. Dentre esses anos, pode-se dizer que as perspectivas de Bacon se ampliaram, para além do âmbito político, para uma direção preocupada com a filosofia natural e o estado do conhecimento em um início de tempo marcadamente movimentado, como foi o início do século XVII para os ingleses.

Até 1605 Bacon já havia realizado alguns escritos relacionados ao estado do conhecimento e da ciência na Inglaterra, prefigurando perspectivas e materiais que seriam vislumbrados em obras futuras, principalmente em seu *Novum Organum*, de 1620; dentre estes podemos mencionar *Valerius Terminus* (c. 1603), *De Interpretatione Naturae Proemium* (c. 1603) e *Temporis Partus Masculus* (c. 1604). Tais produções, ainda que não publicadas em vida, delinearão problemas a respeito do estado do conhecimento – e que Bacon certamente se dedicou a expor e analisar em *The Advancement of Learning*, estabelecendo a obra que ficou conhecida pela tentativa de classificação do conhecimento humano e divino, bem como por ser o primeiro passo de sua conhecida *Instauratio Magna*, de 1620.

A *Instauratio Magna*, aliás, embora tenha sido publicada alguns anos a frente, apresenta-se como um útil recurso para melhor compreensão da ordem baconiana e de seus projetos a respeito do saber, tendo em vista que essa obra é, acima de tudo, uma publicação que busca apresentar as etapas e as ordens do projeto de renovação do conhecimento desejado por Bacon. Do mesmo modo, a própria construção do frontispício corresponde também a uma prática, característica do período de Bacon, de estabelecer uma iconografia daquilo que será devidamente apresentado e tratado ao longo da obra.<sup>230</sup>

No chamado “Plano da Obra”, originalmente *Distributio operis*, Bacon apresenta a grande instauração como dividida em seis partes: (1) Divisão do conhecimento (*Partitiones*

---

<sup>230</sup> Tais considerações não estão relacionadas apenas a Bacon, mas sobretudo a uma prática e vivência ocasionada ao longo do século XVI e XVII. Dentro dessa perspectiva, tem-se as considerações de Tongiorgi Tomasi: “Between 1530 and 1560, an important series of scientific texts were printed in Europe; these introduced so many significant innovations that they effectively replaced the pre-existing medieval textual and iconographic tradition. The study of what quite deliberately came to be characterized as “the great book of Nature” found indispensable support in a novel type of visual representation, one arising out of a close collaboration between the artist and the scientist, who together succeeded in rendering with astonishing fidelity not only the visual, but also the cognitive aspects of a new reality.” **In:** TOMASI, L. T. *Image, symbol and word on the title pages and frontispieces of scientific books from the sixteenth and seventeenth centuries. Word & Image: A journal of Verbal/Visual enquiry*, 4:1, 2012. p. 372

*Scientiarum*); (2) Diretivas relativas à interpretação da natureza (*Nouum Organum sive Indicia de Interpretatione Naturae*); (3) Fenômenos do Universo, ou História Natural e experimental para a fundação da filosofia (*Phaenomena Vniuersi, sive Historia Naturalis & Experimentalis ad condendam Philosophiam*); (4) a escada do intelecto (*Scala Intellectus*); (5) prenúncio, ou antecipações da nova filosofia (*Prodromi, sive Anticipationes Philosophiae Secundae*); (6) a nova filosofia, ou ciência ativa (*Philosophia Secunda, sive Scientia Actiua*).<sup>231</sup>

No que concerne ao primeiro ponto da construção e renovação proposta por Bacon, tem-se a divisão e a classificação do conhecimento; justamente condizente com a publicação realizada pelo filósofo, em 1605. Em seu plano de obra, essa primeira parte destaca a importância de esclarecer e catalogar a ciência e o conhecimento que a raça humana possui até então, uma vez que, fazendo-o, o aperfeiçoamento do “velho” e a aquisição do “novo” será mais rápida e frutífera; ao mesmo tempo, Bacon reitera o entusiasmo em buscar novas possibilidades de conhecimento para além das habituais, aponta ele que:

[...] As divisões de ciências que empregamos incluem não apenas coisas que foram percebidas e descobertas, mas também as que até agora foram deixadas de lado, mas que deveriam estar aí, pois tanto no mundo intelectual como no físico, existem desertos e locais cultivados. E, por isso, vez ou outra podemos nos distanciar das divisões habituais.<sup>232</sup>

Tal reflexão corrobora com a imagem frequentemente utilizada por Bacon de uma grande nau cruzando os pilares de Hércules e desbravando os mares desconhecidos, uma alusão às possibilidades do saber e de seu progresso. Tal imagem, vale ressaltar, está presente não apenas no discurso realizado por Bacon ao longo de algumas de suas obras, mas também protagoniza o frontispício da própria *Instauratio Magna*, de 1620, como pode ser visualizado a seguir na figura 1.

Outro aspecto ainda presente neste frontispício, relaciona-se com a frase escrita logo abaixo da nau, *Multi pertransibunt & augebitur Scientia*, ou “muitos passarão e o conhecimento aumentará”. Essa frase pode constituir duas questões: a primeira referente aos próprios desejos de Bacon em desbravar os ditos desertos de saber ainda não explorados; e o primeiro passo para tal, seria cruzar as colunas de Hércules que sustentam um saber antigo e já “ultrapassado”, ou estéril nas concepções baconianas, para as novidades dos séculos XVI e

<sup>231</sup> BACON, Francis. *Franciscy De Verulamio, Summi Angliæ Cancellarij Instauratio Magna*. Londini : Apud [B. Nortonium &] Ioannem Billium typographum Regium, 1620. p.15

<sup>232</sup> BACON, Francis. *Novo Organum, Instauratio Magna*. São Paulo: Edipro. 2014 (1620). p. 28

XVII. Para ele, “deve-se equipar o entendimento humano a fim de partir para o oceano”<sup>233</sup>, isto é, esse âmbito literal e figurativo de exploração e desbravamento.

Além disso, os pilares de Hércules eram os promontórios que flanqueavam a entrada do Estreito de Gibraltar; antes vistos como os pilares que marcavam o fim do mundo conhecido. No frontispício traz-se à tona o sentimento de exploração e de exaltação dos modernos que, em seus navios, desbravaram o Novo Mundo, seja literalmente a partir das chamadas Grandes Navegações, ou figurativamente nas novidades e descobertas científicas vislumbradas ao longo dos séculos XVI e XVII.<sup>234</sup>

Talvez se faça importante reiterar aqui a ideia de progresso e como tais publicações de Francis Bacon correspondem a essa construção ideal de um progresso, sobretudo o científico. Da tradição da magia renascentista, figuras como Bacon adotaram uma tese central: a de que o saber não é uma mera especulação e contemplação da verdade, mas é sobretudo a ideia de ação, de domínio da natureza, de potência e de manipulação da natureza para benefício do homem. A sua recusa, no entanto, se dá pela característica fechada a qual esse conhecimento se submete; para Bacon, a ideia de progresso e da *Instauratio Magna* associa-se a uma cooperação científica, pautada também em uma ideia de Caridade – como será vislumbrado em sua obra de 1605, *The Advancement of Learning*, a qual estabelece essa consideração pela primeira vez.<sup>235</sup>

Essa imagem de ciência apoiada e vislumbrada por Bacon desempenha um papel importante para a formação de uma ideia de progresso, sobretudo quando se evidencia o impacto das considerações baconianas no âmbito científico e político da Inglaterra do século XVII – aspecto que Christopher Hill desenvolveu em seus trabalhos.<sup>236</sup> Como bem mencionado por Paolo Rossi, “dos primeiros anos do século XVII até a segunda metade do século XIX, a ideia de um crescimento, de um *avanço do saber* acompanha todos os vários e diferentes programas científicos, constituindo, por assim dizer, seu fundo comum.”<sup>237</sup>

---

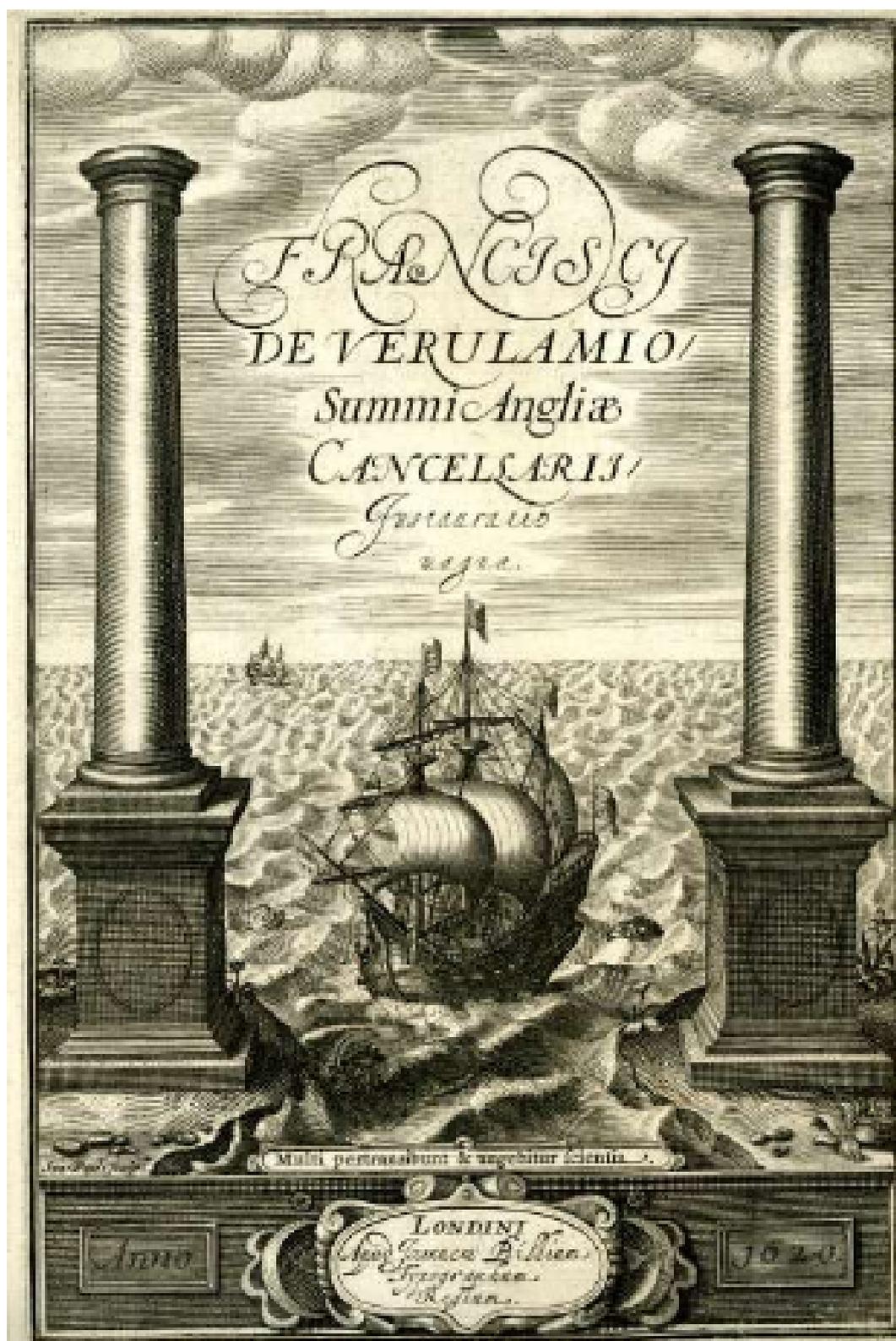
<sup>233</sup> *Idem.*

<sup>234</sup> GASCOIGNE, John. Crossing the Pillars of Hercules: Francis Bacon, the Scientific Revolution and the New World. In: GAL, Ofer; CHEN-MORRIS, Raz. (Eds.) Science in the Age of Baroque. International Archives of the History of Ideas 208. New York; London: Springer. 2013.

<sup>235</sup> “O apelo à natureza e à experiência, a insistência sobre a necessidade das observações, a avaliação da importância das abstrações não implicam absolutamente, enquanto tais, a adesão à imagem de uma ciência que tenha caráter público, que seja baseada na colaboração e na divulgação dos resultados; que seja portanto constituída por contribuições individuais, organizadas na forma de um discurso sistemático, oferecidas com vistas a resultados que possam (pelo menos potencialmente) torna-se patrimônio de todos.” ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 2000. p.48

<sup>236</sup> HILL, Christopher. *Op Cit.* 1992.

<sup>237</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 2000. p.49



**Figura 1:** Frontispício de Francis Bacon, *Instauratio Magna*, com as duas colunas de Hércules em uma costa rochosa e uma nau navegando além dessas. (Londres, J.Bill, 1620)

A segunda questão diz respeito a um aspecto religioso, pois a frase presente no frontispício refere-se a um versículo de Daniel, do Antigo Testamento, e Bacon a interpretou a partir da ideia de que aquele momento (o século XVII, mas sobretudo a partir dessa publicação de 1620) estava destinado a cumprir a abertura do mundo diante da navegação, mas também do rápido progresso da ciência. De acordo com Rossi, esse versículo esteve presente em obras como a de Joseph Mede, *Clavis Apocalyptica*, de 1627, bem como nas produções do clérigo William Twisse, em uma adesão à ideia milenarista, na esperança de uma total redenção da humanidade, somada à interpretação baconiana da profecia de Daniel.<sup>238</sup> Tal perspectiva de Bacon abriu espaço não apenas para uma esperança na ideia de progresso, mas também a aproximou de correntes e perspectivas do âmbito religioso.

O aspecto milenarista não deve ser desconsiderado nessa imagética proposta por Bacon no frontispício da *Instauratio Magna*, bem como seu próprio conteúdo. Embora Bacon não tenha explicitado tais posicionamentos durante seus escritos, é importante considerar a vigência do pensamento apocalíptico e milenarista na Inglaterra durante o século XVII – sobretudo a partir da figura de Joseph Mede (1596-1639).

Ainda no que diz respeito aos passos para a grande instauração, o segundo passo relaciona-se principalmente à publicação realizada também no ano de 1620, o *Novum Organum*, a qual Bacon se dedica à construção de seu método de indução. A obra faz uma alusão nítida à obra de Aristóteles, *Organon*, especialmente em um lugar de oposição aos tratados lógicos do filósofo grego, por apresentar também em seu título a ideia de um “novo” instrumento ou ferramenta para a descoberta e justificação das artes e das ciências.

É importante ressaltar que a obra que se apresenta no segundo passo da instauração baconiana tem suas primeiras formulações ocasionadas a partir da obra *The Advancement of Learning*, pois é nessa segunda que Bacon organiza a sua percepção sobre a Lógica e a divide em quatro partes, uma dessas é a que o *Novum Organum* prioriza o melhor desenvolvimento – a arte da inquirição ou invenção. Tais questões podem ser vislumbradas na seguinte passagem:

As Artes Intelectuais são em número de quatro, divididas conforme os fins a que se referem: pois o trabalho do homem é *descobrir* aquilo que se *busca* ou *propõe*, ou *julgar* aquilo que se descobre, ou *reter* aquilo que se *julga*, ou *comunicar* aquilo que se *retém*. De modo que as artes devem ser quatro: Arte da Inquirição ou Invenção; Arte do Exame ou Juízo, Arte da Custódia ou Memória e Arte da Eloquência

---

<sup>238</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 1992. p. 62

ou Tradição. A Invenção é de dois tipos, que diferem muito entre si: uma das Artes e Ciências, e a outra do Discurso e Argumentos. A primeira encontro deficiente, com uma omissão que parece ser como se ao fazer o inventário das posses de um defunto se escrevesse que *não há dinheiro disponível*. [...] A invenção de discursos ou argumentos não é propriamente invenção, pois inventar é descobrir o que não se sabe, não recuperar ou reinvocar o sabido; e a prática desta invenção não consiste senão em, *do conhecimento que nossa mente já possui, extrair ou chamar aquilo que possa ser pertinente para o propósito que temos em consideração*.<sup>239</sup>

A arte da invenção, para Bacon, é dividida entre duas categorias, a das artes e ciências, e também a dos discursos e argumentos, faz-se importante por duas principais razões: no que concerne às artes e ciências, organiza-se para a descoberta, para a inquirição do novo. Para Bacon há também duas subdivisões para a invenção de artes e ciências, a interpretação da natureza e a experiência ilustrada – a primeira, será a nova Lógica proposta sobretudo no *Novum Organum*; a segunda, é um esboço do que a primeira possa apresentar como resultado.

Apesar disso, as demais artes intelectuais mencionadas por Bacon são importantes para a composição da Lógica estipulada pelo filósofo, tendo em vista que estão relacionadas e são propostas como ferramentas para estabelecer um novo método de avaliação e descoberta para o âmbito do conhecimento. A razão de mencionar a arte da invenção diz respeito à proeminência dessa na segunda etapa do processo da *Instauratio Magna* baconiana

Após o estabelecimento de uma classificação do conhecimento, de uma nova Lógica ou de um novo instrumento para a construção do saber, convém mencionar o terceiro passo que foi estabelecido por Bacon em seu plano de obra: Os fenômenos do universo, que têm como protagonista a História Natural. Para Bacon, os fenômenos do universo compõem “toda forma de experiência, combinada com o tipo de história natural com potencial para estabelecer as bases da filosofia”<sup>240</sup>, tendo em vista principalmente que a concepção baconiana referia-se ao acúmulo de saber de seu período como um material escasso e fraco demais para a possibilidade de construção de uma nova ciência e filosofia. Pode-se dizer que, dentro dessa perspectiva, as produções *Parasceve ad Historia Natural et Experimentalem*, de 1620, bem como a obra póstuma *Sylva Sylvarum*, de 1627, destacam-se como parte do plano.

A quarta parte do processo de reforma do conhecimento proposto por Bacon, refere-se à escada do intelecto: ou, melhor dizendo, à proposta de exemplificação e instrução para uso e aplicação das nova Lógica baconiana; como o próprio filósofo afirma em seu Plano de Obra, “dedicamos a quarta parte de nossa obra para esses exemplos e, portanto, ela é verdadeira e

<sup>239</sup> BACON, Francis. O progresso do conhecimento. São Paulo: Editora Unesp. 2007 (1605). p. 185

<sup>240</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2014 (1620). p. 32

simplesmente uma aplicação específica e detalhada da segunda parte.”<sup>241</sup> Embora Bacon não deixe claro quais obras poderiam fundamentar esse quarto passo, alguns pesquisadores consideram os escritos *Scala Intellectus sive Filum Labyrinthi* e *Abececlarium Naturae* como potenciais exemplificações, estes publicados apenas postumamente.<sup>242</sup> Apesar disso, e considerando o processo a ser estabelecido para a chegada do progresso do saber, Bacon considera a quinta parte como útil apenas por um tempo, pois essa servirá como “abrigos construídos ao longo da estrada para a mente descansar por um tempo conforme ela se esforça no sentido de conseguir coisas mais certas.”<sup>243</sup> Isto é, Bacon propõe a utilização de opiniões provisórias, para uso temporário, até que maiores certezas e conclusões – advindas de seu método – possam substituir as proposições anteriores. A quinta parte, nesse sentido, relaciona-se ao momento de transição do processo de progresso do saber.

A sexta e última etapa do processo de instauração baconiana, refere-se ao momento pós-transição vislumbrado na etapa anterior. Nesse momento, na concepção do filósofo, os resultados foram obtidos e o seu método foi comprovado. Esse processo, iniciado por Bacon, terá sua finalização e realização diretamente ligada com as movimentações da raça humana. O discurso do filósofo, de teor pessimista em razão do que ele concebe como o “atual estado das coisas e pelo estado atual do pensamento dos homens”<sup>244</sup> acabou sendo resgatado de maneira diferente posteriormente, em especial pelo discurso iluminista que se conectou com as ideias e as aspirações sobre a ciência e o progresso, aspectos tão marcadamente presentes nos discursos de Francis Bacon – criando um canal direto entre tais discursos, e uma certa continuidade.

A razão da exposição do Plano de Obra de uma proposta de reforma do conhecimento publicada apenas em 1620 diz respeito à duas questões: a primeira refere-se ao interesse de explicitar qual foi a ideia de Francis Bacon a respeito do lugar do conhecimento para a humanidade, bem como as etapas para a construção dessa nova fundação; a segunda questão refere-se à possibilidade de indagar onde a fé e a religião se encaixam dentro dessa grande instauração – e que resulta, portanto, na razão deste capítulo: o lugar da religião no projeto de conhecimento de Francis Bacon. Tal indagação pode ser compreendida, aliás, a partir da primeira etapa proposta por Bacon a respeito da classificação do conhecimento, a qual

<sup>241</sup> *Ibidem*. p.35

<sup>242</sup> MENNA, Sergio Hugo. Máquinas, gênios e homens na construção do conhecimento: Uma interpretação heurística do método indutivo de Francis Bacon. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. [s.n.]. 2011. P. 46

<sup>243</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2014 (1620). p. 36

<sup>244</sup> *Idem*.

corresponde à obra *The Advancement of Learning*, de 1605, e que nos debruçaremos nas páginas por vir.

### 3.1. *The Advancement of Learning* (1605)

Como já mencionado anteriormente, o *The Advancement of Learning* escrito por Francis Bacon e publicado no ano de 1605 por Thomas Purfoot e Thomas Creede se apresentou, na época de sua publicação, como uma das primeiras iniciativas tomadas por Bacon – para um público inglês – a respeito do estado atual do conhecimento e das possibilidades para esse. Até então, ideias a respeito de uma renovação do saber estavam presentes em textos elaborados alguns anos antes, mas não publicados até depois de sua morte, ou a partir de cartas que esboçaram esse interesse em novas concepções para o conhecimento. Uma ideia que, na verdade, embora não tenha sido inédita, traz consigo duas questões: em primeiro, um sistema de classificação do conhecimento que advoga por um abandono de certos modos de pensar, ou pelo menos a modificação destes para uma potencial evolução; em segundo, e subseqüentemente, uma quebra com uma tradição ainda vigente de um conhecimento místico e mágico presente no âmbito da filosofia e da ciência.

Tais questões acabam se associando também às movimentações político-religiosas e culturais daquele período de produção e publicação vivenciado por Bacon, e que alguns autores frequentemente esboçam em suas considerações ao tratar da segunda metade do século XVI e início do século XVII – na Inglaterra principalmente.<sup>245</sup>

As questões culturais apresentam-se como um significativo âmbito de análise, uma vez que nos direcionam aos modos como os sistemas de crenças e as práticas vigentes estavam estruturadas naquela sociedade, principalmente ao constatarmos que a cultura não está separada dos campos políticos e religiosos. Na verdade, tais aspectos muitas vezes condicionam o âmbito sociocultural, vice-versa, como já analisado – e também, como

---

<sup>245</sup> O já mencionado historiador Christopher Hill trouxe considerações a respeito das novas movimentações ocasionadas pelas grandes navegações, as novas descobertas astronômicas, dentre outros aspectos como motores para novas percepções sobre uma prática científica na Inglaterra dos séculos XVI e principalmente no XVII. Além disso, podemos mencionar também a autora Deborah Harkness que destacou em sua produção, centralizada no período elizabetano, sobre a forte presença de discussões científicas e trocas de conhecimento vivenciadas pela população inglesa, para além do âmbito letrado. Apesar disso, é correto e importante destacar a figura de Paolo Rossi como um importante autor a respeito dessas transições na percepção e no desenvolvimento do conhecimento na Europa, sobretudo em sua obra, *Os Filósofos e as Máquinas*, que traz considerações significativas a respeito das artes mecânicas e filosofia no século XVI, a ideia de progresso científico e o crescente advento da técnica ao longo do século XVII. HILL, Christopher. *Op Cit.* 1992; HARKNESS, Deborah E. *The Jewel House, Elizabethan London and the Scientific Revolution.* New Haven & London: Yale University Press. 2007; ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 1989.

percebido pelo próprio Francis Bacon quando este constroi sua teoria dos ídolos, em 1620, no *Novum Organum*.

No que concerne Francis Bacon, a exemplo, considera-se que parte de seu pensamento proposto nas primeiras décadas do século XVII já fazia parte da visão de mundo e da prática de cientistas ingleses do século anterior, e que sua grande contribuição está atrelada à organização e sistematização desse pensamento – a exemplo, o despreço às críticas imparciais, à autoridade antiga e as doutrinas antigas; o apreço ao método experimental, sendo este considerado o único caminho para a verdade científica, e a ideia do cooperativismo científico.<sup>246</sup> Embora o filósofo não tenha atuado diretamente com os grupos londrinos e tampouco tenha desenvolvido uma ideia a qual modificaria as percepções a respeito do mundo físico ao redor, Bacon foi importante na construção de um plano filosófico que abarcou esses movimentos científicos e intelectuais que estavam acontecendo na Inglaterra do século XVII, já anteriormente mencionado. O que Bacon assentou intelectual e filosoficamente foi a ideia de progresso, e que esse seria possível através de três pontos:

- a) A convicção de que o saber científico é algo que aumenta e cresce, isto é, age através de um processo para o qual sucessivamente contribuem as gerações de estudiosos; b) a convicção de que esse processo nunca está ‘completo’ em qualquer momento ou etapa sua, isto é, que não necessite de acréscimos, revisões ou integrações ulteriores; c) enfim, a convicção de que se tenha de alguma forma uma única tradição científica, isto é, de que a ciência não se apresenta como um conjunto de teorias contrapostas e de ‘ismos, mas como um processo em que os desenvolvimentos mais revolucionários ‘salvam’ o núcleo essencial adquirido pelas gerações anteriores, apresentando-se como teorias mais gerais que incluem as teorias ‘velhas’ como seus casos particulares.<sup>247</sup>

Esses pontos serão vislumbrados não apenas, de maneira inicial, no discurso do *The Advancement of Learning*, de 1605, mas também em seu projeto de *Instauratio Magna*, de 1620. Pode-se dizer, aliás, que dentre os feitos realizados na obra de 1605, para além da estipulação clara de uma classificação do conhecimento, tem-se duas outras importantes considerações: primeiramente, o estabelecimento de uma ideia de cooperativismo científico, visto que Bacon advoga que a apreensão do conhecimento não deve ser uma atividade meramente individual – pois se o for, será vaidade – mas sim uma ação que engloba outras práticas, possibilitando sua evolução e um progresso filosófico e prático. Tal questão pode ser vislumbrada na passagem da obra *The Advancement of Learning*, no Livro I:

<sup>246</sup> MALLETT, David. *The life of Francis Bacon, Lord Chancellor of England*. London, Printed for A. Millar, against St. Clement's Church, in the Strand. 1740. p. 152.

<sup>247</sup> ROSSI, Paolo. *Os filósofos e as Máquinas, 1400-1700*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989. pp. 63-64.

Esse tempero corretivo, cuja adição torna o conhecimento tão soberano, é a Caridade, que o apóstolo imediatamente agrega à cláusula citada, pois diz: o conhecimento incha, mas a caridade constroi, não diferentemente do que declara em outra passagem: Se eu falasse (diz ele) com as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como um címbalo que ressoa; não porque falar com as línguas dos homens e dos anjos seja coisa excelente, mas porque, se se separa da caridade e não se aplica ao bem dos homens e da humanidade, é mais glória ressonante e indigna que virtude meritória e substancial.<sup>248</sup>

Uma das formas de construir um argumento a favor da ideia de cooperatividade científica se apresenta a partir da ideia de caridade, como pode ser visualizada na citação anterior. Ao fazê-lo, Bacon se afasta da imagem do filósofo solitário cuja construção do saber não produz resultados, ou meramente se esvai no que o autor chamou de envaidecimento e ostentação – uma crítica não somente à prática escolástica ainda difundida no âmbito universitário, mas também à imagem do “mago” a qual, detentor de um saber fechado e oculto, não dedicado a uma prática de difusão de conhecimento, é uma figura que se deixou “seduzir pela vã filosofia”, como Bacon bem descreve ao fazer uso da admoestação de São Paulo.<sup>249</sup>

O segundo ponto, e certamente um dos mais importantes para o presente trabalho, diz respeito à atitude de Bacon em possibilitar o diálogo entre o âmbito científico com o âmbito religioso – sobretudo o da igreja da Inglaterra –, ainda que separando-os em sua classificação do saber, possibilitando não apenas a criação de um esquema filosófico para a “nova ciência”, mas também tornando-a aceita e em diálogo com o domínio religioso. A perscrutação do conhecimento através de duas naturezas, a humana e a divina, devidamente classificadas e separadas.

Um terceiro ponto importante de ser enfatizado diz respeito à ideia que foi desenvolvida por Bacon em 1597, em seu escrito intitulado *Meditationes Sacrae*, e que estará presente ao longo de seus demais escritos e principais publicações filosóficas, de que *ipsa scientia potestas est* (o conhecimento em si é poder). Tal questão será melhor desenvolvida nas próximas páginas, porém é importante já estabelecer que a ideia de renovação do conhecimento e o progresso da humanidade, para Bacon, relacionava-se também na reiteração e manutenção de um poderio inglês nas mãos da Coroa.

Daí resultará também a dedicatória para o rei James I no *The Advancement of Learning*, e a associação deste com a figura do rei Salomão, concebido por Bacon como a

<sup>248</sup> BACON, Francis. O progresso do conhecimento. São Paulo: Editora Unesp. 2007 (1605). p. 22

<sup>249</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2007 (1605). p. 22

referência de um rei sábio; mas também, com a figura de Hermes Trismegisto, em uma referência também ao poder e sabedoria do novo monarca da Inglaterra.<sup>250</sup> Organizar as posições da ciência, religião e da prática científica sob orientação e patrocínio de uma figura política poderosa (como um rei) faz parte, também, de um primeiro passo para um projeto político que será melhor concebido a partir das obras já mencionadas anteriormente, como a *Instauratio Magna* e o *Novum Organum*.

Além disso, vale ressaltar como durante os primeiros anos do século XVII, principalmente quando ocasionada a ascensão da dinastia Stuart, as condições de vida de Francis Bacon não eram muito favoráveis; não obteve grandes sucessos durante o reinado elizabetano, inclusive tendo parte de sua reputação prejudicada em virtude das polêmicas com o Conde de Essex, seu antigo patrono. Quando James I se estabeleceu na Inglaterra, portanto, Bacon tão logo se aproximou e procurou garantir meios para uma ascensão de cargos e títulos naquele reinado – o que, de fato, conseguiu, até novas polêmicas surgirem e o filósofo ser afastado da política inglesa, em 1621.

No ano de 1605, no entanto, as tentativas de ascensão permaneciam. E talvez não tão coincidentemente, tem-se a sua publicação do *The Advancement of Learning* e a dedicatória para o novo monarca da Inglaterra. Sendo essa obra dividida em dois livros, ambos têm em seu início uma dedicatória realizada para James Stuart, associando-o por vezes à figura de Salomão e considerando-o a principal figura para execução do projeto de reforma do saber ali proposto.<sup>251</sup> É importante considerar que o uso da dedicatória é também um artifício cujo autor se apropria para potenciais ganhos, vale considerar que os interesses de Bacon abarcavam não apenas o aspecto científico, mas também o político.<sup>252</sup>

---

<sup>250</sup> “E tanto mais porque se encontra em Vossa Majestade uma rara conjunção de letras divinas e sagradas, bem como de profanas e humanas; de modo que Vossa Majestade esteja investido daquela triplicidade que com grande veneração se atribuía ao antigo Hermes; o poder e a fortuna de um rei, a sabedoria e a iluminação de um sacerdote, e o conhecimento e a universalidade de um filósofo.” *Ibidem*. p.18

<sup>251</sup> Faz-se importante considerar que, na iconografia da corte inglesa, não era novidade a associação da figura de James I com o rei Salomão, e da Inglaterra com a Nova Jerusalém. Essa mesma iconografia associava o governo de James I com as virtudes da justiça, paz e caridade, bem como o considerava um sábio rei. Bacon, nesse sentido, acaba se utilizando dessa vigente percepção em sua dedicatória. **In:** MCKNIGHT, Stephen A. *The Religious foundations of Francis Bacon's thought*. Columbia and London: University of Missouri Press. 2006. p.135

<sup>252</sup> Roger Chartier trouxe considerações a respeito do uso da dedicatória, por filósofos e cientistas, na tentativa de obter patrocínios e cargos para melhores condições – de vida, mas também de execução da dita filosofia e/ou ciência. Chartier se utilizou principalmente do exemplo de Galileu Galilei durante os anos de 1610; no nosso caso, convém aproveitar o exemplo e utilizá-lo para Francis Bacon. **CHARTIER**, Roger. *Poder e Escrita: o príncipe, a biblioteca e a dedicatória, (Séculos XV-XVII)*. **In:** BARATIN, Marc; JACOB, Christian. (Eds.) *O poder das bibliotecas, a memória dos livros no ocidente*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p.193

Para além da imagem criada pela Corte, bem como de potenciais interesses pessoais, vale ressaltar que James Stuart era uma figura versada na filosofia, e também de estudos como demonologia – a exemplo, a obra publicada em 1597, *Daemonologie, in forme of a dialogue, divided into three books*. Pareceria, nesse sentido, uma boa oportunidade para apresentação desta obra de reforma do conhecimento, que inevitavelmente abrangeria os âmbitos da política e da religião na Inglaterra.<sup>253</sup>

Desde as primeiras linhas do *The Advancement of Learning* se pode perceber a ideia de recuperação (do conhecimento) e de restauração (humana). Utilizar-se das percepções já vigentes de James I e o tema da sabedoria também foi um aspecto conveniente, ainda que as exaltações em dedicatórias a respeito da grandiosidade de uma figura fosse uma característica convencional dentro das produções.<sup>254</sup> Apesar disso, o tributo proposto por Bacon se difere a partir dos tópicos que acaba por desenvolver e associar: primeiro, ao trazer a tona a ideia de reminiscência (ou *anamnese*) de Platão, estabelece o seu pressuposto de recuperação de uma condição perdida, como se pode verificar na seguinte passagem:

Outrossim, me representando muitas vezes Vossa Majestade em meu pensamento, e vos observando não com o olhar inquisitivo da presunção para descobrir o que a Escritura me disse ser inescrutável, mas com o olhar observador do dever e admiração, deixando de lado as outras partes de vossa virtude e fortuna, me percebi comovido e também tomado de extremo assombro diante daquelas vossas virtudes e faculdades que os filósofos denominam intelectuais; a amplitude de vossa capacidade, a fidelidade de vossa memória, a rapidez de vossa compreensão, a penetração de vosso julgamento e a facilidade e a ordem de vossa elocução; e amiúde vim a pensar que, entre todas as pessoas vivas que conheci, Vossa Majestade era o melhor exemplo para persuadir da opinião de Platão, 'de que todo conhecimento não passa de reminiscência, e de que a mente do homem conhece por natureza todas as coisas, e nada mais têm que suas noções nativas e originais (que pelo estranhamento e obscuridade deste tabernáculo do corpo se acham sequestradas' novamente revividas e restauradas: tal é a luz natural que observei em Vossa Majestade, e tal vossa disposição de abraçar e brilhar à menor ocasião que se apresente, ou da menor fâisca do conhecimento comunicado por outro.<sup>255</sup>

No *Fédon*, Platão considera que a alma, antes de chegar ao plano terrestre, participa diretamente do conhecimento divino e acaba, por consequência, desenvolvendo uma compreensão perfeita da realidade. Tal compreensão, no entanto, sofre danos e se fragmenta quando a alma chega ao mundo físico que, através dos sentidos, distorce esse conhecimento

<sup>253</sup> “Pois pode muito bem parecer que um rei, através dos extratos resumidos dos engenhos e labores de outros homens, ostente alguns ornamentos superficiais e mostras de erudição, ou que prefira e favoreça homens de cultura e saber: mas beber de fato das verdadeiras fontes do conhecimento e ainda trazer uma delas em si mesmo, em um rei, e nascido de rei, é quase um milagre.” **In:** BACON, Francis. *Op Cit.* p.17-18

<sup>254</sup> MCKNIGHT, Stephen A. *Op Cit.* 2006. p.136

<sup>255</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2007. p.15-16

prévio.<sup>256</sup> É através da disciplina e do uso da razão que os sentidos podem ser controlados e a reminiscência, ou *anamnese*, é ocasionada; Bacon se apropria desse pressuposto platônico para aludir e elogiar o rei James I, como uma figura que dominou os sentidos. É interessante considerar também que, para além do uso retórico direcionado ao rei, tal passagem realizada por Bacon traz à tona o fio condutor da obra: para que o conhecimento e o aprendizado progreda, faz-se necessário se afastar da ignorância e dos erros que predominam, ainda, no conhecimento; esse progresso, aliás, é também uma recuperação e uma restauração de uma condição perdida.<sup>257</sup>

Faz-se interessante mencionar também a escolha da língua utilizada na obra, pois àquele momento era comum que obras fossem escritas em latim, inclusive no que concerne a intuições de uma melhor disseminação – entre grupos letrados para além do âmbito de publicação original – especialmente em escritos sobre filosofia. Christopher Hill e Deborah Harkness foram figuras que, em diferentes obras, citaram um grau de alfabetização na população inglesa, bem como a circulação frequente de obras de cunho científico e técnico, escritas em vernáculo, pelas cidades – sobretudo no âmbito livreiro e de circulação de notícias, como nas imediações da Catedral de São Paulo.<sup>258</sup>

Um outra figura a ser mencionada e que trouxe considerações a respeito da escolha de Bacon sobre o idioma utilizado na obra é Perez Zagorin que, em sua obra intitulada *Francis Bacon*, comenta que a publicação em inglês indica o propósito prático de tornar suas ideias conhecidas por um amplo público de leitores nativos.<sup>259</sup> Nesse sentido, a ideia de uma maior projeção é o que sobressai dentro das possíveis justificativas para a escolha do vernáculo.

O *The Advancement of Learning* é o primeiro passo de Bacon e o primeiro instrumento fornecido por ele para organização e propaganda de uma nova postura do homem diante das novidades do século XVII, para além de estabelecer a importância de uma ciência prática para um progresso humano, concilia essas novas atitudes ao assegurar uma moral e princípios religiosos para tais práticas. Para isso, convém trazer uma explicitação sobre a proposta de classificação do conhecimento baconiana e a sua divisão entre o conhecimento divino e humano.

---

<sup>256</sup> PLATÃO. Fédon. **In:** PLATÃO. Diálogos - O banquete, Fédon, Sofista político. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores). 1972. p.84-85

<sup>257</sup> MCKNIGHT, Stephen A. *Op Cit.* 2006. p.137

<sup>258</sup> HILL, Christopher. *Op Cit.* 1992; HARKNESS, Deborah E. *Op Cit.* 2007.

<sup>259</sup> ZAGORIN, Perez. Francis Bacon. Princeton: Princeton University Press, 1999. p.58

### 3.2. O projeto de classificação do conhecimento e seu mapeamento

Os escritos feitos por Bacon ao longo da década de 1590 e os primeiros anos de 1600 expuseram as inquietações e interesses do filósofo a respeito de uma mudança na maneira de conceber o saber e de como produzi-lo, sendo o *The Proficiency and Advancement of Learning Divine and Human*, ou simplesmente o *The Advancement of Learning*, como o resultado de uma tentativa de expor sua ideia de reorganização do conhecimento até aquele presente momento. Tal obra, publicada em vernáculo no ano de 1605, e dedicada ao rei James I como um “monumento imortal” da grandiosidade de tal monarca, é também dividida em duas partes: a primeira, ou o Livro I, é um elogio à aprendizagem – principalmente ao estabelecer a ideia do saber como um aspecto de excelência intelectual e de dignidade para reis e estadistas. Inicia-se com uma dedicatória ao rei James I, concebendo-o como uma figura erudita e capaz, por seu amor ao saber, de ser o grande patrocinador dessa proposta de progresso do conhecimento, como já mencionado.

O Livro II, por sua vez, é uma grande exposição do estado atual do conhecimento, bem como uma crítica construtiva para aqueles âmbitos do saber que precisavam de revisões, que tinham potencialidades de melhoria, dentre outros aspectos. É acima de tudo uma análise do conhecimento promovido até então pelos homens e a exposição das deficiências de alguns, indicando reformas e melhorias. Podemos ressaltar, aliás, que é a partir do segundo livro que se tem uma melhor percepção sobre a classificação do saber proposta por Bacon.<sup>260</sup> A importância da obra e dessa proposta de classificação se dá pelo ponto de partida de uma ideia que seria melhor desenvolvida ao longo dos anos, bem como sobre a criação de uma proposta de reforma, do objetivo e da adequação, de todas as ciências, como bem apontado por Faulkner.<sup>261</sup>

Podemos considerar também uma ampla crítica às práticas escolásticas e principalmente à filosofia aristotélica. Tais incômodos sobre Aristóteles e a prática do saber escolástico não eram novidades no pensamento de Bacon, como pôde reiterar frequentemente o seu primeiro biógrafo e assistente, William Rawley, e se tornam explícitos também no *The Advancement of Learning*.<sup>262</sup>

---

<sup>260</sup> KUSUKAWA, Sachiko. Bacon's classification of knowledge. In: PELTONEN, Markku. (Ed.) *The Cambridge Companion to Bacon*. Cambridge: Cambridge University Press. 1996. p.47

<sup>261</sup> FAULKNER, Robert K. *Francis Bacon and the project of progress*. Lanham, M.D.: Rowman & Littlefield, 1993. p.7

<sup>262</sup> RAWLEY, William. *Works*. Vol. I. 1858.

Este tipo de saber degenerado prevaleceu sobretudo entre os escolásticos, os quais, providos de engenho afiado e robusto, e abundância de tempo livre, mas pequena variedade de leituras, pois estavam encerrados seus entendimentos nas celas de uns poucos autores (principalmente Aristóteles, seu ditador, como o estavam suas pessoas nas celas de monastérios e colégios; e conhecendo pouca história natural ou dos tempos, com reduzida quantidade de matéria e agitação infinita do engenho nos teceram essas laboriosas teias de saber que achamos em seus livros. Pois o engenho e a mente humana, se trabalham sobre matéria, que é a contemplação das criaturas de Deus, trabalham conforme o material, e isso mesmo os contém; mas se trabalham sobre si como a aranha trabalha em sua teia, então sua atividade não tem fim, e produzem, com efeito, teias de aranha de saber, admiráveis pela finura do fio e da obra, mas sem substância nem proveito.<sup>263</sup>

Um dos principais argumentos que se tornam evidentes no primeiro Livro do *The Advancement of Learning* é a crítica ao saber estéril e que acabava em si mesmo, considerado e visto como típico dentro das práticas escolásticas. O argumento de Bacon ao apontar que a humanidade se perdeu em si mesma e que avançou, desprovida de uma visão, pelo caminho do saber faz parte de um dos seus elementos filosóficos centrais – principalmente quando deriva essa circunstância ao pensamento de Aristóteles.<sup>264</sup> Além disso, as propostas baconianas se afastaram das percepções estabelecidas no cânone filosófico aristotélico, pois Bacon estabelece uma percepção horizontalizada e complementar do saber, enquanto que o filósofo grego tem como característica a ideia de hierarquias – e que não seria diferente no âmbito do conhecimento.

Essas concepções estabelecidas por Bacon não são novidades dentro das discussões filosóficas, na verdade elas condizem com as crescentes percepções e discussões ocasionadas por diferentes figuras ao longo do século XV e XVI, e a qual Bacon se inspira, se apropria e estabelece suas considerações. A importância de ressaltar tal aspecto diz respeito à consideração de que a imagem estabelecida sobre Francis Bacon como um dos pais da ciência moderna – tão fortemente disseminada nas produções iluministas, como já tratado – não deve ser criada a partir de uma concepção do filósofo como “uma figura à frente de seu tempo”, mas na verdade como um grande produto do seu tempo: as considerações que constituem as obras baconianas são frutos de discussões, concepções e discordâncias de autores, filósofos e escritores de sua época, ou próximos dessa.

Um aspecto que pode ser mencionado novamente é a própria formação a qual Bacon esteve associado, dentre as quais podemos considerar os autores e as leituras presentes na

<sup>263</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2007 (1605). p. 50

<sup>264</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 1992. p.64

tabela do primeiro capítulo deste trabalho, e que foram considerados por Bacon como de importância, porém desprovidos de estabelecer uma base de operação, uma base de ação e de avanço para o conhecimento. Ao passo em que os autores associados ao campo da História e da retórica reaparecem nas considerações baconianas como parte de sua organização do conhecimento, como no caso de Salústio, Xenofonte, Homero, Tito Lívio e Júlio César, Aristóteles é o elemento central de uma crítica baconiana a respeito da inoperatividade do conhecimento provocados por essa filosofia demasiado especulativa.

Nesse sentido, a classificação do conhecimento realizada por Bacon é fruto de concepções anteriores as quais Bacon pôde estabelecer concordâncias, discordâncias e modificações. Para que melhor possamos compreender as relações entre a ciência e a religião no pensamento baconiano, conceber e compreender a classificação do conhecimento proposta por esse filósofo se apresenta como o melhor caminho a prosseguir, bem como as influências e descontinuidades que possibilitaram o estabelecimento dessa.

No que concerne às considerações prévias a Bacon, podemos iniciar por Aristóteles – figura a qual o filósofo inglês estabeleceu constantes tensões e críticas. Em seu *Analíticos Posteriores*, tratado que compõe o *Organon*, o filósofo grego se ocupou em tratar de noções relacionadas à ciência e ao conhecimento científico a partir da definição do que ele chamou de demonstrações e definições. Para Aristóteles, em sua explicitação sobre a demonstração, cada ciência tem uma característica particular a ser investigada, e implica na independência entre seus diferentes ramos; o filósofo concebe que cada *scientia* trata de um tipo diferente de gênero e objeto, de tal modo que suas demonstrações não podem ser transferíveis para outras.<sup>265</sup> Somado a isso, nos *Tópicos*, Aristóteles traz a ideia da dialética e dessa como uma forma de raciocínio possível, também, para as ciências; para ele, a dialética é o processo de crítica em que se encontra o caminho para os princípios de todas as investigações.

A partir de tais caminhos estabelecidos pelo processo de análise e de crítica, as opiniões ali desenvolvidas se juntam às sensações como fontes de conhecimento científico. Estas foram sobretudo as ideias que tiveram uma predominância no âmbito da investigação filosófica e do conhecimento nas universidades medievais e modernas, associadas a essa

---

<sup>265</sup> O filósofo grego estabeleceu algumas exceções, denominando-as de *subalternização*, como o caso da geometria e da óptica, aritmética e harmonia, dentre outras. Uma ciência está “sob” a outra quando a primeira é a que lida com o “fato” científico e/ou do conhecimento (*quia*) e a razão pela qual esse “fato” é do jeito que é (*propter quid*) pertence à última ciência. A primeira *scientia* subalterna a última. Tais considerações posteriormente formaram disciplinas que transitaram entre o estudo da filosofia natural e da matemática. **In:** KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit.* 1996. p. 48

tradição aristotélica e escolástica, cuja importância de dissecação de comentários e textos eram mais frequentes do que qualquer outra prática científica.<sup>266</sup>

Faz-se importante ressaltar, no entanto, que apesar de tais considerações, Aristóteles nunca estabeleceu uma sistematização sobre uma classificação do conhecimento, apenas possibilitou a distinção de certos tipos de conhecimento a fim de delimitar tópicos de argumentação e definição. Em *Metafísica*, o filósofo define que há três ramos teóricos na filosofia: o natural, o matemático e o teológico; em *Ética a Nicômaco*, distingue entre a *scientia* teórica, a arte produtiva e a prudência – a primeira sendo aquilo que traz a existência algo que pode ou não existir, e a segunda como uma virtude intelectual que possibilita uma ação. Para Aristóteles, as ciências teóricas são priorizadas em relação às demais.<sup>267</sup>

Como é sabido, a tradição e ciência aristotélica foi absorvida no âmbito do cristianismo, e dentre as figuras proeminentes no âmbito filosófico do período medieval, podemos trazer à tona alguém proveniente da Inglaterra – e que, em sua teoria, pode-se perceber aproximações do que posteriormente seria elaborado por Francis Bacon. No século XIII, portanto, podemos mencionar a figura de Robert Kilwardby (1215-1279), que ascendeu à Arcebispo da Cantuária na Inglaterra, e trouxe algumas contribuições no que concerne à organização do conhecimento especulativo e prático.

Na obra *De ortu scientiarum*, Kilwardby dividiu a filosofia especulativa em três (filosofia natural, matemática e filosofia divina), e afirmou também que toda filosofia especulativa era divina pois lidava com a natureza do divino e com aquilo que foi criado por Deus.<sup>268</sup> Além disso, Kilwardby é direto ao determinar que o conhecimento divino é o mais necessário para a salvação; em segundo, aponta que a filosofia não é suficiente para a salvação, mas que essa possibilita o ensinamento da verdade, bem como o caminho correto para uma vida honesta; e por fim, aponta que o conhecimento mágico prejudica o

---

<sup>266</sup> MOLLAND, A. George. Aristotelian Science. **In:** OLBY, R.C.; CANTOR, G.N.; CHRISTIE, J.R.R.; HODGE, M.J.S. (Eds.) Companion to the History of Modern Science. London and New York: Routledge. 1990. p.558-559

<sup>267</sup> KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit.* 1996. p. 49

<sup>268</sup> “A ciência especulativa faz parte do aspecto humano da filosofia aperfeiçoado pelo conhecimento das coisas divinas, isto é, da natureza divina e naturezas criadas por Deus através dele mesmo.” No original: “Scientia speculativa est pars philosophiae humani aspectus perfectiva per cognitionem rerum divinarum, id est naturae divinae et naturarum a Deo per seipsum conditarum.” **In:** KILWARDBY, Robert. *De ortus scientiarum*. (Ed. by Albert G. Judy). Toronto: The British Academy, The pontifical institute of medieval studies. 1976. p.13

estabelecimento da vida honesta e verdadeira, aproximando o indivíduo ao âmbito da luxúria e vaidade.<sup>269</sup>

Faz-se interessante mencionar também que Kilwardby era uma renomada figura religiosa na Inglaterra – tendo em vista sua ascensão ao cargo de Arcebispo da Cantuária – e também era um ingressado na ordem dominicana, de modo que sua orientação acerca do conhecimento e da filosofia perpassa fortemente uma ótica cristã – sobretudo a de *sapientia*, termo também presente em considerações baconianas. Além disso, esteve associado aos estudos dos Padres da Igreja. Embora não consigamos estabelecer nenhuma carta ou documento que associe Bacon às leituras de Kilwardby, faz-se interessante reiterar como certas percepções e classificações próximas ao que seria proposto em *The Advancement of Learning* perpassaram pela cultura inglesa.

Na verdade, para além da cultura inglesa, verifica-se como desde o século XIV até o período de Francis Bacon, novas aproximações a respeito do conhecimento e de sua prática são estabelecidas por parte do continente europeu – iniciado na Itália principalmente. Um processo que teve início estimulando o que ficou conhecido como *studia humanitatis*, e pela forte crítica aos currículos escassos das universidades, aos poucos foi se ampliando para um âmbito além do teórico e literário – as próprias práticas advindas das artes provocaram mudanças nas perspectivas, literal e tecnicamente, sobre o mundo ao redor.

Essas considerações, principalmente no que concerne às artes mecânicas e na defesa de um conhecimento que se desenvolve na prática, podem ser vislumbradas em diferentes figuras pela Europa – a exemplo, Bernard Palissy (1510-1589) na França<sup>270</sup>; Robert Norman (1560-1584) na Inglaterra; Juan Luis Vives (1493-1540) na Espanha; e Andreas Vesalius (1514-1564) na Bélgica; dentre outros, certamente. O que essas figuras trouxeram em comum,

---

<sup>269</sup> “Assim, em geral, o conhecimento é triplex: o primeiro é necessário ao homem; e a segunda, embora não necessária, é católica, útil e a ser abraçada; mas o terceiro é supersticioso, prejudicial e deve ser evitado. Pois o primeiro contém o modo de vida sem o qual não há salvação e, portanto, é necessário para a salvação. A segunda, porém, ensina em parte as verdades das coisas, em parte o modo de viver honestamente, embora não seja suficiente para a salvação, e por isso é útil aos católicos e deve ser abraçada. E o terceiro afasta da segurança e da verdade e de uma vida honesta para a busca de prazeres e vaidades, razão pela qual é prejudicial e deve ser evitado.” No original: “Sic igitur in genere triplex est scientia: quarum prima homini necessaria est; secunda autem, licet non necessaria, tamen catholica, utilis et amplectenda; tertia autem superstitiosa, nociva et vitanda. Prima enim continet modum vivendi sine quo salus non est, et ideo est ad salutem necessaria. Secunda autem partim rerum veritates docet, partim modum honeste vivendi, licet non sufficienter ad salutem, et ideo catholicis est utilis et amplectenda. Tertia autem et a salute et a veritate et vita honesta abducit ad consequendas voluptates atque vanitates, propter quod nocet et est vitanda.” **In:** KILWARDBY, Robert. *Op Cit.* 1976. p.9-10

<sup>270</sup> Rossi considera a possibilidade de Francis Bacon, por volta dos dezesseis anos de idade e durante sua estadia em Paris, ter frequentado as aulas públicas de agricultura, mineralogia e geologia realizadas por Palissy. **In:** ROSSI, Paolo. *Os Filósofos e As Máquinas, 1400-1700*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989. p.22

e em diferentes âmbitos de atuação e vivência, foi a propaganda e a demanda pelo estabelecimento de um saber que não terminasse em si, de um saber que não se relacionasse apenas às ditas “evasões retóricas, as complacências verbais, as sutilezas lógicas, as construções apriorísticas”<sup>271</sup> e que uma nova e maior atenção fosse dada às observações dos fenômenos e em especial à pesquisa empírica.

Dentre tais considerações, podemos mencionar a de Palissy – como alguém que potencialmente teve algum contato com Francis Bacon durante sua estadia em Paris – que prontamente afirmou a capacidade de comprovar, através da prática, como considerações e teorias realizadas por muitos filósofos poderiam ser falsas; além disso, apontou como em seu ateliê (ou como se referiu, seu laboratório) seria possível aprender mais filosofia natural do que lendo quaisquer teorias e opiniões de filósofos antigos.<sup>272</sup>

Do mesmo modo, Juan Luis Vives apontou a filosofia especulativa como algo desprovido de utilidade, pois, em sua concepção, o aprendizado é útil e deveria estar voltado sobretudo para a contenção das paixões humanas e para conduzir o indivíduo a ações morais adequadas. Vives também foi uma figura que procurou advogar por uma reforma no conhecimento, sua obra *De disciplinis* (1531) aponta por uma reformulação da educação, possibilitando subsequentemente uma renovação da sociedade – dentro de suas concepções, esse caminho deveria ser atingido sem a intervenção direta da igreja, mas a partir de uma literatura clássica específica e pela prática pragmática.

Vives foi um humanista que viveu parte de sua vida em Flandres, tendo grandes aproximações com figuras como Erasmo de Roterdão e Thomas Morus, esse último sendo uma importante figura no campo filosófico, literário e político da Inglaterra do século XVI.<sup>273</sup> A razão de mencionarmos tais figuras, portanto, diz respeito às percepções que eram circulantes dentro do período de formação de Francis Bacon. Consideramos, aliás, que parte de suas elaborações advém de um contato, de uma certa familiaridade com discussões previstas nessas figuras anteriores – seja em discordância, como será com Aristóteles; e em concordâncias parciais, como no caso de Kilwardby e de algumas figuras do século XVI, como Palissy e Vives.

Ainda que submetido e associado a uma linha de pensamento, ou mesmo uma tradição, Bacon consegue estabelecer linhas de pensamento sobre o conhecimento, bem como

<sup>271</sup> *Ibidem*. p.25

<sup>272</sup> PALISSY, Bernard. Les oeuvres de Palissy. 1880. p.166 *Apud* ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 1989. p. 21

<sup>273</sup> KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit.* 1996. p.50

a necessidade de trazer modificações nesse em virtude dos novos tempos que surgiam no âmbito político, cultural e social inglês. Talvez possamos considerar essa uma das razões pelas quais parte da historiografia se deteve a considerar Bacon como uma figura tão proeminente na ciência moderna (ainda que tais aspectos tenham sido modificados posteriormente, como já elaborado), pois, como apontou Rossi, Bacon abriu caminho para a ciência em um momento em que “ainda não haviam nascido a figura, a mentalidade, a função social do cientista moderno, as categorias, os métodos, os experimentos da ciência moderna, nem as instituições nas quais e das quais vive a pesquisa.”<sup>274</sup>

Ainda mencionando as considerações de Rossi: para Bacon, a classificação tradicional das ciências foi construída através de uma percepção de perfeição formal e que esgotava em si quaisquer possibilidade de evolução; para essa classificação, não há significativos convites à crítica, tampouco suscita o desejo de descobertas ou o sentimento de cooperação científica – aspectos os quais Bacon realizou ampla propaganda em seus escritos.<sup>275</sup> Era, trazendo até mesmo uma alusão ao título de Koyré, um mundo fechado em um universo (descoberto como) infinito. Tais inquietações fomentaram o estabelecimento de uma nova forma de compreensão para o conhecimento, partindo primeiramente a partir de uma exaltação sobre o saber (como ocorre no Livro I) e seguido de uma análise a respeito dos papéis do saber (somado às retificações e críticas daqueles âmbitos que, na concepção de Bacon, estavam obsoletos em comparação a essas novas modificações mundanas).

Dentro de tais aspectos, resulta também a reflexão a respeito das instituições e os papéis dessa na produção dessa reforma do conhecimento – faz-se interessante, nesse sentido, ter em mente as relações já mencionadas por Bacon entre o “saber” e o “poder”, como já mencionado, daí resultam as duas instituições importantes na Inglaterra daquele momento: a Coroa e a Igreja. Retomando as considerações relacionadas ao projeto de classificação do conhecimento designado por Francis Bacon, e dando continuidade às relações que sua proposta pode ter com outros pensadores (seja no âmbito da concordância ou da discordância), cabe agora mencionar o ponto de partida para a divisão do conhecimento – aspecto que, como já mencionado, é abordado no Livro II do *The Advancement of Learning*.

---

<sup>274</sup> ROSSI, Paolo. Francis Bacon: da magia à ciência. Londrina, Curitiba: EDUEL (UFPR). 2006. p. 63

<sup>275</sup> *Ibidem*. p. 167

### 3.3. As divisões do conhecimento humano

Em sua estrutura de classificação, podemos dizer que o primeiro consiste em uma divisão em três domínios principais, referentes às faculdades da mente. A História (memória), a poesia (imaginação) e a filosofia (razão);<sup>276</sup> Em segundo, consiste em seus campos de ação; em terceiro, a respeito da essência de cada conhecimento – se teórico ou prático, se divino ou humano. Faz-se importante considerar também como Bacon, em sua maior formulação da obra *The Advancement of Learning*, publicada em 1623 em latim – *De augmentis scientiarum* – menciona como esses três domínios formam a melhor partição na divisão do conhecimento, sendo as únicas possíveis; e que tais partes são também passíveis de serem aplicadas tanto no aprendizado humano, como também no aprendizado divino.<sup>277</sup>

Nem acho que qualquer outra divisão seja necessária para a Teologia. A informação derivada da revelação e a informação derivada dos sentidos diferem, sem dúvida, tanto no conteúdo quanto na maneira de transmissão; mas a mente humana é a mesma, e seus depósitos e células são os mesmos. É apenas como líquidos diferentes despejados através de funis diferentes em um e o mesmo recipiente. A teologia, portanto, consiste de História Sagrada, ou de Parábolas, que são uma poesia divina, ou de Doutrinas e Preceitos, que são uma filosofia perene. Quanto àquela parte que parece supérflua, que é a Profecia, ela não é senão uma espécie de história: pois a história divina tem essa prerrogativa sobre a humana, de que a narração pode ocorrer antes do evento, assim como depois.<sup>278</sup>

A diferença que se torna possível de perceber, nesse sentido, é a fonte cujo conhecimento advém: no caso do conhecimento humano, sua fonte é sobretudo a partir dos sentidos; no caso do conhecimento divino, considera-se a inspiração e a revelação. A passagem utilizada está presente no *De Augmentis Scientiarum*, mas tais postulações já estavam presentes desde a publicação de 1605, nela Bacon aponta que o conhecimento do homem é como as águas, pois algumas descendem de cima, mas também outras podem surgir

<sup>276</sup>“As partes do conhecimento humano fazem referência às três partes do entendimento humano, que é a sede do saber: a História à sua Memória, a Poesia à sua Imaginação e a Filosofia à sua Razão.” In: BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.112

<sup>277</sup>“Portanto, dessas três fontes, Memória, Imaginação e Razão, fluem essas três emanções: História, Poesia e Filosofia; e não pode haver outras.” Na tradução de Spedding: “Wherefore from these three fountains. Memory, Imagination, and Reason, flow these three emanations. History, Poesy, and Philosophy; and there can be no other.” BACON, Francis. *De Augmentis Scientiarum*. In: *Works*, Vol. IV. p.293; KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit.* 1996. p.51

<sup>278</sup> No tradução de Spedding: “Nor do I think that any other division is wanted for Theology. The information derived from revelation and the information derived from the sense differ no doubt both in the matter and in the manner of conveyance; but the human mind is the same, and its repositories and cells the same. It is only like different liquids poured through different funnels into one and the same vessel. Theology therefore in like manner consists either of Sacred History, or of Parables, which are a divine poesy, or of Doctrines and Precepts, which are a perennial philosophy. For as for that part which seems supernumerary, which is Prophecy, it is but a kind of history: for divine history has this prerogative over human, that the narration may be before the event, as well as after.” In: BACON, Francis. *De Augmentis Scientiarum*. In: *Works*, Vol. IV. p.293

de baixo; assim, o conhecimento pode ser vislumbrado pela luz da natureza, e outra parte pode ser inspirada pela revelação divina.<sup>279</sup> Tais aspectos tracejam os caminhos pretendidos por Bacon no que concerne à divisão do conhecimento.

E apresentam também uma base de concepção advinda da própria filosofia aristotélica, principalmente nas observações realizadas pelo grego nas obras *De Anima e Parva naturalia*. Nas interpretações aristotélicas, normalmente era concebido que os sentidos percebem as formas dos objetos individuais; que essa forma que é retida e se organiza como uma imagem na memória; que com a imaginação é possível fazer uso da dita imagem sempre que desejar, sem a necessidade de utilização dos sentidos, e que tais imaginações serão normalmente falsas; e que o intelecto, por fim, toma como objeto as formas que são percebidas e delibera sobre elas, formando pensamentos verídicos e tecendo julgamentos. Nesse sentido, a relação entre as partes do conhecimento – estabelecidas por Bacon – é pautada no funcionamento da mente conforme foi estabelecido e descrito por Aristóteles.<sup>280</sup> Tal aspecto pode ser vislumbrado nas primeiras páginas do Livro II de *De Augmentis Scientiarum*, e especificamente no primeiro capítulo:

O sentido, que é a porta do intelecto, é afetado apenas por indivíduos. As imagens desses indivíduos — isto é, as impressões que eles causam no sentido — fixam-se na memória e passam para ela em primeiro lugar inteiras, por assim dizer, exatamente como chegam. A mente humana então procede a revisá-las e ruminá-las; e, a partir daí, ou simplesmente as repete, ou faz imitações fantasiosas delas, ou as analisa e classifica. Portanto, dessas três fontes — Memória, Imaginação e Razão — fluem essas três emanções: História, Poesia e Filosofia; e não pode haver outras.<sup>281</sup>

Além disso, a divisão em três domínios por parte de Bacon não foi uma novidade na filosofia. Pesquisadores como Grazia Tonelli Olivieri, trouxe considerações a respeito dessa divisão proposta por Bacon, sobre as três faculdades mentais, e considerou que essas advêm de duas figuras: do comentário feito em *De natura hominis*, de Nemésio de Emesa (350-420),

<sup>279</sup> “The knowledge of man is as the waters, some descending from above, and some springing from beneath; the one informed by the light of nature, the other inspired by divine revelation.” BACON, Francis. *The Advancement of Learning*. In: *Works*, Vol. III. p.346

<sup>280</sup> KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit.* 1996. p.52

<sup>281</sup> Na tradução de Spedding: “That these things are so, may be easily seen by observing the commencements of the intellectual process. The sensed which is the door of the intellect, is affected by individuals only. The images of those individuals — that is, the impressions which they make on the sense — fix themselves in the memory, and pass into it in the first instance entire as it were, just as they come. These the human mind proceeds to review and ruminates; and thereupon either simply rehearses them, or makes fanciful imitations of them, or analyses and classifies them. Wherefore from these three fountains. Memory, Imagination, and Reason, flow these three emanations. History, Poesy, and Philosophy; and there can be no others.” BACON, Francis. *De Augmentis Scientiarum*. In: *Works*, Vol. IV. p.292-293

um filósofo cristão, sobre Cláudio Galeno (c.129- c.217).<sup>282</sup> Embora Bacon<sup>283</sup> tenha determinado suas antipatias com a ciência galena, Olivieri reiterou sua aproximação com considerações a respeito das faculdades da alma racional e os três ventrículos do cérebro, sendo uma forma de estabelecer uma base para seu desenvolvimento a respeito da compreensão humana, bem como os limites do conhecimento humano.<sup>284</sup>

Do mesmo modo, também não foi uma novidade relacionar as faculdades mentais com áreas do conhecimento, ainda que sob diferentes intenções; como apontado por Kusukawa, a publicação de Juan Huarte (1529-1588) realizada em 1575, mas traduzida para o inglês em 1594 sob o título de *The Examination of Men's Wits*, mostra a ligação realizada pelo autor da memória com a gramática, teoria do direito, teologia profissional, cosmografia e aritmética; o entendimento com o ensino teológico, teoria médica, lógica, filosofias naturais e morais; e a imaginação foi associada à poesia, música, prática médica, matemática, astrologia, arte militar e pintura.<sup>285</sup>

De acordo com o autor, Huarte não estava preocupado em relacionar ramos do conhecimento ou mapear toda a organização do saber, seu intuito era sobretudo propor uma maneira de perceber mais facilmente as aptidões e talentos dos jovens estudantes, ao passo em que Bacon visou mapear todo o campo do conhecimento humano, e que ele equiparou a todas as funções das quais a alma racional era capaz de realizar. Além disso, as funções da alma racional indicam diferenciações básicas das disciplinas (aspecto não muito presente em Huarte), mas também estabelecem uma interligação entre os ramos (aspecto oposto ao que era majoritariamente concebido, tendo em vista as separações e independências do saber já mencionadas em Aristóteles). O processo mental que leva a racionalização, dentro do que foi proposto por Bacon, se reflete na significância que o filósofo deu aos três campos do saber que esse separou.<sup>286</sup>

---

<sup>282</sup> OLIVIERI, Grazia Tonelli. Galen and Francis Bacon. **In:** KELLEY, Donald R.; POPKIN, Richard H. (Eds.) *The shapes of knowledge from the Renaissance to the Enlightenment*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. 1991. (Archives internationales d'histoire des idées.) pp. 61-81

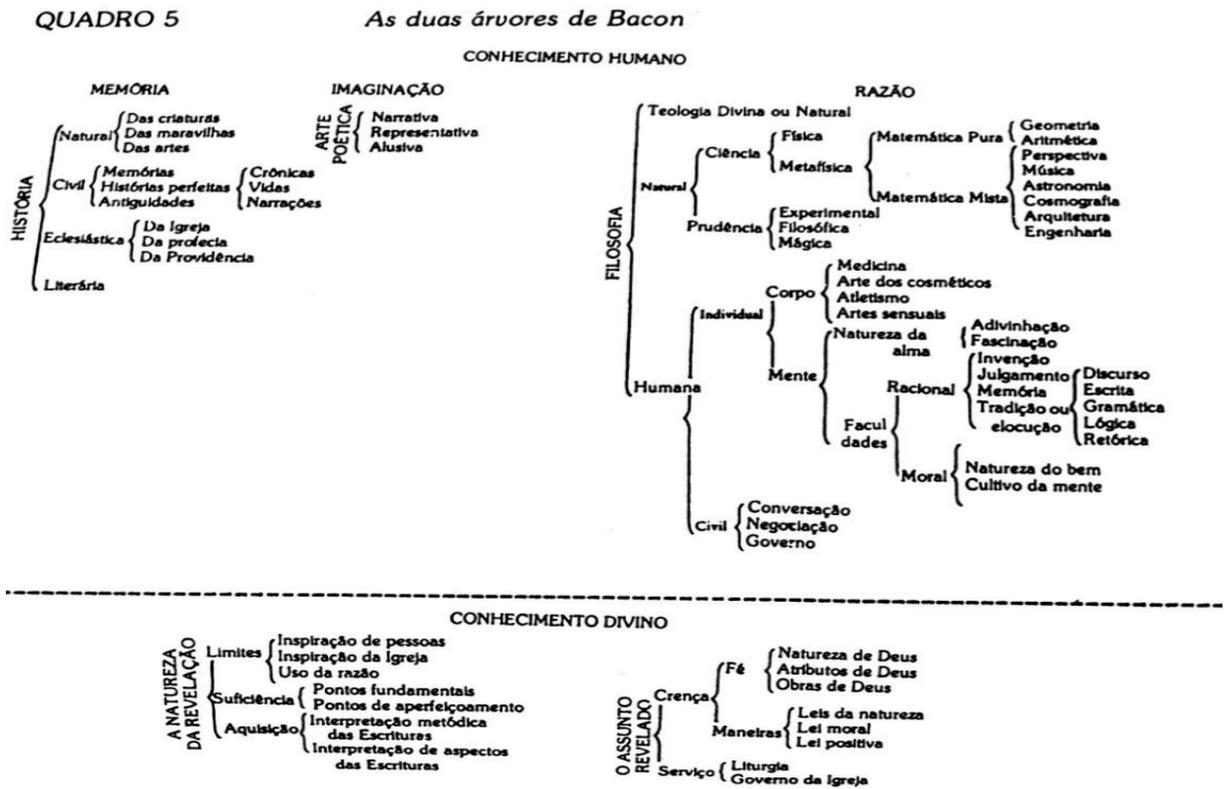
<sup>283</sup> Em *Temporis Partus Masculus*, escrito que só teve sua primeira publicação em 1857, Bacon se refere a Galeno da seguinte forma: “Vejo Galeno, um homem de mente estreita, um desertor de experiência e um causador muito vão. (...) Ó cachorro! Ó praga!” No original: “Video Galenum, virum angustissimi animi, desertorem experientiae, et vanissimum causatorem. (...) Ó canicula! O pestis!” BACON, Francis. *Temporis Partus Masculus*. **In:** SPEDDING, James; ELLIS, R. L.; HEATH, Douglas. (Eds.) *The Works of Francis Bacon*. Cambridge: Cambridge University Press. 2011. p. 531

<sup>284</sup> *Ibidem*. p. 66

<sup>285</sup> KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit*. 1996. p.51

<sup>286</sup> Ainda assim, torna-se importante reiterar uma realização prévia a Bacon – e de uma publicação que circulou pela Inglaterra durante a década a qual Bacon passaria a se dedicar na produção de seus primeiros escritos. *Ibidem*. p.51-52

A nível de visualização, convém propor um esquema da classificação proposta por Francis Bacon e tais divisões, tendo em vista que tanto em *The Advancement of Learning* (1605) quanto em *De Augmentis Scientiarum* (1623) o filósofo não propôs nenhum tipo de esquema visual, apenas detendo-se na descrição corrida de suas divisões. Trazer essa visualização, no entanto, pode facilitar a explicitação dos desdobramentos organizacionais e classificatórios de Bacon. Para tanto, utilizamos o esquema de Darnton a seguir:



**Figura 2:** Esquema visual da Classificação do Conhecimento baconiana realizada por Robert Darnton, em *O Grande Massacre de Gatos*.<sup>287</sup>

A partir disso podemos desenvolver algumas questões – e nos utilizando tanto do *The Advancement of Learning* quanto do *De Augmentis Scientiarum*, pois embora a segunda obra ultrapasse o limite temporal aqui pretendido, apresenta-se como uma tradução com pequenas adições da obra original.

No que concerne a História, Bacon a dividiu em dois tipos no *The Advancement of Learning*: civil, natural, eclesiástica e literária – as duas últimas, no *De Augmentis Scientiarum* migraram para o ramo da História Civil, continuando com as mesmas

<sup>287</sup> DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos*. Rio de Janeiro: Editora Graal. 1986. p.274

definições.<sup>288</sup> Tal âmbito se apresenta de maneira significativa nas percepções baconianas, tendo em vista que – para além do amplo domínio apresentado em sua classificação – o filósofo identifica história com experiência, e subsequentemente seu papel se torna fundamental na reforma do conhecimento e nas ciências. O filósofo toma atenção sobretudo à história natural, pois ela “lança luz sobre a descobertas das causas e proporciona um primeiro seio para alimentar a filosofia.”<sup>289</sup>

A divisão da história natural realizada por Bacon se mantém em três: das criaturas, das maravilhas e das artes. Em *De Augmentis*, no entanto, tem-se a associação da história mecânica e experimental como pertencentes, agora, à história natural das artes - quando, a princípio, na publicação de 1605, foi discutida apenas no âmbito operativo da filosofia natural.<sup>290</sup> Kusukawa aponta a razão dessa transferência como uma tentativa de delimitar mais apropriadamente o terreno entre história e filosofia, tendo em vista que tanto a história experimental quanto a história natural desaparecem das partições da filosofia natural na obra atualizada e ampliada de 1623.<sup>291</sup>

A respeito da História Civil, Bacon a considera como o campo cuja dignidade e autoridade são proeminentes entre os escritos humanos, pois ali foram depositados e confiados os exemplos dos ancestrais, as vicissitudes das coisas, os fundamentos da política civil, dentre outros aspectos.<sup>292</sup> Como já mencionado, a divisão realizada na obra de 1605 apresentou uma percepção mais simples sobre a História Civil – ainda que dentro desses preceitos mencionados. Ainda assim, Bacon a divide da seguinte forma: memoriais, ou História preparatória, que são conceituados como os registros de pessoas e atos; a história antiga, que se dá através da recuperação de fragmentos perdidos de outrora; e a história perfeita, ou a História Justa, que pode se apresentar a partir das crônicas, das Vidas e das narrativas, ou relatos. Esse último tipo de história é a que Bacon toma mais atenção ao longo do *The Advancement of Learning* e no *De Augmentis Scientiarum*, nessas duas o autor se debruça pela exemplificação da história da Guerra das Rosas, especificando seu interesse em uma construção mais laboriosa de uma história inglesa e o quão benéfico tal aspecto seria para a Inglaterra.<sup>293</sup> Como se pode verificar:

<sup>288</sup> A respeito das quatro separações no *The Advancement of Learning*: BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p. 112; sobre a atualização das divisões da História para duas categorias, no *De Augmentis Scientiarum: Works*, Vol. IV. p. 293

<sup>289</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2014. p. 33

<sup>290</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p. 156

<sup>291</sup> KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit.* 1996. p.53

<sup>292</sup> BACON, Francis. *Works*, Vol. IV. p.302

<sup>293</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p. 117-120

Mas no que diz respeito às Histórias Modernas, das quais há umas poucas de muito valor, mas a maioria não chega sequer à mediocridade, e deixando o cuidado das estrangeiras aos Estados estrangeiros, porque não quer *curiosus in aliena republica* [curioso em república alheia], não posso deixar de assinalar a Vossa Majestade a indignidade da história da Inglaterra em suas principais mostras, e a parcialidade e distorção da Escócia no mais recente e copioso autor que tenho visto [George Buchanan, humanista escocês e sua obra, *Rerum Scoticarum historia*]; considerando que seria uma honra para Vossa Majestade e uma empresa muito memorável se esta ilha da Grã-Bretanha, do mesmo modo que agora está unida na monarquia para as idades vindouras, assim também o estivesse em uma só história para os tempos pretéritos, à maneira da história sagrada, que vai relatando juntas, como gêmeas, as histórias das Dez Tribos e das Duas Tribos. E, se pode parecer que a amplitude desta tarefa pudesse prejudicar a exatidão de sua execução, há na história da Inglaterra um período que é o que vai desde a União das Rosas [Lancaster e York] até a União dos Reinos [sob o próprio James I]; porção de tempo em que, a meu entender, houve mais mudanças inusitadas que tenha conhecido uma monarquia hereditária nesse número de sucessões. Pois se inicia com a obtenção de uma coroa, pelas armas e pelo direito; uma entrada por batalha, um estabelecimento por matrimônio; e em consequência tempos correspondentes, como as águas depois de uma tempestade, cheias de movimento e dilatação, embora sem chegar ao extremo de um temporal, mas bem passados graças à prudência do piloto, que foi um dos reis mais capazes [Henrique VII]. Vem depois o reinado de um rei [Henrique VIII] cujas ações mais bem ou mais mal ordenadas, estiveram muito ligadas aos assuntos da Europa, equilibrando-os e inclinando-os de diversas maneiras, e em cujo tempo começou também aquela grande alteração do Estado eclesiástico, ação que poucas vezes aparece em cena. Então o reinado de um menor [Eduardo VI]; então uma tentativa de usurpação [Duque de Northumberland], embora tivesse ficado apenas em *febris ephemera*; então o reinado de uma rainha casada com um estrangeiro [Maria I]; então o de outra rainha que vivia só e em celibato, mas de governo tão viril, que teve maior efeito e influência sobre os Estados estrangeiros do que quanto de um modo ou de outro recebeu deles; e agora, finalmente, este felicíssimo e gloriosíssimo evento em que esta ilha da Grã-Bretanha, separada de todo o mundo, se uniu em si mesma...<sup>294</sup>

Essa passagem feita por Bacon no *The Advancement of Learning* não apenas exemplifica a ideia estabelecida pelo autor sobre uma construção histórica, mas ressalta também um projeto de uma história inglesa e, sob o reinado de James I, britânica. Essa questão, embora latente desde a publicação do *The Advancement of Learning*, teve sua realização em 1621 quando Bacon publicou sua primeira obra de cunho histórico, *History of the Reign of King Henry VII*. Além disso, podemos considerar também o fragmento de sua *History of the Reign of K. Henry the Eighth, K. Edward, Q. Mary and Part of the Reign of Q. Elizabeth*, que provavelmente foi produzida durante o próprio reinado da rainha Elizabeth I,

<sup>294</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p. 121-122

mas que não houve grandes continuidades – o esboço apresentava apenas uma breve introdução e um rascunho do reinado de Henrique VIII.<sup>295</sup>

Na obra ampliada de 1623, Bacon manteve a discussão original e também a ampliou, trazendo as histórias eclesiástica e literária – ou das artes, que propõe-se como uma história da aprendizagem. Essa última, por sua vez, foi uma das suas novas contribuições, pois se proporia a examinar a antiguidade, o progresso e a migração de diferentes tipos de aprendizagem, e as condições sob as quais elas florescem e declinam.<sup>296</sup> O filósofo inglês mencionou:

O argumento não é outro senão investigar e coletar dos registros de todos os tempos quais tipos específicos de aprendizado e artes floresceram em quais épocas e regiões do mundo; suas antiguidades, seus progressos, suas migrações (pois as ciências migram como nações) pelas diferentes partes do globo; e, novamente, suas decadências, desaparecimentos e renascimentos. A ocasião e a origem da invenção de cada arte também devem ser observadas; a maneira e o sistema de transmissão, e o plano e a ordem de estudo e prática. A isso deve-se acrescentar uma história das seitas, e das principais controvérsias nas quais os eruditos se envolveram, as calúnias às quais foram expostos, os elogios e honras pelos quais foram recompensados; um relato dos principais autores, livros, escolas, sucessões, academias, sociedades, colégios, ordens — em suma, tudo o que se relaciona ao estado do aprendizado.<sup>297</sup>

Faz-se interessante mencionar como em suas análises, Kusukawa apontou como o uso previsto por Bacon nesse campo, o da história literária, apresenta-se de modo diferente da proposta por Virgílio em *De inventoribus rerum*, pois para Bacon a história literária leva ao conhecimento não apenas no que diz respeito ao estado da aprendizagem, mas também ao conhecimento propício ao governo civil.<sup>298</sup>

A respeito da história eclesiástica, a discussão realizada por Bacon consiste em uma nova divisão (da igreja, da profecia e da providência); a primeira refere-se sobretudo aos tempos da chamada igreja militante; a segunda, consiste na ideia de organizar cada profecia

<sup>295</sup> TINKLER, J. F. Bacon and History. In: PELTONEN, Markku. (Ed.) The Cambridge Companion to Bacon. Cambridge: Cambridge University Press. 1996. p.235

<sup>296</sup> *Ibidem*. p. 233

<sup>297</sup> Na tradução de Spedding: “The argument is no other than to inquire and collect out of the records of all time what particular kinds of learning and arts have flourished in what ages and regions of the world ; their antiquities, their progresses, their migrations (for sciences migrate like nations) over the different parts of the globe; and again their decays, disappearances, and revivals. The occasion and origin of the invention of each art should likewise be observed; the manner and system of transmission, and the plan and order of study and practice. To these should be added a history of the sects, and the principal controversies in which learned men have been engaged, the calumnies to which they have been exposed, the praises and honours by which they have been rewarded ; an account of the principal authors, books, schools, successions, academies, societies, colleges, orders, — in a word everything which relates to the state of learning.” BACON, Francis. *Works*, Vol. IV. p.300

<sup>298</sup> KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit*. 1996. p.53-54

da Escritura e classificá-la ao evento que se relaciona; a terceira e última se refere à providência, que registra os cumprimentos manifestos da vontade de Deus. Vale ressaltar como no próprio âmbito da História Eclesiástica, Bacon realça o intento de organizar ali as divisões entre crônicas eclesiásticas, as Vidas dos pais da igreja, as relações entre os sínodos e demais eventos e questões relacionadas à igreja.<sup>299</sup>

O segundo campo mencionado por Bacon é a Imaginação, que se relaciona ao âmbito que ele concebe como Poesia. A discussão elaborada por Bacon suscita os debates concernentes ao âmbito poético e retórico; para o filósofo, a retórica se apresentará como uma instância conectada à poesia, tendo em vista seu pertencimento à faculdade da imaginação, mas ainda assim difere da poesia – visto que a primeira aplica o raciocínio ao funcionamento da imaginação, aproximando-se até mesmo do âmbito da filosofia; a segunda, por sua vez, não o faz.<sup>300</sup>

Vickers, em sua elaboração sobre a retórica e a poesia, aponta que enquanto a retórica e a poética eram disciplinas idealmente separadas da filosofia, recebendo um lugar distinto e subordinado no currículo de artes da universidade, na prática, durante o renascimento, ambas se tornaram vinculadas à ética. A sua principal justificativa de existência era frequentemente associada a sua capacidade de transmitir os ensinamentos da filosofia moral com efeito mais poderoso.<sup>301</sup> Bacon não se afasta dessa percepção, o próprio aponta que a poesia é superior à história porque a primeira compensa e proporciona os valores morais que a história por vezes falha em ensinar.<sup>302</sup> A Poesia também é dividida em categorias, como a História, sendo essas três: narrativa, representativa e alusiva (ou parabólica). A primeira é uma mera imitação da história, e comumente escolhe temas como as guerras e os amores, não se atendo frequentemente aos temas de Estado, e ocasionalmente o prazeroso e o cômico; a segunda, é como uma história visível, trazendo uma imagem das ações passadas; a alusiva, e última, é uma narrativa aplicada somente a expressar algum propósito ou ideia particular.<sup>303</sup>

Bacon traz uma adição a respeito da poesia alusiva, ou parabólica. Enquanto no primeiro caso ela pode exercer a função de ilustrar algo que se intenta comunicar, existe o

<sup>299</sup> BACON, Francis. *Works*, Vol. IV. p.312-313

<sup>300</sup> VICKERS, Brian. Bacon and Rhetoric. In: PELTONEN, Markku. (Ed.) *The Cambridge Companion to Bacon*. Cambridge: Cambridge University Press. 1996. pp.200-231

<sup>301</sup> VICKERS, Brian. Rhetoric and Poetics. In: SCHMITT, C.B.; SKINNER, Quentin; KESSLER, Eckhard; KRAYE, Jill. (Eds.) *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press. 2007. p. 715

<sup>302</sup> BACON, Francis. *Op Cit*. 2006. p. 131-135

<sup>303</sup> BACON, Francis. *Op Cit*. 2006. p. 133

segundo caso que pode ocorrer de ocultar ou escurecer a mensagem desejada. Para o autor, isso ocorre “(...) quando se envolve em fábulas ou parábolas os segredos e mistério da religião, da política ou da filosofia.”<sup>304</sup> Esse uso pode ser visto na poesia pagã, e Bacon foi uma destas figuras a fazê-lo quando, em 1609, publica *De Sapientia Veterum* se utilizando das fábulas antigas para expressar mensagens a respeito da conexão entre o conhecimento e o aperfeiçoamento humano.

A terceira e última faculdade mental mencionada por Bacon é a razão, que é abraçada sobretudo pela Filosofia, que acaba por gerar três ramificações: Teologia divina ou moral, filosofia natural e filosofia humana. Como dito, esses três campos derivam de um único, o qual Bacon nomeia *Philosophia Prima*.

Em Filosofia, pode ocorrer que a contemplação do homem esteja dirigida a Deus, ou se estenda sobre a Natureza, ou se reflita e se volte sobre o próprio Homem. A partir de diversas indagações, emergem três conhecimentos: filosofia Divina, filosofia Natural e filosofia Humana ou Humanidade. Pois todas as coisas estão marcadas e estampadas com este caráter tríptico: o poder de Deus, a diferença da natureza e a utilidade do homem. Mas, dado que as distribuições e divisões do conhecimento não são como as várias linhas que se tocam em ângulo, e assim se reúnem num ponto, mas sim como os ramos de uma árvore, que antes de separar-se e diferenciar-se, confluem num tronco que em sua dimensão e quantidade é inteiro e contínuo, é, assim, conveniente, antes de passar à distribuição citada, estabelecer e constituir uma ciência universal, que, com o nome de *Philosophia Prima*, filosofia primitiva ou suprema, seja como a via principal ou comum que há antes que os caminhos se dividam e separem.<sup>305</sup>

Essa categorização proposta por Bacon traz uma diferenciação às propostas aristotélicas, anteriormente comentadas. Primeiro porque se difere da metafísica proposta por Aristóteles, que se dedica ao estudo de um objeto de extrema abstração categórica (ser enquanto ser); Bacon propõe que a *Philosophia Prima* é uma coleção de axiomas que podem auxiliar em variadas investigações científicas e em diferentes âmbitos do conhecimento – embora não necessariamente para todos –, aspecto que também difere da independência dos saberes postulada por Aristóteles e corrobora com a ideia de que, para Bacon, todas as ciências formam um todo.<sup>306</sup> No *De Augmentis Scientiarum*, essa concepção também é nomeada por Bacon de *Sapientia* e, por esse termo, Bacon compreende a ciência universal

---

<sup>304</sup> *Idem*.

<sup>305</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p. 136

<sup>306</sup> KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit.* 1996. p.54

que guia o progresso do conhecimento – se afastando da concepção religiosa de todo o reino da filosofia que abarca o conhecimento do divino e do humano.<sup>307</sup>

Retomando as divisões da Filosofia, tem-se a teologia divina que é o conhecimento, ou rudimento de conhecimento, sobre Deus e que pode ser obtido através da luz da natureza e pela contemplação das criaturas de Deus – sendo um conhecimento divino em relação ao seu objeto e natural em relação a sua luz. Bacon considera que essa filosofia, quando tratada corretamente, é capaz de refutar o ateísmo e fornecer informações sobre a lei da natureza, mas que não pode ser utilizada para estabelecer a religião.<sup>308</sup>

De acordo com Kusukawa, as definições de Bacon sobre teologia natural e a dita *Philosophia Prima* suscitam um paralelo interessante com os caminhos da metafísica e o ressurgimento da teologia natural como uma disciplina no final do século XVI; o autor ainda afirma que, em finais do século XVI, tanto protestantes quanto católicos começaram a considerar a divisão da metafísica na ciência do ser e na ciência de Deus. Dentre essas figuras, no âmbito católico, pode-se mencionar o jesuíta espanhol Benito Pereira (1535-1610) que dividiu a metafísica em duas partes: a primeira relacionada a uma ciência do ser – associada a predicados transcendentais como ato e potência; e uma ciência divina, que lidava sobretudo com Deus, inteligências e alma humana como espécies da realidade. A atitude de Pereira, aliás, é uma reação às considerações de escolásticos como Pietro Pomponazzi (1462-1525).<sup>309</sup>

A respeito do contexto da reforma, houve um retorno para o estudo da metafísica e a crescente rejeição da metafísica escolástica. Por volta da década de 1570, calvinistas e luteranos se debruçaram em debates sobre a natureza de Cristo, definições apropriadas para termos como substância, natureza, dentre outros.<sup>310</sup> Como apontou Charles Lohr no caso luterano, apesar dos esforços para manter o caráter integral da metafísica, eles distinguiram entre a metafísica tradicional, como uma disciplina que tinha a tarefa de explicar certos

---

<sup>307</sup> “Eu distingo essa ciência pelo nome de *Philosophia Prima*, filosofia primitiva ou sumária; ou Sabedoria, que anteriormente foi definida como o conhecimento das coisas divinas e humanas. A esta, nenhuma outra se opõe; pois ela difere das demais mais pelos limites dentro dos quais se abrange do que pelo assunto tratado; abordando apenas os estágios mais elevados das coisas.” Na tradução de Spedding: “This science I distinguish by the name of *Philosophia Prima*, primitive or summary philosophy; or Sapience, which was formerly defined as the knowledge of things divine and human. To this no other is opposed; for it differs from the rest rather in the limits within which it ranges than in the subject matter; treating only of the highest stages of things.” **In:** *Works*, Vol. IV. p.337

<sup>308</sup> “Assim, Deus jamais fez um milagre para converter um ateu, porque a luz da natureza teria bastado para fazê-lo confessar a existência de um Deus; mas foram feitos milagres para converter os idólatras e supersticiosos, porque nenhuma luz natural chega a manifestar a vontade e o culto verdadeiro de Deus.” BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p. 139-140

<sup>309</sup> KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit.* 1996. p.56

<sup>310</sup> *Idem.*

termos e princípios geralmente válidos, e uma disciplina que era frequentemente chamada de pneumatologia porque lidava com a natureza, propriedades e atividades do ser espiritual.<sup>311</sup> Podemos mencionar também, aliás, que considerações similares a respeito do conhecimento – divino e humano – podem ser visualizadas nas Institutas escritas por Calvino, em especial o primeiro livro. Podemos considerar, nesse sentido, que as discussões propostas por Bacon a respeito da teologia natural condizem e respondem uma tendência continental de renovação metafísica, e até mesmo a sua divisão.

Outra divisão proposta por Bacon na filosofia é a filosofia natural, que também é dividida em duas partes: a operativa e a teórica.<sup>312</sup> Apesar de tal separação, o filósofo deixa claro que o conhecimento operativo e especulativo mantém uma conexão entre si, formando uma única *scientia* – mas que, apesar disso, parece-lhe necessário desenvolvê-las separadamente.<sup>313</sup> Essa percepção proposta por Bacon denota diferenças na estrutura de pensamento pensada em Aristóteles, que desconsiderou a parte operativa humana como essencial à *scientia*, colocando essa sobretudo em um patamar especulativo. Bacon, por sua vez, traz à tona uma diferente percepção para a tradição clássica, no que Antonio Perez-Ramos chamou de *maker's knowledge tradition* – alguém sabe disso, porque alguém fez isso.<sup>314</sup>

Dentre essas divisões, Bacon traz no âmbito teórico a Física e a Metafísica. A respeito da primeira, Bacon a colocou entre a História Natural e a metafísica, pois a história natural descreve a variedade das coisas, enquanto a física trata das causas fixas e constantes.<sup>315</sup> No que concerne à segunda, Bacon atribuiu a essa a indagação das Causas Formal e Final. Para Bacon, o conhecimento físico e metafísico compõem a pirâmide do conhecimento que tem como sua base a história – no caso, a história natural, seguida da física e no andar contíguo o ápice é a Metafísica. No que concerne o ápice, o filósofo aponta, “*Opus quod operator Deus a principio usque ad finem* [A obra que Deus fez desde o princípio até o fim], a Lei Suprema da

---

<sup>311</sup> LOHR, Charles H. *Metaphysics*. In: SCHMITT, C.B.; SKINNER, Quentin; KESSLER, Eckhard; KRAYE, Jill. (Eds.) *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press. 2007. p. 629

<sup>312</sup> “Eu sem dúvida aprovo uma divisão desse tipo, se bem que em termos mais comuns e escolásticos, a saber, que sejam estas as duas partes da filosofia natural: a Inquisição de Causas e a Produção de Efeitos; o Especulativo e o Operativo; a Ciência Natural e a Prudência Natural. Pois, assim como nas coisas civis há uma sabedoria do discurso e uma sabedoria da direção, o mesmo ocorre nas naturais.” BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.142-143

<sup>313</sup> *Idem.*

<sup>314</sup> PÉREZ-RAMOS, Antonio. 1988. *Apud* KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit.* 1996. p.57

<sup>315</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.146

Natureza, não sabemos se a indagação humana pode chegar até ele.”<sup>316</sup> Essa pirâmide proposta por Bacon, aliás, demonstra o crescente grau de abstração (ou liberdade) da matéria, mas também uma hierarquia por meio da qual o homem, partindo da base, pode ascender a um conhecimento mantido por Deus – embora isso também não seja garantido, “os caminhos da sapiência não estão muito sujeitos nem à particularidade nem ao acaso.”<sup>317</sup>

A respeito do campo operativo, Bacon repousa a mecânica e a magia – essas correspondem, em termos práticos, respectivamente ao âmbito da Física e da Metafísica. Faz-se importante reiterar, aliás, que o significado proposto e concebido por Bacon no que concerne o termo “magia” diferente da comum associação às práticas alquímicas e astrológicas; ao contrário, Bacon refere-se à magia como formas ocultas presentes na natureza.<sup>318</sup> E a respeito da conceituação da mecânica, essa é compreendida e produzida a partir do conhecimento das causas e dos resultados teóricos previstos na Física. Faz-se importante considerar que a ideia da mecânica, no século XVI, já era diferente do que concebida anteriormente (como uma mera arte manual), apresentando-se até mesmo como uma disciplina. Em sua classificação, Bacon exalta a mecânica como parte de sua filosofia natural, afastando-se dos pressupostos classificatórios daquela como uma *scientia media*.<sup>319</sup>

Por fim, no domínio da razão (ou filosofia), tem-se o eixo delimitado por Bacon que se chama “filosofia humana” – essa também subdividida em duas categorias, a individual e a civil. A primeira corresponde à condição e natureza da espécie humana, a segunda refere-se sobretudo à espécie humana colocada como membro da sociedade.<sup>320</sup> A respeito do homem concebido individualmente, tem-se a preocupação em classificar aquilo que constitui a alma e o corpo da espécie humana; a dita “natureza e estado” do homem, que abarca as prerrogativas deste, bem como a forma como o corpo e a alma estão ligados entre si.<sup>321</sup>

<sup>316</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.150

<sup>317</sup> *Ibidem.* p.151

<sup>318</sup> “E por isso cabe assinalar a propósito destas ciências que tanto têm de imaginação e crença, como esta Magia Natural degenerada, a Alquimia, a Astrologia etc., que em suas teorias a descrição dos meios é sempre mais monstruosa que a pretensão ou o fim. Pois é mais provável que aquele que conhece bem as naturezas do Peso, da Cor, do Flexível e do Frágil com respeito ao martelo, do Volátil e Fixo, com respeito ao fogo etc., possa impor a algum metal a natureza e forma do ouro pelo procedimento que corresponda à produção das naturezas mencionadas, que alguns grãos do composto projetado possam em poucos momentos converter um mar de mercúrio ou outro material em ouro. (...)Para concluir, pois, a verdadeira Magia Natural, que é essa grande liberdade e latitude de operação que depende do conhecimento das Formas.” *Ibidem.* p.157-158

<sup>319</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 1989. pp.39-47; KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit.* 1996. p.59.

<sup>320</sup> “(...) Passamos à Filosofia Humana ou Humanidades, que tem duas partes: uma considera o homem segregado, ou de maneira distributiva; a outra congregado ou em sociedade. De modo que a Filosofia Humana é ora Simples e Particular, ora Conjugada e Civil. **In:** BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p. 163

<sup>321</sup> “Este conhecimento tem dois ramos, pois assim como todas as ligas e amizades se compõem de inteligência mútua e ofícios mútuos, do mesmo modo essa liga do espírito e do corpo tem estas duas partes, como um revela

No campo do “corpo”, encontram-se a medicina, a arte dos cosméticos, o atletismo e as artes sensuais – que correspondem respectivamente às classes da saúde, beleza, força e prazer.<sup>322</sup> Quando tratando da medicina, Bacon condena as percepções continuadas por Paracelso e ditos alquimistas a respeito da busca frequente por correspondências entre o corpo humano e o Macrocosmo – como se o primeiro fosse um compêndio do mundo, ou o Microcosmo – ainda que, por fim, concorde que o corpo humano é o mais composto de todos.<sup>323</sup> Para além disso, ainda tratando da medicina, Bacon identifica a função dessa em três partes: manutenção da saúde, cura de doenças e prolongamento da vida.<sup>324</sup> As questões concernentes aos cosméticos, atletismo e artes sensuais – essas últimas as quais ele associa principalmente ao âmbito da pintura e música, pois aguça a memória e auxilia no aprendizado matemático respectivamente. Bacon as concebe como necessárias e constituintes do homem, não sendo necessário, aqui, desenvolvê-las separadamente.

No campo da “alma”, Bacon a divide em dois âmbitos: o primeiro relativo à natureza da alma, o segundo associado às faculdades racionais e morais. É importante frisar que Bacon considerou que quaisquer questões a respeito da natureza (ou substância) da alma devem ser deixadas para a religião, visto que aquela é inspirada por Deus e, à filosofia, cabe a investigação de um conhecido derivado dos sentidos.<sup>325</sup>

No domínio das faculdades racionais e morais, tem-se seus usos e objetos: o primeiro relacionado ao intelecto e o segundo, à moral. No primeiro, pode-se encontrar a Lógica – que se divide entre a arte da invenção, a arte do juízo, a arte da memória e a arte da elocução.

---

o outro e como um atua sobre o outro.” **In:** BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p. 164; KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit.* 1996. p.61

<sup>322</sup> “O bem do corpo humano é de quatro classes, a saber, Saúde, Beleza, Força e Prazer; assim, os conhecimentos são a Medicina ou arte da Cura; a arte do Adorno, que se chama Cosmética; a arte da Atividade, que se chama Atlética; e a arte Voluptuária, que Tácito chama acertadamente *eruditus luxus* (voluptuosidade refinada).” **In:** BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p. 164; KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit.* 1996. p.67

<sup>323</sup> “(...) diremos que a antiga opinião de que o homem é um Microcosmo, um compêndio ou modelo do mundo, tem sido fantásticamente exagerada por Paracelso e os alquimistas, como se no corpo humano se pudessem encontrar correspondências e paralelismos com todas as variedades de coisas, como estrelas, planetas, minerais, que existem no mundo grande.” **In:** BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.167-168 Essa é uma das primeiras críticas tecidas por Bacon à Paracelso, a quem discorda das práticas científicas, embora seja já tenha sido constatado paralelismo em concepções de Paracelso no pensamento baconiano. Tais questões são tratadas sobretudo por Graham Rees no contexto de análise da *Instauratio Magna*. REES, Graham. Francis Bacon’s semi-paracelsian cosmology and the Great Instauration. *Ambix*, 22 (3). pp.161-173

<sup>324</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.169-177

<sup>325</sup> “Mas embora eu seja de opinião que este conhecimento pode ser inquirido com maior veracidade ou correção, mesmo na natureza, do que tem sido, sustento, contudo, que no final deve ser limitado pela religião, ou cairá em enganos e ilusões; pois assim como na criação a substância da alma não foi extraída da massa do céu e da terra mediante a bênção de um productat, mas foi diretamente inspirada a partir de Deus, desse modo não é possível que esteja sujeita (senão por acidente) às leis do céu e da terra, que são o objeto da filosofia; e, portanto, o verdadeiro conhecimento da natureza e estado da alma deve vir da mesma inspiração que deu sua substância.” **In:** BACON, Francis. *Op Cit.* p.178

Pode-se perceber que a divisão utilizada por Bacon para a Lógica se relaciona com as divisões atribuídas à retórica ciceroniana – *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *pronuntiatio* e *memoria* – concebidas no *De Inventione*.

Do mesmo modo, pode-se verificar tais construções em produções mais recentes publicadas na Inglaterra, durante o século XVI, de Thomas Wilson – *Arte of Rhetorique* (1553, ampliada em 1560); a concepção de retórica tomada por Wilson é de que essa é a arte de expressar, através da linguagem, questões que podem ser discutidas por meio da razão.<sup>326</sup> A Lógica proposta por Bacon compreende tais artes intelectuais a partir do seguinte caminho: o homem encontra o que procurava; julga o que encontrou; retém o que julgou e transmite o que reteve. Respectivamente, invenção, juízo, memória e transmissão.<sup>327</sup>

Cabe ressaltar, aliás, que tais concepções propostas por Bacon no *The Advancement of Learning* advém da doutrina ramista, ainda que o termo *inventio* tenha sido modificado e ampliado nas concepções baconianas: em Ramus, essa designava a maneira de ordenar o material com o intuito de convencer os ouvintes; em Bacon, tem-se uma distinção entre a invenção dos argumentos e a invenção das ciências e das artes – essa última apresenta as suas deficiências e serão visualizadas em 1620, com a publicação do *Novum Organum*.<sup>328</sup> Embora não seja nosso intuito se debruçar sobre a Lógica de Bacon, vale ressaltar como a construção e apresentação desta no *The Advancement of Learning* apresenta as primeiras verificações e intenções de reforma do conhecimento e de modificação das ciências.<sup>329</sup>

No domínio da moral, Bacon expressa a deficiência nos modos de educar e treinar a mente para a aproximação com o bem e traz também duas subcategorias a este campo: a Natureza do Bem e o Cultivo da Mente.<sup>330</sup> Na Natureza do Bem, como dito, Bacon estimula e

<sup>326</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 2006. p.315

<sup>327</sup> “As Artes Intelectuais são em número de quatro, divididas conforme os fins a que se referem: pois o trabalho do homem é descobrir aquilo que se busca ou propõe, ou julgar aquilo que se descobre, ou reter aquilo que se julga, ou comunicar aquilo que se retém. De modo que as artes devem ser quatro: Arte da Inquirição ou Invenção; Arte do Exame ou Juízo, Arte da Custódia ou Memória e Arte da Eloquência ou Tradição.” **In:** BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.185

<sup>328</sup> *Ibidem.* p.299-300

<sup>329</sup> Bacon desenvolve a respeito se sua organização Lógica amplamente ao longo do *The Advancement of Learning*, abrindo subcategorias no âmbito da arte da elocução a qual se organizam o discurso, a escrita, a gramática, aspectos da Lógica e a própria retórica. Durante tais desenvolvimentos, tem-se a explicitação sobre o uso de aforismos como melhor estilo para escritos científicos, e que serão realizados futuramente na publicação do *Novum Organum* (1620) – ainda que se tenha estabelecido algumas críticas aos ditos “aforismo baconianos” nesta obra, pois eram maiores do que tradicionalmente um aforismo deveria ser. **BACON**, Francis. *Op Cit.* 2006. p. 185-219

<sup>330</sup> “Assim, pois, a divisão principal e primeira do conhecimento moral parece ser aquela que distingue entre o Modelo ou a Imagem do Bem, e o Regimento ou a Cultura do Espírito: aquele descrevendo a natureza do bem, e este, normas para submeter, aplicar e acomodar a ele a vontade do homem.” **In:** BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.229

apoia o treino da mente para a obtenção do bem, através sobretudo de um âmbito educativo e de uma construção ética sobre o homem no que diz respeito a ele mesmo, mas também ao homem no que concerne sua atuação na sociedade e/ou como membro de um Estado. Bacon procura, nesse sentido, enfatizar a superioridade do valor ético da sociedade ao bem do indivíduo.<sup>331</sup>

A segunda categoria, por fim, relaciona-se à cultura da mente que é o autoconhecimento individual orientado para o estabelecimento de uma conduta ética. Essa percepção estabelecida por Bacon se aproxima das considerações realizadas por Juan Vives, como já mencionado, a respeito do uso do conhecimento como modo de atingir uma conduta ética. A diferença entre esses dois pensadores se dá por Vives considerar a prioridade do conhecimento estabelecer uma contenção das paixões humanas, ao passo em que, para Bacon, o conhecimento constitui apenas uma dessas funções – e, por consequência, faz parte de um projeto maior para a humanidade.

Do mesmo modo, o cultivo da mente visualizado e proposto por Bacon diferiu das concepções estabelecidas pelo jesuíta italiano, Antônio Possevino (1533-1611), que considerou o processo de aprendizagem como parte de um também processo de salvação cujo espírito era sujeitado e adquiria piedade. Ao passo em que a ideia de conhecimento era concebida por Possevino como ferramenta para cultivo de uma fé (no seu caso, católica e associada às movimentações da Contrarreforma), para o filósofo inglês, cultivar a mente é um caminho para o autoconhecimento secular e ético.<sup>332</sup>

Finalizando a classificação do conhecimento humano, e, nesse caso, no que concerne à filosofia humana no campo da sociedade e inserido em um Estado, tem-se o âmbito Civil. Bacon se propõe a dissertar sobre questões que perpassam não apenas seu caráter filosófico, mas também como um estadista – ainda que em suas considerações interrompa as análises, para que não se “confunda” os temas ali tratados.<sup>333</sup> Em sua discussão, Bacon, divide a filosofia humana e civil em mais três subcategorias (Conversação, Negociação e Governo) e as qualifica como difíceis de reduzir a axiomas, pois estão mais imersas na matéria.<sup>334</sup> Ainda

<sup>331</sup> KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit.* 1996. p.65

<sup>332</sup> *Ibidem.* p.65-66

<sup>333</sup> “Disto deixo de falar, porque não quero misturar matéria de ação com matéria de saber geral.” In: BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.307

<sup>334</sup> “O Conhecimento Civil versa sobre um tema que é de todos o mais imenso no material, e o mais difícil de reduzir a axiomas. (...) Este conhecimento tem três partes, correspondentes às três ações básicas da sociedade, que são a Conversação, a Negociação e o Governo. Pois o homem busca na sociedade conforto, utilidade e proteção, e a isto correspondem três prudências de natureza diversa, que amiúde estão divorciadas: a prudência

assim se propõe a dissertar sobre cada âmbito, organizando-os dentro de seu quadro de classificação do conhecimento. É importante reiterar, aliás, que essa tentativa de organização da filosofia humana proposta por Bacon se apresenta menos organizada que a filosofia natural, mas a isso pode se relacionar sua tentativa de mapear campos de conhecimento que até então não haviam sido mapeadas e/ou pensadas em uma classificação de saber. Bacon se ocupou de mapear a filosofia humana, mas não forneceu uma explicação sistemática (como ocasionado na filosofia natural, sobretudo na metáfora da pirâmide) de como as partes estão relacionadas entre si.<sup>335</sup>

Tendo nos prolongado na explicitação sobre as áreas do saber humano, partiremos agora para o conhecimento divino. Faz-se importante trazer tais considerações, pois, através da compreensão das divisões do saber propostas por Bacon, torna-se possível verificar como parte de suas considerações por vezes também estavam vigentes em outros lugares do continente, ou estão associadas a concepções que, modificadas ou não, fazem parte de uma tradição que Bacon por vezes atacou, mas que de certa maneira fazia parte. Para além disso, compreendendo os esquemas propostos pelo filósofo no que concerne o conhecimento, torna-se possível localizar como Bacon posiciona a fé e como essa impacta nos esquemas confessionais vivenciados na Inglaterra do século XVII.

### 3.4. O conhecimento divino

A classificação do conhecimento divino proposta por Bacon é separada da ordem comentada anteriormente. A teologia sagrada vislumbrada pelo filósofo e concebida como Saber Divino (ou *Divinity*), funda-se somente na palavra e no oráculo de Deus, e não na luz da natureza. Essa premissa estabelecida nos primeiros comentários acerca dessa divisão abre espaço para a separação da atuação humana (sobre as obras de Deus) e da prática e vivência religiosa (nesse caso, as palavras de Deus vislumbradas na Bíblia). É através do *The Advancement of Learning* que Bacon irá propor uma compreensão a respeito dos ditos “verdadeiros limites e aplicação da razão às coisas espirituais.”<sup>336</sup>

Na organização teológica baconiana, tem-se duas divisões: “O assunto revelado” e “A natureza da revelação”. Iniciando pela segunda, tem-se também outras divisões: os limites da revelação, associados à inspiração de pessoas, inspiração da igreja e o uso da razão – esse

---

de comportamento, a prudência de negócios e a prudência de governo” In: BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.264

<sup>335</sup> KUSUKAWA, Sachiko. *Op Cit.* 1996. p.66-67

<sup>336</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.309-313

último sendo considerado deficiente por Bacon; em segundo, a suficiência da revelação, que diz respeito à indagação de quais pontos da religião são fundamentais e quais são matérias de progressivo aperfeiçoamento sobre um único fundamento. A este segundo ponto, Bacon traz o que chamou de “conselho” a respeito das dissonâncias perceptíveis entre os fundamentos de uma religião, e de como esses precisavam de uma melhoria – e em certo sentido, uma unificação.

Novamente aqui posso, mais que assinalar uma deficiência, dar um conselho, o de que os pontos fundamentais deveriam ser com piedade e prudência distinguidos daqueles outros que são somente de progressiva perfeição, questão esta tendente a um fim muito similar ao daquela que antes mencionei: pois assim como com aquela provavelmente diminuiria o número de controvérsias, do mesmo modo com esta o ardor de muitas delas. Vemos que Moisés, quando viu o israelita e o egípcio lutando, não disse: *Por que lutais?*, mas desembainhou sua espada e deu morte ao egípcio; mas quando viu lutando dois israelitas, disse: *Sois irmãos, por que lutais?* Se o ponto de doutrina é um egípcio, se há de lhe dar morte com a espada do Espírito, e não se reconciliar com ele; mas se é um israelita, embora esteja errado, então: *Porque lutais?* Vemos que sobre os pontos fundamentais, nosso Salvador cerra a aliança com estas palavras, *O que não está conosco está contra nós*, mas sobre os não-fundamentais se limita a estas outras, *O que não está contra nós, está conosco*. Igualmente vemos que a túnica de nosso Salvador era de uma peça sem costura, e assim é a doutrina das Escrituras em si mesma; mas a veste da igreja era de diversas cores, e ainda assim indivisa. Vemos que a palha pode e deve ser separada do grão da espiga, mas que a ervilhaca não se pode arrancar do trigo no campo; seria muito útil, pois, definir com precisão quais são e até onde chegam esses pontos que excluem os homens da Igreja de Deus.<sup>337</sup>

Tal passagem nos parece, como bem apontado pelo filósofo, um conselho a respeito dos problemas confessionais vivenciados na Inglaterra daquele período. Na verdade, os problemas religiosos estavam latentes naquela sociedade desde o cisma henriciano, mas Bacon pôde vivenciar o período da rainha Elizabeth I com todas as suas controvérsias religiosas e a censura imposta, bem estes primeiros anos do reinado de James I. Vale ressaltar, aliás, que no ano de 1605, houve o que ficou conhecido como a Conspiração da Pólvora, marcadas pelas movimentações católicas contra o rei James I. Nesse sentido, o comentário e conselho realizado por Bacon a respeito do estabelecimento de um único fundamento que abranja uma certa unidade, não conflitos, foi também um conselho político sobre as circunstâncias político-religiosas latentes na Inglaterra desde o século XVI até então.

Além disso, a metáfora utilizada por Bacon a respeito da túnica de Cristo ser de uma única costura, mas o veste da igreja ser de diversas cores, foi feita originalmente por Santo

<sup>337</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.314-315

Agostinho e utilizada por Bacon em escritos anteriores – pode-se destacar principalmente o ensaio “Da unidade religiosa”, presente nos *Essays* de 1597, e já demonstra uma certa preocupação e percepção de Bacon a respeito das questões políticas e religiosas inglesas.<sup>338</sup>

A terceira divisão da Natureza da Revelação é a aquisição, ou obtenção de informação, o caminho para tanto é através de uma interpretação metódica da Escritura e a interpretação de aspectos relacionados à Escritura. No que concerne à interpretação metódica, Bacon teceu sua crítica ao método escolástico, apontando este como uma das razões de corrupção da interpretação da Escritura, pois, em sua tentativa de sistematizar, apenas obscureceu o conhecimento e o tornou razão de comentários infundados que caracterizam a escolástica.<sup>339</sup> Ao fazê-lo, Bacon demonstra o interesse e a preferência pelos escritos dos Padres da Igreja, o qual já mencionamos sua aproximação e interesse, ao mesmo tempo que reitera a importância de se manter próximo à Escritura, pois “quanto mais nos distanciamos das Escrituras com inferências e consequências, mais fracas e precárias serão nossas teses.”<sup>340</sup>

A interpretação “solta” das Escrituras é a outra subdivisão da Aquisição. De imediato, Bacon estabelece que as Escrituras nasceram da inspiração, e não da razão humana; a razão de fazê-lo se dá pela crítica que é estabelecida quanto à tentativa de interpretação e estudo da natureza através da Escritura. O filósofo inglês traz à tona seu ataque sobretudo à escola de Paracelso, que “têm pretendido encontrar nas Escrituras a verdade de toda a filosofia natural, caluniando e vilipendiando todas as demais filosofias como pagãs e profanas.”<sup>341</sup>

Faz-se importante ressaltar uma das razões para elaboração dessa obra, tendo em vista o desejo de estabelecer uma reforma no saber e evidenciar as deficiências presentes no conhecimento constituído até aquele momento, Bacon estabelece algumas divisões - dentre as quais podemos mencionar o Livro da Natureza e o Livro de Deus. A razão de ser de cada uma dessas é distinta, a primeira corresponde ao domínio das obras de Deus e da possibilidade de suas investigações; a segunda corresponde ao assunto revelado. Tal divisão se realiza a partir da ideia de estabelecer uma autonomia nas investigações científicas, mas justifica que fazê-lo

---

<sup>338</sup> “Como observou um dos Pais da Igreja: ‘A túnica de Cristo não tinha costuras, enquanto a veste da igreja era de diversas cores’; pelo que indica o seguinte preceito ‘que haja variedade nessa veste, mas que não haja cisões’, pois unidade e uniformidade são duas coisas muito diferentes.” **In:** BACON, Francis. *Ensaio*. São Paulo: Edipro. 2015. p.33

<sup>339</sup> “O primeiro destes tipos, embora pareça ser o mais cômodo, é, contudo, a meu ver, o que mais se presta à corrupção. Este é o método que nos mostrou a teologia escolástica, com o qual a teologia foi convertida em arte, como numa cisterna, e daí retirados e deduzidos os canais de doutrina ou tese.” **In:** BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.316

<sup>340</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.317

<sup>341</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.317

não causa o afastamento do âmbito divino, e que estes estão conectados. Dito isso, perscrutar uma filosofia da natureza na Escritura, como realizada por Paracelso e sua escola, de acordo com Bacon, é confundir as propostas do que é Obra de Deus e o que é a Palavra de Deus, mas também é limitar o conhecimento da natureza.<sup>342</sup>

Por fim, a respeito do Assunto Revelado, Bacon traz quatro separações principais da teologia: a Fé, que contém a doutrina da natureza de Deus, de seus atributos e de suas obras; a Moral, cuja doutrina está contida na Lei e que revela o pecado; a Liturgia, que consiste nos atos de reciprocidade que há entre o homem e Deus – aquele, a partir da invocação do nome de Deus e no seu culto, e este por pregação das palavras e pelos sacramentos; e o Governo da igreja, que é o aspecto mais aproximado do terreno em sua atuação, pois diz respeito às jurisdições e leis eclesiásticas que são estabelecidas em um Estado.<sup>343</sup>

Dessa forma Bacon finaliza suas considerações sobre a classificação do conhecimento divino e humano, procurando demonstrar as áreas do saber, dividi-las e apontar quais ajustes se fazem necessários para um melhor progresso do conhecimento. Para além disso, como já mencionado, Bacon procura estabelecer uma divisão entre o âmbito divino e humano e, nesse sentido, advoga por uma autonomia da ciência. A seguir, explicitamos as relações entre essa maior liberdade científica e a religião no pensamento baconiano, colocando em evidência o contexto já discutido previamente.

### 3.5. Ciência, religião e poder no pensamento baconiano

Ao falarmos sobre autonomia da ciência, não temos como intenção estabelecer um pressuposto similar aos tempos atuais, cujos âmbitos científicos e religiosos estão em espectros opostos. Na verdade, pensar dessa forma no contexto do período moderno seria trazer à tona um indesejado anacronismo. Ao mencionar a autonomia científica proposta por Bacon, referimo-nos sobretudo à possibilidade desse argumento baconiano convencer que a investigação da natureza, ou o estudo das segundas causas, não afasta o homem de Deus e

---

<sup>342</sup> “Mas não há tal inimizade entre a palavra de Deus e suas obras, nem honram quem tal diz as Escrituras, como eles supõem, mas muito as degradam. Pois buscar o céu e a terra na palavra de Deus, da qual se disse: *O céu e a terra passarão, mas minha palavra não passará*, é buscar coisas temporais entre as eternas; e assim como buscar teologia na filosofia é buscar o vivo entre o morto, buscar a filosofia na teologia é buscar o morto entre o vivo; nem as bacias e tinas que tinham seu lugar na parte exterior do templo há que buscá-las no lugar mais santo de todos, onde repousa a Arca da Aliança. Ademais, a intenção ou propósito do Espírito de Deus não é expressar matéria natural nas Escrituras, salvo de passagem e para acomodar à capacidade humana o que se diz de matéria moral ou divina.” **In:** BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p. 320

<sup>343</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.323-325

tampouco o torna ateu.<sup>344</sup> A resposta de Bacon, para além do conteúdo completo do livro que trata da classificação do conhecimento, é também a de apontar que a razão do homem se afastar de Deus, ou mesmo se tornar ateu e supersticioso, é pelo uso do “conhecimento orgulhoso do bem e do mal, com uma intenção no homem de dar-se uma lei a si mesmo e não mais depender dos mandamentos de Deus”.<sup>345</sup> Essa também é a razão da Queda do homem, que dessa forma perdeu a sua liberdade e a iluminação do intelecto<sup>346</sup> – poderíamos considerar que dessas perspectivas surgem também as ideias referentes aos *idolas* de Bacon, como frutos dessa corrupção do conhecimento humano.

Ao longo da obra, o filósofo estabelece passagens veladas e declarações diretas sobre o tema, a fim de evitar e superar a percepção popular (isto é, abrangente) que possam ameaçar sua reforma do conhecimento. E sugere que o estudo da natureza que se mistura com a religião, e vice-versa, tem grandes chances de encaminhar o indivíduo ao ateísmo e à idolatria. Daí resultam as críticas à Escola de Paracelso que, de acordo com Bacon, visava encontrar as verdades da natureza no livro do *Gênesis*.<sup>347</sup> Embora Paracelso não seja o único filósofo a fazê-lo, Bacon destaca que, entre os muitos, o suíço é um grande merecedor das acusações mais graves, pois, ao misturar o divino com o natural, corrompeu tanto a verdade humana quanto a verdade religiosa.<sup>348</sup>

A separação, nesse sentido, decorre também para que tais corrupções sejam minimizadas, principalmente por propor um novo caminho para a perscrutação do conhecimento. Os papéis da filosofia humana estão bem delineados, bem como o do estudo da divindade.<sup>349</sup> O uso da razão é para a compreensão e para auxiliar na ilustração da revelação, não há questionamentos – aspecto que se estabelece como importante ponto de diferenciação entre a filosofia natural (que é a questionadora do mundo como manifestação de Deus) e a

<sup>344</sup> Tal argumento pode ser visualizado na seguinte passagem: “Ouço os primeiros dizerem que o conhecimento é uma dessas coisas que devem ser admitidas com grande limitação e cautela; que a aspiração a um conhecimento excessivo foram a tentação e o pecado originais, de onde adveio a queda do homem; que o conhecimento tem em si algo da serpente e, portanto, ali onde penetra no homem o faz inflar — *scientia inflat* [conhecimento incha]; que Salomão censura: *Fazer livros é um trabalho sem fim e muita leitura desgasta o corpo;*’ e também em outra passagem: *Demasiada sabedoria traz demasiado desgosto;* que São Paulo adverte: *Não nos deixemos corromper pela vã filosofia;* que a experiência demonstra como homens doutos foram heresiarcas, como tempos doutos foram inclinados ao ateísmo, e como a contemplação de causas segundas tira o mérito de nossa dependência de Deus, que é a causa primeira. **In:** BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.19-20

<sup>345</sup> BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.20

<sup>346</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 1992. p.76

<sup>347</sup> BRIGGS, John Channing. Bacon’s science and religion. **In:** PELTONEN, Markku. *Op cit.* 1996. p.172-174

<sup>348</sup> HIRATA, Celi. Francis Bacon e a Imagem do livro da Natureza. *Trans/Form/Ação.* Marília. V.46, nº 4. p. 87

<sup>349</sup> “A aplicação da razão humana à religião é de dois tipos: o primeiro se refere à concepção e apreensão dos mistérios de Deus que nos foram revelados; o segundo, à dedução e derivação de doutrina e guia a partir daqueles. O primeiro se estende aos mistérios mesmos; mas como? Por via de ilustração, não por via de argumento. O segundo consiste em prova e argumento.” **In:** BACON, Francis. *Op Cit.* 2006. p.312

teologia (que interpreta o significado revelado nas Escrituras). Para Bacon, o mundo natural glorifica Deus, mas não a sua vontade. A razão formula a doutrina teológica na medida que a revelação de Deus é feita (a partir das Escrituras). Postulado isso, Bacon sucede em separar os saberes (humano e divino) ao mesmo tempo em que os unifica em harmonia. Essa classificação e organização do conhecimento acaba, portanto, estabelecendo uma possibilidade de compreensão da vontade de Deus por um novo método – tal aspecto pode ser percebido principalmente nas definições utilizadas pelo filósofo, como o termo de alta significância religiosa, *sapientia*, que abarca a *Philosophia Prima* (composta pela filosofia divina, natural e humana).<sup>350</sup>

Ao estabelecer esses pontos de partida, tem-se na publicação da *Instauratio Magna* e principalmente no *Novum Organum*, de 1620, o material que postula a prática para tais inquirições – entre a divindade e a filosofia natural.<sup>351</sup> Além disso, oferecendo tais “ferramentas” para a investigação científica, Bacon abre espaço para a profecia de Daniel 12,4 a qual, já mencionada, estabelece que “*Many shall runne to and fro, and knowledge shall be encreased*”, e similarmente apropriada no escrito baconiano, *Redargutio philosopharum*, “*Multi pertransibunt et multiplex erit scientia*” a respeito da exploração das regiões da Terra e da ciência.<sup>352</sup>

A filosofia científica que Bacon propõe, iniciada na publicação do *The Advancement of Learning*, de 1605, traz à tona tópicos teológicos que se repetirão ao longo de suas publicações. Para Bacon, a reforma do conhecimento é, também, uma forma de redenção do Homem após a sua Queda – essa ocasionada não pela perscrutação do conhecimento, mas especialmente por uma conduta moral errônea e que o envaideceu, afastando-o de Deus.<sup>353</sup>

<sup>350</sup> BRIGGS, John Channing. *Op Cit.* 1996. p.173

<sup>351</sup> “O segredo é nunca deixar os olhos da mente se desviarem das coisas em si e entender as imagens exatamente como elas são. Que Deus nunca nos permita publicar um sonho de nossa imaginação como se fosse um modelo do mundo, mas graciosamente nos conceda o poder de descrever as aparências e revelações verdadeiras das impressões e traços do Criador em suas criaturas. E, portanto, Pai, você que nos deu a luz visível como um dos primeiros frutos da criação e, no ponto mais alto de suas obras, soprou a luz intelectual na face do homem, proteja e governe esta obra, que começou com sua bondade e retribui a sua glória. Depois que o Senhor se virou para ver as obras que suas mãos haviam feito, viu que todas as coisas eram muito boas e descansou. Mas o homem, ao se virar para ver as obras que suas mãos haviam feito, viu que todas as coisas eram vaidades e vergonhas do espírito e não teve mais descanso. Portanto, se trabalharmos em suas obras, você fará que compartilhemos de sua visão e de seu *sabbath*.” **In:** BACON, Francis. *Op Cit.* 2014. p.36-37

<sup>352</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 1992. p.62

<sup>353</sup> “Nossa intenção é (como guardiões honestos e fieis) entregar, no final, aos homens suas fortunas assim que o entendimento deles estiver livre da tutela e forem maiores de idade; a partir disso, deverá ocorrer uma melhoria da condição humana e ampliação de seu poder sobre a natureza. Pois, depois da Queda, o homem perdeu seu estado de inocência e seu reinado sobre as criaturas. Mas essas duas coisas podem ser reparadas ainda em vida, em certa medida, a primeira pela religião e fé, a última, pelas artes e ciências. Pois a maldição não transformou a criação em uma foragida absoluta e irrevogável. Em virtude da sentença ‘comerás o pão do suor de teu rosto’; o homem, por múltiplos trabalhos (e não por disputas, certamente, ou por inúteis cerimônias

Convém, nesse sentido, trazer as considerações realizadas por Paolo Rossi que, referindo-se à reforma do saber proposta por Bacon, considera duas questões: essa se estabelece pela recusa da filosofia tradicional pautada em Aristóteles e a escolástica; e em segundo, que tal reforma do saber foi construída a partir de um esquema teológico do pecado, da expiação e da redenção.<sup>354</sup> As novas ciências, ou pelo menos as novas práticas sobre essas, aspiram refazer um Éden para o conhecimento humano ao mesmo tempo em que auxilia no reparo da condição moral do homem através da Divindade.<sup>355</sup>

O dito progresso do conhecimento se torna possível quando há uma liberação e purificação da mente humana que, para Bacon, coincide com uma reformulação da atitude do homem diante do mundo. Para além dos desenvolvimentos das ciências, tão mencionadas ao longo da obra, Bacon opera também na defesa da construção de uma nova moralidade e de um espírito religioso. Nesse sentido, faz-se interessante retomar a menção de Platão e sua anamnese, pois Bacon advoga pela recuperação das *verdadeiras imagens das coisas* e o domínio da razão.<sup>356</sup>

Tendo isso em vista, convém mencionar como tais propostas de renovação só seriam viáveis a partir de um forte aparato político atuante como grande patrocinador –, como deixa claro Francis Bacon, é vislumbrado na figura do rei James I. O espectro político, nesse sentido, não é deixado de lado pelo filósofo – primeiro por interessar-se no patrocínio da coroa para tal empreendimento reformatório, mas também por se colocar como guia para tal progresso.

Embora se tenha discutido significativamente a respeito da classificação do conhecimento realizada por Bacon e o lugar da religião nessa organização, convém trazer considerações a respeito do âmbito prático e político o qual Bacon estava inserido. Para além das intenções de patrocínio para sua reforma do saber, bem como os interesses em ascender socialmente e na carreira política durante o reinado de James I, a proposta baconiana não pode deixar de ser concebida sob a perspectiva do poder. E tal aspecto é deixado claro pelo próprio filósofo quando, de diferentes formas e em repetidos escritos, determinou que conhecimento é poder.

---

mágicas), obriga a criação, com o tempo e em parte, fornecer-lhe o pão, que tem como fim servir aos propósitos da vida humana.” In: BACON, Francis. *Op Cit.* 2014. p.226

<sup>354</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 1992. p.63

<sup>355</sup> BRIGGS, John Channing. *Op Cit.* 1996. p.177

<sup>356</sup> Na nota de nº120 pode verificar, na *Instauratio Magna*, essa proposta baconiana e tais tópicos referentes ao progresso do conhecimento como, também, o resgate de um conhecimento perdido; ou de um estado humano perdido e, agora, recuperado. ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 1992. p. 77

Robert Darnton traz algumas considerações sobre essas relações, embora esteja interessado principalmente na *Encyclopédie* iluminista de Diderot e D'Alambert. O autor reflete sobre a arbitrariedade a qual se classificam as coisas, sobre como o mundo é ordenado de acordo com categorias que são concebidas como evidentes, pois já estão bem estabelecidas; e dessa forma, aponta a ideia de classificação como um exercício de poder.<sup>357</sup> Tal reflexão proposta por Darnton nos faz considerar tais aspectos nas propostas baconianas, e essas podem ser visualizadas no contexto o qual a Inglaterra estava inserida – as disputas confessionais eram ocasionadas entre diferentes grupos religiosos, por vezes dentro da própria Igreja inglesa; embora a Inglaterra de James I tivesse seus conflitos externos com a Espanha amenizados, tumultos internos ainda estavam vigentes.

Além disso, desde os anos de 1580, Francis Bacon foi uma figura a qual se manteve atuante nos escritos sobre as movimentações políticas e religiosas ocasionadas na Inglaterra, enviando desde conselhos e tratados para a rainha Elizabeth I, como também para o próprio James I – a exemplo, *Letter of Advice to Queen Elizabeth* (1585) e *Advertisement touching the Controversies of the Church of England* (1589) durante o reinado de Elizabeth I; *A Brief discourse touching the Happy Union of the Kingdoms of England and Scotland* (1603) e *Certain considerations touching the better pacification and edification of the Church of England* (1603) durante o ano de ascensão do rei James I.

Tais escritos políticos denotam as percepções e orientações de Bacon concernentes às políticas religiosas inglesas. A respeito dos dois últimos, pode-se principalmente ter em mente uma orientação de tolerância por parte de Bacon – seja a nível político com a Escócia, mas também religioso como no segundo tratado. A organização da classificação do conhecimento baconiana, bem como o discurso adotado pelo filósofo na obra, reitera preocupações e conselhos já visualizados em escritos anteriores. E no que concerne aos conflitos religiosos, tem-se uma explícita rejeição sobre a perseguição religiosa, sobretudo por compreender que essa provocaria a criação de mártires (exemplo vivenciado décadas antes, na própria Inglaterra).<sup>358</sup>

É interessante perceber o comentário realizado por Darnton a respeito da classificação do conhecimento, o qual estabelece como categorias e ordens estabelecidas ocupam um espaço epistemológico anterior ao pensamento e, por isso, são tão resistentes às mudanças.<sup>359</sup>

---

<sup>357</sup> DARNTON, Robert. *Op Cit.* p.186

<sup>358</sup> LEARY, John. Francis Bacon and the Politics of Science. Ames: Iowa State University Press. 1994. p.88-89

<sup>359</sup> DARNTON, Robert. *Op Cit.* p.186

Os formatos classificatórios, por consequência, devem estar organizados dentro de um escopo já determinado – quando mencionamos Kilwardby, suas percepções sobre o conhecimento ainda permaneciam dentro de um escopo aceito socialmente; da mesma forma, quando mencionamos Juan Luis Vives. Ainda com Darnton:

Estabelecer categorias e políciá-las é, portanto, assunto sério. Um filósofo que tentasse remarcar as fronteiras do mundo do conhecimento mexeria com o tabu. Mesmo se mantivesse distância dos assuntos sagrados, não poderia evitar o perigo; o conhecimento é, por natureza, ambíguo. Como os répteis e ratos, pode escorregar de uma categoria para outra.<sup>360</sup>

Através dessas considerações de Darnton, podemos conceber a novidade realizada por Bacon em seu esquema classificatório – não por ter sido o primeiro, que não foi, mas por acabar remontando um esquema de conhecimento que, até então, mantinha-se organizado em estruturas concebidas, por ele, como ultrapassadas. Essa percepção não advinha somente das discordâncias da filosofia de Aristóteles, como mencionado na Vida escrita por Rawley, mas também pela evolução e abertura do conhecimento que estava acontecendo desde o século XIV – com o reordenamento do *Trivium* e o *Quadrivium*, com as artes liberais e as artes mecânicas, os *studia humanitatis*.<sup>361</sup> Do mesmo modo, consideramos que tal trabalho se propõe também como um caminho para legitimação e poderio da monarquia inglesa, alinhada com as percepções mencionadas sobre James I como Salomão e a Inglaterra como a Nova Jerusalém. Tais aspectos, vale ressaltar, continuam ressoando ao longo do reinado de James Stuart, sobretudo em conflitos porvir e a idealização da Inglaterra como a referência de um Estado protestante.

Nesse sentido, talvez se faça interessante invocar a obra *New Atlantis*, de 1626, escrita também por Francis Bacon. Nessa utopia, tem-se a ficcionalização de uma sociedade que funciona sob os preceitos filosóficos e religiosos classificados no *The Advancement of Learning* e que seguiu os demais passos da *Instauratio Magna*. Ao passo em que, em 1605, Bacon concorda James I como o Salomão da Inglaterra, e sua característica tripartite (rei, sacerdote e filósofo), é de se pensar como a *New Atlantis* seria esse manual de instrução para o rei, a fim de que este cumprisse o seu papel autoproclamado de *Rex Pacificus*.<sup>362</sup> Esse papel foi visualizado em James I a partir de dois pontos: como chefe da igreja e do Estado, James Stuart tinha o poder para colocar em prática a profecia de Daniel (12,4) sobre uma vindoura

---

<sup>360</sup> *Ibidem*. p.250

<sup>361</sup> *Ibidem*. p.251

<sup>362</sup> GARCÍA, José María Rodríguez. Francis Bacon and Jacobean Legitimation. Revista Alicantina de Estudios Ingleses. 10. 1997. p.11

era de ouro para a humanidade, através do conhecimento e da exploração científica; por consequência dessa primeira movimentação, o rei James seria imortalizado e legitimado como essa figura proeminente na Inglaterra e na pavimentação desta era dourada.<sup>363</sup>

---

<sup>363</sup> *Idem.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de iniciar a parte final deste trabalho trazendo à tona os comentários a respeito da *Instauratio Magna*, que foi realizado no início do terceiro capítulo. Como foi dito, esse é o projeto completo, dividido em seis etapas, que Francis Bacon desenhou como ideal para o progresso da humanidade e para a reconquista daquilo que o pecado original privou.<sup>364</sup> Faz-se interessante, nesse sentido, mencionar que a palavra *Instauratio* por vezes terá como sinônimo palavras como *restauração*, *reconstrução* e *fundação*, concordando com o pressuposto teológico baconiano de restaurar o que foi perdido.<sup>365</sup>

Embora esse termo não esteja presente nos escritos do *The Advancement of Learning* ou mesmo no *De Augmentis Scientiarum*, publicado pouco mais de uma década depois que o primeiro, a ideia de resgatar e reestabelecer uma ordem de conhecimento diferente da vigente esteve vívida no pensamento de Francis Bacon em seus escritos desde os anos de 1600. O próprio estipula que a ciência não é uma realidade cultural indiferente aos valores éticos e religiosos, e que todos esses âmbitos estão conectados a um único fio condutor.<sup>366</sup> Essa percepção que guiou Bacon na construção do *The Advancement of Learning*, mas também a própria *Instauratio Magna* e o *Novum Organum* é fruto de uma oposição ao contexto e ao estado do conhecimento vivenciado pelo filósofo entre os séculos XVI e XVII.

Aproveitando, portanto, os sinônimos da palavra *Instauratio*, tem-se como tentativa a *restauração* de uma visão estabelecida sobre Francis Bacon; queremos apontar e afirmar a figura deste como um homem inserido completamente na cultura da Inglaterra do Seiscentos e Setecentos, que responde, interpela e age diante das movimentações e acontecimentos daquele mesmo período. Não é conveniente estudar Bacon à luz de percepções estabelecidas por um discurso Iluminista ou pela História *Whig*, pois dessa forma as percepções e contribuições do filósofo serão obscurecidas.

Dessa forma, se propôs uma *reconstrução*: compreender a formação e os anos iniciais de Bacon podem trazer respostas sobre as suas concordâncias, discordâncias e elaborações. Francis Bacon recebeu uma formação humanística, teve em sua base familiar diferentes disposições para o seu futuro – do lado paterno, as intenções de uma carreira política (que aconteceu); do lado materno, as intenções de uma formação religiosa e puritana firme e que

<sup>364</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 1992. p.78

<sup>365</sup> Verificar o “Appendix 1: Bacon’s Uses of Instauratio” em WHITNEY, Charles. Francis Bacon’s Instauratio: Dominion of and over Humanity. *Journal of the History of Ideas*. Vol. 50. Nº 3, Jul-Sep. 1989. p.387-389.

<sup>366</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 1992. p.78-79

essa fosse a prioridade (não tão bem sucedido, mas a base proporcionada por Anne Bacon certamente reverberou em seu pensamento filosófico) – e vivenciou uma Inglaterra movimentada nos campos políticos, religiosos e científicos.

O filósofo inglês foi uma figura que esteve associada a um âmbito de poder, seja em virtude de sua família, mas por sua formação e pelo status político que pôde alcançar no reinado de James I. Sua viagem diplomática para a França, as suas relações com figuras da Igreja oficial, mas também com um convertido católico possibilitou a compreensão de sua própria realidade; Bacon discursa a partir de uma perspectiva política e moral associada a um âmbito de poder específico, e discursa a partir dessa; ele é um produto de seu tempo e responde a esse.

A sua consciência se relaciona a esses novos tempos do século XVII principalmente, e não a uma profecia iluminista; a ideia de progresso ali estabelecida advém principalmente de uma confutação do passado e de prerrogativas otimistas para o futuro, mas que devem ser estabelecidas, delineadas, classificadas e integralizadas no presente.

Esse presente de Francis Bacon se relaciona especificamente com uma Inglaterra sob os processos de reforma; ainda que o filósofo só tenha nascido durante os primeiros anos do governo de Elizabeth I, é importante compreender como as movimentações daquele governo dizem respeito a um primeiro passo dado por Henrique VIII em 1532. O século XVI da Inglaterra não se resume a tal acontecimento, mas tem muita relação com ele, pois foi a partir de 1532 que as estruturas de poder, político e religioso, bem como a cultura inglesa sofreram modificações constantes até chegar ao século XVII com James I Stuart que, com seu título de *rex pacificus*, procurou assentar os conflitos internos e externos ingleses.

Do lado do conhecimento, as problemáticas não se referem tanto mais a uma intensa transição e modificação – como ocasionada durante a reforma inglesa –, mas sobre uma estagnação na atitude filosófica nas próprias instituições de conhecimento, as universidades. Ao passo que, pelo continente europeu, evidenciava-se modificações e novidades científicas elaboradas e estabelecidas por figuras pontuais, muitas dissonâncias filosóficas eram ocasionadas e, ao final, muito se resumia em disputas – com a tradição sobressaindo, principalmente por estar tão estabelecida nos estatutos de verdade e não abrir espaço para as novas informações.<sup>367</sup> Bacon delineou um sentimento de completa ruína da ciência e da

---

<sup>367</sup> Faz-se interessante verificar o artigo realizado por Andréa Doré que, tratando das descrições geográficas na época moderna, traz considerações sobre estatutos da verdade e os modos como certas informações foram desmentidas. Ressalta-se inclusive a presença de John Dee, matemático e astrólogo da rainha Elizabeth I, que faz

cultura em uso, pois, apesar das novidades, ainda se via que a “pretensa variedade dos livros de que as ciências tanto se orgulham são apenas infinitas repetições da mesma coisa”.<sup>368</sup>

É nesse sentido que podemos trazer algumas considerações a respeito não apenas da proposta de reforma baconiana, mas também os seus fundamentos teológicos. Em primeiro lugar, é conveniente reiterar que a construção do *The Advancement of Learning* só pode ser concebida quando colocada sob contexto; as ilustríssimas inovações visualizadas e fomentadas pelos iluministas são importantes para a construção de um discurso político viável e importante para as ciências do século XVIII, mas em nada se relacionam com os contextos os quais Bacon esteve inserido e que subsequentemente possibilitaram a construção de tal obra.

Do mesmo modo que Bacon advogou por uma filosofia e um desenvolvimento do saber conectado com os novos tempos que se abriam no século XVII, nossa proposta se estabelece na tentativa de compreender e explicitar as ideias declaradas por Bacon em sua obra *The Advancement of Learning*, mantendo em vista o contexto e as questões históricas as quais o filósofo e sua construção teórica estiveram submetidos – do mesmo modo, verificando as intenções estabelecidas por Bacon à medida que desenvolve sua fala na obra estudada.

Na verdade, para além da ideia de um “utilitarismo vulgar”, a proposta baconiana é sobretudo uma proposta cultural, pois, ao dividir as categorias da História (e colocá-las em prática) e a subsequente descrição do estado e das condições da cultura humana nas diversas épocas, Bacon visa esclarecer as razões acidentais que favorecem ou atrasam o progresso da cultura; as relações entre a cultura e a vivência religiosa, a cultura e as leis; o sucesso dos indivíduos na promoção das ciências, dentre outros aspectos. Esse projeto, muito além de satisfazer curiosidades ou apenas informar, trata sobretudo de ensinar os homens a fazer um uso consciente do saber.<sup>369</sup>

Como mencionado, esse uso correto do saber advém de uma resposta aos andamentos da filosofia dita *estéril* a qual Bacon teceu suas críticas. Como dito por William Rawley, a aproximação de Bacon com a filosofia de Aristóteles não foi bem sucedida, pois para o inglês “o desenvolvimento malogrado das pesquisas de tipo físico e o caráter ‘contemplativo’ da

---

denúncias às falsas informações expostas em uma biografia de Cristóvão Colombo. DORÉ, Andréa. Da veracidade à denúncia do falso. In: DORÉ, Andréa Doré; LIMA, Luís Filipe Silvério (Orgs). Dossiê: Fake News na Época Moderna - Veracidade, Crença e Desinformação. Clío: Revista de Pesquisa Histórica, v. 41, n. 2, 2023. pp. 80-106

<sup>368</sup> ROSSI, Paolo. Naufrágios sem espectador. São Paulo: Unesp. 2000. p.53

<sup>369</sup> ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 1989. p.125

filosofia grega, romana e medieval são intimamente relacionados às condições históricas próprias daquelas civilizações”,<sup>370</sup> Por exemplo, a filosofia grega prosperou em uma época próxima das fábulas e pouco informada sobre os conhecimentos da terra; e nesse sentido, não se torna viável continuar centralizada na formação de indivíduos. Bacon, acima de tudo, explicita a necessidade de novas perspectivas para o conhecimento.

Para além de sistematizar o conhecimento e suas vertentes, Bacon equalizou todo o campo do saber: retirou as ideias de hierarquização tão presentes nos textos gregos, e destacou a importância de saberes que, até então, eram menosprezados – como o caso da filosofia mecânica e das artes mecânicas, a qual possibilitou um *status* científico nas produções e resultados dessas áreas.<sup>371</sup> A concepção aqui estabelecida, e que está presente ao longo da obra *The Advancement of Learning*, é a tentativa de Bacon em estabelecer um mapa para o conhecimento e, através deste, verificar suas possibilidades e limitações.

Em um momento de conflitos religiosos, seja este a nível externo mas também a nível interno, a classificação do conhecimento humano e divino proposta por Bacon trouxe duas considerações importantes: a primeira, relativa à investigação científica, gerou uma justificativa moral para a investigação da natureza e a realização prática da ciência e filosofia natural – revertendo os preceitos vislumbrados na tradição e, na verdade, condenando moralmente essas figuras aristotélicas-escolásticas que se afastam do *verdadeiro conhecimento* por razão de suas disputas retóricas e lógicas; a segunda, relativa ao âmbito propriamente religioso, ressalta a valorização da leitura da Bíblia e o afastamento de quaisquer obras que tentem desvendar a dita *Palavra de Deus* – a menos que sejam os Padres da igreja.

Bacon acaba por reiterar seu compromisso com a religião e com a ciência nesta obra, possibilitando não apenas a prática da investigação científica sem a hesitação de estar perscrutando o proibido, ao mesmo tempo que vai de encontro com o âmbito protestante inglês – da centralidade da Bíblia e, no que concerne os estudos teológicos, de aproximação com os Padres da Igreja. Essa atitude ressalta a tentativa de união e tolerância entre os grupos religiosos presentes na Inglaterra, de modo que o projeto proposto por Bacon é também assentado em preceitos e em projetos de uma sociedade pós Reforma. Daí resulta a dedicação

---

<sup>370</sup> *Ibidem*. p.125-126

<sup>371</sup> Que sofreram radicais modificações e ampliações em virtude de figuras como Leonardo Da Vinci, Benedetti, Galileu e os galileanos, pois, para estes, era através da mecânica, a mais nobre das ciências, que se podia recolher os frutos da operação prática. **In:** ROSSI, Paolo. *Op Cit.* 1989. p.121

e elaboração sobre o conhecimento divino, bem como sua forte base teológica ao longo de sua filosofia – no caso do *The Advancement of Learning*, tem-se a ideia de *Providência* que, em sua compreensão, é a relação entre o divino e a ação humana (Bacon se utiliza fortemente da ideia de *Caridade* em oposição a uma ciência *vaidosa*).

Ainda sobre a questão da *Providência*, Bacon constantemente sustenta que a humanidade precisa realizar extensas investigações sobre a natureza para disciplinar a mente - que, para ele, é como um espelho encantado, cheio de superstições e de imposturas, que precisam ser corrigidas. Apesar disso, para que essa limpeza da mente (ou espelho) seja efetiva, faz-se necessária a *Providência* – essa atuante como uma guia para o esforço humano e sua correta direção para o progresso. Destes resultam a diferença entre as obras de Deus e a Palavra de Deus, para Bacon.

Esse progresso humano, aliás, tem como apoio a Providência, mas se faz necessária a figura de poder que guiará, terrenamente, essas movimentações para o progresso. Em dedicatória, Bacon estabelece que essa figura seria James I, vislumbrado como o Salomão inglês e que abriria as portas da Inglaterra como a Nova Jerusalém.

É certo que compreendemos a atitude de Bacon como dupla: é deixado claro em suas cartas e escritos<sup>372</sup> o interesse de ascender na carreira, aspecto que não foi tão bem sucedido durante o governo de Elizabeth I, e que a chegada do rei James I surgiu como uma oportunidade de crescimento. É também concebida, e já mencionada, a percepção do novo rei como profundamente associado ao âmbito intelectual, disto resulta a sua associação com a figura de Salomão, ainda que advinda de sua corte. A figura de James, portanto, apresentava-se como uma oportunidade para o patrocínio desses projetos intencionados por Bacon.

Como foi dito anteriormente, essa atitude é um primeiro passo de um projeto que foi desenvolvido por Bacon ao longo dos anos – mas que foi pensado mesmo antes de 1605, em escritos como *Valerius Terminus* e *Temporis Partus Masculus*, ambos de 1603, que visavam essa ruptura com o conhecimento tradicional e evocava a possibilidade de um progresso do saber a partir de novas percepções e inquirições sobre a natureza e o método científico. O *The Advancement of Learning*, nesse sentido, apresenta-se sobretudo como o passo inicial (como foi, de fato, concebido por Bacon) de um processo de *reconstrução* do conhecimento,

---

<sup>372</sup> SPEDDING, James. *Letters and Life*. Vol. 3. p.73-79

*restauração* da dignidade humana desde sua Queda (de Adão) e de *fundação* de uma nova humanidade cuja liderança inicial partiria sobretudo do rei James I.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, F. H. **The Philosophy of Francis Bacon**. Chicago: University of Chicago Press. 1948.
- ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. São Paulo: Brasiliense. 1995
- BACON, Francis. **Meditationes Sacrae** (Illustrated). WealthOfNations Editors. Livro Eletrônico.
- BACON, Francis. **O Progresso do Conhecimento**. São Paulo: Editora Unesp. 2006.
- BACON, Francis. **Novo Órganon, Instauratio Magna**. São Paulo: Edipro. 2014.
- BACON, Francis. **Ensaio**. São Paulo: Edipro. 2015.
- BEJCZY, István. **Erasmus and the Middle Ages: The Historical Consciousness of a Christian Humanist**. Leiden, Boston, Köln: Brill. 2001.
- BOWEN, Catherine Drinker. **Francis Bacon, The Temper of a Man**. New York: Fordham University Press. 1993.
- BRADDICK, Michael J. **State formation in early modern England, c. 1550-1700**. Cambridge: Cambridge University Press. (2000) 2004.
- BRIGGS, John C. Bacon's Science and Religion. In: PELTONEN, Markku. (Ed.) **Cambridge Companion to Bacon**. Cambridge: Cambridge University Press. 1996. pp. 172-99.
- CHARTIER, Roger. Poder e Escritura: o príncipe, a biblioteca e a dedicatória, (Séculos XV-XVII). In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. (Eds.) **O poder das bibliotecas, a memória dos livros no ocidente**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000..
- CHRISTIE, John. R. R. The Development of the Historiography of Science. In: OBLY, R. C.; CANTOR, G. N.; CHRISTIE, John R. R.; HODGE, M. J. S. (Eds.) **Companion to the History of Modern Science**. London and New York: Routledge. 1990. Pp.05-23
- COFFEY, John; CHAPMAN, Alister. Introduction: Intellectual History and the Return of Religion. In: CHAPMAN, Alister; COFFEY, John; GREGORY, Brad S. (Eds.) **Seeing Things Their Way, Intellectual history and the return of religion**. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press. 2009. pp.01-23

COLLINSON, Patrick. **The Religion of Protestants: The Church in English Society, 1559-1625**. Oxford: Clarendon Press. 1982.

COLLINSON, Patrick. The Jacobean Religious Settlement: The Hampton Court Conference. In: TOMLINSON, Howard. (Ed.) **Before The English Civil War, Essays on Early Stuarts Politics and Government**. US: Macmillan Education. 1983. pp.27-53

COLLINSON, Patrick. **The Birthpangs of Protestant England: Religious and Cultural Change in the Sixteenth and Seventeenth Centuries**. New York: St. Martin Press. 1988.

COLLINSON, Patrick; CRAIG, John; USHER, Brett. **Conferences and Combination Lectures in the Elizabethan Church; Dedham and Bury St Edmunds, 1582-1590**. Woodbridge, Suffolk: The Boydell Press, 2003.

COWARD, Barry; GAUNT, Peter. **The Stuart Age, England 1603-1714**. New York: Routledge. 2017.

CRESSY, David; FERRELL, Lori Anne. **Religion and Society in early modern England, a sourcebook**. London and New York: Routledge. (1996) 2002.

CROFT, Pauline. **King James**. Hampshire: Palgrave Macmillan. 2003.

CROSS, Claire. **Church and People, 1450-1660 The Triumph of the Laity in the English Church**. UK: Blackwell Publishers. (1976) 1999.

D'ALEMBERT, Jean Le Rond. **Preliminary Discourse to the Encyclopedia of Diderot**. Indianapolis, New York, US. The Bobbs-Merrill Company, Inc. 1963.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos**. Rio de Janeiro: Editora Graal. 1986.

DAVIS, J. F. Lollardy and the Reformation in England. In: MARSHALL, Peter. (Ed.) **The Impact of the English Reformation, 1500-1640**. London, NY: Arnold, a member of the Hodder Headline Group. 1997.

DICKENS, A. G. **The English Reformation**. London: BT Batsford. 2nd Ed. 1964.

DJKSTERHUIS, E. J. **The Mechanization of the World Picture**. Oxford: Oxford University Press. 1961.

DORÉ, Andréa. Da veracidade à denúncia do falso. In: DORÉ, Andréa Doré; LIMA, Luís Filipe Silvério (Orgs). **Dossiê: Fake News na Época Moderna - Veracidade, Crença e Desinformação**. Clio: Revista de Pesquisa Histórica, v. 41, n. 2, 2023. pp. 80-106

DOSSE, François. **O desafio biográfico, escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2009.

DUFFY, Eamon. **The Stripping of the Altars**. Yale University Press. 1992

DUFFY, Eamon; LOADES, David. (Eds.) **The Church of Mary Tudor**. England, USA: Ashgate Publishing. 2006.

EDWARDS, Philip **The Making of the Modern English State, 1460-1660**. Hampshire: Palgrave Macmillan. 2001.

ELLIS, Robert P. **Francis Bacon, the double-edge life of the philosopher and statesman**. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, Inc., Publishers. 2015.

EPSTEIN, Joel J. **Francis Bacon: Mediato in the Parliament of 1604**. The Historian. Vol. 30. nº2. Feb. 1968.

FAULKNER, Robert K. **Francis Bacon and the Project of Progress**. US: Rowman & Littlefield Publishers. 1993.

FARRINGTON, Benjamin. **Francis Bacon: Filósofo de la Revolución Industrial**. Madrid: Editorial Ayuso. 1950.

FERRON, Alice. ‘Silence Is a Fine Jewel for a Woman’: Anne Cooke Bacon, Jewel’s Apology, and Reformed Women’s Publications. In: RANSON, Angela; GAZAL, André A.; BASTOW, Sarah. **Defending the Faith, John Jewel and the Elizabethan Church**. University Park, Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press. 2018.

FUSSNER, F. Smith. **The Historical Revolution, English historical Writing and Thought 1580-1640**. London: Routledge and Kegan Paul. [1962] 2010.

GARCÍA, José María Rodríguez. Francis Bacon and Jacobean Legitimation. **Revista Alicantina de Estudios Ingleses**. 10. 1997.

GASCOIGNE, John. Crossing the Pillars of Hercules: Francis Bacon, the Scientific Revolution and the New World. In: GAL, Ofer; CHEN-MORRIS, Raz. (Eds.) **Science in the**

**Age of Baroque.** International Archives of the History of Ideas 208. New York; London: Springer. 2013.

GASKELL, Philip. Books bought by Whitgift's pupils in the 1570s. **Transactions of the Cambridge bibliographical Society.** Vol. 7. No. 3. 1979.

GINZBURG, Carlo. O alto e o baixo: o tema do conhecimento proibido nos séculos XVI e XVII. GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** São Paulo: Schwarcz. 1989.

HAAUGAARD, William P. Renaissance Patristics Scholarship and Theology in Sixteenth-Century England. **The Sixteenth Century Journal,** Vol. 10, No. 3. 1979. Pp.37-60

HAIGH, Christopher. The Recent Historiography of the English Reformation. **The Historical Journal,** Vol. 25, No. 4. Dec., 1982. Pp.995-1007.

HAIGH, Christopher. **English Reformations, Religion, Politics, and Society under the Tudors.** Oxford: Clarendon Press. (1993) 2012.

HALL, A. Rupert. Alexandre Koyré and the scientific revolution. **History and Technology: an international journal,** 4(1-4), 485–496. 1987.

HARKNESS, Deborah E. **The Jewel House, Elizabethan London and the Scientific Revolution.** New Haven & London: Yale University Press. 2007.

HILL, Christopher. **Origens Intelectuais da Revolução Inglesa.** São Paulo: Martins Fontes. 1992.

HILL, Christopher. **A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

HIRATA, Celi. Francis Bacon e a Imagem do livro da Natureza. **Trans/Form/Ação.** Marília. V.46, nº 4.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialektik der Aufklärung: philosophische Fragmente.** Amsterdam: Querido, 1947.

JALOBEANU, Dana. Constructing Natural Historical Facts: Baconian Natural History in Newton's first paper on light and colors. In: BIENER, Zvi; SCHLIESSER, Eric. (Eds.) **Newton and Empiricism.** New York: Oxford Academic. 2014.

KILWARDBY, Robert. **De ortus scientiarum**. (Ed. by Albert G. Judy). Toronto: The British Academy, The pontifical institute of medieval studies. 1976.

KOYRÉ, Alexandre. **Estudios Galileanos**. México, España, Colombia: Siglo Veintiuno Editores, sa. [1939] 1980.

KOYRÉ, Alexandre. **Do mundo fechado ao universo infinito**. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006.

KUHN, Thomas. **The Essential Tension, Selected Studies in Scientific Tradition and Change**. Chicago and London: The University of Chicago Press. 1977.

KUSUKAWA, Sachiko. Bacon's classification of knowledge. In: PELTONEN, Markku. (Ed.) **The Cambridge Companion to Bacon**. Cambridge: Cambridge University Press. 1996.

LEARY, John. **Francis Bacon and the Politics of Science**. Ames: Iowa State University Press. 1994.

LESLIE, Marina. **Renaissance Utopias and the Problem of History**. Ithaca and London: Cornell University Press. 1998.

LESSL, Thomas M. Naturalizing Science: Two episodees in the evolution of a rhetoric of scientism. **Western Journal of Communication**. 60: 4. pp. 379-396. 1996.

LEVIN, Carole. **The Reign of Elizabeth I**. London: Palgrave Macmillan, 2002.

LOADES, David. **Tudor Queens of England**. New York, USA: Continuum, 2009.

LOHR, Charles H. Metaphysics. In: SCHMITT, C.B.; SKINNER, Quentin; KESSLER, Eckhard; KRAYE, Jill. (Eds.) **The Cambridge History of Renaissance Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press. 2007.

LOSSKY, Nicholas. **Lancelot Andrewes The Preacher (1555-1626), The Origins of the Mystical Theology of the Church of England**. Oxford: Clarendon Press. 1991.

MACAULAY, Thomas. **Lord Bacon**. London: Longman's, Green and Co. [1837] 1873.

MACCULLOCH, Diarmaid. **Tudor Church Militant: Edward VI and the Protestant Reformation**. England: Allen Lane, Penguin Editors. 2000.

MALLET, David. **The life of Francis Bacon, Lord Chancellor of England**. London, Printed for A. Millar, against St. Clement's Church, in the Strand. 1740.

MARSHALL, Peter. **Religious Identities in Early Modern England**. England, USA: Ashgate Publishing. 2006.

MARSHALL, Peter. (Re)defining the English Reformation. **Journal of British Studies**. No. 48. July, 2009. Pp.564-586.

MARSHALL, Peter. **Reformation England 1480-1642**. New York: Bloomsbury Academic. 2012.

MARSHALL, Peter. Settlement Patterns: The Church of England, 1553-1603. In: MILTON, Anthony. (Ed.) **The Oxford History of Anglicanism**. Oxford: Oxford University Press. 2017.

MCLEAN, Antonia. **Humanism and the rise of Science in Tudor England**. New York: Neale Watson Academic Publications, Inc. 1972.

MARTIN, Julian. **Francis Bacon, the state and the reform of natural philosophy**. New York: Cambridge University Press. 1992.

MATHEWS, Nieves. **Francis Bacon, The History of a Character Assassination**. New Haven and London: Yale University Press. 1996.

MATTHEWS, Steven. **Theology and Science in the Thought of Francis Bacon**. England & USA: Ashgate Publishing Company. 2008.

MCKNIGHT, Stephen A. **The Religious Foundations of Francis Bacon's Thought**. Missouri, USA: University of Missouri. 2006

MENNA, Hugo Sergio. **Máquinas, gênios e homens na construção do conhecimento: uma interpretação heurística do método indutivo de Francis Bacon**. Campinas, SP: [s.n]. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2011.

MERCHANT, Carolyn. Secrets of Nature: The Bacon Debates Revisited. **Journal of the History of Ideas**. Vol. 69., No. 1. Jan. 2008. Pp.147-162

MOLLAND, A. George. Aristotelian Science. In: OLBY, R.C.; CANTOR, G.N.; CHRISTIE, J.R.R.; HODGE, M.J.S. (Eds.) **Companion to the History of Modern Science**. London and New York: Routledge. 1990.

MONTAGU, Basil. **The Life of Francis Bacon**. London: William Pickering. 1833.

MORTON, Arthur Leslie. **A People's History of England**. London: Lawrence and Wishart. 1989.

NEUSTADT, Mark S. **The Making of the Instauration: Science, Politics, and Law in the Career of Francis Bacon**. Baltimore, USA: John Hopkins University. 1987

OLIVIERI, Grazia Tonelli. Galen and Francis Bacon. In: KELLEY, Donald R.; POPKIN, Richard H. (Eds.) **The shapes of knowledge from the Renaissance to the Enlightenment**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. 1991. (Archives internationales d'histoire des idées.)

PELTONEN, Markku. Introduction. In: **The Cambridge Companion to Francis Bacon**. Cambridge: Cambridge University Press. 1996. Pp.01-24

PLATÃO. **Diálogos - O banquete, Fédon, Sofista político**. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores). 1972.

POPPER, Karl. **Conjectures and Refutations**. London: Routledge and Keagan Paul. 1963.

PRIOR, Moody E. Bacon's Man of Science. **Journal of the History of Ideas**. Vol. 15, No. 3. Jun. 1954. pp. 348-370.

REES, Graham. Francis Bacon's semi-paracelsian cosmology and the Great Instauration. **Ambix**, 22 (3). pp.161-173.

REDONDI, Pietro. **Galileu Herético**. São Paulo: Companhia das Letras. 1991

REX, Richard. The Crisis of Obedience: God's word and Henry's reformation. **The Historical Journal**. Vol. 39; Issue 04. Dec. 1996.

ROSMAN, Doreen. **From Catholic to Protestant, Religion and the People in Tudor England**. London: University College London, 1996.

ROSSI, Paolo. **O filósofo e as Máquinas, 1400-1700**. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

ROSSI, Paolo. **A ciência e a filosofia dos Modernos**. São Paulo: Editora UNESP. (1989) 1992.

ROSSI, Paolo. **Naufrágios sem espectador, a ideia de progresso**. São Paulo: Editora UNESP. 2000.

ROSSI, Paolo. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Bauru, SP: EDUSC. 2001

ROSSI, Paolo. **Francis Bacon: Da Magia à Ciência**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina. 2006.

SCHUSTER, John A. The Scientific Revolution. In: OLBY, R.C.; CANTOR, G.N.; CHRISTIE, J.R.R.; HODGE, M.J. S. (Eds.) **Companion to the History of Modern Science**. London and New York: Routledge. 1990. pp. 217-243.

SHAGAN, Ethan H. The Emergence of the Church of England, c. 1520-1553. In: MILTON, Anthony. (Ed.) **The Oxford History of Anglicanism**. Oxford: Oxford University Press. 2017.

SHUGER, Debora. (Ed.) **Religion in Early Stuart England, 1603-1638 an anthology of primary sources**. Waco, Texas: Baylor University Press. 2012.

SPEEDING, James; ELLIS, Robert L; Heath, Douglas D. (Eds.) **The Works of Francis Bacon**. London: Longman. 1857-1874. 14v.

SPEEDING, James. (Ed.) **Letters and the Life of Francis Bacon, including all his Occasional Works**. London: Longman. 1890. 12v

SPEEDING, James. **Evenings with a reviewee, or Macaulay and Bacon**. London: Kegan Paul, Trench & Co, 1, Paternoster Square. 1881.

SKINNER, Quentin. **Visões da Política: Sobre os Métodos Históricos**. Portugal: Difel Editorial, S.A

SPRAT, Thomas. **The History of the Royal Society of London, For the Improving of Natural Knowledge**. London: Printed by T. R. for I. Martyn at the Bell without Temple-bar, and I. Allestry at the Rose and Crown in Duck-lane, Printers to the Royal Society. 1667

STEWART, Alan; JARDINE, Lisa. **Hostage to Fortune: the troubled life of Francis Bacon.** New York: Hill and Wang. 1998.

STIMSON, Dorothy. **Puritanism and The New Philosophy in 17th century England.** John Hopkins University Press: Bulletin of the Institute of the History of Medicine, Vol. 3, No. 5. May, 1935. Pp.321-334

STINGER, Charles L. **Humanism and the Church Fathers, Ambrogio Traversari (1386-1439) and Christian Antiquity in the Italian Renaissance.** Albany, US: State University of New York Press. 1977. Pp.83-167.

TINKLER, J. F. Bacon and History. In: PELTONEN, Markku. (Ed.) **The Cambridge Companion to Bacon.** Cambridge: Cambridge University Press. 1996.

TITTLER, Robert. Education and the Gentleman in Tudor England: The case of Sir Nicholas Bacon. **History of Education.** Vol. 5. No. 1. 1976

TOMASI, L. T. Image, symbol and word on the title pages and frontispieces of scientific books from the sixteenth and seventeenth centuries. **Word & Image: A journal of Verbal/Visual enquiry**, 4:1, 2012. pp.372-382

TYACKE, Nicholas. **Anti-Calvinists: The Rise of English Arminianism, 1590-1640.** Oxford: Oxford University Press. 1987

TYACKE, Nicholas. The Puritan Paradigm of English Politics, 1558-1642. **The Historical Journal.** Vol. 53, No. 3. September, 2010. Pp.527-550

VERBURGT, Lukas M. 'Is there a reader who can handle it with any comfort?': A brief publication history of The Works of Francis Bacon. **Notes and Records.** 77. Utrecht University, Freudenthal Institute. Published online: 2021. pp.213-220.

VICKERS, Brian. (Ed.) Francis Bacon. Oxford & New York: Oxford University Press. 1996.

VICKERS, Brian. Bacon and Rhetoric. In: PELTONEN, Markku. (Ed.) **The Cambridge Companion to Bacon.** Cambridge: Cambridge University Press. 1996.

VICKERS, Brian. Rhetoric and Poetics. In: SCHMITT, C.B.; SKINNER, Quentin; KESSLER, Eckhard; KRAYE, Jill. (Eds.) **The Cambridge History of Renaissance Philosophy.** Cambridge: Cambridge University Press. 2007.

WEBSTER, Tom. Early Stuart Puritanism. In: COFFEY, John; LIM, Paul C. H. (Eds.) **The Cambridge Companion to Puritanism**. UK: Cambridge University Press. 2008.

WHEWELL, William. **The Philosophy of the Inductive Sciences, founded upon their history. In two volumes**. London: John W. Parkes, West Strand. 1847.

WHITE, Howard B. **Peace among the Willows, the political philosophy of Francis Bacon**. Netherlands: Martinus Nijhoff, the Hague. 1968.

WHITNEY, Charles. **Francis Bacon and Modernity**. New Haven and London: Yale University Press. 1986.

WHITNEY, Charles. Francis Bacon's Instauration: Dominion of and over Humanity. **Journal of the History of Ideas**. Vol. 50. N° 3, Jul-Sep. 1989

YATES, Francis A. Bacon's magic. Review of 'Francis Bacon : from magic to science' by Paolo Rossi, translated from Italian by Sacha Rabinovitch, London, Boston and Henley, 1968. Published In: **New York review of books**. 29 Feb. 1968.

ZAGORIN, Perez. **Francis Bacon**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press. 1998